



OS FORASTEIROS

— DEUSES E GUERREIROS —

MICHELLE PAVER





OS FORASTEIROS

DEUSES E GUERREIROS

Volume 1

Michelle Paver

TRADUÇÃO DE ÉRICO ASSIS



Copyright © Michelle Paver, 2012

Publicado originalmente em inglês, na Grã-Bretanha, por Penguin Books Ltd.

TÍTULO ORIGINAL

Gods and Warriors: The Outsiders

PREPARAÇÃO

Natalia Klusmann

REVISÃO

Sabrina Primo

Marcela Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

REVISÃO DE EPUB

Fernanda Neves

E-ISBN

978-85-8057-470-8

Edição digital: 2014

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

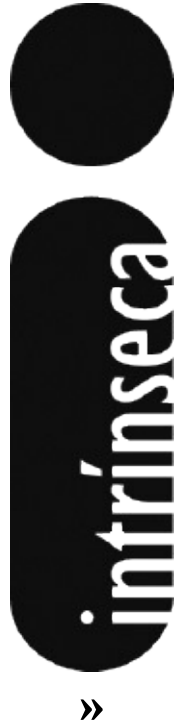
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Créditos	
Mídias sociais	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Capítulo 19	
Capítulo 20	
Capítulo 21	
Capítulo 22	
Capítulo 23	
Capítulo 24	
Capítulo 25	
Capítulo 26	
Capítulo 27	
Capítulo 28	
Capítulo 29	
Capítulo 30	
Capítulo 31	

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

A haste da flecha era negra, com penas de corvo na extremidade, mas Hylas não conseguia ver a ponta, enterrada em seu braço.

Agarrando a flecha para fazê-la parar de balançar, ele correu encosta abaixo com dificuldade. Não havia tempo para arrancá-la. Os guerreiros negros poderiam estar em qualquer lugar.

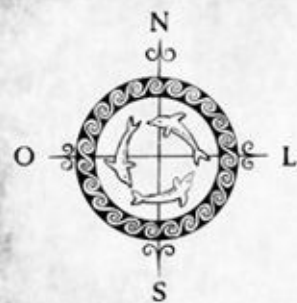
Hylas estava com uma sede terrível e tão cansado que mal conseguia raciocinar. O Sol escaldante e os arbustos espinhentos não ofereciam abrigo; sentia-se totalmente exposto. No entanto, a preocupação com Issi e a incredulidade pelo que havia acontecido com Xô eram ainda maiores.

[...]

Ainda não havia absorvido tudo. Na noite anterior, ele e Issi tinham montado acampamento em uma caverna logo abaixo do pico ocidental. Agora a irmã estava perdida, o cachorro, morto, e Hylas corria para salvar a própria vida[...].

O mundo de deuses e guerreiros





Ilha do Povo da Barbatana



A haste da flecha era negra, com penas de corvo na extremidade, mas Hylas não conseguia ver a ponta, enterrada em seu braço.

Agarrando a flecha para fazê-la parar de balançar, ele correu encosta abaixo com dificuldade. Não havia tempo para arrancá-la. Os guerreiros negros poderiam estar em qualquer lugar.

Hylas estava com uma sede terrível e tão cansado que mal conseguia raciocinar. O Sol escaldante e os arbustos espinhentos não ofereciam abrigo; sentia-se totalmente exposto. No entanto, a preocupação com Issi e a incredulidade pelo que havia acontecido com Xô eram ainda maiores.

Encontrou a trilha que descia a Montanha e parou, ofegante. Ouvia bem alto o cricrilar dos grilos. O grito de um falcão ecoou pelo desfiladeiro. Nenhum som de perseguição. Hylas teria conseguido se livrar deles?

Ainda não havia absorvido tudo. Na noite anterior, ele e Issi tinham montado acampamento em uma caverna logo abaixo do pico ocidental. Agora a irmã estava desaparecida, o cachorro, morto, e Hylas corria para salvar a própria vida: um menino magrelo sem roupas e sem faca; tudo o que tinha era um amuletinho encardido pendurado em uma tira de couro no pescoço.

A dor no braço era brutal. Segurando a haste da flecha no lugar, ele cambaleou até a trilha. Pedrinhas rolaram em direção ao rio vertiginosamente distante, lá embaixo. O desfiladeiro era tão íngreme que os dedos do pé de Hylas ficavam no mesmo nível do cume dos pinheiros. Diante dele, as montanhas

liconianas se estendiam até o horizonte, e atrás dele assomava a mais imponente de todas: o Monte Licas, com seus picos cobertos pela neve brilhante.

Pensou na aldeia logo abaixo do desfiladeiro, no amigo Telamon, na fortificação do Potentado que ficava do outro lado da Montanha. Teriam os guerreiros negros incendiado a aldeia e atacado Lapithos? Nesse caso, por que não via fumaça nem ouvia cornetas soarem o alarme? Por que o Potentado e seus homens não estavam lutando?

A dor no braço era lancinante. Não podia mais ignorá-la. Pegou um punhado de tomilho e depois arrancou uma folha cinzenta e peluda de verbasco para usar como curativo. A folha era tão espessa e macia quanto a orelha de um cachorro. Seu rosto se contorceu. Não pense em Xô.

Haviam estado juntos pouco antes do ataque. Xô encostara nele, o pelo grosso cheio de carrapichos. Hylas havia tirado alguns, depois empurrara o focinho de Xô para o lado e dissera para ele cuidar das cabras. Xô saíra tranquilo, balançando o rabo e olhando para trás como se dissesse “Eu sei o que fazer. Sou um cão pastor, é para isso que eu sirvo”.

Não pense nele, disse Hylas a si mesmo com mais firmeza.

Cerrou os dentes e agarrou a haste da flecha. Prendeu a respiração. Puxou.

A dor foi tão intensa que ele quase desmaiou. Mordendo os lábios, Hylas balançou para a frente e para trás, lutando contra o fluxo vermelho nauseante. Xô, onde você está? Por que não vem me dar umas lambidas para eu me sentir melhor?

Com o rosto contraído de dor, Hylas amassou o tomilho e o pressionou na ferida. Foi uma dificuldade fazer o curativo de verbasco usando apenas uma das mãos, mas ele conseguiu, amarrando-o com um punhado de grama retorcida que prendeu com a ajuda dos dentes.

A ponta da flecha ficou no chão, onde ele a havia deixado cair. Tinha o formato da folha de álamo, com uma traiçoeira ponta em cone. Nunca tinha visto uma igual. Nas montanhas, as pessoas faziam pontas de flecha com sílex — e, se fossem ricas, com bronze. Mas aquela era diferente. Era de obsidiana, negra e reluzente. Hylas só a reconheceu porque a sábia da aldeia tinha um fragmento.

Dizia que era o sangue da Mãe vomitado das entranhas ardentes da terra e transformado em pedra. Vinha das ilhas distantes, do outro lado do Mar.

Quem eram os guerreiros negros? Por que estavam atrás dele? Não havia feito nada.

Teriam encontrado Issi?

Atrás de Hylas, pombos se lançaram ao céu em um farfalhar de asas.

Ele deu meia-volta.

Do ponto onde estava, a trilha descia íngreme e sumia em um contraforte. Por trás do contraforte, erguia-se uma nuvem de poeira vermelha. Hylas captou o ruído de muitos pés e o chacoalhar das flechas nas aljavas. Sentiu um frio no estômago.

Estavam de volta.



Hylas andou com dificuldade até a lateral da trilha, agarrou uma árvore bem pequena e se pendurou como um morcego.

Os passos pesados chegaram mais perto.

Com os dedos do pé, encontrou uma saliência. Ficou de lado para se esconder nela. O rosto ficou pressionado contra as raízes da árvore. Olhou para baixo — e imediatamente se arrependeu. Tudo o que conseguia enxergar era a vista vertiginosa do topo das árvores.

Os guerreiros se aproximavam rapidamente. Ele ouviu o ranger do couro e sentiu o cheiro de suor — e um odor penetrante e amargo que lhe era horivelmente familiar. Sentira o cheiro na noite anterior. Os guerreiros espalhavam cinzas pela pele.

A saliência mantinha Hylas escondido, mas, à sua esquerda, a trilha fazia uma curva e avançava sobre o desfiladeiro. Ele os ouviu passar a toda velocidade. Então fizeram a curva e, em meio à névoa de poeira vermelha, Hylas os viu: um pesadelo com armaduras de couro cru negras, um emaranhado de

lanças, punhais e arcos. Os longos mantos negros esvoaçavam atrás deles como asas de corvo, e, sob os elmos, os rostos eram cinzentos por causa das cinzas.

Um homem gritou assustadoramente próximo.

Hylas prendeu a respiração. O guerreiro que gritara estava logo acima dele.

Mais à frente, na trilha, os outros deram meia-volta e recomeçaram a andar. Em sua direção.

Ouviu as pedrinhas sendo esmagadas quando um dos homens voltou caminhando. Não havia pressa em seu passo — Hylas suspeitou de que fosse o líder —, e sua armadura tinha um ranger estranho, mais duro.

— Veja — disse o primeiro homem. — Sangue.

Hylas ficou imóvel. *Sangue*. Você deixou sangue na trilha.

Aguardou.

O líder não respondeu.

Isso pareceu deixar o primeiro homem tenso.

— Deve ser do pastor — disse ele apressadamente. — Desculpe. Você o queria vivo.

Ainda nenhuma resposta.

O suor escorria pelo corpo de Hylas. Em um sobressalto, ele lembrou da ponta da flecha que deixara caída na terra. Rezou para que não a avistassem.

Esticando o pescoço, viu a mão de um homem agarrar um seixo à beira do penhasco.

A mão era forte, mas não parecia viva. A pele estava lambuzada de cinzas, as unhas, sujas. A proteção que cobria o antebraço era do tom vermelho-escuro de um furioso pôr do Sol; e tão forte que fazia os olhos doerem. Hylas sabia o que era, embora nunca tivesse visto de perto. Era bronze.

A poeira incomodava seus olhos. Mal ousava piscar. Os dois homens estavam tão próximos que ele podia ouvir a respiração deles.

— Livre-se disso — ordenou o líder.

A voz soava inexpressiva. Fazia Hylas pensar em lugares frios, onde não havia Sol.

Algo pesado foi lançado no penhasco e por pouco não o atingiu. A coisa bateu em uma árvore espinhenta a um braço de distância e ficou balançando até parar. Hylas viu o que era e quase vomitou.

Já fora um menino, mas agora era uma massa horrível, feita de sangue negro e entranhas azuladas e expostas como vermes embolados. Hylas o conhecia. Skiros. Não era seu amigo, mas era pastor como ele: alguns anos mais velho e implacável em uma briga.

O cadáver estava próximo demais; quase podia tocá-lo. Sentia o fantasma furioso tentando se libertar. Se o encontrasse, se descesse por sua garganta...

— Esse foi o último — disse o primeiro homem.

— E a menina? — perguntou o líder.

Hylas sentiu um nó no estômago.

— Ela não importa, não é? — disse o outro homem. — Não passa de uma...

— E o outro menino, o que fugiu?

— Eu acertei a flecha. Não vai muito longe...

— Então este não foi o último — disse o líder, com frieza. — Não enquanto o outro estiver vivo.

— Não — respondeu o primeiro homem. Parecia amedrontado.

Mais pedrinhas foram esmagadas quando os guerreiros se moveram de novo. Hylas torcia desesperadamente para que eles seguissem adiante.

Na curva da trilha, o líder parou, pôs o pé em uma pedra e se inclinou para dar mais uma olhada.

O que Hylas viu não lembrava um homem, mas sim um monstro feito de trevas e metal. Grevas de bronze cobriam as musculosas canelas, e uma carapaça também de bronze ficava por cima do kilt de couro cru, negro e curto. O peitoral era de bronze fundido, coroadado por ombreiras de largura assustadora. O rosto não estava visível: havia apenas uma fenda para os olhos na proteção alta que se estendia desde a garganta e ocultava o nariz e a boca, e um elmo pintado de preto, feito de escamas cortadas das presas de javalis, com protetores para as bochechas, tudo de bronze, e uma crista de crina de cavalo negra. Apenas o cabelo revelava que era humano. Passava dos ombros, trançado nos cachos

serpenteantes de um guerreiro, cada um deles grosso o suficiente para deter uma faca.

Hylas sabia que o líder poderia sentir seu olhar fixo nele, mas não conseguia deixar de encará-lo. Precisava continuar fitando a fenda naquele elmo, sabendo que os olhos que não podia ver estavam esquadrinhando as encostas em sua procura.

Por um instante, virou a cabeça para sondar o espaço acima do rio.

Faça alguma coisa, disse Hylas a si mesmo. Distraia-o. Se ele olhar de volta e vir você...

Apoiando-se na beirada, Hylas silenciosamente soltou a pequena árvore e, com uma das mãos, esticou-se para alcançar a árvore de espinhos à qual o corpo de Skiros estava preso. Deu um puxão. O cadáver tremeu, como se não gostasse de ser tocado.

A cabeça blindada começava a se voltar naquela direção.

Esticando-se ao máximo, Hylas deu mais um puxão. Skiros caiu, rolando e ricocheteando desfiladeiro abaixo.

— Vejam! Está fugindo! — debochou um dos guerreiros, rindo.

Veio uma onda de risadas dos outros; do líder, nada. A cabeça de elmo assistiu ao corpo do menino bater no fundo do penhasco — e depois se afastou.

Piscando para tirar o suor dos olhos, Hylas ouviu os passos dos guerreiros sumirem enquanto subiam a trilha.

A pequena árvore estava começando a ceder com o peso dele. Esticou-se para agarrar uma raiz da árvore.

Não conseguiu.



Hylas meio deslizou, meio caiu até o rio. Várias pedrinhas choveram em sua cabeça — mas nenhuma flecha.

Aterrisou de cara em um arbusto do desfiladeiro, mas se obrigou a ficar imóvel, sabendo que a primeira coisa que um caçador percebe é movimento. Estava machucado e arranhado, mas achava que não havia quebrado nenhum osso; e ainda tinha seu amuleto.

Moscas zumbiam em seus ouvidos e o Sol abrasava suas costas. Enfim ergueu a cabeça e examinou o desfiladeiro. Os guerreiros negros tinham ido embora.

Skiros, contudo, havia ficado um pouco mais acima, na encosta. Pelo menos a maior parte do menino. As tripas estavam esparramadas pelas rochas como uma rede de pesca estendida para secar. Os abutres já voavam em círculos sobre ele, e sua cabeça estava torcida, como se estivesse tentando enxergar algo atrás.

Seu fantasma precisaria de ajuda para fazer a passagem, mas Hylas não podia se arriscar enterrando-o ou executando os ritos.

— Desculpe, Skiros — murmurou. — Questão de sobrevivência. Não se ajuda quem não pode ajudar você.

Salgueiros e castanheiros margeavam o rio; era um alívio estar protegido. Tropeçando no raso, Hylas se ajoelhou e bebeu água. Também jogou água no corpo, soltando um som sibilante ao sentir o frio em sua pele quente, coberta de arranhões. Teve um vislumbre de sua imagem tremeluzindo na água. Os olhos estreitos, a boca retesada; os cabelos compridos e soltos.

Matar a sede o acalmou, e pela primeira vez desde o ataque conseguia pensar. Precisava de comida, de roupas e de uma faca. Acima de tudo, precisava chegar à aldeia. Issi sabia que era o lugar mais seguro no momento e já devia estar lá àquela hora. *Já devia estar lá*, repetiu para si mesmo, convicto.

Os grasnados dos abutres soavam no desfiladeiro; Skiros havia sumido sob um amontoado de pescoços serpenteantes e asas poeirentas. Para impedir que o fantasma o seguisse, Hylas rapidamente pegou folhas de alho selvagem e as espalhou atrás de si. Os fantasmas se alimentam do cheiro de comida; quanto mais forte, melhor. Em seguida, saiu em disparada, acompanhando o rio pelo desfiladeiro.

Sentia que as árvores e as rochas o observavam. Será que o entregariam? Havia crescido naquelas montanhas. Conhecia as trilhas secretas e os hábitos das criaturas selvagens: o grito do gavião, o rugido distante daquele leão. Sabia das ravinas carbonizadas que devia evitar por causa das Furiosas. Mas agora tudo havia mudado.

Esse não foi o último, dissera o guerreiro. Ele sabia que Hylas ainda estava vivo. Mas o que estava querendo dizer com aquilo?

O menino ficou chocado quando percebeu que Skiros não era apenas pastor. Também era forasteiro.

Hylas era um forasteiro. Assim como Issi. Haviam nascido fora da aldeia; Neleos, o chefe, encontrara-os na Montanha quando eram pequenos e lhes dera serviço. No verão, os irmãos pastoreavam nos picos; no inverno, cuidavam deles no desfiladeiro.

Por que os guerreiros negros estavam atrás de forasteiros? Não fazia sentido. Ninguém se importava com forasteiros; eram a escória da escória.

O Sol seguia para o oeste, e as sombras rastejavam pelas laterais do desfiladeiro. A certa distância, um cachorro latia. Parecia nervoso. Hylas queria que parasse.

Chegou a uma pequena mesa de argila de três pernas, armada sob uma árvore, com oferendas para o deus da Montanha. A toalha era feita de pele de lebre e estava mofada; Hylas a pegou e a amarrou ao redor dos quadris. Um

lagarto o observou com frieza, e ele resmungou uma desculpa para o caso de ser um espírito disfarçado.

Era bom não estar nu, mas Hylas se sentia tonto de fome. O verão ainda estava muito no início para haver figos, mas, ao correr, ele pegou alguns morangos já mordiscados por ratos. Avistou um arbusto de espinhos em que um picanço guardava seu alimento: a ave havia empalado três grilos e um pardal. Com um “desculpe” apressado para o picanço, Hylas engoliu tudo, cuspidendo penas e pedaços do grilo.

Começou a passar por oliveiras e trechos de terrenos planos marcados nas encostas. A cevada já estava pronta para a colheita, mas não havia ninguém por perto. Todos deviam ter fugido para a aldeia — a não ser que os guerreiros negros a houvessem incendiado.

Para o alívio de Hylas, a aldeia estava intacta, embora estranhamente quieta. Como ovelhas assustadas, as cabanas feitas de tijolo de barro cozido se amontoavam atrás da paliçada de espinhos. Hylas sentiu cheiro de fumaça, mas não ouviu vozes. Do lado de fora, deveria encontrar jumentos e porcos fuçando em busca de restos de comida. Nada. E os portões dos espíritos estavam fechados.

Os habitantes estavam emplastrados de ocre vermelho, e o Ancestral espiou por entre os chifres do touro selvagem amarrados à viga. Havia assumido o corpo de um pega, mas com certeza era um Ancestral — embora não fosse um dos seus.

Hylas espalhou pelo caminho a cevada que havia roubado, mas o Ancestral ignorou a oferenda. Sabia que o menino não pertencia ao lugar. Os portões dos espíritos existiam para proteger a aldeia — e manter forasteiros do lado de fora.

Os portões rangeram até abrir um pouco, e rostos sujos espiaram. A vida toda Hylas conhecia os aldeões, mas agora o observavam como se ele fosse um estranho. Alguns seguravam tochas que crepitavam nos talos gigantes de erva-doce; todos seguravam machados, foices e lanças.

Em um frenesi de latidos, os cachorros dispararam e se lançaram violentamente em sua direção. O líder era um cão pastor chamado Dart, tão

grande quanto um javali, treinado para rasgar a garganta de um homem mediante um comando. Parou eriçado diante de Hylas e fixou os olhos no menino, com a cabeça ameaçadoramente abaixada. Sabia que Hylas não tinha permissão para entrar na aldeia.

Ficou onde estava. Se recuasse um passo, Dart poderia atacar.

— Me deixem entrar! — gritou.

— O que você quer? — grunhiu Neleos, o chefe. — Você deveria estar na Montanha cuidando das minhas cabras!

— Me deixe entrar! Quero a minha irmã.

— Ela não está aqui. Por que achou que estaria?

Hylas não respondeu, surpreso.

— Mas... onde ela está?

— Morta, não me interessa.

— É mentira — disse Hylas.

Por dentro, porém, estava em pânico.

— *Você abandonou minhas cabras!* — rugiu Neleos. — Ela não ousaria voltar sem elas... nem você, a não ser que queira ficar com a pele vermelha!

— Ela vai chegar aqui a qualquer momento. Me deixem entrar! Estão me perseguindo!

Neleos estreitou os olhos e coçou a barba com a mão calejada. Tinha pernas tortas de camponês e ombros calejados de carregar o jugo, mas era mais esperto que uma doninha, sempre tramando para levar vantagem. Hylas sabia que ele estava dividido entre a necessidade de puni-lo por ter abandonado as cabras e o desejo de mantê-lo vivo para que trabalhasse mais.

— Eles mataram Skiros — contou Hylas. — Também vão me matar. Vocês têm que esquecer as regras e me deixar entrar!

— Mande-o embora, Neleos! — sugeriu a voz estridente de uma mulher. — Ele só traz problemas desde o dia em que você o encontrou!

— Solte os cachorros nele! — gritou outra. — Se o pegam aqui, todos nós corremos perigo!

— Ela tem razão, solte os cachorros! Deve ter feito alguma coisa, ou eles não estariam atrás dele.

— Mas *quem* são eles? — berrou Hylas. — Por que estão atrás de forasteiros?

— Não sei e não me interessa — esbravejou Neleos; Hylas, porém, via o temor em seus olhos. — Tudo o que sei é que eles vêm do leste e caçam forasteiros. Ora, *deixe-os*! Podem fazer o que bem entenderem, desde que nos deixem em paz!

Os aldeões soltaram gritos, concordando.

Hylas umedeceu os lábios.

— Mas e a lei de santuário? Se alguém está em perigo, vocês *precisam* deixar entrar!

Por um instante, Neleos hesitou. Depois sua expressão ficou mais dura.

— Ela não se aplica a forasteiros — cuspiu ele. — Agora saia daqui ou eu solto os cachorros em cima de você!



Estava escurecendo e não havia para onde ir.

Tudo bem, tudo *certo*, esbravejou Hylas para os aldeões em sua cabeça. Se vocês não vão me ajudar, eu mesmo me ajudo.

Contornando os pinheiros, ele foi até os fundos da aldeia. Estava deserto: todos estavam nos portões dos espíritos.

Se achavam que Hylas nunca entraria na aldeia, estavam errados. Quando se é um forasteiro, você rouba para sobreviver.

Deslizando por uma passagem entre os espinhos, ele se esgueirou até a cabana mais próxima, que pertencia a uma viúva velha e ardilosa chamada Tyro. O fogo havia sido coberto para que ficassem somente as brasas e, em meio à escuridão vermelha e esfumaçada, Hylas pisou em uma tigela de leite preparada para a cobra doméstica. Em um catre, no canto, um amontoado de trapos soltou um grunhido.

Hylas ficou imóvel. Silenciosamente, tirou de um gancho um pernil defumado.

Tyro se virou no catre e roncou.

Ele pegou uma túnica pendurada nas vigas, mas deixou as sandálias, já que sempre andava descalço no verão. Mais um grunhido de Tyro. Hylas fugiu, arrumando a tigela da cobra ao passar; cobras conversam entre si e, se você aborrece uma, aborrece todas.

A cabana seguinte pertencia a Neleos e estava vazia. Hylas pegou um odre, um pedaço de corda de couro cru para fazer um cinto e um saco de sisal, no qual enfiou um pedaço de chouriço, queijo de ovelha, um pão ázimo e um punhado de azeitonas. Também tomou um gole da jarra de vinho do idoso, depois jogou cinzas no que restava, para se vingar de todas as surras que havia levado ao longo dos anos. Vozes se aproximavam; os portões dos espíritos rangeram ao se fecharem. Hylas escapuliu pelo mesmo caminho por que entrara — e percebeu tarde demais que havia se esquecido de roubar uma faca.

A Lua se erguera, e os grilos começavam sua cantoria quando ele chegou ao sombrio bosque de amendoeiras que ficava além da aldeia. Apressadamente, vestiu a túnica e amarrou a corda na cintura.

Algumas abelhas ainda zumbiam nas colmeias quando Hylas avistou uma mesa de oferendas na grama. Torcendo para que ela já estivesse lá tempo o bastante para quaisquer criaturas enviadas pelos deuses terem comido tudo o que queriam, ele engoliu dois bolinhos de mel e uma panqueca de grão-de-bico recheada com um delicioso creme de lentilhas, perca desidratada e farelo de queijo. Deixou restos para as abelhas e pediu que tomassem conta de Issi. Elas zumbiram em resposta; Hylas não entendeu se aquilo significava sim ou não.

Ocorreu-lhe que Issi poderia não ter passado por ali, pois teria comido a panqueca. Deveria esperar pela irmã naquele lugar ou tentar encontrar o caminho até Lapithos e torcer para que ela tenha ido para lá encontrar Telamon? Lapithos, porém, ficava em algum ponto do outro lado da Montanha; nem Hylas nem Issi jamais haviam estado lá. Tudo o que sabiam a respeito vinha das vagas descrições de Telamon.

Em algum lugar ao longe, o cachorro que ele ouvira antes ainda latia. Parecia desalentado, como se não acreditasse mais que alguém pudesse aparecer. Hylas queria que parasse. Ele o fazia se lembrar de Xô.

Não queria pensar em Xô. Havia uma barreira em sua mente, e por trás dela havia coisas ruins esperando ser lembradas.

Nas montanhas, a temperatura cai rapidamente quando o Sol baixa e, apesar da túnica áspera de lã, Hylas tremia. Estava exausto. Decidiu que ia tomar distância da aldeia e encontrar algum lugar para dormir.

Não avançara muito quando percebeu que o cachorro havia parado de latir. Agora o animal proferia uivos longos e indignados.

Os uivos ficaram repentinamente mais altos quando Hylas fez uma curva.

O cachorro não era grande como Xô, mas era tão peludo quanto. O dono o havia amarrado a uma árvore em frente a seu abrigo de galhos de pinheiros e deixado uma tigela de água, que o cão já havia bebido. Era novo, assustado e ficou louco ao ver Hylas; empinou-se nas patas de trás, puxou a corda até esticá-la e agitou as patas da frente em um frenesi de boas-vindas.

Hylas sentiu como se uma mão tivesse se enfiado em seu peito e lhe apertado o coração. Uma imagem de Xô dançou diante de seus olhos: seu cão caído, morto, com uma flecha no flanco.

O cachorro latiu avidamente para ele e sacudiu o rabo.

— Calado! — disse Hylas.

O cão virou a cabeça e ganiu.

Rapidamente, Hylas desamarrou o odre e despejou água na tigela, depois lhe jogou um pedaço de chouriço. O cachorro engoliu a água e devorou a comida, então o derrubou no chão e lambeu sua bochecha. Hylas sentiu dentro de si uma dor imensa. Afundou o rosto no pelo do cachorro, inalando seu cheiro quente e canino. Com um grito, empurrou-o e rastejou para fora de seu alcance.

O cachorro balançou o rabo e latiu de modo suplicante.

— Não posso desamarrear você — disse Hylas. — Você iria me seguir e eu seria pego!

O cachorro o fitou, arrasado.

— Você vai ficar bem — disse Hylas. — Seja lá quem o tenha amarrado, preocupa-se o suficiente para lhe deixar água; logo vai voltar.

Estava certo, não estava? Não tinha como levar o cachorro consigo, não com os guerreiros negros em seu encalço. Cachorros não sabem se esconder. Você não pode dizer a um cachorro para não dedurá-lo.

E se o matassem, como fizeram com Xô?

Antes que pudesse mudar de ideia, Hylas pegou a tigela de água, desamarrou o cachorro e arrastou-o atrás de si. Quando não havia mais sinal da aldeia, amarrou-o a uma árvore, encheu a tigela de novo e conferiu se a corda ao redor do pescoço do cão não estava muito apertada.

— Você vai ficar bem — murmurou. — Alguém vai aparecer.

Deixou o animal sentado, ganindo baixinho enquanto o observava ir embora. Quando Hylas olhou para trás, o cão ficou de pé e soltou um *au-auuuu* esperançoso.

Hylas cerrou os dentes e correu noite adentro.



Nuvens escondiam a Lua, e ele acabou se perdendo. O odre e o saco de comida faziam-no curvar de tão pesados. Enfim encontrou uma cabana de pedra construída em uma encosta arborizada. Pelo silêncio, sabia que estava vazia havia muito.

Engatinhou para entrar pela porta baixa, esmagando cacos de cerâmica e respirando o odor de terra úmida. Era fria e cheirava como se algo tivesse se arrastado até lá para morrer — mas era um abrigo.

Encolheu-se no escuro, com as costas apoiadas na parede. Podia sentir o cheiro do cachorro em si mesmo. Pensou na última vez em que estivera com Xô. Afastara seu focinho — mas havia feito cafuné em suas orelhas ou coçado embaixo da pata dianteira do jeito que ele gostava?

Não conseguia acreditar que nunca mais veria Xô. Não teria um corpo grande, quente e peludo encostado no seu. Não haveria um focinho com bigodes

fungando sob seu queixo para acordá-lo.

Pegou o odre e tomou um gole de água. Abriu o saco de comida e tateou em busca das azeitonas. Suas mãos começaram a tremer. Deixou as azeitonas caírem. Tateou o chão. Não conseguia encontrá-las.

As barreiras de sua mente vieram abaixo. Foi inundado por lembranças.

Ele e Issi haviam montado acampamento em uma caverna no pico ocidental. Ela tinha saído para procurar raízes de asfódelo, e ele havia curtido o esquilo e o deixara assando na fogueira.

— Vou até o riacho me refrescar — avisara a Issi. — Não deixe o esquilo queimar.

— E quando foi que eu fiz isso? — gritara ela de volta, indignada.

— Anteontem!

— Não deixei nada!

Ignorando-a, Hylas começou a descer a trilha.

— Não ficou *queimado*! — gritara Issi.

No riacho, ele deixara sua faca e seu estilingue em uma pedra, tirara a túnica pela cabeça e passara a relaxar na água. O grito de uma águia ecoara dos picos. Perguntara-se vagamente se aquilo seria um presságio.

De repente, Xô começara a latir furiosamente: *Venha rápido! Grande perigo! Venha rápido!*

Então Issi gritara.

Hylas não havia parado para enfiar a túnica. Pegando a faca, correria trilha acima. Urso? Lobo? Leão? Tinha que ser algo ruim para que ela gritasse daquele jeito.

Ao se aproximar do acampamento, ele ouvira vozes de homens, baixas e atentas, e sentira um cheiro amargo de cinzas. Escondendo-se atrás de uma moita de junípero, espiou por entre os galhos.

Vira quatro cabras caídas, abatidas; as demais haviam fugido. Vira guerreiros — *guerreiros* — vasculhando o acampamento. Vira Xô. Em uma apavorante batida do coração, ele absorvera o pelo grosso cheio de carrapichos e as patas. A flecha se projetando do flanco de Xô.

Então avistara Issi escondida na caverna, o rostinho pálido com o susto. Precisava fazer alguma coisa, senão iam encontrá-la.

O estilingue havia ficado no riacho. Tinha apenas a faca de sílex — mas de que adiantava? Um menino de doze verões contra sete homens fortemente armados.

Pondo-se à vista, gritou:

— Ei, aqui!

Sete rostos manchados de cinzas viraram em sua direção.

Ziguezagueando por entre as árvores, conseguira atraí-los para longe da irmã. Não pôde se arriscar a chamá-la, mas ela era esperta; aproveitaria qualquer oportunidade e sairia daquela caverna.

Flechas zuniram. Uma o atingiu no braço. Hylas deu um grito e deixou a faca cair...

Encolhido na cabana, abraçou os joelhos e se balançou para a frente e para trás. Queria se enfurecer, queria gritar, queria berrar. *Por que* os guerreiros negros atacaram? O que ele, Issi ou Xô teriam feito a eles?

Seus olhos arderam. Sentiu um nó na garganta. Irritado, engoliu saliva com dificuldade. Chorar não traria Xô de volta. Nem o faria encontrar Issi.

— Não vou chorar — disse em voz alta. — *Não vou* deixar fazerem isso comigo.

Cerrando os dentes, ele esmurrou a parede e segurou as lágrimas.



O luar o acordou e, por um instante, Hylas não soube onde estava. Deitou-se de lado, tentando vencer o pânico. Então tudo voltou, mas foi pior.

Assim que chegar a alvorada, disse a si mesmo, você vai para Lapithos encontrar Telamon. Issi certamente estará com ele. Se não estiver, você a encontrará. Ela é forte e conhece as montanhas, consegue sobreviver até lá.

Afastou da mente a possibilidade de a irmã estar morta.

Quando seus olhos se acostumaram com o escuro, Hylas conseguiu distinguir algo que parecia um braseiro de barro próximo à porta, cheio de ossos chamuscados. Ao lado dele havia uma faca de sílex quebrada e uma série de flechas, todas partidas em duas.

Subitamente alerta, Hylas se sentou. Só havia uma razão para uma série de flechas quebradas.

O morto estava deitado de costas, encostado na parede oposta. O rosto estava coberto por um pano, mas Hylas sabia, olhando a túnica sem tingimento e os pés calejados, que se tratava de um camponês.

A família deve ter ficado dividida entre o horror dos guerreiros negros e a necessidade de aplacar o fantasma feroz do parente; mas não havia negligenciado os ritos. Deitara-o em uma esteira de junco com sua foice e lança, tendo destruído ambas as armas quebrando-as em dois pedaços para que o espírito pudesse usá-las. Pelo mesmo motivo, haviam estilhaçado sua xícara e sua tigela, e estrangulado seu cachorro — que jazia a seu lado, pronto para segui-lo na vida após a morte. E devia ser um dos camponeses mais ricos, pois no canto mais distante se encontrava, encolhido, um escravo morto. Assim como o cachorro, o escravo fora assassinado para poder cuidar de seu mestre.

Uma tumba, pensou Hylas. Você se abrigou em uma tumba.

Não acreditava que não notara os sinais. Era por isso que os aldeões haviam deixado as oferendas nas colmeias: para as abelhas participarem do banquete de funeral. Era por isso que a tumba havia ficado aberta: para deixar o espírito passar.

Hylas quebrara todas as regras. Não tinha ido pelo oeste com o punho à testa nem perguntado aos Ancestrais se poderia entrar.

Sem ousar respirar, Hylas pegou seus pertences.

Do canto, o escravo morto abriu os olhos e o encarou.



O cadáver tinha a palidez dos recém-falecidos, e seus olhos reluziam à luz da Lua.

Hylas se encolheu junto à parede da tumba. Observou os lábios cinzentos se abrirem. Ouviu a coisa falar.

Uma voz tão distante quanto a morte. Uma fala que parecia o grito de águias em um céu alto e frio — uma língua que ele não compreendia.

Não, pensou. Não pode ser.

O cadáver deu um suspiro longo e ruidoso. “Ah... *Fique...*”

Hylas suspirou. Viu como a fala agitou a poeira suspensa, visível ao luar. *Respiração*. O cadáver respirava.

— Você... você está vivo — sussurrou ele.

O cadáver exibia os dentes em um sorriso horrendo.

— Não por... muito tempo...

Encolhendo-se por dentro, Hylas chegou mais perto. Sob suas mãos, o chão se tornou grudento. Sentiu cheiro de sangue fresco.

O moribundo era jovem, não tinha barba. Não era um escravo, como pensara Hylas; o cabelo escuro era longo e estava enroscado debaixo do corpo. E não era um camponês; os pés eram delicados demais. Usava um kilt de linho fino que ia até o joelho, costurado com espirais em volta da barra, e também trazia um cinto grosso de couro apertado em torno da cintura esguia. Do cinto pendia uma adaga em uma bainha ricamente trabalhada, e do pescoço, um amuleto esplendorosamente esculpido em osso branco: um minúsculo peixinho saltando

com um sorriso misterioso. O peixe nadava em seu peito sobre um rastro negro e reluzente de sangue.

— *Me esconda...* — sussurrou ele.

Hylas tentou recuar, mas os dedos gelados do homem o agarraram.

— Sou de Keftiu. — Ele falava pausadamente, em uma língua que não era a sua. — Uma grande ilha... bem longe no Mar... — Seu rosto se retorcia. — Ao amanhecer. Eles vêm para fechar a tumba. Eles vão me encontrar... jogar meu corpo... para os abutres. — Seu olhar agonizante procurava Hylas. — Ajude meu espírito a encontrar paz.

— Não posso — disse Hylas. — Tenho que sair daqui... se me pegarem...

— Você precisa de uma faca — disse com dificuldade o keftiano. — Pegue a minha. É roubada. É valiosa. Mantenha-a *escondida*.

Os pelos na nuca de Hylas se eriçaram.

— Como você sabe que eu preciso de uma faca?

Aquele sorriso de novo.

— Um homem se arrasta até a tumba para morrer. Um menino se arrasta para viver. Você acha que é o acaso?

Hylas não sabia o que fazer. A Lua começava a sumir, e os grilos mudavam de cantoria. Tinha que sair dali antes que os aldeões chegassem.

— Me esconda... — implorou o keftiano.

Últimos desejos são poderosos. Hylas não tinha como ignorar aquele.

Rapidamente procurou um lugar para esconder o homem. A tumba era maior do que ele pensara, e, no escuro, tropeçou em uma pilha de caixões de argila. Alguns eram de crianças, tão pequenos quanto panelas, mas outros eram maiores. Achou um no canto mais escuro e empurrou a tampa, liberando um cheiro bolorento de ossadas.

Nada o faria tocar aquilo com as mãos nuas. Segurando uma das hastes das flechas quebradas, Hylas empurrou o crânio e os ossos maiores para o lado, a fim de abrir espaço.

— Não consigo carregar você — disse ao keftiano. — Vai ter que subir sozinho.

Foi terrível arrastar o moribundo pelo chão, empurrá-lo parcialmente para dentro do alto caixão, e depois dobrar seus membros até ele ficar encolhido como um bebê em um útero de argila. Deve ter sido uma tortura, mas o keftiano mal gemeu.

— Como você chegou aqui? — arquejou Hylas quando tudo acabou. — E quem o matou?

O keftiano fechou os olhos.

— Eles vêm do leste... de Micenas. São... Não sei dizer na sua língua. Pássaros que fazem este som...

Deu um grasnar débil.

— Corvos?

— Sim. Chamamos de Corvos. Por causa de sua ganância e porque se alimentam dos mortos.

Hylas pensou nos guerreiros negros. Tinha visto os mantos escuros esvoaçando como asas.

Mais uma vez o keftiano mostrou os dentes.

— Era noite... Para me disfarçar, usei um manto simples, feito de uma pele rústica de lebre. Fui confundido com... com foras-teiro. O que quer dizer foras-teiro?

— Quer dizer alguém que não nasceu na aldeia — respondeu Hylas secamente. — Quer dizer que você não tem Ancestrais para protegê-lo e que tem que viver fora da aldeia. Não tem permissão para fazer parte de sacrifícios, por isso não ganha nenhuma carne, a não ser que encontre tempo para caçar ou mate uma ovelha na Montanha e finja que ela morreu em um deslizamento de terra. Todos olham para você com desprezo. Isso é ser forasteiro.

— Você é um foras-teiro — disse o keftiano, fitando-o. — Sim, você é diferente, seu cabelo... você pertence ao povo da selva. Há muitos foras-teiros na Licônia?

Hylas fez que não.

— Até onde sei, são poucos.

— E... você tem família?

Hylas não respondeu. Quando Neleos encontrou Issi e ele na Montanha, não tinham nada além da pele de urso em que estavam deitados, e Neleos dissera que a mãe os abandonara. Hylas nunca acreditou nisso: em parte porque nunca acreditava no que Neleos dizia e também porque não se encaixava com a única memória que tinha da mãe. Ela amava os filhos, ele estava certo disso. Nunca os abandonaria.

— Na minha ilha — murmurou o keftiano —, chamamos aqueles como você de povo da selva. Eles pintam padrões na pele. Você não... Como sabem o que você é?

Hylas tocou o lóbulo da orelha esquerda.

— Temos um talho aqui. Neleos fez quando nos encontrou.

Engoliu em seco. Nunca se esquecera dos gritos de Issi quando foi a vez dela.

— Você venera a Deusa? — sussurrou o keftiano.

— Como é? — Hylas ficou estupefato. — Nós... nós veneramos o Deus da Montanha e a Senhora das Coisas Selvagens. Mas o que isso tem a ver com...

— Ah, isso é *bom*...

— Conte-me mais sobre os Corvos — interrompeu Hylas, impaciente. — Quem são? Por que perseguem os forasteiros?

— A Deusa... Ela tem diversos nomes, em terras diferentes... mas é sempre a mesma Deusa...

Hylas abriu a boca para responder, mas então uma poupa gritou da encosta: *upuu-pu-pu-pu*. Estava prestes a amanhecer.

— Tenho que sair daqui — disse ele.

— Não! Fique! Não quero morrer sozinho!

— Não posso.

— Estou com medo! — implorou o keftiano. — Em minha terra, enterramos os mortos próximo ao Mar... mas não tenho *nada* do Mar... nunca chegarei ao meu lar!

— Você tem esse peixe no peito...

— Não é um peixe... é um *golfinho*... e é de *marfim*, que não vem do *Mar*!

Por favor...

Obrigando-se a ser forte, Hylas recolheu seus pertences. Então, com um grunhido, engatinhou de volta ao caixão.

— Aqui — murmurou, arrancando seu amuleto e apertando a pequena algibeira na mão do homem. — Nunca me serviu de nada, mas, enfim, você já está morrendo. Tem um pouco de cristal que encontrei no pico, para ajudar a ter força, e pelos de rabo de leão, para dar coragem. Uma vez encontrei um morto em uma caverna. E uma concha. Não sei para que serve, mas vem do Mar.

— O *Mar*! — O rosto do keftiano se iluminou. — Então você já esteve lá.

— Não, nunca. Ganhei de uma pessoa, mas nunca...

— O *Mar* vai lhe dar as respostas que procura! Sim, e o povo da barbatana vai encontrá-lo... — De repente, ele agarrou o pulso de Hylas e puxou-o para mais perto, o olhar sombrio penetrando o menino com intensidade alarmante. — *Eles sabem que você está a caminho* — murmurou. — Estão procurando você por todo o seu mundo azul profundo... Vão encontrá-lo...

Com um grito e um puxão violento, Hylas se desvencilhou.

— O povo da barbatana vai levá-lo até a ilha deles... os peixes que voam e as cavernas que cantam... as colinas que caminham... as árvores de bronze...

O homem estava delirando. A luz cinzenta entrava furtivamente na tumba. Hylas jogou o odre no ombro e alcançou o saco de comida.

— E quando chegar ao Mar... — prosseguiu o keftiano.

— Eu não *vou* ao Mar...

— ... deve dar a ele uma mecha de meu cabelo.

— Eu não posso, já disse!

— Pegue, pegue agora...

Cerrando os dentes, Hylas pegou uma ponta de flecha e cortou uma mecha do cabelo negro e ondulado, depois a enfiou no cinto.

— Pronto! Viu? É a última coisa que eu faço!

O keftiano sorriu para ele: não era mais um medonho exhibir de dentes, mas sim um sorriso autêntico, que transfigurou seu rosto.

— E, quando chegar ao Mar, você pedirá ao povo da barbatana que venham buscar meu espírito... Você os verá chegando... saltando juntos por cima das ondas... tão fortes... tão belos... e eles me levarão até a Iluminada, e com Ela eu poderei conhecer a paz, como uma gota de água que se une ao Mar...

— Pela última vez, eu *não vou* ao Mar!

O keftiano não respondeu.

Algo naquele silêncio fez com que Hylas se virasse e espiasse dentro do caixão.

O keftiano o encarava com olhos que nunca mais enxergariam.

Sem saber por que, Hylas esticou a mão e tocou a bochecha magra com um dedo. Sentiu o calor escoar da pele tão rapidamente quanto água que desaparece na areia. Um momento antes, aquilo havia sido um homem. Agora tudo o que restava era uma casca vazia.

A poupa mais uma vez gritou da encosta.

O mais rapidamente que pôde, Hylas empurrou a tampa do caixão para o devido lugar e murmurou uma breve oração.

À luz cada vez mais forte, ele distinguiu os caixões empilhados junto às paredes, com pinturas de pessoas vermelhas e amarelas dançando e fazendo sacrifícios. Viu o manto de pele de lebre do keftiano em um canto e o escondeu atrás de um caixão. Havia uma grande mancha negra no ponto em que o morto estivera deitado. Hylas espalhou terra para esconder os vestígios. Era o melhor que podia fazer.

Uma música distante de flautas de junco vagueou até ele. Os aldeões estavam se aproximando. Apesar do terror dos guerreiros negros, eles precisavam trazer oferendas de vinho e mel para o compatriota que se tornara um Ancestral.

Não havia tempo a perder. Hylas se dirigiu à saída da caverna.

A *adaga*. O keftiano disse que ele poderia pegar a adaga, mas Hylas a havia esquecido no corpo, dentro do caixão. Olhou para trás — e se assustou ao ver a adaga bem ali no chão, à vista de todos, *ao lado* do caixão.

Disse a si mesmo que o keftiano devia tê-la deixado cair da bainha um pouco antes de entrar no caixão. Devia ter sido isso. Pois ali estava a adaga.

Pegue... Esconda...

Era feita de bronze, muito lisa e sem adornos. Tinha guardas quadradas e largas, além de três rebites lisos no cabo; uma lâmina se estreitava gradualmente, duas vezes mais comprida que a mão de Hylas, com uma espinha forte e reta se estendendo até a ponta letal. Os gumes brilhavam ligeiramente vermelhos à luz da manhã. Hylas nunca tinha visto algo tão bonito.

Ele a pegou. Era pesada, e embora o cabo parecesse frio ao toque, em um piscar de olhos, já havia absorvido o calor de sua mão.

O som das flautas estava se aproximando.

Apertando a adaga, Hylas fugiu.



Hylas mal se havia abrigado na encosta quando os aldeões chegaram à tumba.

Para seu alívio, não notaram nada de errado: já estavam empilhando pedras em frente à entrada. Na multidão, ele avistou o cachorro da noite anterior, perto de um dos meninos da aldeia. Ficou feliz por ele estar bem, mas doía vê-lo cheirando a mão do menino. Xô fazia a mesma coisa.

Começou a correr morro acima, pegando folhas de espinheiro para manter afastado o fantasma do keftiano e enfiando a mecha de cabelo, junto com a adaga, no saco de comida. Depois poderia fazer um estojo; por enquanto, ela teria que ficar escondida. Forasteiros não carregavam bronze. Ser visto com ela seria o mesmo que gritar “sou um ladrão”.

Tentando se lembrar de tudo o que Telamon já dissera sobre Lapithos, Hylas partiu no sentido leste, em direção ao sopé das montanhas. Os poucos pinheiros não ofereciam cobertura, e cardos da altura de um homem arranhavam-no com espinhos do tamanho de presas de javali; mas ele não viu sinal dos guerreiros negros nem de mais ninguém. Estava pensando nisso quando fez a curva em um contraforte e quase esbarrou em uma biga.

Levou um instante aterrorizado para absorver os dois cavalos e o guerreiro com elmo de couro cru à sua frente. O guerreiro estava de costas para ele, mas se virou quando os cavalos relincharam. Hylas não esperou para ver mais nada, disparou feito uma lebre, subindo desabalado uma escarpa até onde a biga não pudesse segui-lo.

Depois de chegar ao topo, deslizou pelo outro lado e foi até o riacho que havia ao fundo. A biga ia trovejante, rodeando a base do morro em meio a nuvens de poeira, com o guerreiro gritando mais alto que aquele estrondo. Hylas se atirou no riacho, o odre e o saco de comida batendo em suas costas.

Atrás dele, houve um barulho e o guincho dos cavalos, e então o guerreiro estava perseguindo-o a pé. Hylas ziguezagueou. O guerreiro também. Uma de suas mãos agarrou o ombro de Hylas para puxá-lo para trás, e os dois caíram, espalhando água para todos os lados. O guerreiro pegou Hylas em uma chave de braço, mas o menino o jogou por cima do próprio corpo e segurou sua cabeça sob a água. Selvagememente, o guerreiro o atacou com um soco, acertando o braço ferido de Hylas, que rosnou e se lançou para o lado. O guerreiro se desvencilhou e partiu para cima dele dizendo algo incompreensível. Hylas lhe deu uma joelhada na virilha. O guerreiro caiu para trás com um uivo — mas se levantara antes do menino e o chutou no queixo. Hylas cambaleou. O guerreiro o derrubou e, ficou de joelhos em seu peito, agarrou-o pelo cabelo com as duas mãos e o chacoalhou até que seus dentes batessem.

— Hylas, sou *eu*! Telamon! Seu *amigo*!



— Não acredito que não me reconheceu — disse Telamon, respirando com dificuldade.

— Eu já falei — respondeu Hylas também ofegante. — Eu não conseguia *ver* você com essa coisa na cabeça.

Estavam sentados à beira do riacho, jogando água gelada nas feridas. Os cavalos estavam amarrados ali perto, bebendo em silêncio.

— Me desculpe por ter chutado você — murmurou Telamon.

— Me desculpe por quase ter afogado você — respondeu Hylas.

Telamon bufou, rindo.

— O que aconteceu com seu braço?

— Fui atingido — contou Hylas.

A atadura improvisada já havia saído, e a ferida latejava dolorosamente.

— Está doendo? — perguntou Telamon.

Hylas jogou água no rosto do amigo.

— O que você acha?

Telamon sorriu e jogou água de volta. Então se pôs de pé.

— Vamos. Precisamos sair daqui. — Parecia achar natural o fato de estarem juntos naquilo.

Hylas queria lhe agradecer, mas não tinha palavras.

Eram amigos havia quatro verões, mas sempre em segredo, pois o pai de Telamon tinha proibido o filho de fazer amizade com um forasteiro. Apesar disso, às vezes Telamon conseguia escapulir para ver Hylas e Issi sem que ninguém soubesse, ainda que sentisse remorso por estar desobedecendo ao pai.

De início, Hylas ficara desconfiado. O que aquele menino rico queria com ele? Logo percebeu que Telamon não queria nada, apenas que fossem amigos. Eram muito diferentes, mas talvez a amizade funcionasse justamente por isso. Se Telamon precisava tomar uma decisão, refletia sobre as consequências com todo o cuidado antes de fazer qualquer coisa, enquanto Hylas pensava rápido e agia mais rápido ainda; era obrigado a isso ou não sobreviveria. Telamon seguia o código de honra dos guerreiros, do qual Hylas debochava, embora no fundo o considerasse intrigante. Acima de tudo, Telamon tinha um pai a quem amava e reverenciava. Hylas não podia imaginar como era isso. Nunca conhecera o próprio pai e nunca reverenciara ninguém.

Por quatro anos, eles foram amigos sem que ninguém soubesse — com exceção, é claro, de Issi, que adorava Telamon. Juntos haviam construído a primeira canoa da vida deles e aprendido a nadar. Telamon salvara Hylas de um touro, e Hylas havia tirado Telamon da caverna de uma leoa furiosa. Telamon era um ano mais velho e era maior porque comia mais carne, mas Hylas conhecia mais truques de luta. Telamon odiava o fato de o amigo roubar, dizia que tal atitude não era honrosa; mesmo assim, nunca o traiu nem o desapontou.

Agora, enquanto Hylas observava Telamon examinar a biga em busca de danos, mais uma vez se deu conta do abismo que os separava.

Telamon era filho do Potentado, e a aparência dele refletia sua condição. A túnica tinha faixas escarlates nas mangas e na barra, e suas botas de cano alto reluziam de óleo, assim como o estojo em seu cinto que guardava a preciosa faca de sílex. Os longos cabelos negros eram trançados como os de um guerreiro, com pequenos discos de argila nas pontas para não desfazer o penteado, e no pulso estava preso seu amuleto, uma pedra de jaspe vermelho e polido, entalhada com um pequeno javali de costas peludas. Seu pai lhe dera na última primavera, quando ele completara treze anos e começara a caçar javalis. Telamon precisava juntar presas suficientes para fazer o próprio elmo, o que significava matar doze javalis. Até agora tinha conseguido apenas um, mas não aceitava a ajuda de Hylas, pois, para se tornar um guerreiro, era preciso concluir a tarefa sozinho.

— Telamon, o que está acontecendo? — perguntou Hylas de repente. — Por que os Corvos estão perseguindo forasteiros?

— Os Corvos?

Telamon pareceu surpreso.

— Os invasores, os guerreiros negros! Por que só perseguem forasteiros?

Telamon franziu a testa.

— Não sei. Vim avisar você assim que fiquei sabendo. Eu... eu achei seu acampamento.

— Eles mataram Xô.

— Eu sei. Eu o enterrei. Foi horrível. Pensei que tivessem matado você também. Então encontrei suas pegadas. Depois as perdi, mas encontrei as de Issi...

— Ela fugiu? — gritou Hylas.

— Estava indo para o oeste, mas também perdi o rastro.

— *Oeste!* E eu indo para o leste! Achei que ela com certeza iria para a aldeia ou tentaria encontrar você.

— Nós vamos encontrá-la, Hylas. Ela vai estar bem.

— Ela só tem nove verões.

— Eles não vão se dar o trabalho de ir atrás de uma menina.

— Mas por que estão nos caçando afinal?

— Eu já disse: não sei!

— Como assim você não sabe? — explodiu Hylas. — Seu pai é o homem mais poderoso de toda a Licônia!

— Hylas...

— Ele é o Potentado! Deveria *combater* os invasores! Como ele pode *deixar* que cacem seu próprio povo?

Os olhos de Telamon se estreitaram.

— Você está questionando as decisões do meu pai?

— Ou ele só protege aldeões e deixa que os forasteiros se defendam sozinhos?

— Você está questionando meu pai? — repetiu Telamon.

Seu belo rosto tinha se enrijecido, e ele estava apertando o cabo da faca.

O problema com Telamon era que, para ele, a honra era tudo. Não hesitaria em punir a menor ofensa a sua família.

— Não — disse Hylas raivosamente. — Não estou questionando seu pai.

— Ótimo — respondeu Telamon, seco.

Seguiu-se um silêncio furioso. Telamon foi conferir se havia pedras nos cascos dos cavalos, e Hylas permaneceu onde estava, perto do riacho. Sabia como seu amigo era capaz de remoer as coisas. Telamon não seria o primeiro a quebrar o silêncio. Hylas pensou em mostrar a ele a adaga de bronze; mas então teria que explicar que fora roubada e que escondera um morto desconhecido em uma tumba, e Telamon ficaria horrorizado.

Em vez disso, pediu a faca de Telamon emprestada. Sem dizer uma palavra, Telamon a jogou para Hylas, que cortou um pedaço de sua túnica para enfaixar de novo o braço ferido. Encontrou um pouco de estaque e mastigou algumas folhas para fazer um emplastro, que amarrou no lugar usando a faixa. Caminhando até a biga, devolveu a faca. Telamon a pegou ainda mudo.

Quando o silêncio já havia durado o bastante, Hylas disse:

— Então esses são cavalos.

Telamon soltou um grunhido.

Não havia cavalos na Montanha, e Hylas só os tinha visto de longe. O mais próximo dele era um monstro assustador de pelos castanhos acetinados e uma crina negra como resina de pinheiro. Ele tentou acariciá-lo, mas o cavalo pôs as orelhas para trás e tentou mordê-lo.

O outro era mais amigável. Passou o nariz em seu peito e soprou levemente em seu ouvido. Os grandes olhos escuros eram doces como ameixas, mas o pescoço em que o menino tocava era puro músculo.

— São seus? — perguntou Hylas.

— Improvável, não acha? — respondeu Telamon, com uma pequena risada irônica. — São do meu pai. Não tenho permissão de tirá-los do estábulo.

Hylas soltou um assobio.

— Não me diga que você os *roubou* — disse ironicamente.

Telamon enrubesceu.

— Peguei emprestados.

Telamon estava brincando com o amuleto em seu pulso, como às vezes fazia enquanto pensava a respeito de um problema.

— Não são invasores, Hylas. Vêm do leste, do Alto Potentado de Micenas. E não se chamam “Corvos”. São um importante clã: a Casa de Koronos. Têm vários guerreiros lutando por eles. Só os camponeses ignorantes confundem o clã e os guerreiros, e chamam todos de Corvos.

Hylas lhe dirigiu um olhar cortante.

— Você parece saber bastante sobre eles.

— Sou filho do Potentado — retrucou Telamon. — Claro que sei alguma coisa sobre eles.

— Bem, para mim, Corvos são Corvos. Mataram Xô e tentaram me matar e a Issi.

— Eu sei, mas... — O rosto de Telamon ficou ainda mais vermelho. — Meu pai... ele não tem desavença alguma com eles.

Hylas o encarou.

— Nenhuma *desavença*? Com invasores que entram na terra dele e caçam seu povo?

— Hylas... — Telamon hesitou. — Ele é um Potentado. Isso quer dizer que ele nem sempre pode escolher com quem... com quem negocia.

Hylas não lhe deu atenção.

— E você? — perguntou ele. — Tem “desavenças” com eles?

Telamon franziu a testa.

— Eu *não sei* por que estão atrás de forasteiros... mas farei o possível para descobrir. — Encarou Hylas. — Sou seu amigo — disse de modo decidido. — Vamos encontrar Issi. Vou ajudar você. Juro pela minha honra. Agora cale a boca e vamos embora.

Pegando as rédeas, ele saltou para dentro da biga. Os cavalos empinaram, e Telamon lutou para acalmá-los.

— Você sabe dirigir isso? — perguntou Hylas ao pular para o lado dele.

— Segure firme — resmungou Telamon — e mantenha os joelhos dobrados.

Os cavalos dispararam, a biga deu uma guinada, e Hylas quase voou.

— Eu disse para se segurar! — berrou Telamon.

Enquanto saíam sacudindo pelas pedras, a frágil armação de vime pulava com tanta violência que Hylas achou que ia se quebrar. A tela de couro cru cedia perigosamente sob seus pés, e ele teve que manter os olhos semicerrados por causa da poeira levantada pelos cascos dos cavalos. Os animais eram *velozes*, mais rápidos do que qualquer coisa que conhecia, e a estrada passava em um borrão. Sentindo o vento quente em seus cabelos, Hylas riu alto.

Telamon lhe lançou um olhar e sorriu.

Em um sobressalto, Hylas percebeu que estavam indo na direção errada. Agarrou as rédeas e puxou com força, fazendo os cavalos derraparem até parar.

— Temos que dar meia-volta! Temos que ir para o *oeste*!

Telamon ficou irado.

— Por que você fez isso? — perguntou com raiva, tentando retomar o controle sobre os cavalos. — A biga não pode ir pelas montanhas! Além disso, estão vigiando a passagem, nunca conseguiríamos atravessar! Temos que *contornar* as montanhas! Já tenho tudo planejado. Vamos para o sul, até o Mar, depois nós...

— O *Mar*? — exclamou Hylas.

— Vamos encontrar um barco e contornar a costa, aí ancoramos do outro lado das montanhas e seguimos de lá. Não é longe. Vamos encontrar Issi. Prometo.

O Mar, pensou Hylas.

E, quando chegar ao Mar, dissera o keftiano... *Quando*. O homem falara com muita convicção.

— Por onde você quer ir? — perguntou Telamon. — Rápido, Hylas, não consigo segurá-los por muito mais tempo.

Hylas mordeu o lábio.

— Você tem razão — disse. — Temos que ir para o sul e dar a volta pelo Mar.

— *Obrigado* — disse Telamon.

Bateu as rédeas nas ancas dos cavalos, e eles partiram ruidosamente pela trilha, levantando nuvens de poeira.

Hylas não teve tempo de mudar de ideia. De repente, estavam fazendo uma curva em grande velocidade, e as planícies se abriram diante dele: uma vasta terra plana, arborizada, pontilhada com trechos de cevada dourada e oliveiras prateadas, e, mais além — assustadoramente distantes —, mais montanhas: pico após pico, sustentando o céu.

Hylas nunca tinha ido tão a oeste, e, por um instante, sua convicção foi abalada. O Monte Licas era tudo o que conhecia: os picos, o desfiladeiro, a aldeia. Tinha somente uma vaga ideia do que havia além.

Sabia que a riqueza do pai de Telamon vinha das colheitas abundantes das planícies e que a Licônia era o potentado mais ao sul naquela vasta terra chamada Aqueia. Tinha uma vaga noção de que, em algum lugar distante, havia outros potentados aqueianos — Messênia, Arcádia, Micenas — e que, do outro lado do Mar, ficavam terras distantes habitadas por monstros; mas nunca tinha pensado de verdade a respeito deles. Até aquele momento. O mundo exterior era inimaginavelmente vasto. Isso o fazia se sentir insignificante como uma formiga e tão facilmente esmagável quanto uma.

Chegaram a um riacho cercado de juncos gigantes, e Telamon parou os cavalos para que bebessem água. Ele e Hylas desceram da biga. Telamon se deixou cair em uma pedra, gemendo e massageando os ombros. Mesmo no chão, Hylas ainda sentia o sacudir da biga. Os juncos tinham o triplo da altura de um homem e forneciam boa proteção, mas Hylas não gostou deles. Imaginou guerreiros negros rastejando sorrateiramente em sua direção.

Telamon tirou uma bolsa de pele de bezerro da biga e jogou para o amigo um naco de fígado de ovelha seco, além de um cantil de chifre de vaca com uma rolha de madeira.

— O que é isso? — perguntou Hylas.

— Suco de nozes. Seu cabelo, Hylas. Ninguém tem cabelos loiros, você chama muita atenção. Precisa ficar parecido com as outras pessoas ou vai ser pego.

Depois de engolir a carne, Hylas besuntou o cabelo com o suco de nozes, passando da cor de areia úmida para um castanho-escuro.

— Está melhor — disse Telamon.

Foi observar os arredores, enquanto Hylas continuou com os cavalos.

O amigável se chamava Fumaça; o mais nervoso, Azarão. Fumaça estava tranquilo, com uma das patas dobradas, mas Azarão relinchava e balançava a cabeça para trás. Não era tão belo quanto Fumaça — tinha um focinho ossudo e olhos raivosos —, mas Hylas supôs que seria mais inteligente. Fazia sentido ser bravo. Provavelmente odiava ter que puxar uma biga.

Hylas disse justamente aquilo ao cavalo, e Azarão girou as orelhas para escutar, então tentou morder sua mão. Hylas sorriu.

— Não confie em ninguém. Cavalo esperto.

Naquele momento, os dois cavalos empinaram as orelhas e soltaram relinchos lancinantes.

Relinchos de resposta vieram ao longe.

Telamon veio correndo, desesperado, do meio dos juncos.

— São eles! — disse, ofegante. — Rápido! Há uma trilha ali na frente!

Hylas saltou na biga e esticou a mão para ajudar Telamon a subir, mas, para sua surpresa, o amigo lhe jogou as provisões e passou as rédeas.

— Vá para o sul — disse a Hylas. — Siga o rio e encontre um barco...

— *O quê?* Você vem comigo!

— Vou despistá-los, depois atravesso a passagem e encontro você do outro lado...

— Telamon, eu não vou deixar você!

— Precisa ir, é sua única chance!

— Eu não ligo!

— Não estão atrás de mim. Querem você! Agora, vá!



Os cavalos eram inacreditavelmente fortes. Hylas usou toda a sua força para se agarrar às rédeas e não cair da biga.

Uma olhadela por cima do ombro lhe disse que aquilo não ia funcionar: ele estava deixando um rastro de poeira que até um cego poderia seguir. Então viu uma bifurcação à frente. A trilha da direita era larga o bastante para uma biga, mas a da esquerda era estreita e imergia nos juncos; supôs que levasse ao rio.

Puxando as rédeas com toda a força, Hylas virou a cabeça dos cavalos e fez com que parassem aos relinchos, em seguida saltou e começou a desamarrear freneticamente Azarão. O animal pisoteou o chão e tentou mordê-lo, mas, de algum modo, Hylas conseguiu soltá-lo sem embolar as rédeas. Então deixou Fumaça amarrado à biga. Um tapa nas nádegas fez com que ele saísse trovejando pela trilha mais larga, puxando a biga atrás de si. Com sorte os Corvos seguiriam a poeira e só se dariam conta da artimanha quando fosse tarde demais.

Rapidamente, Hylas montou em Azarão, e o cavalo ficou tão assustado que disparou. Ele já havia andado em burros, mas nunca a cavalo — e Azarão *odiava* ser cavalgado. Segurando grandes tufo de crina, Hylas se agarrou com ferocidade. Os juncos batiam em seu rosto, e o saco de comida, em suas costas. Azarão tentou arrancá-lo do lombo passando sob um salgueiro. Hylas se abaixou e bateu a bochecha na cernelha ossuda do cavalo.

Depois de uma batalha que pareceu interminável, Azarão parou com um solavanco e se recusou a seguir. Com um rosnado, Hylas desceu e conduziu o cavalo até a margem do rio para que bebesse água.

Os juncos formavam um sufocante túnel verde, e o canto dos grilos era tão alto que Hylas não conseguiria ouvir os Corvos se aproximarem. Estava preocupado com Telamon. *Vou despistá-los...* Como faria isso sem ser morto?

Quando viu Azarão mastigando férula comum, Hylas se deu conta de como estava faminto. Deixara as provisões de Telamon na biga, mas ainda tinha seu saco de comida. Pegou azeitonas e um pedaço de queijo, comeu um pouco e ofereceu um pedaço a Azarão. O cavalo abaixou as orelhas e mostrou os dentes.

Os flancos estavam escuros de suor e traziam várias cicatrizes negras e finas. Hylas também tinha cicatrizes dos espancamentos de Neleos.

— Pobre Azarão — disse.

O cavalo lhe dirigiu um olhar desconfiado.

Hylas colocou queijo e algumas azeitonas no chão. Azarão aspirou as azeitonas e pisou no queijo.

O menino chegou mais perto para fazer carinho no pescoço suado.

— Você não é tão ruim, né? Só não gosta que batam em você.

Azarão empinou, atacando com os cascos dianteiros. Hylas deu um salto para se desviar — as rédeas puxadas rapidamente de suas mãos —, e Azarão se lançou em direção aos juncos.

Hylas correu atrás do cavalo, mas Azarão já se fora.

Primeiro Issi e Xô, depois aquele cachorro, depois Telamon, e agora Azarão. Algum espírito maligno não queria que ele tivesse amigos.

— Pois *muito bem* — resmungou. — Vou sozinho.

Pelo restante do dia, seguiu o rio pelos sopés. Logo começou a detestar juncos. Eram cheios de segredos murmurantes e não permitiam que Hylas visse para onde estava indo — ou o que havia à frente.

Então ele chegou a uma fenda, o que era pior.

O Sol era um globo sangrento e ardente, afundando atrás das montanhas negras. As presas triplas do Monte Licas estavam assustadoramente distantes. Hylas se lembrou das trilhas que percorrera com Issi e Xô e do Pico Ancestral que ele e Telamon haviam se desafiado a escalar. Acima dos picos, o céu era de um cinza sinistro, e ele ouviu o rosnar de um trovão. O Pai dos Céus estava

moendo nuvens para fazer tempestade. Hylas imaginou Issi em meio ao vento e à chuva.

Até agora, nunca imaginara que *gostava* tanto assim de Issi; ela era apenas a irmãzinha chata, sempre perguntando coisas e se intrometendo. Pela primeira vez na vida, ele sentia sua falta.

Nas encostas mais baixas do Monte Licas, Hylas conseguiu distinguir uma minúscula luz vermelha. Seria Lapithos? Estariam iluminando os faróis? Estaria Telamon a salvo na fortificação do pai? Ou eram os Corvos queimando por completo o lugar?

Subitamente, Hylas teve a horrenda sensação de que nunca mais veria Issi nem Telamon.



— Roubou minha biga! — rugiu o pai de Telamon. — Aleijou meus cavalos! Eu já tenho problemas de sobra, você não precisa piorar a situação.

Telamon se encostou na parede para não cair. Sentia-se exausto e sabia que estava prestes a apanhar: o pai estava segurando o chicote de couro de boi. Telamon torcia apenas para que suportasse a surra sem fazer barulho.

O pior de tudo era que o pai havia descoberto a amizade secreta com Hylas. Um de seus pastores os tinha avistado na biga.

— *Mentiu* para mim — grunhiu o pai, caminhando feito um leão furioso. — Vem mentindo há *anos*! Isso é *honroso*?

— Não — murmurou Telamon.

— Então por quê?

Telamon respirou fundo.

— Ele é meu amigo.

— Ele é um forasteiro e um ladrão!

— Mas... *por que* estão atrás dos forasteiros? Não é justo!

— Não me venha dizer o que não é justo! — explodiu o pai. — Apenas me diga aonde ele foi!

Telamon ergueu a cabeça.

— Eu... eu não posso.

— Não pode ou não quer?

— Não quero.

O Potentado lhe dirigiu um olhar penetrante. Depois jogou as mãos para o alto com impaciência. Foi até a parede mais distante e se deixou cair no trono de mármore verde. De cada lado, leões pintados recebiam-no com rugidos silenciosos.

Exceto por Telamon e seu pai, o grande salão de Lapithos estava vazio. Cheirava a incenso velho e a ira. Até os camundongos nas vigas ficaram em silêncio. De vez em quando, o estalar de sandálias ecoava pelo pátio, mas ninguém ousava se aproximar. Thestor era um homem gentil, que raramente levantava a voz. Quando o fazia, havia motivo.

Telamon ficou diante do pai, do outro lado da imensa lareira central: um mar pulsante de brasas com dois passos de largura, resguardados por quatro pilares maciços e entalhados com zigue-zagues negros e amarelos, como vespas furiosas.

A lareira queimava havia gerações, sem jamais terem permitido que se apagasse. Era envolta por um círculo de chamas pintadas e, quando era pequeno, Telamon amava engatinhar em volta delas enquanto Thestor se sentava para beber com seus homens, as mulheres tagarelavam sobre seus bordados nas câmaras superiores, e os grandes cachorros abanavam os rabos preguiçosamente.

Telamon também adorava o piso e havia explorado cada um dos padrões vermelhos e verdes que mantinham afastados os espíritos malignos. Aqueles padrões agora rodopiavam diante de seus olhos de forma repugnante.

— Alguém arrume um banco para o menino antes que ele desmaie — berrou Thestor.

Um escravo entrou correndo, colocou um banco diante de Telamon e saiu rapidamente.

Por orgulho, ele ignorou o banco.

— Fiz o que precisava fazer.

O pai o fitou.

Era verdade. Telamon *havia* ajudado Hylas a escapar e *havia* despistado os guerreiros. Tinha até recuperado a biga — o que restara dela — junto com o pobre Fumaça, que fora encontrado desamparado sob uma tamargueira, com uma pedra no casco. Azarão continuava desaparecido. Telamon torcia para que isso significasse que Hylas seguia para o Mar.

— Por que eles estão atrás dos forasteiros? — repetiu.

— Por que ele é seu amigo? — revidou o pai. — Ele é mais importante que sua própria família?

— É óbvio que não!

— Então por quê?

Telamon mordeu o lábio. Talvez porque ele e Hylas fossem muito diferentes. Ele podia ficar dias remoendo um insulto, mas Hylas simplesmente não ligava para o que os outros pensavam dele; e por que deveria, já que todos se julgavam superiores? Hylas era implacável e independente, duas qualidades que Telamon, secretamente, temia não ter. E Hylas não tinha um pai em quem se espelhar.

Era impossível explicar a Thestor o que sentia.

Telamon observou o Potentado pousar os antebraços nos joelhos e esfregar o rosto. Sua túnica escarlate estava coberta de pó, e ele parecia cansado, preocupado.

O filho sentiu uma centelha de amor pelo pai e uma pontada de raiva por Hylas ter se colocado entre eles. Hylas era seu amigo, mas nunca entenderia que ser filho do Potentado significava ficar dividido entre amizade e sangue.

Hylas não sabia nada a respeito do mundo de Telamon. Nunca vira paredes pintadas às quais os Ancestrais arremessavam lanças contra javalis e conquistavam inimigos. Nunca vira portas reforçadas com bronze nem xícaras de mármore ou de ouro. Nunca vira escadas nem uma banheira. Nem fazia ideia de que, quando Telamon estava com ele, só levava sua segunda melhor faca, pois estaria se exibindo se levasse a de bronze.

O pai estava carrancudo e coçava a barba.

— As coisas estão piores do que você pensa — disse ele de repente. Depois soltou um suspiro. — Se você é camponês, pode passar a vida inteira sem nem ouvir o que se passa além da aldeia. Não é o nosso caso, Telamon. Somos líderes. — Sua expressão ficou ainda mais fechada. — Por anos mantive a Licônia protegida do que estava acontecendo em toda a Aqueia, mas agora veio isso. Não posso mais nos deixar afastados.

— O que você quer dizer? — perguntou Telamon.

Os olhos do pai encontraram os seus por um instante, depois se desviaram.

Telamon sentiu uma pontada de apreensão. Vira nos olhos do pai algo que jamais tinha visto antes. Medo.

— Pai, eu sinto muito — deixou escapar. — Seja lá o que esteja acontecendo, eu vou ajudá-lo!

Thestor se pôs de pé e sentiu o peso do chicote em sua mão. Então disse ao filho para deixar as costas nuas.

— Eu também sinto.



Quando a noite caiu, Hylas encontrou a canoa de um pescador amarrada à margem do rio. Bem melhor. Agora o rio poderia levá-lo até o Mar.

De bruços na canoa, ele remava com as mãos. Para seu alívio, não viu ninguém, embora uma vez tenha tido um vislumbre de fogueiras em meio aos juncos. Imaginou todos amontoados, dentro de casa, com os portões dos espíritos fechados para se protegerem dos Corvos. Mas haveria portões dos espíritos nas planícies? Nas montanhas, dizia-se que o povo da planície cultivava cevada negra e que não tinha o dedão do pé...

Em um impulso, pegou a adaga de bronze no saco de comida. Segurá-la fazia com que se sentisse mais forte. Estava escuro demais para fazer um estojo para ela, então cortou tiras de casca de salgueiro e as trançou em forma de cordão, depois amarrou a adaga à sua coxa, sob a túnica, onde ficaria escondido.

Com mais relutância, prendeu o cabelo do keftiano firmemente em seu cinto. Odiava tocar o cabelo do morto, mas, caso seu saco de comida caísse no rio com aquilo dentro, seria pior: teria um fantasma furioso em seu encalço.

Agarrado à beira da canoa, Hylas observou as trevas ao redor enquanto o rio gorgolejante o conduzia ao Mar.

O Mar vai lhe dar as respostas que procura, dissera o keftiano.

Hylas nunca vira o Mar, exceto por aquele borrão azul-acinzentado que observava das montanhas. Quando era menor, porém, Paria, a companheira de Neleos, gostava de assustá-lo com histórias de monstros das profundezas. Não tinha a menor vontade de chegar mais perto.

A noite avançou, e surgiram as criaturas selvagens. Uma víbora passou nadando, com a cabeça cônica reluzindo à luz da Lua. Na margem, uma leoa ergueu o focinho molhado para observá-lo passar. Nos juncos, viu o lampejo de um espírito d'água. Seus olhos eram prateados e inumanos, e o espírito olhou através dele, como se Hylas não existisse.

Que poder era aquele, pensou, que havia conseguido arrancá-lo das montanhas?

Até aquele momento, não havia pensado muito nos Grandes Deuses. Estavam distantes demais e não se importavam com pastores de cabras. E se tivesse ofendido um deles? O Pai dos Céus, ou o Tremeterra, ou a Senhora das Coisas Selvagens? Ou os imortais sombrios cujos verdadeiros nomes não podem ser ditos em voz alta: as Furiosas, que caçam aqueles que mataram os do próprio sangue; ou as Irmãs Cinzentas, que espreitam em sua caverna feito aranhas muito antigas, tecendo a vasta teia que contém um fio para cada criatura viva?

Qual deles decidira que Skiros tinha que morrer e ele, Hylas, viver?

E Issi?

Os vaga-lumes passaram piscando por ele, deixando rastros de ouro incandescente. Em um junco, avistou um sapo que havia comido tantos deles que a barriga brilhava verde.

Sapos eram os animais prediletos de Issi. Uma vez, Hylas capturara um sapo como aquele para ela e o colocara em uma jaula improvisada com gravetos. A

irmã ficara observando o animal até que ele parasse de brilhar, então o carregara com cuidado de volta ao rio e o libertara.

Ela estava sempre tentando fazer amizade com animais selvagens: com doninhas e texugos, e uma vez, sofrendo as consequências, com um porco-espinho. E Issi adorava Xô. Quando tinha quatro anos e Xô era um filhote, Hylas sempre a fazia rir gritando “Xô! Xô!” — e, em vez de ser espantado pelo barulho, Xô vinha correndo na direção deles, com as orelhas balançando e a língua de fora. Issi nunca se cansava daquilo. Batia palmas, gritando “Xô! Xô!”, até rolar de rir.

Pensar nela fez Hylas se sentir mais sozinho do que nunca.

Desde o instante em que Neleos os encontrara na Montanha, envoltos em pele de urso, haviam sido ele e Issi contra o mundo. Hylas tinha por volta de cinco anos; Issi, dois. O idoso havia tentado pegar a pele, e Hylas o mordera. Issi rira...



O Sol brilhando em seus olhos o acordou. A canoa estava presa em um banco de areia. A voz do rio havia mudado para um suspiro distante, como se fosse uma vasta criatura ressonando.

Saindo com dificuldade da canoa, Hylas se viu em uma baía de ofuscantes seixos brancos. O rio sumira. Diante dele brilhava a água de um azul assombroso que se estendia até o céu. As ondinhas de borda branca lhe cobriam os pés. A água era tão límpida que ele conseguia enxergar o fundo, onde as algas não eram verdes, mas sim *roxas*, e entre elas vislumbrou estranhas criaturinhas redondas que se eriçavam com cerdas negras, como porcos-espinhos aquáticos.

Inclinando-se, tocou a água com um dedo. Lambeu-o. Sentiu gosto de sal.

Eles sabem que você está a caminho, dissera o keftiano. *Estão procurando você por todo o seu mundo azul profundo...*

Hylas engoliu em seco.

Havia chegado ao Mar.



O golfinho estava inquieto.

Já havia algum tempo que estava com a sensação de que deveria fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. O estranho era que os outros não sentiam o mesmo.

Normalmente, se ele sentia algo, os outros também sentiam. Era nisto que consistia *ser* golfinho: nadar em meio a estalos, silvos e pensamentos golfinhescos — e muitas vezes não parecia que eles eram vários, mas sim *um* golfinho, todos saltando e mergulhando juntos.

Mas não naquele momento. Quando tentou contar aos outros, nenhum deles entendeu, nem mesmo sua mãe. Então decidiu deixá-los de lado um instante e ver se descobria por conta própria.

De início, ele se manteve na Borda, onde o Mar era barulhento e brilhante. Ouviu os gritos estridentes de gaivotas e o sibilar e o efervescer da espuma na praia. Passara veloz por uma floresta de algas porque gostava de sentir aquela comichão escorregadia e escutara o cardume de bremsas-do-mar usando o nariz para procurar vermes da areia no raso. Saltou para fora do Mar para dar uma olhada na ilha que surgia diante de si e, durante um bater de nadadeiras, chegou lá no Acima, onde os sons eram entrecortados, e o Sol era amarelo, e não verde. Fosse lá o que devesse estar fazendo, não era ali.

Caindo de volta no Mar, deixou o clamor inquietante da Borda e mergulhou rumo ao belo Vasto Azul, onde a luz era suave e fresca e onde ele podia escutar os próprios estalidos. Ouviu o arrastar de um polvo e ficou tentado a ir atrás

dele, pois polvos eram sua presa predileta e gostava de expulsá-los dos buracos com o focinho. A sensação de que precisava fazer algo, porém, cravou-se nele feito uma craca, e não o deixava.

À medida que nadava mais fundo, o Mar ficava mais escuro e gelado. Deu estalidos mais rápidos, ouvindo as rochas íngremes e incrustadas de coral. Tainhas fugiam dele em pânico, e garoupas alertavam umas às outras. O golfinho as ignorou. Nadou mais fundo, estalando cada vez mais rapidamente até alcançar o Vasto Azul, onde não enxergava nada, mas era capaz de escutar os picos e os vales e as criaturas cegas se movendo nas trevas. Ali o Mar ondeava pesado e lento, o que era um alívio depois da tempestuosa Borda. No entanto, o que quer que ele devesse encontrar, também não estava ali.

Ao voltar rapidamente para a Borda em busca de ar, o golfinho começou a se perguntar o que deveria fazer a seguir. Nunca demorava para tomar decisões, embora às vezes cometesse erros, e então, em um borrifar de água, soube o que fazer. Dizendo ao grupo que voltaria em breve, virou-lhes a cauda e partiu corajosamente rumo ao Mar aberto.

Durante um tempo, esteve ocupado em decifrar barulhos confusos e em experimentar as correntes. As ondulações ali eram maiores, e divertiu-se em subir e descer por dentro das ondas. Os silvos do bando estavam ficando mais fracos, mas ele nada temia; estava entusiasmado. Era o golfinho mais aventureiro do bando e adorava explorar.

Também gostava de conhecer outras criaturas, mesmo que a maior parte delas não compartilhasse aquele sentimento. Depois de várias tentativas frustradas, aprendera que águas-vivas queimavam e que caranguejos beliscavam, e que não valia a pena brincar com peixes, pois sempre se distraía e acabava comendo um deles. A melhor vez foi quando inventou uma brincadeira fantástica com uma foca, até ela se lembrar de que era uma foca e fugir nadando. A pior foi quando tentou fazer amizade com um golfinho fêmea de outro bando; ela lhe deu um golpe na barriga e depois mordeu seu nariz, o que doeu muito.

De repente ele ouviu um corpo grande e desajeitado chapinhando na Borda.

A princípio, pensou que fosse uma baleia, mas, quando se aproximou, ouviu que aquilo não tinha cauda e era feito de árvores. Humanos!

O golfinho gostava de humanos. Eram tão estranhos. Não tinham respiradouro e falavam com a boca; e, uma vez que não sabiam nadar de verdade, eles simplesmente chapinhavam na Borda. Também sentia pena deles, pois precisavam viver Acima, naqueles pequenos e terríveis pedaços de terra seca.

Mas os humanos também eram corajosos e quase tão inteligentes quanto os golfinhos; e o melhor de tudo era que, se você nadasse na frente de uma de suas pilhas de árvores flutuantes, ela empurrava o Mar em sua cauda, de forma que era possível nadar mais rápido sem fazer esforço. Era exatamente como pegar a onda que o nariz de uma baleia formava, mas sem o perigo de irritá-la.

Por um instante, o golfinho saltou alegremente, entrando e saindo das ondas e agitando as nadadeiras diante dos humanos, enquanto eles se debruçavam nas laterais, chamando-o. Embora não entendesse sua fala estranha e abafada, o golfinho sentiu que eram amigáveis e que ficaram felizes em vê-lo.

Ocorreu-lhe que estava se afastando demais de seu grupo e que deveria dar meia-volta; mas, naquele instante, percebeu que um ser entre os humanos não estava muito contente.

Não conseguia vê-la, pois estava escondida bem lá dentro, mas percebeu que já era crescida e que estava assustada e *furiosa*. Sentiu pena dela e quis ajudar, mas não sabia como.

De muito longe, o bando chamava seu nome-silvo.

O golfinho sentiu uma pontada de tristeza. Queria ficar com os humanos. Não havia encontrado o que procurava, mas sentiu, nas nadadeiras, que ainda estava esperando por ele — e que tinha algo a ver com os humanos.

O chamado do grupo foi mais forte.

Para dizer adeus, o golfinho saltou e agitou a cauda, enquanto os humanos acenavam para ele e exibiam os dentes.

Então ele mergulhou novamente no bonito Vasto Azul e disparou rumo ao grupo.



Pirra ouviu a água bater do outro lado do casco e imaginou o golfinho saltando de volta ao Mar. Ela sabia que era um golfinho porque havia escutado os marinheiros gritarem, embora não conseguisse vê-lo. Não tinha permissão.

Estava quente no porão, que fedia a amêndoas e vômito. Pirra não conseguia se mover. A carga estava amontoadada à sua volta, e o deque ficava a apenas um palmo de distância de sua cabeça.

Em pânico, sentiu a garganta se contrair. Inspirou profundamente, mas não o suficiente. Se o navio afundasse, ela se afogaria.

Não pense nisso. O Mar está tranquilo. Não vamos afundar.

Agarrada à sua pedra com gravuras entalhadas, Pirra ficou ouvindo as batidas do cordame e o ranger das tábuas. Estavam velejando havia muito, e o navio balançava nauseantemente de um lado para o outro. Ela havia vomitado em cima de um fardo de lençóis. Estava escuro demais para ter certeza, mas torcia para que fossem os melhores de sua mãe. Seria bem feito por terem-na trancado no porão.

Até ontem, Pirra nunca tinha visto o Mar, e, se dependesse da Sacerdotisa Suprema, ainda não o teria visto, pois, como parte do castigo, deveria estar vendada quando Userref a trouxera a bordo. Antes de jogá-la no porão, porém, ele desrespeitou as regras, desvendando os olhos dela para que desse uma espiada.

Pirra crescera com imagens do Mar. Estava pintado nas paredes de seu quarto: límpidas ondas azuis ziguezagueavam banhadas pela luz do Sol, e

golfinhos sorridentes farejavam, de forma ordenada, os peixinhos, enquanto polvos com grandes olhos, entre ouriços-do-mar e plantas enrugadas, moviam-se com dificuldade no fundo.

O Mar de verdade não era nada daquilo. Pirra nunca tinha imaginado que seria tão agitado e tão imenso.

A vida toda ouvira histórias sobre o mundo exterior, mas nunca havia estado lá. Crescera na Morada da Deusa: uma encosta inteira coberta de câmaras, pátios, depósitos, cozinhas e oficinas, por onde pessoas se amontoavam feito abelhas. Ela chamava aquilo de colmeia de pedra e nunca tivera permissão para sair de lá.

Não conseguia ver nada de seu quarto, que dava para uma passagem sombria, mas às vezes conseguia fugir de seus escravos e então corria pelo Grande Pátio e subia as escadas até a sacada mais alta. De lá, podia ver além dos bosques de oliveiras e dos vinhedos, do outro lado dos campos de cevada e florestas, até os picos gêmeos da grande Montanha do Tremeterra.

Quando tiver doze anos, dizia a si mesma, você vai embora. Vai conduzir uma biga, escalar a Montanha e ter um cachorro.

Saber disso tornara possível suportar. Yassassara prometera: aos doze anos, ela seria livre.

Na noite anterior a seu aniversário de doze anos, estava tão agitada que não conseguiu dormir.

Na manhã seguinte, descobriu a verdade.

— Mas você *prometeu*! — gritara com a mãe. — Você prometeu que eu seria *livre*!

— Não — respondeu Yassassara calmamente. — Prometi que a deixaria sair. E vou deixar. Hoje você sai da Morada da Deusa: para ir de navio até a Licônia se casar.

Pirra ficara furiosa, mordera e gritara — embora soubesse, no fundo do coração, que aquilo era inútil. A Sacerdotisa Suprema Yassassara era muito determinada. Governara Keftiu por dezessete anos e sacrificaria qualquer coisa para mantê-la próspera, até a filha única.

Por fim, a menina se calou. Em meio ao silêncio carrancudo, deixou a mãe vesti-la com linho roxo incrustado de ouro e, quando Userref entrou, ela o ignorou. Até ele, que era como um irmão mais velho, traíra Pirra. Fizera parte da mentira.

— Desculpe — disse ele, baixinho. — Não tinha autorização para lhe contar.

— Há quanto tempo você sabia? — perguntou ela sem olhar para ele.

— Desde a antepenúltima colheita.

— Há *dois anos*.

Ele não respondeu.

— Era por isso que você estava tão interessado em que aprendêssemos aqueiano — comentou ela com amargor. — Disse que seria divertido aprender com o velho da cabana do tecelão; que seria “uma distração”.

— Achei que ajudaria saber falar a língua deles.

— Você deixou que eu acreditasse que seria livre.

Franzindo a testa, ele alisou o kilt sobre os joelhos.

— Você precisava ansiar por algo — murmurou ele. — Todos precisamos. É o que nos mantém vivos.

— Mesmo que seja uma mentira?

— É. Mesmo assim.

Com frieza, Pirra o mandou embora, mas, depois que ele se fora, percebeu que Userref estivera falando de si mesmo. Tinha dez anos quando foi arrancado do Egito e vendido como escravo para a Morada da Deusa. Isso acontecera treze anos antes, mas ele nunca havia deixado de sonhar com a volta para casa.

Desconfortavelmente, Pirra mudou de posição no porão. Userref lhe dera um odre, ela lavara a maior parte do vômito; mas o cheiro estava impregnado em suas narinas, e Pirra ainda encontrava pedacinhos entre os dentes.

No escuro, distinguiu os presentes que seriam dados como dote ao Potentado da Licônia: jarros do tamanho de um adulto contendo vinho escuro e forte; fardos de lençóis suntuosamente tingidos; frascos de alabastro com óleo perfumado que exalava um odor de amêndoas; lingotes do crucial estanho. O

coração de Pirra palpitava furiosamente. Ela estava espremida entre aqueles objetos como se fizesse parte da carga.

A mãe sabia exatamente o que estava fazendo quando a puniu por ousar reclamar. Pirra estava espremida e humilhada, mas fora de perigo; e a mãe dera ordens para ancorarem longe das colônias costeiras quando chegassem à Licônia, para que Pirra pudesse sair e se banhar apropriadamente antes que o Potentado a visse.

Antes de partirem de Keftiu, Userref tentou tranquilizá-la.

— Eu também estarei lá — dissera ele. — Você não vai ficar sozinha.

Ela se agarrou àquilo, mas, quando pensava no futuro, não conseguia respirar.

Tudo o que sabia a respeito da Aqueia era que ficava muito ao norte de Keftiu e que era habitada por guerreiros selvagens nos quais não se podia confiar — e que os liconianos, viviam ao sul e eram um dos povos mais brutais da região. Os aqueianos não construíram as Moradas da Deusa e não eram governados por sacerdotisas; em vez disso, tinham Potentados com fortificações. Era onde Pirra ia morar, em uma fortificação. A mãe lhe havia dito que ela ficaria lá dentro pelo resto da vida e só deixaria o local quando fosse trazida a seu túmulo.

O pânico cresceu em sua garganta. De uma prisão de pedra para outra...

— Deixem-me sair! — berrou ela, socando as tábuas. — *Deixem-me sair!*

Ninguém veio.

Você não está aqui, disse a si mesma furiosamente. *Você não está no porão de um navio, você está lá fora, no céu com aquele falcão.*

Fechando os olhos com força, Pirra tentou voltar ao instante em que Userref retirou discretamente a venda e ela ficou no deque, piscando por causa da luz intensa.

A primeira impressão do Mar. As pombas brancas flutuando pela costa dourada, as velas verdes ondulando em um céu infinitamente azul.

Foi quando ela viu. Em um instante, estava esticando o pescoço em direção às nuvens — e, em seguida, escutou um som que parecia seda rasgando, e um

raio de escuridão se lançou do Sol.

Apavorada, ela assistiu àquilo arrebatrar as pombas, que se dispersaram, mas a coisa voava rápido demais e, em um piscar de olhos, atacou. Logo depois, suavizou o mergulho com uma curva graciosa e saiu voando, as asas batendo vagorosamente, com uma pomba morta pendurada em uma das garras.

— O que foi *aquilo*? — perguntou ela sem fôlego.

Userref fez uma reverência para o pontinho preto que sumia.

— *Heru* — murmurou ele, acidentalmente usando sua língua nativa. — Que viva por todo o tempo e por toda a eternidade.

— Ele saiu do Sol — balbuciou Pirra. — Onde... onde ele mora?

— Em qualquer lugar. Em todo lugar. É um falcão.

Viver onde quisesse. Ir aonde tivesse vontade...

— Nunca vi algo tão veloz — disse ela.

— E nunca verá. Os falcões são as criaturas mais velozes do mundo.

Jogada no porão, Pirra passou os dedos em sua pedra entalhada. Era uma ametista com a figura de um passarinho que ela achava ser um pardal; mas descobriu que, na verdade, era um falcão.

De repente, ela prendeu a respiração. Imaginou-se empoleirada como um falcão no mastro do navio — então abria as asas e saía voando.

Até aquele momento, Pirra nunca havia pensado em fugir. Acreditara na mentira da mãe: de que logo estaria livre. Mas e se... e se conseguisse escapar?

O entusiasmo cresceu dentro dela. Os pensamentos começaram a ganhar velocidade.

Mesmo que escapasse, nunca sobreviveria por conta própria em um lugar desconhecido; isso significava que precisaria voltar a Keftiu — e, para isso, teria que dar fim àquela união com o filho do Potentado liconiano.

Mas como?

Teve uma ideia. No Banquete da Cevada Verde, sua mãe encontrara uma rachadura em um dos vasos de oferenda.

— Livrem-se disso — dissera com total desdém, e um escravo pegou o vaso e o jogou por cima da amurada. Pirra subiu até a sacada superior e avistou-o caído em uma moita de papoulas. Ficara com inveja. Era defeituoso, mas conseguira escapar.

Naquela época, não pensara muito sobre o assunto. Mas agora...

Coisas avariadas não tinham valor na Morada da Deusa. Coisas avariadas eram jogadas fora.

Pirra foi afastada de seus planos por uma mudança no movimento do navio. Não estava mais balançando de um lado para o outro, mas sim flutuando para cima e para baixo. Ouviu homens chamando uns aos outros e rangidos altos; suspeitou de que fossem os remos sendo puxados para dentro do barco. De repente, as tábuas acima dela foram retiradas, e ela inspirou o ar salgado. Userref desceu para tirá-la de lá.

O Sol estava cegante. Ouviu o salpicar da arrebentação e o grasnar de um corvo.

— Nós estamos... aqui é a L-Licônia? — gaguejou.

O aperto de Userref em sua mão se intensificou.

— Seja corajosa, Pirra — disse ele. — Este é seu novo lar.



O corvo no espinheiro encarava Hylas com olhos brilhantes e pouco amigáveis.

— Vai embora — disse Hylas.

O corvo riu dele. No tempo que levava para limpar o suor do rosto, o animal podia voar toda a distância que Hylas demorara o dia inteiro para percorrer. A costa era um emaranhado de tojos amarelos e espinhentos, de matagal de aroeira, que emanava um cheiro lacrimejante de açafrão, e a luminosidade era impiedosa. Havia muito que esvaziara seu odre. O Mar debochava de Hylas: tanta água e nada para beber.

Estava furioso consigo mesmo por ter perdido a canoa. Deixara-a apenas alguns instantes para inspecionar a costa, mas, ao retornar, o Mar já a havia levado, carregando-a para fora de seu alcance, além das ondas. Desde então, ele vinha caminhando com dificuldade pelas pedras.

Vamos encontrar um barco e contornar a costa, dissera Telamon, *aí ancoramos do outro lado e seguimos de lá.*

Encontrar um barco? Como? Fora algumas cabanas de pastores nas encostas, não havia sinal de pessoas. E era o terceiro dia de Issi sozinha nas montanhas.

Mais uma vez o corvo riu. Hylas arremessou uma pedra. A ave se ergueu em direção ao céu e voou, decidida, como se levasse uma mensagem.

Hylas se arrependeu de ter atirado a pedra.



O navio monstruoso flutuava na baía. Era dez vezes maior do que qualquer barco que Hylas já vira. Tinha a proa em forma de bico com um grande olho amarelo que tudo via. Os remos projetavam-se de suas laterais como as pernas de uma enorme centopeia, e de suas costas crescia uma árvore com vastas asas verdes. Uma vez, Telamon mencionara que alguns navios tinham asas para voar sem vento, mas Hylas não havia acreditado.

Abaixo dele, na costa, homens armavam barracas e entravam na floresta de pinheiros dos arredores para procurar lenha. Não eram Corvos; eram keftianos. Assim como o jovem na tumba, eram imberbes e usavam kilts apertados na cintura, com espirais nas barras. As armas eram esplêndidos machados de duas faces feitas de bronze, lâminas gêmeas curvas como Luas crescentes que ficavam em lados opostos; mas eles haviam sido apoiados casualmente nas rochas, como se os keftianos pensassem que não precisariam das armas. Não sabiam dos Corvos? Não estavam com medo?

Hylas viu algo que fez seu coração disparar. Amarrado à popa do navio, havia um barquinho de madeira. Como um filhote grudado na mãe, ele balançava na água. Hylas conseguiria nadar até lá.

Quando a noite caiu, ele desceu a encosta até o arbusto entre as barracas e a floresta e acomodou-se para esperar.

Os keftianos haviam trazido animais; e Hylas os observou matarem e esfolarem uma ovelha. Enquanto ela chiava no espeto, eles tiraram as tripas de todos os peixes que pescaram e os pousaram sobre as brasas para que assassem, depois serviram vinho de jarras e misturaram-no com água, farinha de cevada tostada e farelo de queijo. Hylas logo sentiu o odor atordoante de ovelha assada e de gordura queimando.

As abas da barraca maior estremeceram, e uma mulher saiu — de repente, roubar o barco ficou muito mais difícil.

Não era uma mulher, mas uma sacerdotisa. Seu corpete verde e justo era confeccionado para mostrar os seios, e, no pescoço, ela usava um colar de pedras vermelho-sangue do tamanho de ovos de pombo. Sua saia, que ia até o tornozelo, era o Mar com uma sobreposição de ondas roxas e azuis e minúsculos

peixinhos reluzentes que brilhavam feito o Sol. Também eram douradas as cobras que se enroscavam em seus braços, e ela tinha cabelos negros e ondulados. As unhas afiadas eram amarelas como garras de águia, e seu rosto altivo era pintado de branco.

Mesmo a vinte passos, Hylas sentiu o poder que ela possuía. E agora? Roubar de uma sacerdotisa era a pior coisa que poderia fazer. Quem sabe quais maldições ela poderia lançar sobre ele?

Um escravo estendeu à sacerdotisa uma tigela de pedra tão fina que parecia cheia de luz. Entoando em sua estranha língua cheia de estalos, ela jogou um pouco de vinho ao fogo, encaminhou-se até a parte rasa e lançou nacos de gordura às ondas. Terminada a oferenda, seus homens se acomodaram para comer, mas ela permaneceu à beira da água, observando o Mar.

Um corvo se lançou sobre um pedaço de gordura na água rasa, depois passou planando por ela. A sacerdotisa o observava atentamente. Hylas teve a terrível sensação de que se tratava do mesmo corvo que vira mais cedo e que o animal estava lhe contando sobre ele.

Sem hesitar, ela olhou diretamente para seu esconderijo. Hylas ficou imóvel. O olhar sombrio da sacerdotisa se arrastou na direção dele, que sentiu o poder da determinação dela. Lutou para resistir ao impulso de se pôr de pé e se entregar.

Naquele instante, uma menina irrompeu da barraca e, furiosa, gritou algo em keftiano.

Todas as cabeças se voltaram para ela. Hylas expirou. O olhar da sacerdotisa se desviara.

A menina tinha os mesmos olhos negros e o mesmo cabelo ondulado, e ele supôs que fossem mãe e filha; mas, se a sacerdotisa lembrava uma bela águia, a filha era um passarinho jovem e magricela. Usava uma túnica roxa, com pedrinhas em forma de abelhas douradas, e tinha um olhar ameaçador. Enquanto caminhava arrogantemente por cima dos seixos, esbravejou algo incompreensível com a mãe.

Com uma palavra e um movimento de mão que representava um corte, a sacerdotisa a interrompeu. A menina continuou agitada, o ombro na altura das

orelhas. A sacerdotisa se voltou para o Mar. A menina havia sido derrotada.

Um jovem — um escravo? — se aproximou da menina e tocou seu braço, mas ela o dispensou com um aceno. Ele não parecia keftiano; Hylas não sabia o *que* o jovem era. Sua pele era de um marrom-avermelhado, e seus olhos, orlados de preto. Usava um kilt de linho cru, e o amuleto em seu peito continha um único olho. Assim como os keftianos, não tinha barba; porém, mais estranho que isso, sua cabeça lisa e amarronzada era totalmente careca.

Ele tocou mais uma vez o braço da menina e gesticulou em direção à tenda. A raiva pareceu se extinguir, e ela o acompanhou.

O vinho fez efeito e o acampamento começou a ficar barulhento; homens tropeçavam nos pinheiros, então voltavam ao fogo. A Lua surgiu. As coisas começaram a se acalmar, e as barracas ficaram escuras. Um único guarda permanecia perto da fogueira. Logo também estava roncando.

Prendendo a respiração, Hylas rastejou para passar pelas tendas e se abaixou atrás de uma rocha a poucos passos da fogueira. Agora a parte mais perigosa: a margem cheia de seixos. Queria que o luar não estivesse tão claro.

Estava prestes a agir quando uma figura sombria saiu discretamente da barraca da sacerdotisa e se moveu furtivamente na direção dele. Consternado, reconheceu a menina.

Saia daqui, resmungou a ela em sua mente.

Hylas congelou ao vê-la parar tão perto que ouviu o tinir dos braceletes dela. Não o viu. Quando ela chegou à fogueira, parou e ficou olhando para o fogo com a cara fechada. Os punhos estavam cerrados, e o corpo, tenso como a corda de um arco.

Por que ela está tão carrancuda?, pensou Hylas. Em algum lugar das montanhas, Issi lutava para sobreviver — e lá havia uma menininha rica que tinha *tudo*: escravos, roupas quentes, toda carne que quisesse. O que mais ela poderia querer?

De repente, a menina pegou um graveto do fogo. Assoprou a ponta para fazê-la brilhar vermelha. Encarou-o com intensidade alarmante, seu peito ossudo subindo e descendo. Hylas percebeu que as pedras da túnica dela não eram

abelhas, como havia pensado, mas sim pequenos machados duplos. Ela continuava a observar o graveto. Perguntou-se se ela estaria louca.

De repente, a menina inspirou — e pressionou o sinete incandescente na bochecha.

Com um grito, jogou o graveto longe. Hylas não conseguiu conter o susto. Ela notou a movimentação e o viu. Arregalou os olhos. Gritou. O guarda acordou, avistou Hylas e soltou um grito de alerta. Os homens irromperam das barracas.

Guerreiros surgiram na margem da floresta. *Corvos*. Para seu horror, Hylas percebeu que devia haver um acampamento lá: completamente no escuro, um acampamento silencioso de Corvos, do qual ele nunca suspeitara.

O primeiro guerreiro chegou à praia e o avistou. Viu o entalhe no lóbulo da orelha de Hylas. Gritou:

— É um *deles*!

Hylas tropeçou ao passar pela menina e pulou no Mar.

Afundou e emergiu sem fôlego. Ouvia gritos atrás de si, som de pés correndo. O saco de comida e o odre puxavam-no para baixo. Largou os dois. As flechas passaram por ele com um silvo. Hylas mergulhou na água e nadou às cegas em direção ao barco.

Sua mão bateu na madeira. De algum jeito, arrastou-se para dentro e desamarrou o barco, encontrou os remos e começou a remar, desajeitadamente, rumo à baía. Estava acostumado a remar em canoas leves de junco, mas aquela era bem mais pesada; resistia às ondulações como uma mula empacada.

Por cima do ombro, viu homens empurrando outro barco nas águas rasas — de onde aquilo havia surgido? Já estavam pulando e colocando os remos em posição. Bem à frente, um arqueiro se curvava para fazer mira. Hylas se abaixou. A flecha atingiu a lateral do barco e ficou ali, tremulante.

Remou até os músculos queimarem. *Idiota*, repreendeu a si mesmo. Os keftianos não tinham medo dos Corvos — *porque eles eram aliados*.

Enquanto se esforçava para navegar perto do volume escuro de um promontório, as ondulações ganharam força, e ele sentiu que puxavam o barco.

Então começou a se dirigir a um paredão branco de névoa, e, atrás dele, os gritos dos Corvos foram abruptamente abafados. O Mar o estava *ajudando*.

A esperança lhe deu força, e Hylas remou mais para dentro da neblina.

Parou para escutar.

Nenhuma voz. Nenhum som de remos batendo na água. Só o vaivém das ondas contra as laterais do barco e sua própria respiração rouca.

— *Obrigado* — murmurou para quaisquer que fossem os espíritos que pudessem estar escutando.

Remou até não conseguir mais. Como último esforço, puxou os remos para dentro e se encolheu no fundo do barco. A névoa umedecia a túnica que prendia, pegajosa, sua pele, e o Mar o ninava gentilmente no seio salgado e suspirante...

Hylas sabia que estava adormecido, mas ficou furioso com a louca menina keftiana por se intrometer em seu sonho. Sentada na praia, acenando com um graveto em brasa e debochando dele.

— Onde está minha irmã? — grita ele para ela.

— Ela se foi! — A menina o provoca em keftiano, que, de alguma forma, ele compreende. — Você foi pelo caminho errado, nunca mais vai encontrá-la!

O braço dela fica cada vez mais longo, e ela golpeia o barco com o graveto, fazendo um buraco. O Mar entra com força. A menina louca gargalha.

— O povo da barbatana pegou Issi... e agora também vai pegar você!

Hylas acordou sobressaltado.

A névoa havia se dissipado e o céu começava a clarear. O Mar ainda o ninava suavemente.

Confuso, sentou-se. Ao leste, o Sol estava acordando: a alvorada sangrava nos céus. A oeste...

A oeste, a terra havia sumido.

Em pânico, Hylas virou em direção ao norte — ao sul — ao leste — ao oeste.

A terra havia sumido.

Em volta dele não havia nada que não fosse Mar.



O Mar fazia um som diferente à noite. Pirra sentia que ele estava zombando de sua incapacidade de fugir do destino. Pensou que, se estragasse o próprio rosto, evitaria o casamento. Estava errada.

Sua bochecha era uma labareda de agonia. Ficou lembrando o momento em que havia feito aquilo. O cheiro de carne queimada. O menino selvagem observando-a do escuro. E tudo isso por nada.

— Pegue isto — disse Userref e se ajoelhou na entrada da barraca, estendendo tiras de linho fino e uma pequena tigela de alabastro com uma pasta verde. O manto estava úmido por causa da névoa, o couro cabeludo e o queixo, enegrecidos por prenúncios de pelos. O belo rosto estava duro de reprovação. Assim como todos os egípcios, ele acreditava que a beleza era uma dádiva dos deuses. Para Userref, o que ela havia feito era uma blasfêmia.

— O que tem na tigela? — perguntou Pirra.

— Um unguento, Estimada.

Estimada. Ele só a chamava assim quando estava irritado.

Sem dizer mais nada, Userref entregou a tigela a Pirra e então se sentou sobre os calcanhares. Ela enfiou o dedo na substância lamacenta. Passou-a na bochecha. Sentiu queimar. Forçou-se a não chorar.

— Você está fazendo errado — murmurou ele. Arrancando a tigela, embebeu uma tira de linho no unguento, pôs a cabeça dela de lado e estendeu o pano úmido na queimadura. Pirra cerrou os dentes com tanta força que doeu.

O rosto de Userref ficou ainda mais sombrio.

— Vai ficar uma cicatriz.

— Era a intenção — respondeu ela.

— *Por quê?* Por que fazer algo assim?

— Achei que ninguém ia querer uma menina com o rosto destruído. Achei que me mandariam de volta e, no caminho, eu poderia fugir.

— Ora! Quantas vezes eu já repeti? Você não pode lutar contra sua mãe! Nunca vai vencer!

Pirra não respondeu.

A mãe não demonstrara emoção alguma diante do que a menina havia feito. Calmamente, avaliara o rosto da filha. Então, disse:

— Você sabe que isso não muda nada.

— Eu não estaria tão certa — retrucou Pirra. — Os liconianos vão olhar para mim e dizer não.

— Não, não vão. Não podem. Keftiu é forte demais. Você vai para Lapithos, conforme o combinado. Tudo o que conseguiu foi se transformar em uma criatura que ninguém vai querer olhar.

Userref prendeu o curativo no lugar com uma faixa de linho amarrada sob o queixo dela.

— Pronto. É o melhor que posso fazer.

Para mantê-lo falando, Pirra perguntou o que havia no unguento, e ele falou que era suco de papoula, hena e um pouco de *wadju*.

Aquilo a deixou um pouco mais animada. Ele não estava tão irritado com ela se usara um pouco de seu *wadju*. Era uma rocha especial, triturada até ficar bem fina, e para Userref era preciosa por ter o mesmo verde intenso da face de seu deus. Ele a utilizava como um remédio poderoso e, quando estava com saudades de casa, passava um pouco nas pálpebras para sonhar com o Egito.

As vozes dos homens flutuavam através do nevoeiro, e Pirra lhe perguntou o que estava acontecendo.

— São os Corvos voltando — disse ele. — Perderam o menino no nevoeiro.

— Quem era ele, afinal, e por que estavam atrás dele?

— Disseram que era só um pastor de cabras. Dizem que tentou matar o filho do Potentado.

— “Dizem”?

Seus lábios se curvaram.

— Você sabe que nunca acredito no que dizem os estrangeiros; só acredito em egípcios.

Era uma velha piada entre os dois. Ela teria sorrido se não doesse tanto.

— Dois barcos de pesca também chegaram — acrescentou ele. — Estavam com medo dos Corvos, mas se acalmaram depois que compramos todo o pescado deles. — Fez sinal de que ia embora, mas ela o segurou.

— Userref? Você vai continuar comigo, não vai? Quer dizer, na fortificação do Potentado?

Algo na hesitação dele fez com que ela gelasse.

— Era para eu acompanhá-la — disse carinhosamente. — Mas aí você fez isso no rosto, e agora sua mãe diz que eu devo deixá-la e retornar a Keftiu.

Um abismo negro se abriu diante dela.

— Mas... eu não posso ficar sem você.

— A decisão não é minha, Pirra. Você sabe muito bem.

— Mas... *por quê?*

— Eu já disse. Ela quer puni-la por você ter estragado seu rosto. Ela sabe que isso lhe causará mais dor.

— Não! — Pirra agarrou o braço dele. — Não, ela não pode fazer isso!

— Sinto muito, pequena. Eu... eu disse que poderia cuidar de você, mas não posso.

— Userref!

Ele já havia saído.

Pirra, agarrando os joelhos, encolheu-se no escuro. Sentia-se vazia e enjoada. Desde que conseguia se lembrar, Userref havia cuidado dela. Sua primeira memória era de andar cambaleando sobre um muro alto, e ele a tirando de lá antes que caísse. Ele pegava lagartos para ela brincar e lhe contava histórias de

seus deuses com cabeça de bichos. Era mais do que um escravo. Era o irmão mais velho que Pirra nunca tivera.

As paredes da barraca a oprimiam. Não conseguia respirar. Sem parar para vestir as sandálias, saiu correndo no escuro.

O nevoeiro entrou na garganta, e as pedras cortavam seus pés. Ela esbarrou em figuras sombrias que vestiam mantos longos e negros. Eles a ignoraram, seguindo em direção ao acampamento entre os pinheiros.

Pirra odiava os Corvos. Havia surgido da floresta quando o navio ancorou, como corvos de verdade se lançando sobre uma carcaça. *Disseram* que haviam sido enviados pelo Potentado liconiano, mas Pirra não acreditou. Aqueles guerreiros de rosto severo, com sinistras flechas de obsidiana, não haviam sido enviados por ninguém. Ela estivera rodeada por forças poderosas durante toda a vida e conhecia o cheiro do mal. Nos Corvos, sentia tanta escuridão que se arrepiava.

Em meio à escuridão, Pirra avistou uma canoa bem velha puxada para cima dos seixos da margem. Percebeu que havia chegado ao fim da baía.

Próximo ao barco, um homem estava sentado remendando uma rede à luz de uma lamparina fumacenta à base de óleo de peixe. Ele fedia como um monte de estrume, e sua túnica era a mais imunda que Pirra já tinha visto. A barba desgrenhada tinha crostas de ranho.

Ela ficou observando-o, e ele lhe lançou um olhar remelento. Então o olhar desceu até os braceletes dourados que ela trazia nos pulsos.

No alto dos montes, um pássaro piou. *Qui-auu, qui-auu.*

Pirra reconheceu o som. Userref era bom em repetir pios de pássaros e já havia imitado aquele porque ela queria conhecer o grito de um falcão.

De repente, ela soube. O falcão a estava chamando. Dizia que aquela era a oportunidade.

Deslizando um dos braceletes para fora do pulso, ergueu-o em direção ao pescador — e apontou para o Mar.



Telamon apressou o passo, enquanto o falcão rodopiava acima. Voara do sul. Torcia para que isso significasse que Hylas havia alcançado o Mar.

Ainda estava dolorido por causa da surra da noite anterior, e o saco de comida se chocava com os machucados em suas costas. A cabeça girava. Depois da surra, o pai conversara com ele tarde da noite.

— É hora de você fazer sua parte — dissera o pai, cruelmente. Descobriu que aquilo significava se casar com uma menina keftiana do outro lado do Mar e suportar o fardo de ser quem ele era. O pai falara do Potentado e por que tentara deixar a Licônia à parte do que acontecia no restante da Aqueia. Depois disso, Telamon ficou deitado, sentindo-se em um pesadelo do qual não conseguia acordar. Quando não conseguiu mais suportar, saiu escondido da fortificação e fugiu. Tentou não imaginar o rosto do pai ao descobrir que o filho tinha ido embora.

Telamon pegara o caminho mais curto para subir a Montanha e, por volta do meio-dia, chegou ao topo da passagem. Correu até a pedra onde ele, Hylas e Issi às vezes deixavam mensagens. Havia um seixo na cavidade secreta, com um desenho riscado a carvão: um sapo saltitante. Telamon mordeu o lábio. Era algo que Issi havia deixado para Hylas, a fim de lhe dizer que ainda estava viva? Ou Hylas teria deixado para ela? Ou algum deles havia deixado para *ele*, para dizer... o quê?

Rapidamente vasculhou o chão em busca de pegadas, ciente de que devia ter feito isso antes de ter pisoteado tudo. Hylas não cometeria um erro como aquele.

Hylas sabia tudo sobre seguir pegadas: conseguiria seguir as pegadas de um fantasma em cima de uma pedra.

No primeiro momento em que viu Hylas, Telamon quis que ele fosse seu amigo. Quatro invernos antes, ele estava caçando com o pai. Enquanto atravessavam a aldeia, viram alguns meninos atirando pedras em uma garotinha que vestia um manto encardido de pele de texugo e, embora tivessem o dobro do tamanho dela, a menina erguia um graveto para se defender. Então outro menino surgiu da floresta, uma figura desarrumada, com uma capa suja de pele de lebre e botas de couro cru cobertas de lama. Puxando a menina pelo cinto, ele encarou os valentões e disse:

— Se tocarem nela de novo, quebro a perna de vocês. — Os meninos debocharam dele... e ele continuou os encarando. Só os encarando. Ao perceberem que ele falava a sério, os valentões fugiram.

Acima de tudo, Telamon ficara com inveja daquele menino. Os valentões da aldeia entenderam na hora que Hylas cumpriria a ameaça. Telamon temeu que, se fosse com ele, os valentões o fariam provar, e seria um fracasso.

Próximo à pedra que era ponto de encontro, ele viu várias pegadas de Issi e uma do irmão. Houvera uma tempestade à noite e, pelas marcas, suspeitou de que Hylas estivera lá antes, e Issi, depois.

A trilha da menina levava a oeste, em direção aos pântanos da Messênia. De onde olhava, Telamon conseguia apenas diferenciá-los ao longe, e, mais à frente, o borrão cinza-azulado do Mar. Talvez conseguisse alcançá-la e, juntos, encontrariam Hylas, que viria em busca dos dois. Que grande reencontro seria...

Estava prestes a partir na direção oeste quando viu a velha se agachando sob o pinheiro.

Ela estava de cócoras, com a carne volumosa trepidando enquanto se balançava sobre os tornozelos. Telamon a conhecia. Todos a conheciam. Imediatamente se pôs de guarda.

Deveria saber que Paria não seria dissuadida de perambular pela Montanha. Que importância ela daria aos guerreiros? Era companheira de Neleos e a sábia da aldeia; conseguia ler as vontades dos deuses nas cinzas da fogueira ou no

farfalhar das folhas e era versada em maldições e feitiços. Ninguém queria perturbar uma sábia, nem mesmo os guerreiros da Casa de Koronos.

— Está longe de casa, jovem mestre — disse ela, exibindo uma ruína fétida de dentes negros.

— Você também, Anciã — disse ele cuidadosamente. Aproximando-se, sentiu o fedor rançoso de urina e viu piolhos caminhando pelas dobras da túnica.

— Aonde pretende ir? — perguntou ela com uma reverência servil.

Ele enrubesceu. Ambos sabiam que sua subserviência era, além de uma hipocrisia, uma forma de zombaria. Paria sabia que Telamon estava com medo.

Com uma risada que soava enferrujada, ela tocou o tronco do pinheiro.

— Paria veio ouvir o que seu oráculo tem a dizer. Mas você, jovem mestre, você está indo na direção errada. O Potentado quer você em Lapithos.

Ele se enfureceu.

— Você não tem como saber o que meu pai quer.

— Ah, mas Paria sabe mais sem que seja dito. Coisas ruins acontecem em Lapithos. Thestor quer seu filho.

Telamon hesitou. Deveria seguir Issi a oeste ou voltar para casa?

— Leia as folhas — pediu ele à sábia. — Diga-me por que caminho devo seguir.

Do meio dos seios pendentes, Paria puxou uma pequena bolsa de pele de ave. Sacudindo a areia de dentro e colocando na palma da mão, ela a espalhou pelas raízes da árvore.

— Ossos — informou Paria com uma risada. — Ossos bem moídos para alimentar minha árvore. Os ricos pagam para perguntar ao vidente enquanto os pobres pagam a Paria para ouvir a árvore; mas é o mesmo deus que fala por meio de ambos.

— Se você quer um pagamento — disse Telamon sem paciência —, terá que esperar.

Ela o olhou atravessado.

— Paria é paciente. Sabe que o jovem mestre vai pagar.

Do nada, um vento se ergueu e sussurrou no pinheiro, e Paria virou a cabeça para ouvir, fixa em Telamon com seus olhos de besouro negro. Ele queria desviar o olhar, mas não conseguia. O suor escorreu entre suas escápulas e ardeu nos machucados das costas. Ele sentiu que ela sondava os recônditos escuros de sua alma.

Enfim falou.

— Os caminhos do homem são emaranhados como raízes. Tal qual seu coração, jovem mestre. É isso que diz minha árvore.

— I-isso não é resposta — gaguejou Telamon.

Mais um sorriso fétido.

— Mas é a verdade.

— Não pedi uma charada — gritou ele furiosamente.

Paria gargalhou e voltou a alimentar a árvore.

Telamon andou para cima e para baixo, arrancando espinhos com um graveto. Precisava descobrir onde estava Issi e encontrar Hylas do outro lado das montanhas — mas o pai precisava dele em Lapithos. *Coisas ruins acontecem...*

Jogou fora o graveto. Seus amigos precisavam mais dele.

Com um breve aceno para a sábia, Telamon jogou o saco de comida nos ombros e partiu rumo a oeste, em direção ao Mar.



A ave marinha esteve seguindo o barco toda a manhã, olhando para Hylas como se dissesse: *O quê? Ainda está vivo?* Havia desistido de tentar acertá-la com o remo. Sempre errava.

Ele vinha remando rumo ao norte, mas o Mar continuava carregando-o para o sul. E ainda não havia sinal de terra. O Sol queimava seus ombros e fazia a cabeça latejar. O braço ferido ardia com o sal. Hylas estava com tanta sede que não conseguia engolir — e estava *faminto*. Lembrou-se com saudade do saco de comida, deixado para trás na costa.

Havia vasculhado o horizonte atrás de navios até os olhos arderem, mas nada apareceu, embora sempre avistasse velas ao longe que acabavam sendo ondas. E ainda sabia que os Corvos viriam atrás dele. Eram incansáveis. Eram as Furiosas em forma humana.

Quando a sede se tornou insuportável, Hylas levou a mão ao Mar e bebeu daquela água. Teve ânsias de vômito. Urinou no barco e provou um pouco, mas o gosto era tão ruim que cuspiu.

Ainda tinha a adaga de bronze amarrada à coxa, mas não vira um único peixe; só algumas criaturas bizarras, transparentes, sem olhos, que flutuavam como véus pulsantes. Pegou uma, mas ardia mais do que urtiga. Jogou de volta.

Então teve uma ideia. O cordão de casca de salgueiro secara apertado em sua coxa, mas ele conseguira desatar os nós e libertar a adaga. Cortando uma tira da barra de sua túnica, embebeu-a no Mar e a envolveu na cabeça. O tecido úmido

era gloriosamente gelado. *Muito* melhor. Jogou água em si mesmo, encharcando a túnica. Como não havia pensado nisso antes?

A adaga de bronze brilhava intensamente ao Sol e, pela primeira vez, notou que havia uma marca entalhada no cabo: um círculo cortado em quatro. Ficou pensando no significado daquilo.

Vislumbrou o próprio rosto na lâmina. Parecia esquelético e determinado. Isso fez com que se sentisse mais forte. *Havia* coisas que ele podia fazer — e a adaga o ajudaria.

Arrancou mais uma tira de sua túnica, cortou duas fendas e amarrou em volta dos olhos. Finalmente o Sol ofuscante ficou tolerável.

Em seguida, pegou o cordão feito do salgueiro e amarrou a adaga ao cabo do remo. Pronto. Uma bela e robusta lança. Era bem mais pesada que uma lança de verdade; quando a sentiu nas mãos, a lâmina brilhou, e o coração de Hylas se inflou de orgulho.

Ele *não estava sozinho*. Não enquanto tivesse sua adaga.



Achou que a lança lhe traria sorte, mas, no meio da tarde, ainda não tinha visto nenhum peixe; e a ave se fora. Manchas negras nadavam diante de seus olhos. Estava com tanta fome que chegava a doer.

Nunca imaginara que o Mar pudesse ser tão vasto e estranho. Não tinha cheiro, abrigo, trilhas. Olhou para o pó vermelho sob as unhas: o último resquício das montanhas. Perdeu o ânimo. Xô estava morto. Telamon e Issi estavam longe. Ele estava perdido na imensidão da água.

Inclinando-se na lateral, espiou as profundezas. Perto da costa, o Mar era de um azul iluminado, mas lá era quase negro. Não conseguia ver o fundo. Será que *tinha* fundo?

Lá longe, no escuro, algo veloz passou.

Hylas se agarrou à lateral do barco. Sabia que o Mar era cheio de terrores. Paria contava histórias de monstros com muitos membros que agarravam barcos

e os puxavam até a perdição; de peixes gigantes comedores de homens, com dentes afiados como lâminas...

De repente, ele percebeu como devia parecer se visto de baixo, espremido em sua frágil carapaça, esperando para ser devorado.

Um respingo atrás dele. Virou.

O Mar estava calmo, com exceção de uma trilha de espuma balançando na água.

Mais um respingo, desta vez à frente.

Ele viu um peixe pulando bem acima das ondas. Pelo menos parecia um peixe — *mas tinha asas*.

Boquiaberto, Hylas observou-o deslizar no ar e cair de volta na superfície, remexer a cauda e saltar de novo, esticando as estranhas asas espinhosas em mais um arco ascendente.

Os peixes que voam... A voz do keftiano ecoou em sua cabeça. Lembrava-o de... do quê? Tinha a sensação incômoda de que havia se esquecido de fazer algo.

Não tinha tempo para pensar naquilo, as ondas estavam tomadas de peixes voadores: saltando, agitando o Mar e tornando-o branco ao caírem, voarem e caírem mais uma vez.

Agarrando a lança com as duas mãos, Hylas arremessou, errou e quase caiu na água.

Então avistou um animal conhecido: não um peixe, mas uma tartaruga nadando lentamente à sombra do barco. Golpeou-a. Isso! A adaga atingiu o ventre mole. Inclinou-se para enfiá-la mais fundo...

Caiu.

E continuou a queda no Mar verde e gelado. O Mar que rugia em seus ouvidos, girando-o em uma rede de bolhas até não conseguir distinguir o que era em cima e o que era embaixo. *Agarre-se à lança, não a deixe escapar!*

Batendo as pernas para se dirigir à luz, Hylas irrompeu na superfície.

O barco se fora. Ao seu redor, só via ondas.

As ondulações ergueram-no, depois o puxaram de volta para baixo da água. Tossindo e engolindo ar, ele orou à Senhora das Coisas Selvagens e ao Tremeterra, o grande deus que governa o Mar.

O Mar sustentou-o no alto novamente, e Hylas teve um vislumbre impreciso do barco, assustadoramente longe.

Agarrando a lança com uma das mãos, lutou contra as ondas. Só havia nadado em lagos rasos e rios; lá era muito mais difícil. Então a vaga o sugou para baixo mais uma vez — e chocou-o contra o barco.

Cuspindo água do Mar, arrastou-se pela lateral. Içou a lança para dentro depois de entrar e ficou deitado, ofegante de alívio, observando o Sol. Deu uma risada nervosa.

A tartaruga ainda estava se debatendo debilmente na ponta da adaga. Hylas agradeceu-a rapidamente por lhe dar seu corpo e acabou com a agonia dela, torcendo-lhe o pescoço. Então desamarrou a adaga do remo, cortou a garganta da criatura e bebeu seu sangue.

Enquanto vivesse, nunca se esqueceria da doçura salgada fluindo em sua garganta; a frieza ao esmagar os glóbulos oculares da tartaruga, que estouraram como uvas em sua língua; a carne maravilhosamente fria e úmida.

Agora se sentia muito mais seguro. Com ou sem Corvos, ele sobreviveria.

Cortando o restante da carne, deixou-a secar, depois raspou a casca até ficar limpa, roendo cada fragmento de carne. Havia perdido seus protetores de cabeça no Mar, mas a casca serviria para substituir; e poderia usá-la como balde para tirar a água que ficava se juntando no fundo do barco.

Quando terminou, limpou a adaga e lhe agradeceu.

— Nós combinamos — disse a ela. O bronze reluziu em resposta. Sentiu-se orgulhoso por a adaga tê-lo encontrado e a mais ninguém.

Bronze. Nunca pensara muito sobre o assunto, mas agora estava impressionado com sua magia: aquela pedra que não era pedra, que nascia da terra e do fogo e que possuía o poder de ambos; que nunca envelhecia...

Hylas se esquecera de fazer uma oferenda.

Arremessando a cabeça da tartaruga para fora do barco, a fim de que seu espírito pudesse nadar e encontrar um novo corpo, amarrou duas das patas em um embrulho com um pedaço das tripas. Então, murmurando um agradecimento sincero ao Tremeterra e à Senhora das Coisas Selvagens, ergueu a oferenda na lateral do barco e a deixou cair no Mar.

Uma mandíbula gigante se ergueu das profundezas e a engoliu.



Hylas ouviu o marulhar suave da água. Viu ondinhas se agitarem onde antes estivera o monstro.

Mandíbulas maiores do que o barco. Dentes afiados como presas de javali. Se ele tivesse puxado a mão um instante depois, a criatura teria arrancado seu braço.

E aquela coisa estava em algum lugar abaixo dele.

Sem ousar tocar as laterais, inclinou-se.

Brilho do Sol e sombras. A coisa poderia estar em qualquer lugar. Imaginou-a deslizando pela água verde — água na qual ele mesmo acabara de nadar.

Agarrou a lança; ocorre que aquilo não era uma lança, mas sim um remo: ele desamarrara a adaga para cortar a tartaruga. Agarrou a adaga e então a deixou cair com um estrépito. Atrapalhou-se para amarrá-la ao remo. Vamos lá, vamos lá.

Enfim estava pronto. Agarrando a lança, vasculhou o Mar.

Cada onda, cada porção de água enegrecida movimentada pelo vento se tornava o monstro. Avistou uma sombra veloz que deslizava em sua direção...

A gaivota soltou um grito, e sua sombra desapareceu gradualmente enquanto voava mais alto.

Hylas se deixou cair de alívio. Tremendo, tirou o chapéu de casca de tartaruga e limpou o suor do rosto.

Era só uma gaivota, disse a si mesmo enquanto arrumava a casca mais firmemente na cabeça.

Ficou imóvel.

O monstro estava logo abaixo da superfície, do outro lado do barco.

Em um aterrorizante piscar de olhos, Hylas viu a barbatana pontuda e as presas em forma de foice. O misterioso olho negro.

Uma vez, Paria lhe dissera que havia duas tribos de peixes gigantes no Mar: golfinhos e tubarões. *Se algum dia encontrar uma delas*, dissera ela, *é melhor rezar para que seja golfinho. Golfinhos são sagrados e não comem pessoas. Tubarões comem.* Hylas perguntou como poderia distingui-los, e Paria gargalhara. *Tubarões nunca sorriem, e sua pele é áspera como granito. Mas, se chegar perto o suficiente para ver tudo isso, já será tarde demais.*

Hylas não precisou tocar a pele dura para ter certeza de que era um tubarão. Nenhum caçador que Hylas vira nas montanhas — nem leão nem urso nem lobo — tinha aquele olhar. Era um olhar sem luz. Um fosso aberto no Caos: no vazio que até os deuses temem trilhar.

Com uma facilidade insolente, o tubarão flexionou imensa cauda e deslizou embaixo do barco.

Hylas esperou.

O tubarão não ressurgiu. Podia estar em qualquer lugar.

O vento diminuiu até se aquietar. O calor aumentou de modo opressivo. O céu era de um amarelo sombrio, escurecendo até virar cinza no ponto em que tocava o Mar.

Alguma coisa se chocou contra o barco; apenas forte o suficiente para fazê-lo balançar. Hylas reposicionou as mãos úmidas na lança.

Preguiçosamente, o tubarão bateu sua cauda e saiu nadando. Hylas viu o ondular das guelras e a barbatana cinza cortando as ondas.

Com velocidade alarmante, o animal deu a volta e foi de novo na direção de Hylas.

Firmando as pernas, ele preparou a lança.

O tubarão nadou mais perto. Hylas puxou a lança para trás e lançou-a na cabeça do animal, que se contorceu, quase arrancando a arma de suas mãos. Hylas arrancou a lança com um puxão que quase o arremessou do barco e que

fez seu chapéu de tartaruga voar. O tubarão nadou por debaixo do barco e agarrou o casco com a mandíbula. Sacudindo a imensa cabeça de um lado para o outro, destroçou o casco, estilhaçando-o como se fosse tão fácil quanto uma canoa feita de casca de bétula. Então mergulhou, deixando pedaços espalhados e boiando na espuma.

Banhado em suor, Hylas abaixou a lança. Ainda sentia o temível poder de quando o tubarão se libertara da lança, mas na água não encontrou a coloração vermelha. Não conseguira sequer fazê-lo sangrar. Nenhuma faca — nem mesmo uma adaga de bronze — poderia matar tal monstro.

E ele voltaria.



O Sol se afundou nas ondas, e o tubarão continuou a rondá-lo. Hylas temia a chegada da escuridão.

Então, ao sul distante, avistou algo que reavivou sua esperança: uma forma negra e irregular que se projetava da beira do Mar. Cobriu os olhos com a mão. Não era um navio. Era terra.

Começou a remar — desajeitado, já que a adaga ainda estava amarrada a um dos remos. Com o canto do olho, viu a barbatana cinza seguindo-o. Não tinha como ir mais depressa que ela, mas se conseguisse seguir até chegar a terra...

O vento aumentou, empurrando-o para a frente. O Mar estava ajudando, carregando-o na direção da terra.

O tubarão se mantinha ao lado do barco, às vezes se afastando, às vezes chegando mais perto, mas sem atacar — como se, pensou Hylas inquietantemente, estivesse esperando por algo.

Notou que as ondulações estavam ficando maiores e que as ondas tinham uma orla de espuma branca. O barco estava balançando mais fortemente, a água esguichava por cima das laterais. Teve que soltar os remos várias vezes para retirar água com as mãos.

Sentindo um aperto gelado de terror, percebeu o que o tubarão aguardava. Ao norte, o céu estava negro. O tubarão não precisaria atacar o barco. Havia uma

tempestade a caminho. Seu barquinho não seria páreo para ela. A tempestade o lançaria ao Mar.

O vento se tornou mais forte rapidamente. Logo estava rasgando sua túnica com garras invisíveis, fazendo o cabelo chicotear no rosto. O barco saltava como um touro bravo. Hylas lutou para continuar dentro do barco e ainda manter os remos seguros.

Passou por sua mente que ele não poderia fazer as duas coisas. Se a adaga ficasse amarrada ao remo, estaria fadada a cair na água; mas, se a desamarrasse, teria mais dificuldade do que tinha para se defender do tubarão. Ele *precisava* ficar com a adaga. Além disso, como uma lança poderia ser útil durante uma tempestade?

Firmando as pernas nas laterais do barco, Hylas se esforçou para desatar os nós. Freneticamente, amarrou uma ponta do cordão em torno da guarda da adaga e a outra ponta no pulso. Mal havia acabado quando o Mar ergueu o nariz do barco para fora da água e o jogou com uma pancada de tremer os ossos, que fez os dois remos voarem longe. Hylas se agarrou ao barco desesperadamente.

Com o estrondo ensurdecador de um trovão, a tempestade irrompeu, e a chuva desabou sobre ele. Em um piscar de olhos, Hylas estava encharcado. O Pai dos Céus enfrentava o Tremeterra, com ele surpreendido entre os dois. Ondas tão altas quanto árvores lançavam suas garras em direção às nuvens, o vento gritava sua fúria ao atacar brutalmente o Mar, do qual arrancava enormes borrifos e dolorosas lâminas de água, e as arremessava em direção ao céu.

Mais uma vez, o Mar jogou o barco totalmente para fora da água e o derrubou, mas daquela vez o céu sumiu. Hylas estava na escuridão — estava *dentro* de uma onda tão grande quanto uma montanha. Com força implacável, ela carregou o barco até colocá-lo em sua crista, segurou-o lá; Hylas estava encarando um abismo. Então lançou o barco para baixo, que mergulhava cada vez mais rápido, correndo em direção a uma parede de água negra...

O barco se chocou contra a tal parede, quebrando-se como casca de ovo.



Sem vento. Sem ondas. Hylas flutuou sob as estrelas no calmo, negro e sussurrante Mar.

Estava com frio. Fazia tanto tempo que estava na água que a pele se encontrava enrugada e descascando. Não conseguia acreditar totalmente que ainda estava vivo.

A adaga o salvara. Durante a tempestade, a corda prendera em uma tábua do barco estilhaçado e, como a outra ponta estava amarrada a seu pulso, isso o manteve flutuando. A tábua era comprida o suficiente apenas para que ele se deitasse, e foi o que fez por vezes, remando com mãos, pés e adaga; mas odiava não conseguir enxergar atrás de si, de forma que preferiu ficar montado na tábua, com uma perna para cada lado. Apenas quando as pernas penduradas pareciam um alvo fácil, ele deitava de bruços novamente.

De qualquer forma, fazia uma eternidade que estava remando, e a terra à beira do Mar não parecia se aproximar nem um pouco.

A adaga de bronze reluzia sob a luz da Lua minguante. Era o que lhe fazia companhia, mas não podia fazê-lo se sentir seguro. Não via o tubarão desde antes da tempestade, mas sabia que estava por ali.

Hylas estava exausto, mas não ousava parar de remar, pois poderia cair no sono e ser pego pelo tubarão...

Algo roçou seu pé. Ele acordou com um sobressalto. A água ao redor estava repleta de peixes: pedaços de luz das estrelas imergindo na superfície para comer, os maiores caçando os menores.

Começou a remar, e os peixes o acompanharam. Em seguida, sumiram, tão rapidamente quanto haviam surgido.

Parou de remar. Para quê? Nunca chegaria à terra. Como aqueles peixes, estava lá para ser comido.

O keftiano moribundo dissera que o Mar lhe daria respostas, mas Hylas sabia que não era verdade. O Mar estava brincando com ele, assim como o lince brinca com o rato.

Uma brisa surgiu, murmurando em seu ouvido. De repente, lembrou-se da promessa que fizera ao keftiano. Prometera entregar seu cabelo ao Mar, libertando o espírito dele.

Inacreditavelmente, a mecha ainda estava lá, um emaranhado encharcado preso a seu cinto. Exausto, desprende-o e jogou por cima das ondas.

— Recebam o espírito dele — murmurou. — Deixem-no ir em paz.

Silêncio.

Uma parte de Hylas teve esperança de que o Mar desse algum sinal de que o ouvira; talvez o povo da barbatana — fossem lá quem eles fossem — viesse atrás do espírito do falecido, como dissera o keftiano. Mas a mecha de cabelo flutuou de forma desamparada na água, e o vento noturno morreu com um suspiro de derrota.

Hylas se deitou de bruços e fechou os olhos. Não podia mais continuar. Era muito difícil. Morreria lá mesmo, sozinho no escuro.

Que seja indolor, implorou. Deixe-me deslizar para os braços do Mar e nunca mais acordar.

Em sua cabeça, começou a se despedir. *Adeus, Telamon. Desculpe por não poder encontrá-lo como havíamos planejado, eu teria muito que contar para você. Adeus, cabras. Às que os Corvos mataram, desculpe por não ter conseguido salvá-las. Às que fugiram, fiquem na floresta, não deixem que Neleos as pegue.*

— Desculpe, Xô — pediu em voz alta. A garganta se fechou. Os olhos arderam. — Desculpe por não poder vingá-lo... — Respirou fundo. — Issi... Issi, eu...

O nome da irmã foi como uma bofetada de água gelada. Não era apenas da vida *dele* que estaria desistindo. Seria também da dela. Era o irmão mais velho. Deveria cuidar de Issi.

A única memória que tinha da mãe era dela dizendo justamente aquilo para ele. Hylas estava deitado sob as estrelas, envolto em pele de urso, com Issi aconchegada junto a ele. Estava muito escuro para ver o rosto da mãe, mas ele podia sentir sua mão cálida no rosto e os cabelos compridos fazendo cócegas em seu nariz quando ela se inclinou e sussurrou:

— Cuide de sua irmã...

Se desistisse, estaria condenando Issi e desonraria a memória da mãe. Algo dentro dele — um núcleo de força sólido e aterrador — não podia deixar aquilo acontecer.

Exausto, ergueu-se. Bateu na tábua com o punho. Começou a remar com as mãos.

As estrelas brilhavam. A adaga de bronze reluzia, encorajando-o a seguir.

Então ele viu. Uma barbatana o acompanhava a curta distância. No exato momento em que decidira viver, estava prestes a morrer.

Puxou as pernas para dentro. Escutou o respingar suave de ondinhas contra a tábua. Observou a barbatana se mover até sua frente — e depois fazer um círculo amplo e preguiçoso em volta da tábua.

A cabeça do tubarão se ergueu na superfície, então afundou de novo. A barbatana virou. Estava indo diretamente para a tábua.

Não existia nada além do tubarão. Ele ergueu a cabeça mais uma vez e, naquele momento, Hylas viu a boca escancarada e os dentes irregulares e curvados. O olho negro do animal se fixou no dele. Hylas atacou com a adaga. O tubarão se desviou. Seu punho arranhou o granito enquanto ele nadava para longe.

Hylas observou a barbatana cortar a água em mais um círculo indolente. O tubarão desapareceu. Hylas se encolheu em cima da tábua, olhando em volta.

O tubarão emergiu atrás dele. Hylas o atacou — errou — e quase caiu da tábua. Mais uma vez, o animal foi para longe. Mais um círculo.

Ele sabia o que o animal estava fazendo: vira lobos fazer a mesma coisa nas montanhas. Estava testando a força de sua presa. O tubarão voltaria repetidamente até que Hylas estivesse exausto demais para lutar e, então, daria o golpe fatal. Pensou que não demoraria muito.

Algo resvalou em sua coxa. Hylas gritou.

Era apenas o cabelo do keftiano flutuando nas ondas. Com a ponta da adaga, afastou aquilo de si, e a mecha ficou parecendo uma cobra na água negra.

Loucamente procurou, mas não havia sinal do tubarão. O rastro da Lua era uma trilha de prata açoitada pelo Mar.

Uma barbatana negra cortou o Mar. Virou-se e começou a vir em sua direção. Com um gemido, Hylas puxou as pernas para cima.

Ao longe, percebeu um estranho reflexo azul.

O tubarão vinha firme.

O reflexo estava ficando maior. Mais forte. Vinha em alta velocidade na direção de Hylas. Seus olhos disparavam da coisa para o tubarão e de volta para a coisa.

Ao seu redor, o Mar começou a brilhar estranhamente, como se transformado em uma chama azul e fria. A coisa desconhecida vinha como uma flecha em sua direção, sob o rastro da Lua; quando chegou mais perto, ele viu a curvatura reluzente de uma grande corcova — e depois outra, e mais outra, todas nadando em sua direção, saltando em arco e mergulhando unidas.

Uma das criaturas saltou totalmente para fora da água. Era um peixe gigante feito de pura luz azul. Virando-se para observá-lo, o peixe mergulhou no Mar com um respingo de água luminoso.

O tubarão chegaria nele antes. Agarrando a tábua com a mão livre, Hylas brandiu a adaga. Atacou. A lâmina acertou de raspão o flanco do animal. O tubarão afundou — então, voltou à superfície e virou para atacar de novo.

Naquele instante, o Mar explodiu. Um peixe enorme irrompeu das ondas em uma chuva de fogo azul — mas não era um peixe, era um *golfinho*. Hylas viu seu grande corpo reluzente e o misterioso sorriso quando ele mergulhou no Mar incandescente e depois deu mais um salto, fazendo um arco bem em cima de sua

cabeça, tão próximo que ele pôde ver o ventre macio e pálido e uma porção de finas cicatrizes brancas em seu nariz.

Por um momento, o olho do golfinho encontrou o seu, e o espírito dele chamou o do menino, mas logo desapareceu na água iluminada. Veio à superfície imediatamente e, com impressionante destreza, apanhou a mecha de cabelo do keftiano com a nadadeira. Dando uma leve pancada, jogou-a para outro golfinho que vinha atrás. O segundo pegou a mecha com a boca e mergulhou com ela até o fundo, enquanto o primeiro — o grande, com as cicatrizes — ganhou impulso contra o tubarão e o golpeou com agressividade. O tubarão deu um giro para mordê-lo, mas o golfinho era ágil. O tubarão abocanhou vento.

Mais golfinhos se juntavam ao ataque, cercando o tubarão e golpeando-o de todos os lados. Hylas soltou um grito de triunfo. O tubarão conseguiu se libertar e fugiu, e os golfinhos nadaram atrás dele, com os rastros radiantes tremulando e esmaecendo noite adentro.

Mas muitos haviam ficado com ele, e o Mar estava turbulento com os golfinhos: saltando, batendo nas brilhantes ondas azuis com as caudas; e ele os ouvia chamando uns aos outros com guinchos altos, sobrenaturais. Ouviu o doce *ppfft* da respiração dos animais e viu os buracos no topo das cabeças se abrirem e esguicharem o borrico reluzente; viu o cintilar de seus sábios olhos negros.

Esqueceu-se do terror e do desespero. Admirado, observou-os passar como flechas sob si, deixando correntes de bolhas luminosas, que explodiam para cobri-lo de gélido fogo azul.

E eles virão buscar meu espírito, dissera o keftiano. Você os verá saltando sobre as ondas... tão fortes, tão belos...

O tubarão se fora.

O povo da barbatana havia chegado.



Com o passar da noite, o fogo desapareceu do Mar, e os golfinhos se transformaram de azul cintilante em prata-lustroso; porém, ainda criavam um círculo brilhante em torno de Hylas. Seus olhos refletiam o luar como os olhos dos lobos, e nadavam tão próximos que, se tivesse coragem, poderia tocá-los.

Eram criaturas de outro mundo. Muitas vezes, moviam-se em harmonia, retorcendo-se e girando como se fossem um só; embora silenciosos na maioria das vezes, em outras atravessavam as águas com estranhos sons agudos. Pareciam respirar pelo buraco no topo da cabeça, pulando em arco para fora da água apenas tempo suficiente para exalar um leve *pfft* e, então, mergulhar de volta. Embora passassem perto, ignoravam Hylas, concentrados em algum propósito misterioso e particular.

Haviam-no salvado do tubarão. Mas por quê? Eles pertenciam à Senhora das Coisas Selvagens — e Ela, como todos os imortais, podia tanto criar quanto destruir. O que Ela queria com ele?

De repente, o círculo se expandiu, e eles começaram a brincar. O da cicatriz no focinho estava de volta — isso significava que o tubarão estava morto? Hylas viu que ele muitas vezes nadava com um golfinho fêmea menor, cinza-escuro, com flancos desgastados e um entalhe provocado por uma mordida em um dos lados da cauda. Ela parecia mais velha; Hylas suspeitou que fosse a mãe. Um bebê golfinho nadava muito próximo a ela. Seu focinho era mais atarracado que os dos adultos, e ele ainda não havia aprendido a respirar corretamente; espirrava água pelo respiradouro. Quando a mãe veio à superfície, ele teve que pular bem para fora da água, a fim de acompanhá-la, sacudindo a cauda no ar.

O golfinho de cicatriz no focinho — o irmão mais velho? — passou rápido e puxou pedaços de algas com o focinho, então o jogou para a mãe. Ela pegou a planta com a nadadeira e lançou-a de volta para ele, bem por cima de sua cabeça de bebê. Eles ficaram algum tempo naquela brincadeira, e depois o de cicatriz no focinho deixou o bebê pegar a alga. Hylas tinha certeza: era o irmão mais velho. Quando Issi era menor, às vezes a deixava ganhar, até que ela descobriu e ficou aborrecida.

A brincadeira dos golfinhos ficou mais intensa, e sua inquietação voltou. Havia uma ferocidade nos guinchos penetrantes e nos sorrisos imutáveis. Invocando toda a sua coragem, Hylas tentou atravessar o círculo remando e impulsionando a tábua para a frente. A reação foi aterrorizante. Os golfinhos fecharam o cerco e começaram a bater nas ondas com as caudas — *bang bang bang* — tão alto que parecia um martelo batendo em seu coração. Por que estavam com tanta raiva? O que eles queriam?

Depois de um tempo, que mais pareceu uma eternidade, as batidas cessaram, mas continuaram a cercar o menino, batiam os bicos batiam e os golfinhos mergulhavam tão perto que Hylas teve que puxar as pernas para dentro. Haviam-no salvado do tubarão, mas não deixariam que fosse embora.

Observá-los estava deixando Hylas tonto. Deitou-se na tábua com as pernas encolhidas. Os golfinhos nunca se acalmavam, nunca paravam de se mexer...



Ele acordou na escuridão cinzenta que vem do crepúsculo antes do amanhecer. Os golfinhos haviam partido.

Sentia falta deles. Eles o assustavam, mas, sem os golfinhos, sentiu-se horrivelmente só.

A terra parecia um pouco mais próxima. Conseguiu distinguir os penhascos e a orla branca, mas a arrebentação ainda estava desesperadamente fora de alcance. Nunca teria forças para remar tão longe.

De repente, uma forma verde-clara disparou sob ele, irrompeu em direção ao ar e caiu na horizontal com um enorme respingar de água. O golfinho enfiou o

focinho com cicatrizes para fora da água e olhou para Hylas.

Nunca ficara tão feliz em ver uma criatura. Murmurou uma saudação.

O golfinho articulou um assobio estridente e afundou até sumir de vista.

— Volte! Por favor! Não vá embora!

O golfinho apareceu do outro lado da tábua, então imergiu de novo, ressurgindo a uma distância surpreendentemente grande e nadando para cima e para baixo. Era cinza-escuro em cima e branco-acinzentado na barriga; as cicatrizes no focinho eram três linhas pálidas e retas que pareciam ter sido feitas com dentes. Por que ele havia voltado? Onde estavam os outros?

De repente, o golfinho abaixou a cabeça e disparou até a tábua, dando um forte empurrão com o focinho, fazendo com que Hylas caísse de cabeça no mundo verde-azulado.

Ele afundou, e a água estava cheia de vida, com silvos misteriosos e estalos rápidos e altos. O golfinho surgiu do nada, deixando uma trilha de bolhas prateadas com o respiradouro. Era surpreendentemente veloz, muito embora mal mexesse a cauda para cima e para baixo. Quando partiu em sua direção, começou a dar estalos mais altos e rápidos. Em pânico, Hylas se impeliu à superfície, mas o golfinho não o deixaria escapar; circundando-o com incrível agilidade, estalando tão rápido que os sons se abafaram até virar um zumbido estridente capaz de fazer com que ele se sentisse como se seu corpo estivesse latejando por completo. Hylas escoiceou e atingiu o flanco rígido do golfinho. O animal sumiu. Hylas rompeu a superfície, ofegante.

A um braço de distância, o golfinho lhe fez um sinal com a cabeça e deu um guincho que mais pareceu uma risada.

Tremendo bastante, Hylas nadou até a tábua e se arrastou de volta para cima.

— Por que fez aquilo? — gritou. — Eu não lhe fiz nada!

Mais uma vez o golfinho sorriu.

— Eu *não fiz* nada!

O golfinho assobiou. Estranhamente, o som não veio de sua boca, mas do respiradouro. Como se pode entender uma criatura que nem mesmo falava pela boca?

O golfinho mergulhou e voltou.

Hylas golpeou o bico com o lado plano da adaga.

O golfinho deu um giro e lhe deu uma pancada com a cauda, fazendo-o voar de novo.

Hylas emergiu cuspendo água.

O golfinho fez um sinal com a cabeça e estalou as mandíbulas.

Furioso e assustado, Hylas nadou de volta para a tábua.

— Não tem graça!

O golfinho continuou com seu sorriso irritável e imutável.

Ele também sorria para o tubarão. Todos os golfinhos haviam sorrido. Aliás, eles nunca *paravam* de sorrir.

Ocorreu a Hylas que talvez ele não estivesse sorrindo, afinal. Talvez não pudesse evitar; a boca que era daquele jeito.

E aquela risada... Talvez não fosse uma risada. Talvez o golfinho estivesse irritado.

Para testar se estava certo, Hylas o imitou. Batendo na água com a palma da mão, ele guinchou e estalou as mandíbulas.

O golfinho passou perto, espantado, então bateu no Mar com a cauda.

Pela primeira vez, Hylas olhou, olhou *de verdade*, para o bicho. Seus olhos eram marrom-escuros e espertos; embora não tivesse muita certeza, achou que pareciam estar intrigados.

— Desculpe — disse ele.

O golfinho continuou a nadar, subindo e descendo.

— Desculpe bater em você. É que você me assustou. O que você quer?

O golfinho nadou mais para perto. Hylas teve o ímpeto de se esticar e tocar o focinho dele, mas não ousou. A boca do animal estava aberta; ele viu uma língua cor-de-rosa e estreita, com cantos estranhamente enrugados, além de dentes brancos e cônicos, que pareciam afiados o bastante para arrancar sua mão.

— O que você *quer*? — disse novamente.

O golfinho afundou nas ondas e não voltou.



Tudo estava dando errado. O bando havia saído para caçar, mas o golfinho não fora com o porque precisava ajudar o menino. Só que o menino não deixava que ele o ajudasse. Por quê?

O golfinho podia vê-lo na Borda, à deriva em seu pedacinho de árvore, sua nadadeira agarrada àquela horrenda vara. O golfinho tinha medo da vara; já ouvira falar que era mais afiada que os corais. Mas tinha pena do menino.

Assim como todos os humanos, ele não era feito para o Mar. O corpo era achatado como o de um linguado e tinha algas crescendo na cabeça. Em vez de cauda, tinha pernas, como um caranguejo, mas apenas duas, e, ao contrário das do caranguejo, elas eram moles e fáceis de serem arrancadas com uma mordida. Suas nadadeiras dianteiras eram ainda piores, pois se dividiam em pedacinhos ondulantes na ponta, o que as tornava inúteis para nadar, apesar de serem muito saborosas para os tubarões.

Pensar no tubarão fez o golfinho se arrepiar de medo. Ele e seu bando haviam-no perseguido até a Escuridão Abissal, onde fora tão agredido que não voltaria mais; porém havia mais tubarões no Mar, e o menino era presa fácil.

O problema era que o golfinho não conseguia fazê-lo entender que não tinha intenção de machucá-lo. Tentara, mas o menino só se irritou e lhe bateu no focinho — o que fez o golfinho ficar irritado também, então os dois começaram a bater nas ondas e a dizer coisas ruins.

Frustrado, o golfinho deixou a Borda e desceu ao Vasto Azul, procurando por tubarões naquela floresta submersa. Nada. Que bom.

Quando voltou à Borda, o menino não se mexia.

De início, o golfinho achou que ele estava morto. Então viu a perna estremecer e percebeu que ele estava fazendo aquela coisa estranha que os humanos fazem, quando eles simplesmente *param*. Era alarmante, mas o golfinho havia aprendido que era o jeito de eles dormirem.

O golfinho voltou à superfície, e o menino acordou com um movimento repentino, gritando na estranha e grosseira fala humana. O animal sentiu o terror do menino crepitar através da água. Ouviu o palpitar assustado de seu pobre e frágil coração humano.

Tudo estava dando errado. O golfinho não sabia como fazer o menino não ter medo dele; e temia o que podia acontecer com aquela vara.



Hylas sentia falta do golfinho. Por que havia sumido de novo? O que estava fazendo de errado?

Sentia-se enfraquecido por causa da fome e da sede e tão cansado que era um esforço ficar sobre a tábua, quanto mais remar. Os lábios estavam rachados, a pele, com aspecto esponjoso e pálida de tanto tempo na água. A casca do ferimento no braço havia caído, e o braço latejava e doía. Estava achando cada vez mais difícil ficar acordado.

A voz de Issi surgiu e entrou em sua cabeça. “Vamos, Hylas, rápido, venha me encontrar. Estou com *fome*!”

Telamon também estava lá, estalando a língua de impaciência. “Tem certeza de que vai desistir? E depois do trabalho que tive para roubar a biga!”

Uma onda bateu nele e o acordou.

Mas não era uma onda; era um resto de alga.

O golfinho estava de volta.

Hylas estava feliz e assustado ao mesmo tempo. Seu coração começou a bater forte quando pegou a tábua com uma das mãos, a adaga na outra. Será que ia se lançar sobre ele de novo?

Naquele momento, não estava rindo nem estalando mandíbulas. Nadava sossegado, fazendo arcos acima da superfície apenas o tempo necessário para respirar antes de mergulhar novamente. Talvez não estivesse mais bravo?

Hesitantemente, Hylas pegou as algas e arrastou-as na água.

O golfinho passou perto — sem olhar para ele, mas claramente atento ao que o menino estava fazendo. Na segunda vez em que o animal passou, Hylas viu que ele olhava a adaga em seu punho. Trocou o objeto de mão e pousou a adaga na tábua, arrastando a alga tentadoramente com a mão livre. Ele estava tenso. O golfinho estava tenso.

Hylas arremessou a alga por cima das ondas e aguardou.

O golfinho passou por ele e pegou a alga de leve, com a beira da nadadeira, jogou-a para cima, pegou-a habilmente com o focinho, nadou de lado por um tempo e então passou novamente por Hylas, ainda com a alga.

Hylas se esticou para pegá-la. Não conseguiu.

O golfinho passou um tempo brincando sozinho de jogar e pegar. Então se esqueceu da alga e mergulhou. Ansiosamente, Hylas procurou por ele. Será que voltaria?

De repente, ele o viu muito abaixo de si, erguendo-se com velocidade surpreendente. Ele se debateu para sair do caminho. O golfinho veio à superfície bem ao seu lado, flexionou a cauda e lançou algo para fora do Mar, logo acima de sua cabeça.

O que quer que fosse caiu respingando água. O golfinho nadou atrás da coisa e fez de novo. Um peixe. Ele estava tirando um peixe da água. Será que... será que estava tentando *ajudá-lo*?

Jogou o peixe para o alto pela terceira vez, e Hylas conseguiu pegar. Com um grito de triunfo, matou-o batendo com ele na tábua, então afundou os dentes no ventre. O sangue esguichou delicioso em sua língua seca. Cuspindo as escamas, ele devorou as doces e escorregadias tripas.

Depois de arrancar e comer os olhos, Hylas cortou a cabeça e a jogou ao Mar como oferenda; então, em um impulso, assobiou e bateu de leve nas ondas com a palma da mão.

O golfinho apareceu. Hylas fez de novo.

— Aqui — murmurou ele —, isto é para você. — Ele jogou a cauda do peixe, e o golfinho a pegou com habilidade, engolindo-a por inteiro.

— Obrigado — disse Hylas.

O golfinho passou nadando por ele, deu a volta e passou de novo, um pouco mais perto.

Hylas estendeu a mão.

O golfinho se esfregou de leve nos dedos de Hylas. A pele era fria e incrivelmente macia, a coisa mais macia em que já havia tocado. Mais uma vez, ele passou nadando, roçando o flanco gentilmente contra a palma da mão de Hylas, e naquele momento os olhares se encontraram. Os olhos do animal eram marrons, inteligentes e amigáveis, e ele parecia ver dentro de Hylas e sentir tudo pelo que ele havia passado: o medo que sentia dos Corvos, o sofrimento por causa de Xô, a vergonha por não ter conseguido proteger Issi; a solidão que sentia. E ainda via que ele não pertencia àquele mundo. O olhar era profundo como o Mar e, embora fosse uma criatura de carne, barbatana e ossos, também era um espírito do Mar, que pertencia à Senhora das Coisas Selvagens.

— Obrigado, Espírito — disse Hylas, baixinho.

Espírito nadou à sua volta, então pôs o focinho na tábua e lhe deu um empurrão suave.

Hylas enfim compreendeu. O golfinho não estava tentando jogá-lo da tábua. Estava tentando empurrá-lo em direção à terra.

Depois daquilo, a situação ficou muito melhor. Hylas percebeu que não deveria temer, e Espírito, que não deveria empurrar com tanta força. Ele parecia até saber quando Hylas precisava de um descanso; e fazia círculos, soprando de leve, até que Hylas estivesse pronto para continuar.

Mas, por fim, Hylas estava exausto demais até para ficar na tábua. Sentiu-se escorregando para dentro do Mar e sabia que não teria forças para nadar de volta. Espírito também parecia saber disso, pois nadava sob Hylas, como se estivesse se oferecendo para carregá-lo nas costas. Sem nem sequer pensar sobre isso, Hylas agarrou a barbatana do golfinho com as duas mãos — tomando

cuidado para que a adaga não tocasse a pele macia e cinzenta —, e Espírito começou a levá-lo suavemente em direção à terra.

A terra se aproximava com uma rapidez impressionante. Em meio a um borrão de exaustão, Hylas distinguiu um cume alto no formato do dorso de um javali e penhascos vermelho-escuros pontilhados por dejetos de pássaros. Pensou ter ouvido o grasnar dos cormorões e mais alguma coisa de difícil compreensão: uma cantoria fraca, misteriosa, murmurante.

Uma brisa fez o Mar estremecer, alisando as ondas em grandes remendos escuros, como as pegadas de um imenso ser invisível. Espírito passou por um promontório, e Hylas avistou a boca sombria de uma caverna. Captou, vindos de lá de dentro, trechos daquela estranha canção ecoante. *O que era aquele lugar?*

As palavras do keftiano moribundo retornaram. *O povo da barbatana vai levá-lo até a ilha deles... os peixes que voam e as cavernas que cantam... as colinas que caminham... as árvores de bronze...*

Contudo, esqueceu-se de tudo isso quando Espírito o carregou até uma ampla e calma baía, na qual ondinhas se agitavam em uma praia de seixos brancos e cuja água era de um azul-claro e iluminado pelo Sol.

O pé de Hylas encontrou a areia. *Areia*. Com um gemido de alívio, ele soltou Espírito e afundou em um trecho de algas roxas e escorregadias. Rastejando para se afastar das ondas, desabou na praia.

A última coisa que ouviu antes de desmaiar foi o *pfft* de Espírito soprar suave, enquanto o golfinho subia e descia na água rasa.



Pirra nunca tinha visto um pássaro nadar, nadar de verdade, debaixo d'água. Aquele era preto e tinha olhos verdes. Seria um pássaro mágico porque vivia naquela ilha ou será que muitos pássaros nadavam debaixo d'água e ninguém lhe havia contado?

Ela observou com inveja o pássaro chegar à superfície com um peixe no bico e engoli-lo. Seu estômago roncou. Fazia um dia e uma noite desde que o pescador a abandonara ali com apenas um odre e um pouco de tainha seca. Desde então, Pirra não comera nada, exceto um punhado de sálvia empoeirada.

Em Keftiu, ela nunca precisara pensar em comida. Quando sentia fome, simplesmente batia palmas, e um escravo lhe trazia o que quisesse: deliciosos queijos fritos empanados com sementes de gergelim; polvo assado recheado com azedinha-da-horta; bolos de figo cobertos com nozes moídas e mel.

Ali, porém, não. Havia peixes nas piscinas naturais, mas, sempre que ela se inclinava, eles desapareciam. Nunca poderia imaginar que peixes se mexessem com tanta velocidade. Só os tinha visto em pinturas ou em pratos.

A ilha não a queria. As aves marinhas gritavam com ela, e as pedras afiadas machucavam-lhe os pés. O Mar se arremessava sem cessar para dentro e para fora da pequena enseada, molhando-a com borrifos que faziam doer a bochecha queimada; mas Pirra não ousava acampar na imensa baía do outro lado do promontório. Precisava ficar escondida caso sua mãe ou os Corvos fossem atrás dela. Sentia falta de Userref, embora ele provavelmente não sentisse o mesmo,

uma vez que deve tê-lo deixado em grandes apuros ao fugir. Odiava ser tão indefesa e sentir tanto medo. Não tinha sandálias ou manto, o que significava nada de sombra para se proteger do Sol durante o dia e nada com o que se aquecer à noite; e não tinha a menor ideia de como acender uma fogueira. Dormir a céu aberto era aterrador, com todos aqueles barulhos. O céu era imenso, e as estrelas encaravam-na. Sombras amedrontadoras passavam rapidamente entre elas e podiam ser pássaros ou morcegos — ou algo pior. Havia uma caverna onde fora encher o odre, mas nada a faria dormir ali. Cavernas levavam ao submundo. Você entrava nelas por sua conta e risco.

Pouco depois de o pescador tê-la abandonado, uma tempestade explodiu. Desgraçadamente, Pirra se abrigara sob um junípero, ficando encharcada. Então passou por aquilo que todo keftiano teme: o chão começou a tremer. Encolhida de medo sob a árvore, implorou ao Tremeterra para que parasse. Estaria Ele bravo porque ela estava ali, em um lugar ao qual não pertencia?

O tremor não havia durado muito, mas Pirra ficou acordada a noite toda, esperando que o Touro Sob o Mar voltasse a bater o pé. Ao amanhecer, ela havia jogado os brincos na água rasa como oferenda, desconfortavelmente consciente de que deveria ter feito isso antes.

Não deveria estar naquela ilha; estava tudo errado. Ela havia dito ao pescador para levá-la a Keftiu, mas ele dissera que era longe demais e, apesar de seus protestos, deixara Pirra ali. Ele estava com medo e com pressa de ir embora. Ela não soube o motivo até a manhã seguinte, quando reconheceu o formato do cume em centenas de pinturas keftianas.

O pescador a deixara na Ilha da Deusa.

Em Keftiu, contavam histórias de pessoas que haviam morado lá nos tempos antigos. Dizia-se que elas haviam ficado arrogantes e enfurecido os deuses. Então tinham desaparecido e nunca mais foram vistas. A ilha era um lugar deserto, sagrado e assombrado pelos fantasmas dos Desaparecidos. Apenas as sacerdotisas iam lá de tempos em tempos para fazer sacrifícios e executar ritos secretos a fim de apaziguar a Deusa...

O Sol subiu mais, e Pirra estava cada vez mais faminta. Enfim decidiu arriscar uma incursão à baía. Assim que o barco do pescador se aproximara da ilha, ela avistou um navio naufragado logo abaixo da costa. Talvez por lá encontrasse algo para comer.

Sua mente evitou pensar no que poderia acontecer caso não encontrasse. Havia colinas impedindo o caminho para dentro da ilha; até onde sabia, ela estava confinada à enseada, à baía e ao ponto onde o navio naufragara.

Depois de uma subida repleta de arranhões e mosquitos, Pirra alcançou o topo do promontório. Ofegante e pingando de suor, olhou para o grande arco da baía.

Havia um corpo na praia.

Ela agachou e se escondeu atrás de uma rocha.

O corpo jazia na frente da pedra, com a espuma lambendo seus calcanhares. Provavelmente algum marinheiro afogado que a tempestade trouxera até lá.

Pirra pensou rapidamente. Roubar dos mortos seria terrível. *Mas...* O corpo usava uma túnica. Ela poderia usá-la para se manter aquecida durante a noite. E aquilo a seu lado não era uma adaga?

Nos recônditos da mente, Pirra espreitava uma ideia ainda mais pavorosa. Ela precisava de comida. Será que *conseguiria* comer uma pessoa? Crua?

Invocando coragem, deu mais uma olhada.

O corpo sumira.

Por um instante apavorante, Pirra imaginou o cadáver se aproximando, rastejando por trás dela. Então o viu um pouco mais à frente na praia.

Não era um cadáver; era um menino cambaleando por cima dos seixos. Com um sobressalto, Pirra o reconheceu. Era o camponês liconiano que ficara olhando para ela na noite em que queimou o rosto. O cabelo estava estranhamente mais claro que antes, mas com certeza era ele: o mesmo olhar estreito e o nariz reto que formava uma linha contínua com a testa.

O coração de Pirra começou a bater forte. Os Corvos estavam atrás do menino. Disseram que ele havia tentado matar o filho de Thestor. Ela era astuta o bastante para saber que a história era mentira, apenas uma desculpa que haviam

contado a Userref para despachá-lo. Ainda assim. Aquele menino era perigoso. *E ele estava andando com dificuldade na direção dela, no fim da baía.*

Com o coração ribombando, Pirra se encolheu atrás da rocha.

Os seixos soavam como se estivessem sendo triturados conforme ele se aproximava. Então, silêncio. Ele parou aos pés do promontório.

Mal ousando se mexer, ela espiou pelo lado da rocha e para baixo da encosta.

Ele estava logo abaixo dela. Havia algas em seu estranho cabelo cor de areia, e a túnica estava rasgada e manchada de sal. Os membros magros e rijos estavam cobertos de machucados, e havia uma ferida feia no braço. Segurava uma grande adaga de bronze. Pirra prendeu a respiração.

O menino começou a escalar.

Não, disse ela em silêncio para ele, *aqui em cima não!*

Ele pareceu pensar melhor e se deixou cair. Vagou novamente pela praia.

Tremendo, Pirra expirou.

Ela o observou caminhar para o sopé dos penhascos, onde ele encontrou um graveto e começou a cavar um buraco. Por quê? Depois deixou aquilo de lado e se arrastou até a água rasa, onde encontrou uma tábua à deriva na espuma. Puxando-a até a praia, até um amontoado de pedras, deixou-a encostada lá. Pegou mais madeiras que flutuavam na água. Ah, não. Ia construir um abrigo — a menos de vinte passos do lugar onde ela se escondera.

A manhã prosseguiu, e Pirra continuou observando. O menino terminou o abrigo com ramos espinhentos sobre os pedaços de madeira. Então encontrou um pedaço mais plano e fez um entalhe nele com a adaga. O que estava fazendo? Intrigada, Pirra assistiu a ele se sentar e firmar a madeira com o pé, tirar um graveto e encaixá-lo de pé no entalhe. Friccionou o graveto com velocidade entre as palmas da mão. Continuou fazendo aquilo, as mãos subindo e descendo pelo graveto. De repente, Pirra avistou um fio de fumaça. Ainda mexendo o graveto, o menino se curvou e assoprou de leve. *Uma labareda*. Acrescentou pedacinhos de grama seca, depois gravetinhos e então galhos inteiros. Logo já tinha uma fogueira ardendo vivamente.

Pirra ficou atônita — e incomodada. Aquele camponês liconiano sujo conseguira algo que ela não era capaz de fazer. Tinha sido superada por um pastor de cabras.

Consternada, assistiu ao menino talhar três gravetos, até ficarem pontiagudos, e então habilmente amarrá-los com capim a uma das extremidades de um tronco para fazer uma lança de três pontas. Depois disso, ele foi até os rochedos e se agachou.

Deu um golpe rápido e lá estava um peixinho se debatendo na ponta da lança. Comeu-o cru, o que fez Pirra sentir nojo. Em seguida, pegou mais dois peixes com a lança e os colocou para assar na fogueira.

Agora, já estava bem no meio da tarde, e ela estava tonta de fome. O menino comeu cada pedacinho de peixe assado, com exceção das cabeças, que deixou a alguns passos de seu abrigo — Pirra supôs que fosse algum tipo de oferenda —, e acrescentou um pouco da pele que se soltava do ombro queimado pelo Sol, o que ela considerou completamente nojento.

De volta ao buraco que havia cavado mais cedo, ele tirou água com a mão em concha e bebeu avidamente. Pirra percebeu que deveria ter minado do chão, o motivo pelo qual ele cavara um buraco. Aquilo era inteligente, mas não muito. Pelo menos naquele aspecto, ela fizera melhor; ele não encontrara o córrego subterrâneo na caverna.

Depois de capturar mais dois peixes e soltá-los nas brasas, o menino arrastou um monte de algas secas até o abrigo e entrou engatinhando.

Veio o anoitecer. O cheiro de peixe assado flutuava com a brisa. Pirra não pôde aguentar. Esqueceu-se do perigo. Esqueceu-se de tudo o que não era o cheiro daqueles peixes.

Furtivamente, ela desceu rastejando pela encosta. Quando se aproximou, ouviu o som de uma respiração leve vindo do abrigo. Ótimo. Dormiu rápido.

Em meio ao calor tremeluzente, ela avistou um rabo de peixe enegrecido que se projetava das cinzas. Silenciosamente, pegou um graveto para trazê-lo para fora.

Uma mão surgiu do abrigo e agarrou o pulso dela.



Pirra esperneou e arranhou, mas o menino era incrivelmente forte e não a deixava escapar. Com a mão livre, ela puxou o cabelo dele. O menino torceu o braço dela nas costas, empurrando-a para baixo, sobre as pedras. Ela enfiou as unhas no rosto dele. Seu punho a atingiu com um golpe agonizante na bochecha ferida. Ela gritou, fazendo-o pular e afrouxar o aperto. Pirra se contorceu até se libertar e disparou pelos seixos.

Ele foi atrás dela, veloz como uma cobra.

Ela se virou.

— Fique longe! — sibilou em aqueiano. — Ou eu lhe lanço um feitiço.

Aquilo fez o menino parar.

— Estou falando sério! — disse ela, ofegante, e apontando o dedo trêmulo.

— Eu faço você vomitar as tripas e... cuspir sangue e *morrer*!

— Você não pode fazer nada disso — respondeu ele também ofegante.

— Posso, sim — mentiu ela. — Quer ver?

Ele a olhou com fúria, limpando a boca com as costas da mão, mas não se aproximou mais.

De perto, ele não parecia muito mais velho do que ela, embora fosse assustadoramente forte e capaz de tudo. Através do cabelo loiro e emaranhado, ele a observava, com os olhos apertados. Era como encarar um animal selvagem.

Ela disse a si mesma que, enquanto não demonstrasse medo, ele *teria* que obedecê-la. O menino não sabia que ela não podia fazer feitiços.

Abraçando as pernas até pararem de tremer, ela disse:

— Você não sabe onde está, menino das cabras? Esta é a Ilha da Deusa... e eu sou filha da Sacerdotisa Suprema. Isso significa que você faz o que eu mandar.

Ele deu uma olhada nos machadinhos dourados na túnica dela.

— Meu nome não é menino das cabras. É Hylas. E eu sou um guerreiro.

Ela bufou.

— É um mentiroso, como todos os aqueianos.

Abaixando-se para entrar em seu abrigo, ele mostrou a adaga e a brandiu.

— Vê isto? É uma adaga de guerreiro.

Era de bronze, muito bem-feita. Ela fingiu que não estava amedrontada.

— Você roubou isso — disse com desdém.

— Não, não roubei, é minha.

Ela hesitou. Hylas deu um passo à frente. Pirra deu um para trás.

— Onde estão os outros? — perguntou ele.

— Quem?

— Seu povo! Os Corvos!

— Eu estou sozinha... e os Corvos *não são* meu povo.

— Ora, você não pode negar que estava acampada com eles. Onde está o navio deles?

— Eu já falei, estou sozinha! Paguei um pescador para me ajudar a fugir. Ele me traiu e me largou aqui.

— Por que eu devia acreditar nisso? Você é louca. E me entregou aos Corvos.

— Eu não sou louca!

Hylas sacudiu a cabeça.

— Os navios deles estão agora mesmo do outro lado do promontório, não estão?

— Se estivessem, você acha que me mandariam aqui para roubar *peixe*?

Ele não tinha resposta para aquilo.

— Eu já disse — insistiu ela —, esta é a Ilha da Deusa. Não tem ninguém aqui!

Por um instante Hylas a estudou. Então se virou e voltou à fogueira.

Pirra ficou ofendida. Em Keftiu, ninguém lhe dava as costas. Era a mais terrível demonstração de desrespeito.

Como ele continuou a ignorá-la, ela disse:

— Aquele pescador vai dizer a meu povo onde estou, e eles virão atrás de mim. Eles trarão os Corvos. Você precisa deixar esta ilha tanto quanto eu.

Ele continuou a raspar as cinzas do peixe assado. O cheiro era incrivelmente delicioso.

— Encontrei um navio naufragado — acrescentou ela. — Se eu lhe mostrar onde está, você pode fazer um barco com o que sobrou dele e nós vamos embora.

Hylas comeu rapidamente, enfiando a carne branca escamosa na boca e mastigando a pele.

— Dê um pedaço para mim — ordenou Pirra.

— Pesque o seu — resmungou ele de boca cheia.

— Como ousa! Dê um pouco para mim!

— Pesque os seus ou fique com fome, para mim não importa.

Pirra arrancou uma das pedrinhas douradas de sua túnica.

— Tome.

Ele olhou com cara feia.

— O que é isso?

— É ouro. É precioso. Você usa para comprar coisas.

— Então aqui não vai servir para nada, não é?

— Você não sabe o quanto vale? Você pode comprar o que quiser!

Ele olhou à sua volta.

— De quem?

Pirra cerrou os dentes.

— Se não me der um pouco desse peixe, não vou mostrar onde está o navio naufragado.

Ele deu uma risada maldosa.

— Eu encontro sozinho.

Limpando os dedos de forma nojenta na própria túnica, empurrou-a ao passar e caminhou até o Mar.

Pirra o perseguiu. Estava tão furiosa que ficou piscando para não chorar, e sua bochecha estava em chamas depois daquela bofetada.

Passou pela mente dela que, se roubasse a adaga, poderia *forçá-lo* a obedecê-la, mas aquilo também ocorrera a Hylas, e ele a prendera ao cinto. Havia também o fato de Pirra ter encontrado água, e ele não; será que poderia se aproveitar disso? Mas, se ela lhe contasse sobre a caverna, ele poderia torturá-la até que dissesse onde ficava.

Na baía, algo brilhou. Então uma grande criatura reluzente saltou do Mar e voltou à água com uma chuva de borrifos.

O menino soltou um sorriso largo e correu para a água rasa. Deu um assobio estridente.

Na baía, a criatura se virou e nadou na direção dele.

O queixo de Pirra caiu.

O golfinho era muito maior do que ela imaginava e muito mais bonito do que qualquer pintura na Morada da Deusa. Admirada, ela assistiu ao animal fazer um arco quando saiu da água e então nadar sob as ondas: entrando e saindo, entrando e saindo, em um gracioso ritmo ondulante. Conforme ele se aproximava, Pirra ouvia a leve respiração resfolegante. Viu seu sorriso sagrado. Ela levou o punho à testa e se curvou.

O menino caminhou com a água na altura da cintura e aguardou. O golfinho nadou para mais perto. *Ele se encostou levemente em Hylas.*

Pirra estava impressionada. Sem crer no que via, assistiu ao golfinho circundar o menino, que carinhosamente lhe jogava água, e o animal parecia gostar. Hylas caminhou mais para o fundo e começou a nadar. O golfinho diminuía o ritmo ao chegar perto dele. O menino se agarrou às barbatanas com

as duas mãos, e o animal o conduziu. O golfinho nadava mais rápido, e Hylas se deitou totalmente esticado, passando pelas ondas como se estivesse voando.

Pirra ficou sem palavras enquanto menino e golfinho nadavam rumo à baía. Quem *era* aquele menino para uma criatura da Deusa estar com ele?

Depois de fazer um círculo amplo, eles deram meia-volta rumo à costa. Hylas soltou o golfinho e caminhou pela água até o raso, onde ficou assistindo ao companheiro nadar ao longe. Estava sorrindo, o rosto magro brevemente transformado.

Viu Pirra e seu sorriso se apagou.

— Então — disse ele bruscamente —, vou explicar como as coisas vão funcionar. Você vai fazer o que *eu* mandar. Mostre o navio para mim.



Hylas tinha quase certeza de que a menina estava mentindo quanto aos feitiços, mas ela também estaria mentindo quanto a não haver Corvos na ilha? Ele a fez seguir na frente, com a adaga em suas costas, para o caso de o estar levando a uma armadilha.

— Ai, ai! — Ela não parava de reclamar enquanto andava pelos seixos. Será que nunca havia andado descalça na vida?

Hylas não acreditava na história da fuga. Por que fugiria? Mesmo suja e maltrapilha, ela era evidentemente a filha de uma líder; todo aquele ouro nos pulsos, no pescoço e também naquela túnica roxa. A não ser que fosse mesmo louca e a tivessem deixado lá para se livrar dela. A queimadura dolorosa e em forma de foice na bochecha parecia confirmar isso.

Qualquer que fosse a razão, ela estava no caminho de Hylas. Claramente não conseguiria se defender sozinha, e ele já tinha problemas suficientes tentando se manter vivo para ter que se preocupar em alimentá-la também. Decidiu que suportaria a presença dela apenas tempo suficiente para construir a balsa, depois a deixaria para trás.

Com dolorosa lentidão, ela o conduziu até um ponto distante da baía e, depois para além de um pontal rochoso. Ele respirou aliviado. Não havia guerreiros Corvos do outro lado nem navios ancorados na praia. Não havia praia. Apenas o navio naufragado, exatamente como Pirra dissera.

Havia sido um navio robusto, de casco bojudo, mas o Mar o esmagara com tanta facilidade que era como se ele fosse feito de casca de árvore. Hylas observou as ondas furiosas se agitando para dentro e para fora do vão que separava o navio naufragado do pontal. Era extenso demais para pular e, se ele tentasse nadar, seria estraçalhado ou se afogaria; provavelmente as duas coisas.

Mesmo se chegasse lá, o que aconteceria? Teria que se esforçar para carregar sozinho cada pedaço de madeira e cada corda pelo vão, depois construir uma balsa e só então encontrar o caminho de volta à Licônia através daquele Mar infestado de tubarões...

— Poderíamos usar a tábua do seu abrigo — sugeriu a menina — para fazer uma ponte.

— Hum — respondeu ele, em dúvida, embora a mesma ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Quando você estiver do outro lado, poderá jogar as coisas para mim.

Ele zombou.

— Está com medo demais para se arriscar?

— Não estou com medo. Eu não sei nadar.

— Achei que os keftianos venerassem o Mar.

— Veneramos, mas nunca tive permissão para nadar.

Hylas bufou, esvaziando as bochechas. A menina era ainda mais inútil do que ele havia pensado.

Eles buscaram a tábua, mas ela ficava deixando cair a extremidade que carregava, então Hylas carregou sozinho a madeira no ombro. Deu um jeito de colocá-la sobre o vão e apoiá-la no navio naufragado, firmando a outra ponta com pedras; então, bastante apreensivo, ele engatinhou pela ponte improvisada. A madeira estava escorregadia e cedia sob seu peso. O Mar batia logo abaixo, encharcando-o com os borrifos, mas a tábua se manteve firme, e Hylas conseguiu atravessar.

Ele escolheu com cuidado um caminho por uma ruína sinistra de vigas parcialmente submersas que balançavam, traiçoeiras, sob seus pés. Encontrou pilhas de lona encharcadas e cordame de couro cru emaranhado, mas, para seu

alívio, não havia corpos, apenas uma touca bolorenta e uma sandália com a tira arrebitada. Pensou nos homens que, naquele momento, estavam no fundo do Mar, encarando cegamente os peixes que nadavam por entre seus cabelos.

Quem teriam sido? Keftianos não. Com uma confiança irritante, a menina declarara que a proa do navio tinha o formato errado; disse que era macedônio, seja lá o que fosse aquilo. Hylas não tinha certeza de que poderia confiar nela. Desejou que o navio estivesse cheio de Corvos. Desejou que fossem eles que estivessem no fundo do Mar sendo comidos pelos tubarões.

Movimentando-se de joelhos no porão afundado, viu peixinhos entrando e saindo como dardos de jarros estilhaçados. Alguma coisa longa e fina se lançou em uma fenda. Hylas recuou bruscamente.

— O que foi? — gritou a menina, do pontal.

Ele espiou a fenda.

De lá de dentro, algo espiou de volta. Não era uma cobra. Hylas não sabia dizer *o que* era.

— Algum tipo de... monstro — gritou, tentando não parecer amedrontado.

— Como ele é?

A coisa emergiu, enxergou-o e recuou.

— O corpo parece um saco. Olhos grandes. Muitas pernas, feito cobras, mas... não são cobras.

— Ah, é um polvo. São sagrados... mas muito gostosos. Veja se consegue acertá-lo com a lança. Não tenha medo, ele não vai machucá-lo.

— Não estou com medo! — berrou ele. Mas não era burro a ponto de fazer o que ela mandava. Tinha que ser um truque.

Remexendo os escombros, encontrou um pedaço de pele de cabra, que daria para fazer um estilingue, e uma bainha de couro entrelaçado, só um pouco apodrecida, mas que cabia perfeitamente em sua adaga; depois achou uma pequena algibeira amarrada na ponta, com nós complicados como um ninho de víboras. Parecia vazia, mas, quando a descreveu à menina, ela disse — com aquela segurança irritante — que era uma algibeira dos ventos: os marinheiros

compravam de videntes e desatavam os diferentes nós dependendo do tipo de vento de que precisavam; ele nunca tinha ouvido falar?

Rangendo os dentes, Hylas continuou a explorar. Encontrou um pequeno jarro de argila que havia sobrevivido intacto, mantendo até seu selo de cera.

— Aqui! — gritou para a menina. — Pegue!

Ela não pegou. O pote se estilhaçou nas rochas, e azeitonas saltaram ao Mar.

— Você não consegue fazer *nada*? — gritou ele.

— Você não me deu nenhum aviso!

— Ah, cale a boca e vá buscar um pouco de água! Pelo menos a minha nascente você consegue *encontrar*, não consegue? Fica perto dos penhascos, atrás do meu acampamento. Espere... Você vai precisar de algo para carregar a água, não é? Pegue o pedaço maior do pote que você acabou de quebrar. E seja rápida, estou assando aqui!

Ela se afastou, envergonhada. Quando voltou, ele ficou atônito ao vê-la jogar um odre cheio.

— Tome! — rosnou ela.

— Onde você pegou isso?

— Não vou dizer.

— Por que não disse que tinha água? Eu estou com *sede*!

— Ah, que peninha.

Em silêncio pétreo, Hylas engatinhou pela tábua e bebeu até se satisfazer, então engatinhou de volta ao navio. Depois daquilo, eles não se falaram.

Resgatar os itens do navio era trabalho árduo. Hylas ainda estava cansado de sua provação no Mar, e seus músculos clamavam por descanso. Ele fez um longo e suado esforço apenas para desamarrar um remo.

Espírito apareceu e nadou para cima e para baixo tentando chamar sua atenção. Hylas jogou água nele um tempo, pois sabia que o golfinho gostava, então voltou ao trabalho. Aquilo pareceu incomodar Espírito, que ficou balançando a cabeça e estalando as mandíbulas. Era como se quisesse algo. Hylas não sabia como explicar que estava ocupado; por fim, Espírito desistiu e saiu nadando.

Finalmente o último remo estava solto, e Hylas o retirou dos destroços, fora do alcance das ondas.

Ocorreu a ele que, se Telamon estivesse junto, aquilo teria sido divertido. Telamon teria sido muito bom em planejar como resgatar as coisas dos destroços, e eles poderiam ter parado para lutar e jogar água um no outro. E Issi teria amado o Mar e todas aquelas criaturas novas. E Xô teria nadado para cima e para baixo, balançando o rabo e caçando gaivotas...

— Por que parou? — perguntou a menina.

— Por que não vai achar comida para a gente? — gritou ele. — Tem bastante capim para fazer uma armadilha para peixe. Você podia armar uma arapuca.

Ela ficou sem reação.

— O que é uma arapuca?

Hylas jogou as mãos para o alto. Pirra era inacreditável. Era incrível que tivesse sobrevivido por tanto tempo.

Ele travou uma longa batalha para soltar outro remo e, quando ergueu a cabeça de novo, o Sol já estava baixando, e a menina se fora. Assim como a tábua.

Sem acreditar, ele viu a tábua boiando no Mar. Ela devia ter atirado a tábua longe de propósito.

Estava pensando como voltaria à terra quando a viu chegando ao pontal com o odre, que havia enchido de novo.

Pirra viu a tábua e seu queixo caiu.

— Não era isso que eu queria que acontecesse — disse ela. — Só puxei para cá e deixei nas pedras. Achei que ia ficar aqui até eu voltar.

— Mas por que fez isso? — rugiu Hylas.

— Como você vai fazer para recuperar?

Ignorando-a, ele amarrou os remos juntos, levou-os com dificuldade até a beirada do navio e os empurrou na direção dela.

— Segure bem — gritou. — *Sem deixar cair!*

Quando finalmente chegou à costa, quis estrangulá-la.

— Você é mesmo louca, não é? Não entende que, se eu tivesse sido levado pela água e me afogado, você morreria de fome?

— Se você tivesse me seguido e visto onde encontrei a água — revidou ela —, não ia mais precisar de mim... e aí você é que me *deixaria* para que eu morresse de fome!

Ele ficou tentado a retrucar que poderia descobrir onde ela conseguiu tanta água quando quisesse, seguindo seu rastro; mas não queria deixá-la mais desconfiada.

— Se tentar mais um truque desses — disse ele —, meu golfinho vai comer você.

— Golfinhos não comem gente.

— Como você sabe que o meu não come?

Isso fez com que ela calasse a boca.

No fim das contas, as únicas coisas que resgataram naquele dia foram um pouco de corda, a algibeira dos ventos e um fardo de lona que abriram sobre os seixos para secar.

De volta ao acampamento, Hylas fez um estilingue e derrubou uma ave marinha com um tiro certeiro. Assou-a nas brasas e comeu tudo.

A menina se sentiu ultrajada.

— Não é justo!

— É, sim. Primeira regra de sobrevivência: ajude somente aqueles que o ajudarem. E você não ajudou.

— Como assim? Eu encontrei o navio e a água!

Ele deu de ombros.

— Eu teria encontrado os dois de qualquer jeito.

Espumando, Pirra se afastou. Algum tempo depois, ela voltou com três porcos-espinhos do mar na saia. Comeu-os crus, tirando as entranhas pegajosas com um graveto.

Isso fez Hylas ficar desconfiado.

— Como é que você não sabe o que é uma arapuca, mas entende de porcos-espinhos do Mar?

— Já vi os escravos preparando nas cozinhas — disse ela. — E eles se chamam *ouriços-do-mar*.

— O que são cozinhas?

Ela o encarou.

Um pouco depois, disse:

— O que são porcos-espinhos?

— São do tamanho de um javali — mentiu Hylas. — Têm caninos enormes, escondem-se atrás de arbustos e só saem à noite.

Com medo, ela deu uma olhada para trás. Bem feito por ter perdido a tábua.

Ele não deixaria que ela ficasse com ele no abrigo. Pirra teve que construir um para si. Era impossível. Como não sabia nem como colher alga seca para que pudesse dormir em cima, ela teve que deitar nas pedras. Hylas quase sentiu pena. Então lembrou a si mesmo que o povo dela era aliado dos Corvos.

Por cima do ombro, ele a viu encolhida debaixo de sua pilha miserável de gravetos do outro lado da fogueira. Estava acordada. Provavelmente procurando os porcos-espinhos.

A noite aprofundou-se, e Hylas ficou ouvindo a espuma sibilando nos seixos. Sentia saudade de Issi. Saudade da tagarelice e das perguntas intermináveis. “O que define Issi”, dissera Telamon uma vez, “é que ela sempre tem que estar fazendo algum tipo de *barulho*. Ou ela está falando, ou cantando, ou murmurando, ou jogando pedrinhas. Acho que ela realmente *sente dor* se ficar quieta.”

Hylas se remexeu desconfortável em sua cama de alga. Sentia saudades de ambos. Parecia que fazia meses desde que vira os dois pela última vez. Era assustador pensar que fazia apenas alguns dias.

Enquanto adormecia, ele ouviu Espírito soprar de leve na água rasa. Mais cedo, o golfinho estava tentando lhe contar alguma coisa. Teria voltado para tentar de novo? Hylas estava exausto demais para descobrir.

Amanhã, disse a si mesmo. Amanhã ainda estará lá.



O golfinho estava ficando realmente inquieto. Seu bando sumira. Isso nunca tinha acontecido antes.

De início, enquanto estivera ajudando o menino, tudo estava bem. Ele ouvira o chamado deles pelos nomes-silvo enquanto caçavam um cardume de tainhas; então saíram para esfregar a barriga em uma das enseadas arenosas da ilha. Depois daquilo, ele estava longe demais para ser ouvido, mas não estava preocupado. Sabia que podia encontrá-los quando quisesse.

Não desta vez.

Assim que voltou, vasculhou o Vasto Azul, mas não encontrou nada, exceto alguns restos de tainha. Circundou a ilha. Procurou na Escuridão Abissal, produzindo estalos ansiosos enquanto tentava encontrar suas formas conhecidas e amadas.

Nada. Havia desaparecido em um bater de nadadeira, deixando-o sozinho.

Enfiando o focinho pela Borda, ele assobiou os nomes no Acima. Captou uma resposta fraca. Soavam estranhamente abafados — como se as vozes estivessem vindo através da terra. Como poderia ser? Ouvia que não estavam muito longe, mas não conseguia *encontrá-los*. O que isso significava?

O menino poderia ajudar. Era esperto para um humano, mais esperto do que o golfinho achara de início. Sabia nadar um pouco e até parar de respirar durante o tempo de alguns estalos; e, embora não conseguisse se fazer entender à maneira do fluxo rápido dos golfinhos, sua fala tinha um calor áspero e muita ternura, de forma que o golfinho geralmente entendia o sentido do que Hylas falava. Se o menino *soubesse* que o bando estava perdido, o golfinho tinha certeza de que ele o ajudaria a encontrá-lo.

O problema era que ele não queria ouvir. Desde que a menina aparecera, Hylas ficara ocupado demais brigando com ela.

O golfinho não sabia o que pensar da menina. Uma vez, quando estava a sós na pequena enseada, ela entrou na água com suas perninhas finas de siri, como se quisesse fazer amizade. O golfinho havia nadado mais para perto e lhe deu

uma cutucada gentil, mas ela caiu, jogou água para todos os lados e engoliu, então ele foi embora desgostoso. Mais uma que não sabia nadar.

Na terra, tudo era escuro e calmo. Os dois humanos estavam deitados naquele sono imóvel e parecido com a morte que o golfinho achava tão perturbador. Odiava quando o menino parava de se mexer. O golfinho nunca parava de se mexer. Não conseguia imaginar como seria. Era assustador só de pensar.

Impacientemente, nadou para cima e para baixo. Os humanos não acordariam até que houvesse luz. O que fazer enquanto isso? Estava apreensivo demais para caçar. Além do mais, tinha que ficar na Borda, onde ouvira o bando pela última vez.

Ficar sozinho *doía*. Sentia falta do suspiro suave do respiradouro de sua mãe e do som de sua bela forma lustrosa enquanto avançava pelo Vasto Azul. Sentia falta até da irmãzinha e de suas ridículas tentativas de cace-a-alga.

Ainda estava escuro no Acima quando o golfinho se decidiu. Precisava encontrar seu bando e não poderia fazer isso sozinho. Estava cansado de ser ignorado. Tinha que fazer o menino *ouvi-lo*.

Para isso, teria que ir aonde nenhum golfinho jamais fora antes.



Hylas acordou sobressaltado de um sonho irritante, no qual a louca keftiana tinha roubado sua adaga.

O Sol ainda não se havia erguido, e o céu estava ficando cinzento. A adaga ainda se encontrava ao seu lado, mas o odre sumira. A menina não estava no abrigo dela nem na praia. Provavelmente havia escapulado dali para encher o odre enquanto ele dormia. Ou talvez tivesse caído no Mar e se afogado, o que seria chato, pois precisava dela para construir a balsa.

Pensando nisso, ele a viu emergir dos espinheiros aos pés do promontório.

— Que bom que nos acertamos — disse ele secamente. — Agora eu sei onde você consegue sua água. É o quê, uma nascente?

Ela parecia não ouvi-lo. Estava sem fôlego e sem cor, e a queimadura na bochecha era uma foice em vermelho-pálido.

— Encontrei seu golfinho — disse, ofegante. — Não tenho boas notícias.



O golfinho só queria fazer com que eles o escutassem. Pensou que, se conseguisse chegar à terra, eles saberiam e então poderiam ajudá-lo a encontrar seu bando. O Mar, porém, ficara bravo com ele por tentar deixá-lo. Empurrara-o cada vez mais para dentro da enseada, e o golfinho ficara preso.

Durante um tempo, a arrebentação manteve a cauda do animal fria, mas então a maré baixou, deixando-o encalhado. Remexeu-se e se balançou, mas não conseguia voltar. Estava apavorado. Podia ouvir a arrebentação, mas não conseguia alcançá-la.

Só estivera no Acima por uns poucos estalos enquanto saltava, mas sempre caía de volta nas ondas azuis e geladas. Não naquele momento. Estava preso naquele lugar horrível, onde tudo era áspero, marrom, seco e *quente*.

O golfinho nunca sentira calor na vida. A pele parecia esticada, e as nadadeiras doíam. A areia ficava se acumulando no respiradouro, e ele se sentia tão apavorantemente pesado que mal tinha forças para expelir. Ainda pior que isso, o belo e verde Sol, que iluminava o Mar para ajudar os golfinhos a caçarem peixes, era, naquele momento, uma claridade branca e furiosa.

Uma claridade tão furiosa que não o deixava abrir os olhos, então ele tentou fazer estalos para ouvir as formas ao redor. *Nenhum retorno*. Parecia que, no Acima, estalar não funcionava.

Até os sons comuns eram embotados, e ainda assim dolorosamente altos. Em vez do murmúrio tranquilizante do Mar, a arrebentação era uma explosão estridente, e os grasnidos das gaivotas faziam seus dentes doerem.

O peso era o pior. No Mar, ele era leve e veloz como todo golfinho deve ser, mas ali era como se um peso terrível estivesse amassando-o contra a areia. Era um enorme esforço apenas para respirar, quanto mais se mexer, e, quando uma gaivota se empoleirou em sua cabeça e bicou seu focinho, ele fez o possível para se balançar de modo que ela saísse dali.

Um murmúrio distante de vozes. O golfinho sentiu uma centelha de esperança. Será que os humanos teriam vindo, afinal? Tentou soltar um guincho de socorro, mas estava fraco demais. Cada respiração estava se tornando uma batalha.

Não podia vê-los porque seus olhos tinham ficado secos quando se fecharam, mas ouviu o barulho de seixos quando correram em direção a ele. Sentiu a preocupação da menina e o terror do menino, que pensava que eles tinham chegado tarde demais.

Um choque repentino e feliz de água gelada se derramou sobre as costas do golfinho, aliviando sua barbatana quente e dolorida. Vagamente, ele os ouviu correndo para a arrebentação. Então mais água veio sobre ele, e pequenas e gentis nadadeiras estavam acariciando seus flancos e cuidadosamente mantendo a água fora de seu respiradouro. O golfinho tentou dizer como estava feliz por eles terem vindo, mas não tinha forças para agitar um dos lobos da cauda.

Durante um tempo, a água o fez se sentir um pouco melhor, mas ainda estava com calor, e o Acima ainda o esmagava contra a areia.

De repente, ocorreu-lhe que a água que derramavam sobre ele não era suficiente. Não era o Mar — e, sem o Mar, ele morreria. Os barulhos dos humanos começaram a ficar confusos. O golfinho sentiu que ainda estavam com ele, mas as vozes pareciam se afastar cada vez mais.

A esperança o abandonou. Ele morreria naquela terrível e ardente areia.

Nunca mais veria seu bando.



O golfinho pareceu melhorar quando Pirra esvaziou o odre sobre ele, mas logo parou de se mexer. Os olhos estavam fechados, e a pele passava de um prateado brilhante para um cinza sem vida.

— Ele morreu? — sussurrou ela.

O menino se voltou para ela.

— Cale a *boca*!

Ela viu o terror nos olhos de Hylas e sabia que ele pensara a mesma coisa.

Caindo de joelhos, Hylas pressionou o ouvido no respiradouro do golfinho.

— Alguma coisa? — perguntou ela, baixinho.

Ele fez sinal para ela ficar quieta.

Pirra correu à água rasa para encher o odre. Quando voltou, Hylas ainda estava tentando ouvir. Os olhos dele encontraram os dela, sem enxergar. Então seu rosto se mexeu.

— Está vivo. Mas por pouco tempo.

Trêmula, Pirra jogava água do Mar nas costas do golfinho. Escorreu um pouco perto do respiradouro, e ela o protegeu com a palma da mão, mas era cautelosa, afinal estava tocando uma criatura da Deusa. Notou com assombro que, quando o respiradouro estava aberto, tinha a forma da Lua cheia e, quando fechado, era uma Lua crescente perfeita. Sob sua mão, a pele não era macia como a de uma pessoa, mas lisa e dura como mármore polido.

— Cuidado — avisou o menino. — Não deixe entrar nada no respiradouro ou ele sufoca.

— Eu sei, não vou deixar.

— Eu faço. — Ele a empurrou com o cotovelo. — Você pega mais água.

— Eu já estava indo — resmungou Pirra.

Ele não ouviu. Estava passando a mão no flanco do golfinho e murmurando:

— Você não pode desistir, eu não vou deixar. Vamos levar você de volta para o Mar. Só não desista!

Foi difícil aquele ir e vir aos tropeços em direção ao Mar. O golfinho estava encalhado a poucos passos da arrebentação, mas a areia estava quente, e Pirra afundava até os tornozelos. Quando começou a se cansar, o menino pegou o odre e assumiu o trabalho, enquanto, constantemente, encorajava o golfinho a *não desistir*.

O Sol se ergueu ainda mais. Pirra sentiu-o assolar sua cabeça e imaginou o quase pior deveria ser para o golfinho. Olhou para o sorriso constante dele e pensou, horrorizada: *Ele não está sorrindo*. Está morrendo.

— O Sol está ficando mais forte — disse ela.

O menino a olhou enfurecido.

— E daí?

— Quer dizer, temos que mantê-lo afastado do Sol, senão ele vai morrer.

Hylas ensaiou uma resposta, mas se calou com um estalar de língua.

— Tem razão. Como?

Silêncio enquanto eles pensavam.

— *A vela* — disseram ao mesmo tempo.

— Eu vou buscar — disse ele. — Você fica aqui e mantém ele molhado.

Hylas voltou incrivelmente rápido, tropeçando pelo promontório com a corda enrolada em um ombro, a lona nos braços e, em cima, uma pilha de madeira de seu abrigo. Jogou tudo encosta abaixo, e Pirra correu para recolher. Enquanto ele trabalhava na construção do abrigo, ela manteve o golfinho molhado.

Pirra perguntou se o bicho tinha nome, e o menino disse que o chamava de Espírito; ele lhe dirigiu um olhar como se esperasse uma zombaria. Ela disse que era um bom nome para um golfinho.

Em pouco tempo, Hylas já havia instalado os troncos transversalmente na areia, dos dois lados de Espírito, e os amarrara para fazer um suporte. Pirra ajudou a espalhar a lona por cima — e de repente tinham uma tenda frágil. Não era grande o bastante para cobrir Espírito por completo — mais ou menos um cúbito de sua cauda ficava para fora —, mas a lã de trama estreita mantinha o Sol afastado da cabeça e da maior parte do corpo dele, e o golfinho os recompensava com um leve remexer das extremidades de sua cauda.

Tinham que carregá-lo de volta ao Mar.

Sem uma palavra, eles assumiram posições de cada lado, cada um agarrando uma nadadeira, e puxaram. Era como puxar uma montanha. Espírito não se moveu.

O menino agarrou o que restava da corda e amarrou-a em volta da cauda do golfinho. — Um, dois, três... puxe!

Nada.

— Estamos machucando ele — disse Pirra, ofegante. Ela apontou para o ponto onde a corda estava esfolando a pele fina do animal. — Não vai dar certo.

O menino não respondeu. Desamarrou a corda da cauda de Espírito e já estava olhando feio para suas pegadas na areia. As mais próximas a Espírito estavam secas, mas as mais próximas da arrebentação estavam cheias de água do Mar...

Em um lampejo, Pirra captou o que ele estava pensando.

— Vamos cavar embaixo dele, aí... — disse ela.

— ... aí o Mar vem e faz com que ele flutue e fique livre.

Pegando gravetos, começaram a cavar na areia sob a cauda de Espírito, revezando-se para correr e encher o odre e mantê-lo molhado, depois correndo para dar continuidade à trincheira até o Mar. Enfim conseguiram, e a água entrou espumando e salpicando sob a cauda do golfinho. Pirra viu um tremor percorrer o animal. Imaginou como deveria ser bom sentir cada parte do corpo ficar gelada.

Ela olhou para o menino e sorriu, mas ele não retribuiu. Aquilo era importante demais para que Hylas sorrisse. Era tão importante que doía.

A cauda acabou sendo a parte mais fácil: cavar sob a barriga de Espírito foi bem mais difícil. Ele era pesado demais para ser erguido. O menino tentou rolá-lo para o lado, para Pirra cavar logo abaixo, mas não funcionou, e ele ficou preocupado em espremer o golfinho e dificultar ainda mais a respiração do animal.

— Cuidado com esse graveto — disse Hylas. — Vai deixar farpas nele.

— O que é uma farpa? — perguntou Pirra sem fôlego. — Ai — gemeu logo em seguida, quando uma entrou em seu dedão.

Os dois estavam de joelhos, puxando a areia com as mãos. Embora já tivessem escavado mais ou menos um terço do caminho sob a barriga do golfinho, não conseguiam cavar mais além. A água continuava a se infiltrar por baixo dele, mas não o suficiente para que saísse boiando e ficasse livre.

Sentando sobre os calcanhares, o menino limpou o suor da testa.

— Não está dando certo; ele é muito pesado.

Pirra concordou com a cabeça. Ficaram se olhando por cima do golfinho.

Ela olhou rapidamente para a lona que protegia o animal do Sol.

— Se... se pudéssemos puxar a lona o suficiente para passar por baixo dele — disse ela —, talvez pudéssemos arrastá-lo um pouco mais longe.

O menino assentiu lentamente.

— Se bem que ele vai voltar ao Sol e já é quase meio-dia. Vamos precisar de outro abrigo. — Estalou os dedos. — Junípero.

Puxou a adaga da bainha, mas então hesitou. Pirra imaginou que ele não quisesse deixar Espírito e ir cortar o junípero, mas, se ficasse, precisaria confiar a adaga a ela.

— Hylas — disse Pirra rapidamente —, Espírito precisa que você fique por perto. Passe a adaga para mim.

Ele lhe dirigiu um olhar zangado, depois jogou a arma. Ela pegou o objeto com uma só mão — e ficou muito orgulhosa disso —, mas ele não notou. Já estava jogando água sobre Espírito e cavando mais a trincheira para que parasse de se encher de areia, enquanto falava com uma voz baixa e encorajadora.

O junípero era duro, e Pirra ficou bastante arranhada, mas conseguiu cortar alguns galhos e jogá-los para Hylas. Ele parecia não sentir os espinhos enquanto habilidosamente entrelaçava os galhos e fazia um telhado para amenizar a passagem do Sol. Então o ajudou a puxar a lona até mais ou menos o meio do caminho sob a barriga de Espírito, inclinando-o primeiro para um lado, depois para o outro, enquanto eles afrouxavam a lona mais alto, pouco a pouco. Quando puxaram o máximo que conseguiram, ficaram cada um de um lado, enfiaram os calcanhares na areia, e cada um segurou um lado do tecido.

Desde que não rasgue, pensou Pirra.

— *Puxe* — disse Hylas.

A trama de lã se retesou — e sustentou. Espírito tentou ajudar flexionando debilmente sua coluna.

Um minúsculo trepidar.

— Você sentiu? — arfou Pirra.

Hylas estava fazendo força demais para responder.

Repetidas vezes, eles puxaram a lona. Repetidas vezes, Espírito flexionou o corpo.

A cada puxada, Pirra sentia o fardo diminuir um pouco mais, à medida que o dorso do golfinho se sacudia para dentro da arrebentação e o Mar começou a ajudar.

— Está funcionando — grunhiu Hylas.

De repente, Espírito deu um forte solavanco, sua cauda acertando Pirra de lado e fazendo-a voar.

Ela se sentou, segurando a lateral do corpo. Hylas estava meio puxando, meio empurrando na água rasa o golfinho que se debatia.

— Entrou! — gritou o menino. Espantada, ela assistiu Espírito sair agitado da lona e desaparecer nas ondas.

Houve um silêncio abrupto, enervante, quebrado apenas pelo ir e vir da arrebentação. A espuma cobriu a areia, afastando os sinais da luta desesperada que havia acabado de ocorrer.

Olhando para o Mar, Hylas voltou sua atenção para Pirra.

— Tudo bem? — perguntou ele sem se virar.

— Hum — murmurou ela. Tremendo, Pirra se esforçou para ficar de pé. — Você acha que Espírito está bem?

Hylas não respondeu.

Eles esquadrinharam as ondas juntos. O fulgor do Sol e a água turquesa. Nada de golfinho.

E se foi tarde demais?, pensou Pirra com um aperto de horror. E se ele ficou tempo demais ao Sol e a próxima coisa que vissem fosse um golfinho morto, boiando de barriga para cima?

Hylas estava com a cara fechada e balançava a cabeça. Claramente pensando a mesma coisa.

Pôs os dois dedos na boca e assobiou.

Nada aconteceu.

— Espírito! — gritou ele. Entrou no Mar até a cintura e deu tapinhas na água. Gritou de novo.

Pirra prendeu a respiração.

A brisa fazia um turbilhão triste em volta da enseada. Uma gaivota passou voando, as pontas das asas roçando as ondas.

De repente, o Mar explodiu — e lá estava Espírito, saltando no ar com um guincho de estourar tímpanos.

Pirra caiu de joelhos. Hylas não se mexeu. Estava de costas para ela, mas Pirra o viu colocar a mãos no rosto.

Enquanto isso, Espírito nadava para cima e para baixo na entrada da enseada, rolando de lado e jogando a nadadeira para cima, depois deslizando de novo e abanando a cauda, comemorando estar de volta ao lugar ao qual pertencia.

Hylas se recuperou rapidamente. Com um berro, mergulhou e nadou, depois saltou, jogando água para todos os lados.

— Entre e venha se refrescar! — gritou ele para Pirra.

Esfregando os braços, ela olhou para o Mar — o Mar que ela venerara toda a vida, mas no qual nunca estivera, exceto por aquele quase desastre quando havia tentado fazer amizade com Espírito e acabou engolindo um monte de água.

— Não posso — gritou ela em resposta. — Não sei nadar.

— Não importa! Não vou deixar você se afogar. — Ele abriu um sorriso. — Preciso de você para construir a balsa, lembra?

Ainda assim Pirra hesitou, enquanto menino e golfinho a observavam: duas criaturas se sentindo em casa onde ela nunca se sentira.

— Aliás, como você se chama? — gritou Hylas.

— Hã... Pirra.

— Ora, Pirra, então, *venha!* Venha conhecer Espírito adequadamente, ele já está melhor!

Ela hesitou. Deu alguns passos, e a água lambeu deliciosamente suas panturrilhas. Foi entrando cambaleante até ficar com água acima dos joelhos. Então o chão sumiu e, com um choque frio maravilhoso, Pirra estava dentro, e o Mar a erguia do chão, lavando o calor, os arranhões e o cansaço; ele penteava seu cabelo com longos dedos gelados e cantava em seus ouvidos quando ela mergulhava.

Hylas pegou-a pelo pulso e puxou-a até a superfície.

— Aqui é mais raso — disse ele. — Dá pé para você.

Ofegante de entusiasmo e cuspiendo água, ela continuou a oscilar no ritmo do Mar. Sentiu as carícias escorregadias das algas em volta dos tornozelos. Seus braceletes de ouro brilharam, sem poeira alguma.

Espírito deslizou perto dela embaixo d'água, seu corpo lustroso e esverdeado ondulando com a luz do Sol. Pirra esticou a mão, e seu flanco era tão frio e suave quanto seda molhada. Seu coração se encheu de orgulho por ter ajudado a salvar a vida do golfinho.

— Quando ele voltar — disse Hylas atrás dela —, segure-se na barbatana com as duas mãos que ele dá carona.

Ela lhe dirigiu um olhar desconfiado.

— É sério. Aí vem ele.

Espírito nadava logo abaixo da superfície, só a barbatana aparecendo.

Pirra ficou tensa.

— Vá em frente, não tenha medo.

— Não estou com medo — murmurou ela. Mas estava, embora não de Espírito. Estava com medo do Mar.

Espírito passou de novo, e naquela vez ela não parou para pensar, colocando primeiro uma das mãos e depois a outra na ponta de sua barbatana. Sentiu uma onda potente quando ele a puxou, levando-a consigo em direção ao Mar aberto.

— Segure-se e apenas boie! — gritou Hylas para ela. — Fique parada, não precisa bater as pernas... e deixe os braços retos, senão vai ficar pulando!

Pirra agarrou a barbatana robusta do golfinho e sentiu o frescor fluir por ela. Logo à frente, ela via a água deslizar pela cabeça sedosa de Espírito, enquanto ele subia e descia, o respiradouro abrindo e fechando com gentis *pffts*. Ela sentiu a cauda poderosa do animal roçar seus dedos enquanto ele se mexia com firmeza. Foram cada vez mais rápido, e ela riu alto, pois estava *voando*, voando pelo Mar.

Depois de fazer uma volta, deixando um rastro em forma de um grande anel reluzente, Pirra ficou sem fôlego e extasiada, Espírito levou-a de volta à enseada, onde Hylas ficara observando. O golfinho estendeu as nadadeiras para diminuir a marcha, e Pirra soltou a barbatana. Seus pés afundaram nas algas, e o Mar a segurou até que ela encontrasse equilíbrio.

Hylas ficou de pé, com água na altura da cintura, observando Espírito fazer arcos sob as ondas e sumir no azul.

— Conseguimos — disse ele, baixinho.

Ainda ofegante, Pirra olhou para a água vítrea. Seus pés eram verde-claros e estavam semienterrados na ondulante folhagem roxa. Entre eles, alguma coisa brilhou.

— Devíamos fazer uma oferenda — disse Hylas — para agradecer ao Mar por tê-lo deixado viver.

— Já fizemos — disse Pirra. — Veja aqui.

Um de seus machadinhos dourados havia caído da túnica e fora levado pela corrente até ficar no chão.

— Ah, que bom — disse Hylas com um aceno. — É. Isso é bom.



Hylas passara o dia sem pensar em comida, mas de repente estava faminto.

Ele e Pirra foram procurar comida, e a ilha os ajudou. Hylas pegou um siri em uma piscina nas pedras, depois derrubou uma gaivota com seu estilingue, enquanto Pirra encontrou uma planta estranha que chamou de funcho-do-mar; ele achou que pareciam dedos de um bebê gordo e verde.

Até Espírito ajudou, jogando uma massa cinzenta e grudenta na praia, onde ela ficou debilmente ondulando: um polvo. Hylas ia jogar a coisa de volta, mas Pirra o convenceu a matar o animal. Ela também queria que ele o limpasse, mas Hylas disse que ela que fizesse aquilo, então Pirra limpou o bicho com um graveto, fazendo caretas como se nunca tivesse visto tripas. Depois assaram tudo na fogueira.

Hylas deixou que Pirra comesse um pouco de sua pesca, e ela lhe deu um pouco da dela. Disse que polvos são sagrados, pois têm sangue azul, o que quase o fez desistir de comer o bicho, mas descobriu que era delicioso, muito macio e doce. O funcho-do-mar também não era ruim. Ela o cozinhou em fogo baixo no jarro que havia quebrado, e a planta estava crocante como cardo-leiteiro, com gosto de Mar.

Quando acabaram de comer, o Sol já estava baixando, e as sombras deslizavam dos penhascos. Hylas se sentou e começou a palitar os dentes com um espinho enquanto Pirra ficou de cara fechada desfazendo os nós do cabelo com os dedos. Mais alguns machadinhos dourados haviam caído de sua túnica, no entanto, ela ainda tinha o colar e os braceletes. A marca na bochecha estava

muito vermelha, inflamada. Hylas achou que era estranho ela ficar irritada por causa de um cabelo embaraçado e nunca ter reclamado da queimadura.

Pensou em buscar raiz de malva para fazer um emplastro, mas desistiu. Ela ajudara a salvar Espírito, porém aquilo não fazia dela uma amiga. Hylas não esquecera que o povo de Pirra era aliado dos Corvos.

Além disso, como poderiam ser amigos se precisaria deixá-la para trás? Ele se sentia cada vez pior quanto a isso, mas parecia não haver solução. Não poderia levá-la para a Licônia. Precisava encontrar Issi. Hylas disse a si mesmo que Pirra ficaria bem. Deixaria bastante comida para ela; e algum barco com certeza passaria por lá para buscá-la. Se por acaso fosse o dos Corvos, não havia nada que ele pudesse fazer.

À medida que a noite chegou, Pirra foi ficando mais nervosa, e Hylas supôs que ela estivesse preocupada com os porcos-espinhos. Pelo menos com aquilo ele poderia ajudar. Começou a contar como os porcos-espinhos realmente eram, mas a menina pareceu tão assustada que Hylas explodiu em uma gargalhada. Logo estava rolando nos seixos, e ela ria com a mão na bochecha para proteger a cicatriz.

— Eu não acredito que você inventou isso — disse ela com tristeza.

Ele secou os olhos.

— Devia ter visto a sua cara.

Pirra mexeu nos braceletes.

— Você não é um guerreiro de verdade, é?

— E você não pode fazer feitiços.

Os dois trocaram sorrisos vacilantes.

— Mas sou filha da Sacerdotisa Suprema. Eu não estava mentindo a respeito disso.

— Então por que fugiu?

Ela ficou séria.

— Fui obrigada.

— Não, não foi. Você é rica. Tem tudo.

— Ah, sim, eu sou rica — disse Pirra, com surpreendente amargura. — Está

vendo esta túnica? Esta cor é o roxo keftiano; é feito com caramujos, milhares deles. É mais caro que ouro.

Ele bufou.

— Você está inventando.

Ela lhe lançou um olhar curioso.

— Você não sabe muitas coisas, não é?

— Sei mais do que você.

— Não sobre Keftiu. Aposto que nem sabe onde fica.

Hylas não respondeu.

— Fica bem longe, ao sul, e é tão grande quanto Aqueia, mas nós não temos guerreiros, só fazendeiros, artesãos e marinheiros. Todos têm que entregar à Morada da Deusa um duodécimo daquilo que têm: colheitas, animais, mercadorias. É lá que eu moro. É dez vezes maior que a fortificação do seu Potentado...

— Não pode ser. Nada é tão grande assim.

— É, sim.

Ele lançou a ela um olhar de dúvida.

— Por que todo mundo tem que dar coisas à Morada da Deusa?

Pirra hesitou.

— Já houve uma ilha ao norte de Keftiu. Era mais rica e mais bela do que qualquer outra que já existiu, mas seu povo irritou o Tremeterra, e Ele pisou tão forte que a ilha explodiu. Então uma grande onda veio do Mar. Atingiu Keftiu. O Sol ficou escuro, e um tremor pôs abaixo a Morada da Deusa. — Ela fez uma pausa, observando a fogueira. — Isso foi muito antes de eu nascer, e ela já foi toda reconstruída, mas nunca esquecemos. O Mar dá a vida, mas também a tira.

Hylas tirou um pedaço de carne do meio dos dentes.

— Às vezes, temos tremores nas montanhas, mas nada assim. Que engraçado. Você a chama de Deusa; nós a chamamos de Senhora das Coisas Selvagens; mas nós dois chamamos Ele de Tremeterra.

O lábio dela se curvou.

— Até aqueianos acertam algumas coisas.

— Eu sou liconiano.

Ela deu de ombros.

— Mesma coisa; é uma parte da Aqueia.

Hylas colocou mais madeira na fogueira.

— Então, esta Morada da Deusa. Como ela é?

— É... é cheia de gente. Como uma colmeia. Eu chamo de colmeia de pedra. Sempre tem alguém observando.

Enquanto Pirra falava, Hylas imaginou uma grande aldeia de pedras brancas e brilhosas. Viu imensos machados duplos de bronze polido e vasos sacrificiais feitos de cristais de rocha e ouro batido; doce vinho negro em jarros com dez cúbitos de altura e homens de peito nu dando saltos mortais por cima do dorso de touros raivosos. Tudo para aplacar os deuses e prevenir catástrofes.

— É por isso que eu sou rica — disse Pirra. — Passei minha vida inteira em uma prisão de pedra.

— Parece horrível — disse ele sarcasticamente. — Roupas quentes. Peles de cordeiro macias para dormir em cima. Carne todos os dias. Como é que você aguentava isso?

Ela franziu a testa.

— Sabia que você não entenderia.

— Por que você queimou a bochecha?

Pirra olhou para ele de relance.

— Você sabe de que é feita sua adaga?

— O quê? — Ele ficou abismado. — Claro que sei. É de bronze.

— Mas o que é bronze? É cobre e estanho. Você extrai esses metais do fundo da terra e os une no fogo.

— O que isso tem a ver com sua bochecha queimada?

— Tudo — disse ela, com súbita ferocidade. — Os aqueianos precisam de bronze para fabricar armas. Eles têm bastante cobre, mas não têm estanho. Keftiu também precisa de bronze e, embora não tenhamos cobre *nem* estanho,

nós *conseguimos* estanho nos desertos distantes do leste. Então. Minha mãe conseguiu um acordo com um Potentado aqueiano. Vamos trocar com ele estanho por cobre. Desse jeito, tanto Keftiu quanto Aqueia terão bronze.

— E qual é o problema disso?

— Ainda não acabei. — À luz da fogueira, sua expressão era feroz como a de um falcão. — Para selar o acordo, minha mãe aceitou dar minha mão em casamento. Bom, mas eu *não* vou! Então pensei que, se estragasse meu rosto, ficaria feia e não iam me querer. Estava errada. É isso. Por isso que eu fugi.

Hylas alcançou um graveto e mexeu no fogo.

— Você não trouxe nenhuma comida. Isso foi burrice.

— *Comida?* — berrou Pirra, com desdém. — É só nisso que você pensa?

Ele olhou calmamente para ela.

— Você nunca passou fome.

— Sim, já passei, bem aqui nesta ilha...

— Não, não passou. Aquele pescador deixou algumas tainhas para você. Isso não é fome. Fome de verdade dói.

— Bom, se você era um pastor de cabras, não pode ter passado fome também, porque tinha leite e carne quando quisesse.

Ele deu uma risada espalhafatosa.

— As cabras não eram minhas! E você só pode roubar certa quantidade de leite antes que alguém note e lhe dê uma surra.

Ela piscou.

— Eles bateram em você?

Foi a vez de Hylas dar de ombros.

— E daí? É assim que é.

— Mas... por que você não fugiu?

Ele ficou exasperado.

— Claro que nós fugimos! Mas eles sempre mandavam os cachorros atrás da gente. Na última vez em que nos pegaram, eles... eles não bateram em mim. Bateram na Issi.

— Quem é Issi?

Ele jogou fora o graveto.

— Vai ficar escuro daqui a pouco — disse bruscamente. — Precisamos consertar esses abrigos ou não vamos ter onde dormir.



Depois de terem terminado os abrigos, Hylas levou a casca do siri até a água rasa para dar a Espírito.

Estava bravo consigo mesmo. Deixara Pirra distraí-lo com toda aquela conversa sobre a Morada da Deusa. Ela nem chegou a mencionar os Corvos.

Na verdade, ele estava tão ocupado em socorrer Espírito que quase esqueceu por que estava lá. Bom, não mais. Estava cansado de fugir; cansado de simplesmente sobreviver. Os Corvos estavam atrás dos forasteiros por um motivo. Ele pretendia descobrir qual.

Espírito não quis a casca de siri; jogou-a para cima e para baixo uma ou duas vezes, depois a ignorou. Já havia se recuperado de sua provação, mas parecia apático e desanimado. Quando Hylas entrou na água, o golfinho pôs a cabeça para o lado e o olhou tristemente.

Pela primeira vez, Hylas se perguntava como Espírito ficara enalhado.

— Por que você fez aquilo? — perguntou suavemente. — Por que tentou chegar à terra?

O golfinho afundou, deixando a luz das estrelas balançando na água.

Por que ele *está* sozinho?, perguntou-se Hylas. Onde *está* a família dele? Ele *está* tentando encontrá-la? Por isso enalhou?

Seria possível que Espírito estivesse procurando a irmã caçula, assim como ele procurava Issi?

— Ele deve estar se sentindo sozinho — disse Pirra, atrás dele. Ela ficou na água rasa, uma silhueta esguia no escuro. — Ele não tem um bando? Uma família?

— Foram embora. Não sei para onde.

— Por isso está infeliz. Golfinhos não foram feitos para ficar sozinhos.

— O que você sabe sobre golfinhos? — perguntou Hylas, de modo grosseiro. Ela sorriu.

— Todo keftiano entende de golfinhos; eles são os guardiões do Mar. Por isso é a morte ferir um deles.

— Eu sabia disso — mentiu ele.

Caminhando mais para o fundo, Pirra esticou a mão, e Espírito nadou até ela para que o acariciasse.

— Dizem que um golfinho nunca para de se mexer — comentou ela. — Eles podem ouvir tudo no Mar. E enxergar no escuro. Eles também conseguem enxergar *através* das coisas. Um golfinho pode ver um linguado escondido sob a areia e um bebê golfinho na barriga de sua mãe. Ele consegue ver o coração batendo no peito de um homem. — Fez uma pausa. — Mas nunca encontrei alguém que pudesse conversar com eles.

— Eu não posso, não de verdade — admitiu Hylas. — Não do jeito como eles conversam uns com os outros. Mas às vezes consigo adivinhar o que ele está sentindo. E, quando ele me olha, é... é como se pudesse enxergar dentro da minha alma... — Ele parou, envergonhado.

Espírito nadou, fazendo um círculo, e jogou água no rosto de Pirra com a nadadeira. Ela riu.

Hylas se pegou contando a Pirra sobre quando ficou à deriva, encontrou o tubarão e foi salvo pelos golfinhos. Era um alívio contar a ela; mas, quando ele mencionou o fogo azul, Pirra ficou sem fôlego.

— Você viu o fogo azul?

— Por quê? O que quer dizer?

Ela hesitou.

— Às vezes a Deusa invoca golfinhos para cumprir Suas ordens. Eles nadam tão próximos que ficam salpicados por Sua sombra azul ardente. *A sombra Dela*, Hylas. Isso é que é o fogo azul. Foi isso que você viu.

Ele caminhou em direção à praia, e a brisa noturna resfriou sua pele. Lembrou-se da primeira vez em que viu Espírito, erguendo-se do Mar em uma

fonte de azul luminoso. Sentiu-se sem fôlego e assustado. Não queria que Espírito fosse sagrado. Queria que fosse seu amigo.

Pirra caminhou pela água atrás dele, torcendo a bainha da túnica.

— Não são muitas as pessoas que já viram o fogo azul — disse ela, baixinho.
— Eu me pergunto por que será que você viu.

Ele pensou no keftiano moribundo na tumba e na mecha flutuando sobre as ondas. Teve a sensação alarmante de que havia se envolvido em algo muito maior do que imaginava. Por que tinha acabado ali, na Ilha da Deusa? O que ficava do outro lado daqueles penhascos que barravam o caminho para o interior da ilha?

— Hylas... *quem* é você? — perguntou Pirra. — Por que os Corvos estão atrás de você?

Foi estranho ela tê-los mencionado primeiro.

— Eles estão atrás dos forasteiros — respondeu ele cautelosamente.

— É isso que você é, um forasteiro? O que quer dizer?

Ele explicou.

— Acho que vocês, keftianos, nos chamam de povo da selva.

Pirra ficou pensando sobre o que ele disse.

— Já ouvi falar de vocês. Apesar de não restarem muitos em Keftiu. Dizem que ficam nas montanhas altas. Não sabia que o povo da selva também vivia na Aqueia. Então, por que os Corvos estão atrás dos Forasteiros?

— Você é que tem que me dizer, já que acampou com eles.

Ela se enfureceu.

— Minha mãe pode ter negócios com eles, mas *eu* não tenho uma aliança com os Corvos, se é isso que você está pensando.

— Mas deve saber algo! Por que vieram atrás de mim naquela noite na encosta?

— Eu não sei! Userref disse...

— Quem é Userref?

— Meu escravo. Ele disse que eles lhe contaram que você tentou matar o filho de Thestor, mas nós achamos que era só...

— *O quê?* — Ele ficou horrorizado. — É mentira!

— Como eu disse, não acreditamos neles...

— Eu nunca faria nada para ferir Telamon. Ele é meu melhor amigo!

Ela ficou chocada.

— Você é *amigo* do filho de Thestor? Mas... não faz sentido.

— Por quê? Por que ele é rico e eu sou pobre?

— Não, porque é o menino com quem eu deveria me casar, e porque ele...

— *Telamon?* Vocês dois deveriam se casar? E você nem considerou me contar?

— Por que eu deveria? Nunca me ocorreu que vocês pudessem ser amigos!

— Por que não?

Ela abriu a boca para responder — então a fechou de novo. Seu rosto se fechou. Hylas pôde vê-la decidir não dizer nem mais uma palavra. Não confiava nele, assim como ele não confiava nela.

— Você está escondendo coisas — disse Hylas, em tom acusatório.

— Você também — retrucou Pirra. — Onde conseguiu aquela adaga? Como sabe o nome que damos para os forasteiros se nunca conheceu um keftiano antes de mim?

Ele não respondeu. A tranquilidade que surgira entre os dois havia se quebrado.

— É melhor dormirmos um pouco — disse Hylas bruscamente.

— É melhor — retrucou Pirra.

Naquela noite, Hylas ficou deitado em seu abrigo, ouvindo a água negra bater nas pedras.

Telamon nunca mencionara o acordo com Keftiu. Mas, também, ele nunca falou sobre o que estava acontecendo em Lapithos; disse que parecia que estava sendo convencido. Deve ter ficado com vergonha de ter que se casar.

A não ser que Pirra estivesse mentindo. A não ser que tivesse inventado aquilo para desviar a atenção do assunto dos Corvos.

O Mar ficou calmo, e a Lua crescente se ergueu, mas Hylas não conseguia dormir. Falar dos Corvos aproximara os dois ainda mais. Ele imaginou barcos sinistros com velas negras correndo em sua direção. Será que o Mar os traria? Será que Pirra o trairia?

Do abrigo dela só vinha silêncio, mas Hylas sabia, só de ouvir a respiração dela, que Pirra não estava dormindo.

Ela estava escondendo algo. Tinha que estar.

Bom, uma coisa era certa. Ele não podia confiar nela. Assim que construíssem a balsa, ele a deixaria para trás.



Pirra tinha pensado que as coisas entre ela e Hylas estavam melhorando, mas a noite anterior havia mudado tudo. Se era verdade que ele era amigo do filho do Potentado — o que parecia impossível —, quanto menos ela contasse, melhor.

Decidiu ficar quieta e ajudar Hylas a construir a balsa; então, uma vez que chegassem à Aqueia, ela o abandonaria.

Não tinha certeza sobre o que aconteceria depois. Além disso, tinha questões mais urgentes. Estava começando a se preocupar com a possibilidade de que Hylas planejava deixá-la para trás.

Disse a si mesma que devia estar enganada. Ele não poderia ser tão cruel, mesmo sendo liconiano. Mas e se estivesse certa?

Construir a balsa era exaustivo. Hylas engatinhara para baixo da ponte improvisada, enquanto ela esperava nas rochas; então ele cortou um pedaço de tronco com um machado que encontrara no porão do navio, amarrou uma corda em volta e jogou a outra ponta. Aquela foi a pior parte, pois Pirra se arranhou, não conseguiu segurar a corda e ainda levou bronca. Quando ela finalmente pegou a corda, Hylas precisou fazer a passagem arriscada e ajudá-la a puxar o tronco.

Também recuperaram três placas de cera de abelha, que poderiam derreter e usar para vedar buracos, e quatro jarros intactos, que, pelo selo, Pirra suspeitou de que contivessem azeitonas.

Ao cair da noite, estavam cansados demais para brigar e se sentaram entorpecidos ao redor da fogueira, arrancando farpas.

No dia seguinte, carregaram tudo de volta ao acampamento, já que Hylas insistiu em construir a balsa atrás dos rochedos, onde não seria possível avistá-la do Mar. A ameaça dos Corvos estava sempre presente. Conferiam constantemente o horizonte em busca de navios.

Hylas trabalhava com determinação feroz, parando apenas para posicionar armadilhas de peixe ou de aves. Nem pediu a Pirra que lhe mostrasse onde buscava água; e, quando ela mencionou a caverna, ele só assentiu e deixou que ela fosse até lá.

Pirra desejou que ele não tivesse feito isso. Odiava a caverna. Era protegida por duas moitas de asfódelo branco com espinhos mais altos do que ela e, para entrar, precisava se torcer de costas com os braços presos ao peito, então cair na gelada, molhada e murmurante escuridão. A caverna era baixa demais para se ficar de pé, e Pirra sentia as rochas fazendo pressão logo acima, mas não podia pedir que Hylas fizesse aquilo em seu lugar, porque era a única coisa sobre a qual ela sabia mais do que ele.

No geral, contudo, eles haviam se acertado, e Pirra começou a achar que sua suspeita poderia não ter fundamento. Uma vez, Hylas jogou um par de sandálias que encontrara no navio naufragado e cortara o calçado para que servisse nela. Ele também a ensinou a nadar, fazendo-a pular em uma piscina em meio às rochas e berrando para ela usar braços e pernas. Pirra engoliu tanta água que passou mal, mas no fim das contas conseguiu.

Então, na última noite, Hylas teve um pesadelo, chutando seu abrigo e gritando:

— Issi! Xô! Xô, cadê vocês?

Quando ela o acordou com uma sacodida, ele parecia confuso, não tão forte. Pirra perguntou a respeito de Issi. Hylas piscou e disse que era sua irmã menor, que desaparecera quando os Corvos atacaram; e Xô era seu cachorro, que havia sido morto por eles. Pirra sentiu pena dele, mas também inveja porque Hylas tivera um cachorro. Ficou, porém, contente por ele ter lhe contado sobre Issi. Também ficou intrigada; sempre se perguntou como seria ter uma irmã.

No terceiro dia, eles construíram a balsa. Havião trazido nove troncos mais ou menos longos, duas lenhas — as quais Hylas disse que serviriam de roletes, seja lá o que significasse — e quatro tábuas menores. Ele colocou no chão duas das tábuas com mais ou menos três passos de distância e, junto com Pirra, pôs as toras em cima, lado a lado. O plano era colocar as outras duas tábuas sobre a fileira de troncos, então amarrar junto cada par de tábuas pelas extremidades, segurando assim os troncos no meio.

Aquilo acabou se mostrando algo extremamente complicado de se fazer. Para forçar as pontas de cada par de tábuas ao redor dos troncos, tiveram que empilhar pedras sobre elas, e Hylas precisou fazer entalhes para as cordas não escorregarem. Conduzir a balsa também se mostrou um problema, até que Pirra se lembrou da pintura de uma barca egípcia que havia nos aposentos de sua mãe e sugeriu montar um remo sobre um tripé de gravetos cruzados.

Enfim, estava terminado.

— Parece bom — disse Pirra, com orgulho.

— Vai funcionar — retrucou Hylas. Estava ocupado recolhendo as tainhas secas que preparara para a jornada e amarrando os outros suprimentos à balsa. Pirra notou que, embora ele houvesse amarrado duas das jarras que eles haviam resgatado, deixara as outras duas, juntamente com um segundo odre que ele resgatara do porão do navio.

Sentindo-se abandonada, percebeu que aquelas provisões seriam para ela. Estava certa desde o início. Ele realmente pretendia deixá-la para trás.

Desolação, fúria e mágoa se digladiaram dentro de Pirra. A fúria venceu. As palmas de sua mão formigavam. O sangue queimava em suas orelhas. Ela queria bater nele com os punhos e gritar: Seu maldito e podre *mentiroso*!

— Alcance aquela corda para mim, pode ser? — murmurou ele.

— Você que pegue — rosnou ela.

Hylas deu uma olhada ao redor.

— Qual é o problema?

— Ah, não sei — disse Pirra docemente. — Talvez eu esteja só um pouco *aborrecida* por estar trabalhando como uma escrava há dias, e por você ter dito

que ia me levar com você, e ter *mentido*.

Ele enrubesceu.

— É verdade, não é?

— É — respondeu Hylas.

— É? Só isso que você vai dizer?

— É.

Ela piscou.

— Você não tem... não tem *honra*?

Ele bufou.

— Honra é para quem tem o bastante para comer.

— E que tal gratidão? Eu ajudei a salvar Espírito! Eu ajudei a *construir* essa balsa maldita!

Hylas se pôs de pé e a olhou nos olhos, e seu olhar era firme e sem constrangimento.

— Desculpe-me — disse ele —, mas preciso encontrar minha irmã. Você ia me atrapalhar.

— *Atrapalhar*? — explodiu ela. — Se eu não tivesse ajudado...

— Olhe, Pirra, pode levar dias para se chegar à Licônia. Se formos os dois na balsa, o que faríamos para conseguir comida? Eu não conseguiria pegar o bastante para nós dois, e você não sabe pescar. Então, ou nós dois passamos fome, ou eu teria que jogar você na água para ser comida pelos tubarões. Prefiro deixá-la aqui à própria sorte. Vai ficar mais segura.

— Ah, então eu deveria agradecer a você?

— Não, você deveria aceitar que é assim que vai ser.

— Você é *terrível*! — berrou ela. — Você não se importa com ninguém, só com você mesmo!

— Mesmo que você fosse — respondeu Hylas, de costas —, o que você faria quando chegássemos lá? É da Licônia que você quer *fugir*! E você não pode voltar para Keftiu. Para onde você iria?

— Eu *odeio* você! — berrou Pirra. Pegando os odres, ela correu em direção ao promontório.



Estava tão furiosa que quase se esqueceu de sentir medo da caverna.

Rangendo os dentes, ela passou pela entrada e se soltou no escuro, onde mergulhou os odres na corrente de água e os segurou pelo pescoço, como se estivesse estrangulando gatinhos.

No entanto, quando estava subindo de novo pelo promontório, carregando dois odres pesados, sua ira diminuiu, e seu espírito se afundou. Era óbvio que Hylas não a queria. Por que ia querer? Era uma inútil. E gritar com ele de nada adiantara — exceto provar que ela não conseguia controlar o próprio gênio e que, portanto, não valia a pena levá-la.

Ele também tinha razão quanto a Pirra não ter para onde ir. A desolação a consumiu. Ninguém naquele mundo se importava com ela.

Uma chuva de seixos caiu sobre ela, e Pirra olhou para Hylas, que corria em sua direção.

— Qual é o problema desta vez? — perguntou ela, sem energia.

Agarrando-a pelo pulso, ele a puxou atrás de si com força, encosta abaixo.

— Rápido! — disse ele, ofegante. — Onde fica essa caverna?

— O quê?

— A caverna, a caverna, temos que nos esconder! *Navios!*



— Espírito me avisou — disse Hylas, ofegante, enquanto eles se arrastavam declive abaixo. — Ele ficou batendo o rabo.

— Quantos navios? — perguntou Pirra.

— Dois. Mas estão longe demais para saber se são Corvos. Esta é a caverna?
— Eles haviam chegado aos asfódelos.

— Eu vou primeiro — disse ela. Esquivando-se pela boca da caverna, Pirra se deixou cair nas pedras. O medo dava um aperto em seu coração. Ela imaginou navios chegando à praia e homens andando dentro da água em direção à costa. Sua mãe era implacável; vasculharia a ilha inteira...

— Pegue! — Ele jogou os odres, então pulou ao lado dela.

Hylas trouxera dois talos de funcho gigante, que ele acendera na fogueira do acampamento. Pirra ficou impressionada como ele era precavido e ainda mais por ele não parecer ter medo da caverna. Para ela, a luz incerta apenas deixava as trevas ao seu redor mais profundas. Para ela, havia fantasmas em torno deles, amontoando-se no caminho sombrio entre os mundos dos vivos e dos mortos. Será que Hylas não sentia isso também?

Hylas vagava por lá, espiando dentro de rachaduras e se ajoelhando para provar a água negra que passava deslizando em seus pés.

— É boa — murmurou ele. — Podemos nos esconder aqui por uns dias.

— Não, não podemos — disse ela rapidamente. — É pequeno demais, não tem ar suficiente.

— Tem, sim, existe uma corrente de ar. — Ele farejou. — Tem cheiro de coisa salgada. Deve ser uma passagem para o Mar. — Hylas estalou os dedos. — Acabei de me lembrar, assim que eu cheguei na ilha, vi uma caverna que abria direto para o Mar. É de lá que está vindo o ar.

— Hylas...

Ele estava enfiando a cabeça em um vão entre dois pilares altos de rocha úmida.

— Acho que encontrei. — Antes que ela pudesse detê-lo, ele havia se espremido de lado e desaparecido.

— *Hylas!* — sibilou Pirra.

— Venha, ela fica mais larga!

Cerrando os dentes, Pirra se espremeu para passar depois dele.

Ela irrompeu em uma caverna estreita, que era baixa demais para se ficar de pé, além de fria e úmida por causa da brisa.

— Vamos nos perder! — disse ela, ofegante.

— Não, não vamos. É só se lembrar dessas rochas altas perto da entrada e daquela rocha vermelha que parece uma mão, pela qual passamos na curva...

— Mas por que entrar mais fundo?

— Porque precisamos ver aqueles navios. Se não conseguirmos, não vamos saber se eles já foram ou se estão vindo em nossa direção... — Sua voz ficou mais abafada quando ele fez uma curva.

Esforçando-se para respirar, Pirra seguiu Hylas, correndo agachada. À luz ondulante de seu talo de funcho, faces rochosas saltavam sobre ela, e as sombras se arrastavam para longe. Pirra ouviu o eco do *plim* da água — e atrás dele o silêncio impenetrável da rocha.

Alguma coisa encostou em seu tornozelo. Ela sufocou um grito.

Era uma guirlanda, tão antiga e murcha que, quando Pirra a cutucou com a sandália, a coisa transformou-se em pó. Sua mão se agarrou à pedra entalhada. As paredes reverberavam o som do medo. No escuro, ela distinguiu as frágeis tranças da cevada de verões muito distantes e folhas de oliveira cinzentas como a

morte. Outros haviam estado lá antes dela. Pensou nos Desaparecidos: o povo que vivera na ilha nos tempos antigos e que misteriosamente sumira.

Em vários lugares, Pirra viu oferendas menores enfiadas em rachaduras e fendas: um passarinho de cerâmica, um touro, uma cobra. Em Keftiu, as pessoas faziam o mesmo, viajando até santuários em picos e cavernas para deixar as primeiras frutas da colheita e pequenas criaturas silvestres feitas de barro ou bronze.

Ela avistou um pequeno golfinho de barro em uma saliência. Estava caído de lado, seu olho pintado desbotado pelo envelhecimento, mas ainda curiosamente alerta.

À frente, a luz de Hylas havia se reduzido a um brilho fraco.

Pirra arrumou o golfinho na saliência e correu atrás dele.



Ficar preso na ilha havia sido algo muito terrível, e o golfinho nunca mais chegaria perto se não fosse por seu bando. Eles estavam perdidos em algum lugar lá dentro e, pelos guinchos, ele podia afirmar que estavam ficando cada vez mais fracos.

A ilha também havia engolido o menino e a menina.

O golfinho não podia abandoná-los. Não só porque o haviam resgatado. Ele se importava com eles, mais do que com qualquer humano que encontrara. Não queria que nada de ruim lhes acontecesse.

Especialmente com o menino. Mesmo quando estava ocupado, o menino sempre dava tapinhas com sua nadadeira quando o golfinho estava por perto; e, quando o golfinho nadava mais próximo, o menino fazia carinho e conversava com ele em sua voz estranha e áspera.

Algumas vezes também, quando o Acima havia escurecido e a menina dormia, o menino descia até lá e ficava quieto na água rasa, e o golfinho nadava em volta dele. Naqueles momentos, não havia necessidade de falar, e menino e golfinho podiam ser solitários juntos, os dois sentindo falta de seus familiares.

Como era apavorante ser humano! Ser forçado a viver naquele calor horrendo, ofuscante! Sem florestas ondulantes de alga verde e gelada, onde nadam suculentas bremas. Sem territórios profundos e escuros para caçar, nos quais é preciso emitir estalos fortes e rápidos para encontrar as arraiaes escondidas sob a areia. Aquilo fazia o golfinho ter vontade de agarrar o menino com a nadadeira e afundar com ele no Azul cintilante até a Escuridão Abissal, para lhe mostrar como é ser golfinho, em comunhão com o Mar.

Era por isso que o golfinho tinha que ficar perto da ilha: estava ligado a ela por um emaranhado de preocupação, pena e amor. Precisava encontrar seu bando, mas tinha que cuidar dos humanos.

Mas *por que* eles haviam desaparecido dentro daquele buraco?

O golfinho sabia, havia algum tempo, que tanto o menino quanto a menina estavam se escondendo de alguém, pois frequentemente encaravam o Mar, e ele sentia o medo deles emanar pela água. Achou que estivessem fugindo de outros humanos, e suas suspeitas foram confirmadas, pois, quando alertou o menino a respeito das árvores flutuantes, ele escapou.

Mas por que se esconder em um buraco, como um par de enguias? E por que *naquele* buraco especialmente?

Era aquele buraco que levava ao Lugar dos Ecos Cantantes. Todo golfinho sabia disso, mas nenhum estivera lá. Não era um lugar para golfinhos nem para humanos. Era um lugar para ecos cantantes e para pobres e débeis fantasmas — e, de vez em quando, para a Iluminada em Si.

Enquanto percorria as correntes traiçoeiras do lado de fora da caverna, o golfinho se perguntou o que fazer. Das profundezas da ilha, ele captava as vozes abafadas dos humanos. O que estavam fazendo tão distante, lá dentro? Não sabiam como era aquele lugar?

O azul do céu estava se aprofundando. Logo escureceria. E o golfinho continuava a nadar, esforçando-se para captar as vozes deles.

De repente, percebeu a presença de nova ameaça. Sentiu-a nas barbatanas e em uma dor que percorreu sua mandíbula inferior. Começou a sentir medo.

Alguém estava com raiva. E, quando Ele ficava irado, Ele batia no Mar com Sua enorme cauda e fazia montanhas inteiras desabarem.

Mais do que tudo, os golfinhos temiam Ele.

Aquele Lá Embaixo.



— Ali! — sussurrou Hylas ao ombro de Pirra. — Dois navios. Viu?

Ela fez que sim.

Depois da escuridão da caverna, tinha sido maravilhoso emergir naquela grande câmara rochosa que se abria para o Mar. Não fora fácil chegar lá, porque uma corrente subterrânea passava por ela, o que significava que eles tinham precisado avançar lentamente, imprensados contra as paredes, correndo constantemente o risco de cair. Quando enfim chegaram à boca da caverna, viram Espírito nadando para cima e para baixo, estalando as mandíbulas. Parecia agitado; Hylas não sabia dizer se era por causa dos navios ou por outra coisa. Pirra mal havia notado. Conforme as batidas de seu coração diminuía, ela respirava com sofreguidão.

Ao lado dela, Hylas respirou aliviado.

— Estão menores do que quando eu vi a primeira vez. Estão se afastando.

Cobrindo os olhos para se proteger do brilho vermelho do Sol, Pirra os estreitou em direção às manchas no horizonte. O alívio a inundou.

— Não são keftianos — disse ela.

— Como você sabe?

— As velas são de outra cor, os bicos dos navios são de outro formato.

— Você consegue ver tudo isso? Deve ter olhos de águia.

— Também não são Corvos. Acho... acho que são fenícios.

— Como você entende tanto de barcos se nunca foi a lugar nenhum? — Ele pareceu desconfiado.

— Porque — rebateu Pirra — a Morada da Deusa é coberta de pinturas, e muitas delas são de navios de todo o mundo: Macedônia, Aqueia, Ilhas

Obsidianas, Fenícia, Egito... e eu não tive nada para fazer desde mais ou menos os meus três verões de idade, a não ser ficar olhando para eles e aprender muito bem como eram.

Uma onda bateu nas rochas, e eles recuaram, protegendo seus talos de funcho dos respingos.

— É melhor nos mexermos — disse Hylas.

Pirra olhou ansiosamente para trás, onde a boca da caverna se escancarava, esperando para engoli-los.

— Não podemos achar outro caminho de volta?

— Como? — Ele apontou para os penhascos escarpados acima deles e para o Mar batendo contra as rochas dos dois lados. — Se tentássemos nadar para voltar, seríamos destroçados. Você provavelmente se afogaria antes.

Não havia mais o que fazer, exceto entrar mais uma vez no escuro e no frio. E estava mais escuro desta vez, pois os talos de funcho estavam quase no fim.

Pirra disse a si mesma, de maneira cruel, que já havia feito aquilo antes, então conseguiria fazer de novo; mas, quando a voz do Mar baixou, ela ficou chocada ao ver que o mundo lá fora já se havia reduzido a um pálido disco de luz. Então ela fez uma curva, e ele sumiu.

Não havia mais Hylas à sua frente.

— Hylas? — chamou Pirra.

Nada além do gotejar, do respingar da água e de sua própria respiração premente.

— Hylas!

Um som de alguém correndo... depois uma luz reluzindo, e lá estava ele, parecendo estranhamente entusiasmado.

— Achei outra caverna — informou Hylas, ofegante. — É um esconderijo perfeito, podemos acampar lá durante a noite!

— *Como é? Acampar aqui embaixo?*

— Tem tudo na caverna! Água, espaço, ar.

— Mas os navios foram embora!

— Eles podem voltar.

Hylas notou que ela estava com medo, e a expressão dele se endureceu.

— Eles podem não ter ido longe, Pirra. Seria loucura acampar na praia, onde podem nos ver. É muito melhor aqui embaixo.

— Bom, então vá em frente — disse ela, com frieza. — Eu vou voltar.

— Não seja estúpida. Não podemos nos separar. Isso aumentaria a chance de sermos vistos.

— E por que não podemos? Você planeja me *abandonar* amanhã.

Ele a ignorou.

— Escuta...

— Não, *você* me escuta! Seu pesadelo é não encontrar sua irmã; o meu é ser enterrada viva. Então você faça o que quiser, mas eu vou sair daqui!

Ela correu agarrando a tocha com uma das mãos e tateando as rochas com a outra. Hylas não foi atrás dela, o que a deixou com mais raiva ainda.

O caminho de volta pareceu mais curto que o de ida, e logo ela passou pela rocha vermelha que parecia uma mão e que marcava a curva. Exatamente quando seu talo de funcho estava se apagando, ela teve um vislumbre dos pilares negros e da luz abençoada que emanava através da boca da caverna.

Arremessando para longe o funcho, Pirra segurou uma pedra e se apoiou para erguer o corpo. A rocha saiu em sua mão. Ela agarrou outra. A pedra se mexeu.

Teve tempo apenas de pensar no que estava acontecendo. Então a terra rosnou — e ela soube. Em um piscar de olhos, o rosnado cresceu até virar um rugido, e as pedras estavam balançando, a luz do dia acima dela sacudia de um lado para o outro. Pedras estavam caindo, e a terra urrava cada vez mais alto, rugindo *através* dela. O Touro Sob o Mar estava se agitando em seu sono, e ela se encontrava no pior lugar possível: dentro de uma caverna.

— Hylas! — gritou, mas sua voz foi engolida pelos rugidos furiosos do Tremeterra.

De algum jeito, ela encontrou um buraco e engatinhou para dentro dele. Então imaginou o buraco desabando sobre si e engatinhou novamente para fora.

Algo atingiu sua nuca, e faíscas explodiram em seus olhos. Pirra lutou para se levantar, mas a terra tremia tão forte que ela não conseguiu ficar de pé.

A última coisa que viu foi a luz do dia ficar negra quando a boca da caverna se fechou de repente.



Hylas abriu os olhos. Fechou. Abriu. Não havia diferença. Tudo estava preto.

Ele se encontrava deitado com os braços sobre a cabeça, sentindo o que restava da ira do Tremeterra rugir ao seu redor. Estava coberto de poeira e tossiu até lacrimejar, porém, surpreendentemente, não estava ferido. E ainda tinha a adaga na bainha presa à sua perna.

Quando o rugir da terra enfim morreu no silêncio, ele se levantou. Onde quer que estivesse, o teto era alto o bastante para que ficasse de pé; bastava se curvar um pouco. Atrás de si, percebeu um sopro de vento e um reflexo de luz. Adiante: nada.

Com o coração acelerado, sentiu as rochas à frente. Sólidas. O tremor devia tê-las derrubado do teto da caverna.

Chamou Pirra. Não houve resposta. Apenas o murmúrio distante da água e o silêncio observador das pedras.

Chamou por ela repetidas vezes. Parecia assustado. Parou. O silêncio era pior.

Não conseguia aguentar. Em um instante, ela estava perto, berrando com ele. Agora só o que sobrara era uma pilha de pedras e uma profunda sensação de perda. Pirra merecia mais do que ser esmagada por um tremor da terra. Hylas tinha esperanças de que tivesse sido rápido e de que ela não tivesse sofrido.

Piscando e cuspiendo poeira, ele se virou e cambaleou em direção à luz.

Não tinha ido muito longe quando ouviu um guincho fraco e ecoante.

Espírito.

Tentou assobiar de volta — conseguindo apenas um som insatisfatório —, tentou de novo.

Uma espera agonizante.

Então uma resposta, a distância.

Hylas engoliu em seco. *Não* estava sozinho, não enquanto tivesse Espírito. Imaginou o golfinho subindo e descendo diante da boca da caverna, talvez até se aventurando em subir o córrego que se derramava da caverna para o Mar enquanto enviava seu grito ressoando pelo escuro, como um fio de prata que levaria Hylas rumo à luz.

Se conseguisse voltar ao Mar, então, com a ajuda de Espírito, poderia dar a volta na baía. E conseguiria...

Mas e Pirra?, perguntou uma voz em sua mente.

O que tem ela?, retrucou Hylas. *Não há mais nada que eu possa fazer por ela. Ela morreu.*

Mas e se ela não estiver morta? Pode estar viva em algum lugar atrás dessas pedras. Presa. Ferida. Aterrorizada.

Os silvos de Espírito ressoaram pela escuridão, deixando-o mais seguro.

Hylas deu um soco na pedra. Precisava cuidar de si. Se não cuidasse, estaria acabado, e Issi também.

— Seu pesadelo é não encontrar sua irmã — dissera Pirra. — O meu é ser enterrada viva.

Ela podia resistir dias, mesmo sem comida e água. Morrendo lentamente. Sozinha no escuro.



Pirra estava deitada de lado, enroscada. Ela sabia, pela sensação rascante ao respirar e pelo calor no rosto, que estava em um espaço terrivelmente apertado. Não ousou tentar descobrir quão apertado.

Sua nuca doía, e a ferida na bochecha estava latejando, mas ela achava que não se encontrava machucada em outras partes. Estava tão escuro que não

conseguia enxergar seu punho diante do rosto. O mundo inteiro sumira. Ela era a única que restava.

— Hylas? — gritou. — *Hylas!*

Nenhuma resposta. Ou ele estava morto, ou tentando encontrar o caminho de volta para o Mar. Pirra estava sozinha: presa como formiga sob uma montanha de rochas.

O pânico a dominou. Ela agarrou sua pedra entalhada, traçando com o dedo o contorno familiar do pássaro. Imaginou um falcão de verdade, como o que tinha visto com Userref no navio. Tentou fazê-lo voar rápido e livre pelo céu infinito...

Não conseguia. O falcão em sua cabeça estava preso, da mesma forma que ela. Quase conseguia ouvi-lo esvoaçar em pânico à medida que se arremessava violentamente contra as rochas.

Com dificuldade, virou de barriga para baixo, e seu cabelo prendeu na reentrância de uma pedra a um dedo de distância de sua cabeça. Pirra tentou esticar um braço para a frente. Seus dedos bateram na pedra. Flexionou uma perna, mas deu uma topada. O coração batia forte. O falcão em sua mente ficou louco.

Apertando bem os olhos, ela lutou contra a vontade de gritar, de bater com pés e punhos. *Respire. Respire. Devagar. Inspire, expire.*

Seu coração se acalmou um pouco. O falcão em sua mente ficou mais calmo.

Aquela minúscula vitória a fez se sentir um pouco mais forte. Decidiu passar as mãos por cada pedra ao seu redor, para o caso de existir uma saída.

Tateou a pedra com crosta em frente ao seu rosto. Encontrou um buraco mais ou menos do tamanho de seu punho. Lá dentro, algo se agitou. Uma... uma *xícara*? Estava quebrada; sentiu o cheiro terroso de cerâmica. Inalou mais profundamente. Pessoas haviam feito aquela xícara. O mundo lá em cima ainda existia.

Tateando abaixo de si, surpreendeu-se ao se deparar com o que parecia uma agulha feita de osso polido; depois, um caroço oval de argila com um buraco que reconheceu de imediato. Era um peso de tear. Na Morada da Deusa, as mulheres

amarravam grupos de linha a pesos como aquele para manter a lã dos teares bem esticada. Em dias de ventania, as fileiras de peso faziam estalidos suaves. Pirra crescera com aquele som.

Mas o que aquilo estaria fazendo lá embaixo? Ninguém oferecia pesos de tear aos deuses.

Uma desconfiança tremeluziu no fundo de sua mente, mas ela a ignorou.

Suas mãos se moveram acima e ao redor dela. Nem uma rachadura. À sua frente — sem saída. Mais uma vez, o coração começou a disparar. Tentando controlar o pânico, Pirra vasculhou atrás de si com os dedos do pé.

Um vão. Seria grande o suficiente para ela se esgueirar através dele?

Contorcendo-se como uma cobra, ela se impulsionou para trás. As pedrinhas de sua túnica arranharam a pedra e, por um instante, ficou presa. Então estava passando pelo vão e meio caindo, meio deslizando por um declive ruidoso de pedras soltas.

Aterrissou em um monte, o suor escorrendo, respirando com dificuldade.

Onde quer que estivesse, parecia maior, e a escuridão não era tão impenetrável. Consequia enxergar.

No escuro, Pirra distinguiu uma longa e estreita caverna, cujo chão era coberto de estranhos e brilhantes montes de pedra amarelada, e um teto era tão baixo que ela podia tocar. O teto era vermelho-escuro e com sulcos, como uma boca enorme. Na extremidade mais distante, a mais ou menos trinta passos dela, um feixe de luz poeirenta se inclinava para baixo.

Pirra umedeceu os lábios. Se aquela luz podia entrar, talvez ela pudesse sair.

Ofegante de entusiasmo, começou a ir naquela direção. A caverna era baixa demais até para engatinhar, então ela se arrastou com os cotovelos, impulsionando-se com os dedos do pé. Agarrando um dos montinhos amarelos, puxou-se para a frente. A pedra era pegajosa, e seus dedos escorregaram. Consequiu se agarrar melhor em um afloramento em formato de mão...

Pirra ficou imóvel.

Era uma mão. Uma mão que virara pedra.

Com um grito, ela recuou — e ficou cara a cara com a cabeça.

A rocha havia escorrido como barro espesso por cima do crânio, selando-o para sempre em carne e osso. A boca de pedra se escancarava para ela em um grito silencioso. Olhos de pedra fitavam-na com uma fome medonha.

Em um piscar de olhos terrível, a verdade sobre aqueles montes amarelos caiu sobre ela. Pirra estivera engatinhando sobre mortos transformados em pedra.

Para onde quer que olhasse, eles se amontoavam na caverna: homens, mulheres e crianças, deitados no ponto onde haviam caído enquanto rastejavam uns sobre os outros para alcançar a luz; congelados para sempre em sua agonia final.

Aquele era o segredo antigo sobre o que acontecera aos Desaparecidos. Eles deviam ter se refugiado naquelas cavernas, assim como Pirra e Hylas; mas o Tremeterra fizera o teto desabar, trancando-os lá dentro.

Talvez, quando o tremor da terra começou, eles tenham tido tempo de trazer algumas posses aleatórias; isso explicaria a xícara, a agulha e o peso de tear. E ali embaixo eles teriam tido ar e poderiam ter lambido água das rochas. Poderiam ter sobrevivido durante dias, mas devem ter sabido que nunca conseguiriam sair.

O estômago de Pirra se contraiu. Para chegar àquela rachadura, tinha que rastejar sobre eles, tentando não os acordar de seu longo sono.

Com os dentes à mostra, ela começou a tatear os corpos. Em alguns pontos, a luz lhe dava um vislumbre aterrorizante de um braço esticado ou de um joelho comprimido contra um peito. Ela viu dedos deslocados interligados pela rocha. Pedras preenchendo uma boca que nunca mais se fecharia.

Enquanto passava, sua sombra parecia lhes dar vida. Aquela mão de pedra estaria tentando pegar seu tornozelo? Lançou-se para a frente, esgueirando-se entre dois cadáveres que ficaram caídos se encarando, braços descascados esticados. Sua túnica se prendeu de novo. Pirra não conseguia soltar. Esticou-se para puxar. Com um estalo seco, o dedo de pedra se quebrou na mão dela.

Um sussurro ecoou pela caverna.

Sua boca ficou seca. Horrorizada, ela olhou para o dedo na palma da mão. Com um grito, jogou-o longe.

Aquele braço de pedra havia acabado de se mexer? Aquela cabeça havia se arrancado da rocha e se virado para segui-la com olhos cegos e furiosos?

Ao seu redor, Pirra via buracos escuros nas paredes, nos quais figuras sombrias se escondiam logo atrás do alcance da luz. Os sussurros ficaram mais altos. As sombras começaram a se mexer.

Choramingando, ela começou a engatinhar mais rápido. Atrás de si, sentia a voracidade apavorante dos mortos famintos.

Enfim alcançou a luz. Sua última esperança se apagou. A rachadura no teto era estreita demais; ela não podia nem fazer passar o próprio punho. E à sua frente a caverna estava bloqueada por mais rochas caídas.

Um suspiro dos fantasmas famintos. *Nós sabemos... Ah... nós sabemos.*

Pirra desfaleceu, sem fôlego e pressionando o rosto contra a pedra.

Fora assim que acontecera com eles?, perguntou-se. Estariam mortos quando foram transformados em pedra ou estavam vivos?

Ela pensou em como seria sentir a pedra gelada endurecer sobre seus pés. Enrijecer em volta das pernas, entupir seu nariz, boca, garganta...

O pânico crescia dentro de Pirra. Ela cerrou os punhos.

— Você é filha da Sacerdotisa Suprema — disse, com severidade, a si mesma. — Você *não* desiste.

Atrás dela, os fantasmas famintos soltaram um suspiro ruidoso e recuaram às sombras.

— Você não desiste — repetiu Pirra.

Odiava a mãe, mas, por mais estranho que parecesse, pensar nela lhe dava forças. A Sacerdotisa Suprema Yassassara não era como as outras mulheres. Vivia apenas para servir à Deusa e nunca amara outra criatura viva — mas era muito forte. Talvez um pouco daquela força também fluísse nas veias da filha.

Cerrando os dentes, Pirra ficou de joelhos e espiou ao redor.

Os Desaparecidos haviam ficado parados. À sua volta, ela não distinguia nada além de rochas.

A que estava ao seu joelho parecia uma concha de tritão.

Tremendo, ela alcançou o objeto. *Era* uma concha de tritão. Fechou a mão em volta da base curvada, na qual o grande caramujo teria vivido, e passou os dedos sobre os verticilos que se estreitavam dali em direção à ponta. Mas não era uma concha de verdade; era feita de mármore.

Havia uma igualzinha àquela na Morada da Deusa, esculpida em alabastro branco. Era muito sagrada: apenas sua mãe podia tocá-la. Usava para o ritual da Primeira Cevada — e, algumas vezes, em tempos mais conturbados, quando procurava a ajuda dos deuses, ela colocava a ponta na boca e soprava.

A concha de tritão que Pirra tinha em mãos era impecável, exceto por um minúsculo entalhe na extremidade. Deve ter sido feita em Keftiu; apenas lá eles tinham aquela habilidade. Aquele vínculo com o lar a fazia se sentir um pouco melhor; mas Pirra não ousaria soprar. Poderia fazer a caverna inteira desabar.

Agarrando a concha, começou a explorar o desmoronamento que lhe bloqueava a fuga. Não conseguia encontrar rachadura alguma.

— Pois bem, então eu vou *fazer* uma rachadura — murmurou.

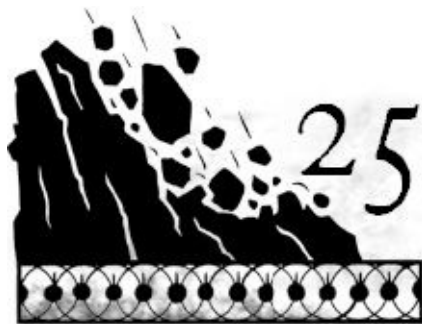
Deslocou uma pedra pequena e a colocou atrás de si. Depois mais uma, e mais uma. Trabalhava mais rápido, fazendo rolar as que eram grandes demais para serem erguidas. A caverna ecoava com o ruído das pedras, abafando os suspiros dos fantasmas famintos. Para Pirra, era como se estivesse construindo um muro de som a fim de mantê-los na câmara.

Finalmente, ela fez uma pausa para respirar. Com a ponta da concha de tritão, bateu nas pedras diante de si, tentando ouvir qualquer vazio que lhe dissesse que estava prestes a conseguir atravessar.

Nada.

Bateu de novo.

Do outro lado das rochas, alguma coisa bateu em resposta.



— Pirra! — Hylas parou para escutar.

Do outro lado da pedra, veio novamente aquele barulho de batidas; depois uma cascata de estalidos, como a fala das águias. Ele relaxou aliviado.

— Pirra, sou eu! Fale aqueiano, eu não sei falar keftiano!

Um silêncio surpreso.

— *Hylas?*

— Você está machucada?

— Só uma batida na cabeça. E você?

Ele balançou a cabeça, então se lembrou de que ela não podia vê-lo.

— Não.

Hylas começou a cavar as pedras com as unhas. Pelo som, ela estava fazendo o mesmo.

Pirra perguntou como a havia encontrado, e ele falou que abrira caminho pelas primeiras rochas caídas, mas se perdeu no labirinto de cavernas. Assobiou para Espírito e ouviu o guincho de resposta do golfinho; depois escutou a voz dela.

— Parecia que você estava conversando com alguém.

— Eu estava.

— Com quem?

— Comigo mesma.

Ele deslocou outra rocha e sentiu a mão dela atravessar o vão. Agarrou-a. Os dedos dela estavam frios como garras.

— Vamos tirar você daí — disse ele. Mas o vão era muito pequeno e, à medida que eles o aumentavam, seixos chocalhavam, e rochas rangiam acima de suas cabeças.

— Vai desabar — disse ela, lacônica. — Vou ter que tentar agora.

Pirra tinha razão. As rochas não aguentariam muito mais tempo.

Hylas agarrou o pulso dela com as duas mãos.

— Mantenha o outro braço atrás de você — disse ele —, vire seus ombros de lado e enfie o queixo no peito. Eu vou puxar você para fora.

— E se eu ficar presa?

— Não vai.

— Você não sabe.

— Expire — murmurou Hylas. E puxou com tudo.

Pirra não se mexeu. Travando os calcanhares, ele puxou de novo. As rochas rangeram. A poeira se assentou. Pirra soltou um gemido. Então ela atravessou, e eles se arrastavam para trás quando as pedras desabaram.

Tossindo e cobertos de pó, ouviram os ecos morrerem. Estava tão escuro que Hylas não via o rosto dela, mas escutava sua respiração.

— Tudo bem com você? — perguntou ele, ofegante.

— Hum. — Mas ele sabia que ela deveria estar bastante arranhada, e ele quase havia deslocado o braço dela.

— Hylas? — disse Pirra, baixinho.

— Sim?

— Obrigada.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Qual é. Um pouco antes eu tinha visto um resquício de luz. Pode ser uma saída.

Ele foi primeiro, tateando com mãos e pés. As paredes eram pegajosas, e o ar tinha um cheiro úmido. Sentiu que estavam se afastando do Mar, indo em

direção ao coração desconhecido da ilha. Atrás de si, Hylas ouvia o arrastar das sandálias de Pirra e o rumor de sua respiração. Pensou em como fazia diferença o fato de não estar mais só.

Ele lhe perguntou como havia sobrevivido ao tremor, e ela contou uma história horrenda sobre um povo perdido chamado os Desaparecidos e sobre ter que se arrastar por cima de cadáveres que tinham virado pedra. Hylas ficou se perguntando como Pirra havia conseguido manter a sanidade. Talvez, por ser a filha da Sacerdotisa Suprema de Keftiu, ela não tivesse medo de fantasmas. Ou talvez a menina fosse simplesmente corajosa.

Chegaram a um lugar onde a caverna se dividia em duas. Um caminho era escuro e silencioso, mas do outro lado captaram um murmúrio ecoante de água e um reflexo de luz.

— Não gosto da sensação deste aqui — disse Pirra.

— Eu também não, mas é mais iluminado, então há mais chance de conseguirmos sair.

— Eu sei, mas parece... estranho.

Hylas sabia o que ela quis dizer, mas não achou que eles tivessem muita opção. Depois de uma breve discussão, foram por lá.

O reflexo de luz aumentou até virar um brilho aquoso verde-azulado. As rochas ao redor deles eram encrespadas e dobradas — como se já tivessem sido ondas e algum imortal as tivesse transformado em pedra. Escorria água delas; a caverna era cheia de goteiras, pingos, gorgorejos. Os ecos se misturavam até formar uma canção misteriosa, além do limite da compreensão.

Hylas sentiu sua coluna formigar. Já tinha ouvido aquela música. Ela o havia chamado através das ondas no dia em que Espírito o trouxera até a ilha. *As colinas que caminham e as cavernas que cantam...*

Então, de repente, não havia mais rochas em nenhum dos lados, e o som ecoante ficou mais alto, e atrás dele Pirra perdeu o fôlego.

Diante deles se escancarava uma vasta caverna preenchida por um lago de um azul espantoso. Do teto, pendiam pedras claras e cintilantes. Lanças de rocha branca se erguiam da superfície tranquila do lago, e, bem no meio dele,

localizava-se uma ilhota repleta de pilares retorcidos fazendo sentinela, como pessoas transformadas em pedra. Acima da ilhota, um feixe de luz azul brilhante descia de uma fenda no teto.

Hylas engoliu em seco.

— Aquela rachadura — disse ele lentamente — talvez seja grande o suficiente para nós sairmos.

Pirra não respondeu, mas ele imaginava o que ela podia estar pensando. Para alcançar a abertura, teriam que nadar no lago e chegar até aquela ilha, depois escalar um daqueles pilares sinistros.

— Não podemos fazer isso — disse ela.

— Acho que não temos opção.

O lago era gelado. As pedras balançavam sob os pés. Alguma coisa deslizou pelo tornozelo dele. Aquela estranha cantoria borbulhante ressoou nas orelhas de Hylas, misturada ao barulho da água corrente — e ainda assim ele não conseguia ver nada: o lago estava misteriosamente parado.

Enquanto caminhavam na água, indo cada vez mais para o fundo, o azul ficou mais intenso, até que eles estavam caminhando em meio à luz: a mesma luz sobrenatural que os golfinhos haviam trazido consigo quando o resgataram do tubarão. Ela se derramava sobre ele, pintando sua pele de azul. A sombra da Deusa.

— Não podemos ir até a ilha por aqui — sussurrou Pirra. — É íngreme demais.

— Vamos dar a volta pelo outro lado — sussurrou Hylas, de volta.

Como a menina não respondeu, ele se voltou para olhar para ela. Não era uma menina, mas sim um espírito-d'água: rosto azul e lábios negros, cabelos escuros longos e ondulados.

O chão se inclinou, e Hylas tropeçou, ficando com água na altura do peito.

— Eu vou nadar — disse por entre os dentes, que batiam. — Se você não se lembra de como se faz para nadar, segure-se nos meus ombros.

Vistas de perto, as colunas que guardavam a ilha eram incríveis: algumas encurvadas e agachadas, outras altas e magras. Todas estavam de cabeça

arqueada e braços rigidamente presos às suas laterais.

Hylas sentiu as mãos de Pirra tensas em seus ombros.

— Se eles se mexerem... — disse ela, perdendo o fôlego.

Acima deles, a rachadura era ainda maior do que havia parecido quando vista da margem. Se chegassem até lá, talvez conseguissem escalar até sair.

Quase sem ousar fazer uma ondulação, Hylas nadou lentamente ao redor, até que encontrou um lugar onde havia uma inclinação mais suave, como se os convidasse a subir. Seus pés tocaram a pedra.

De repente, as unhas de Pirra se afundaram nele.

— Hylas! — sibilou ela. — Veja! *Ela está aqui!*

Ele ergueu a cabeça.

O caminho estava bloqueado.

Não pelos guardiões de pedra.

Mas pela Deusa em Si.



Ela estivera lá por milhares de verões e lá ficaria por outros milhares mais. A Grande Deusa. A Senhora das Coisas Selvagens. Aquela que Tem Poder.

Seus braços estavam dobrados sob Seus fartos seios de pedra, e Seu suave rosto oval brilhava claro como a Lua. Mãos humanas haviam pintado Seu olhar inumano em sangue antigo. Eles haviam deixado Sua imagem ali, de forma que, quando Ela visitasse aquela caverna cantante, pudesse dar vida à carne de mármore.

Pirra sentiu lágrimas arderem em seus olhos. Na Morada da Deusa, nunca havia sentido a Presença com tanta força. Ela fez uma reverência, incapaz de suportar uma perfeição terrível como aquela.

Atrás dela, Hylas ficou paralisado.

— Não olhe por muito tempo — sussurrou ela. — Você vai ficar cego; é como olhar o Sol.

Ele umedeceu os lábios. Então apontou para a rachadura no teto.

— Como chegamos lá?

Pirra o encarou.

— Não podemos! É perto demais!

— Mas precisamos fazer isso! De que outra maneira vamos sair? Aquele pilar, aquele mais distante da... Dela. Se chegarmos até ele, poderemos escalar para sair.

Pirra engoliu em seco. Serpentes de pedra deslizavam ao redor dos pés da Deusa, que estava sobre uma grande pilha de ossos esbranquiçados. Talvez

fossem os resquícios das oferendas de suplicantes já há muito falecidos; talvez fossem os próprios suplicantes. Para alcançar a rachadura no teto, ela e Hylas teriam que escalar aqueles ossos sob o olhar atento dos guardiões de pedra e da própria Deusa...

Mas Hylas tinha razão. Eles não tinham escolha.

— Primeiro temos que fazer uma oferenda — murmurou Pirra —, ou Ela nunca vai nos deixar sair.

Rapidamente, Pirra tirou suas joias. Não conseguia tirar um dos braceletes do pulso, então começou a arrancar todas as pedrinhas que conseguia alcançar em sua túnica.

— Aqui. — Entregou metade das coisas a Hylas. — Vamos deixar ali, perto da cobra de pedra. Peça a Ela que nos deixe sair, mas apenas em sua mente... e *não* cruze o olhar com o Dela.

Ossos foram triturados sob os pés deles quando começaram a escalar. Pirra sentiu o olhar pintado da Iluminada se fixar nela. Resistiu ao impulso de erguer a cabeça e olhar.

Notou que, entre os ossos, havia flores de papoulas, conchas e frágeis asas de pássaros. Terra, água e ar, pensou Pirra. Quem quer que tivesse deixado aquelas oferendas sabia o que significavam.

O ouro tiniu friamente quando ela e Hylas o depositaram. O murmúrio da água ficou mais alto. A luz azul ondulou sobre as serpentes de pedra que coleavam ao redor dos pés reluzentes da Deusa. Por um instante, Pirra pensou ter visto uma das serpentes se mexer.

Hylas tocou o pulso dela e, juntos, aproximaram-se do guardião que tinham que escalar. O estômago de Pirra se revirou. O guardião era cheio de protuberâncias e gotas que pareciam gordura pegajosa. Pirra imaginou um braço de pedra se soltando com violência e agarrando-a em um abraço do qual ela nunca escaparia.

Hylas já havia entrelaçado os dedos para fazer um degrau.

— Você primeiro. Rápido! Suba!

Ele a impeliu tão alto que Pirra mal tocou o guardião. Ela encontrou uma saliência dentro da rachadura e se empoleirou lá, ofuscada pelo brilho distante do mundo acima dela. Era outra saliência, bem ao seu alcance? E, depois, uma estaca martelada na rocha? Surpresa, Pirra distinguiu mais estacas e saliências, que subiam em espiral por todo o caminho até o topo: talvez preparado para que alguma sacerdotisa de tempos passados entrasse na caverna.

— Tem *degraus*! — sussurrou ela para Hylas, abaixo dela.

Ele não respondeu. Estava parado, imóvel, diante da Deusa.

— Hylas, *depressa*!

Ele deu uma olhada para ela, e Pirra ficou assustada com a determinação em seu rosto.

— Você vai na frente — disse Hylas, baixinho. — Eu tenho que descobrir.

— *O quê?* O que você vai fazer?

— Eu tenho que... tenho que perguntar a Ela.

Horrorizada, Pirra assistiu a ele se aproximar da Deusa. Assustadoramente perto. Ele se ajoelhou diante de Seus pés brancos feito a Lua. Tremendo, esticou a mão. Tocou o dedo indicador no joelho de mármore. Então levou o dedo à boca e o lambeu.

Erguendo a cabeça, perguntou à Deusa:

— Issi ainda está viva?



— Issi ainda está viva? — perguntou Hylas, e sua voz ecoou pela caverna. *Viva?... Viva?...*

A ponta de seu dedo formigou exatamente onde havia tocado a Deusa, e sua língua queimou. A canção da água ressoou em sua cabeça — como sempre, logo atrás dos limites da compreensão.

De repente, os sons de pingos e gorgolejos viraram nada. Seu peito pareceu se abrir, e ele sentiu um puxão agudo, como se um fio de luz tivesse laçado seu coração e estivesse arrancando-o do corpo.

Alguma coisa se mexeu dentro de Hylas. Em um instante, ele estava intensamente *ciente* de tudo ao seu redor. O lago ardeu com um fogo frio e azul e, em suas profundezas, Hylas ouviu as correntes deslizando umas sobre as outras. Ouviu peixes mordiscando ao fundo e a leve sucção de pés moluscos. Vislumbrou o lampejo e o tremeluzir de espíritos-d'água com cabelos verde-mar e membros prateados e fluidos. Do mundo acima, sentiu o odor almiscarado de feras selvagens que protegiam a ilha. Na pele, sentiu o hálito gelado e salgado da Senhora das Coisas Selvagens...

O murmúrio aquoso estava *dentro* dele, e seus sons confusos estavam se suavizando, como algas flutuando em uma corrente poderosa. A voz da Deusa soprou em sua mente. *Sua irmã vive...*

Ele balançou.

Lentamente, ergueu a cabeça. Protegeu os olhos com o braço. A Deusa de mármore estava ardente de luz.

— E-e-ela está bem? — gaguejou ele. — Eu vou encontrá-la? Por que os Corvos estão atrás de mim?

Risadas imortais preencheram a caverna. *Você busca a verdade... Mas cuidado... a verdade morde...*

O fio prendendo seu coração se partiu.

Ele estremeceu. Estava de volta à pilha de ossos, com a canção da água gorgolejando em seus ouvidos.

— *Hylas!* — gritou Pirra, do alto. — *Cuidado!*

Na pilha de oferendas, alguma coisa se moveu. Conchas tiniram e ossos rolaram quando uma sombra longa e esguia deslizou na direção dele. Uma das serpentes de pedra havia ganhado vida.

Hylas se esforçou para ficar de pé. A língua bifurcada da serpente se agitou do lado de fora da boca para sentir seu cheiro. Ele se arrastou para trás. Em um piscar de olhos, a serpente atacou. O menino jogou-se para o lado. As presas arranharam sua panturrilha. Com um grito, Hylas puxou sua adaga — mas o punho ficou preso na bainha, e ele não conseguiu sacar a arma. A cobra atacou

de novo. Hylas agarrou um osso e atingiu a cabeça achatada da serpente, que recuou sibilando.

Tropeçando em meio aos ossos, Hylas chegou até os pés do guardião e subiu, agarrando-se a ele. Abaixo dele, a serpente se enroscou no guardião, sibilou e desceu de volta.

— Suba! Suba! — arfou ele para Pirra, uma forma negra contra a luz ofuscante.

O terror o estimulou a seguir em frente; encontrou as estacas e saliências e escalou até seus músculos arderem. Abaixo, os sibilos ecoantes diminuíram. Poeira caiu sobre Hylas, arenosa e amarga como cinzas. Tudo o que escutava era o arrastar das sandálias de Pirra e sua própria respiração entrecortada.

Pirra sumiu no mundo acima — então ressurgiu, esticando um braço para ajudá-lo. Hylas se levantou por sobre a beirada e ficou deitado, ofegante, sem acreditar que conseguira fugir. Ouviu um falcão gritar alto a favor do vento. Distinguiu, acima de si, um cume negro e um Sol vermelho e intenso.

Sol *vermelho*? Mas o Sol estava baixo quando eles haviam entrado nas cavernas; como poderia *ainda* estar baixo? Ou eles haviam passado uma noite e um dia inteiros na caverna, ou... ou, nas cavernas, o tempo não existia?

A mente de Hylas se revirou. Não conseguia aceitar aquilo. Issi ainda estava viva. Agarrou-se a esse pensamento.

Pirra olhava para ele de forma estranha.

— Lá na caverna, você falou com uma voz que eu não conseguia escutar.

Ele hesitou.

— A voz disse que minha irmã está viva. Disse: “A verdade morde.” Acho que estava se referindo à cobra.

— Talvez — disse Pirra. — Mas as palavras da Deusa podem ter vários significados.

Pondo-se de pé, olharam ao redor.

Hylas sentiu um cheiro acre que lhe era terrivelmente familiar.

Pirra esfregou os dedos no chão e ergueu a mão, deixando cair uma pequena quantidade de finas cinzas.

— O que é este lugar? — perguntou ela.



O que é este lugar?, perguntava-se o golfinho ao nadar pelo canal serpenteante. O sopro de seu respiradouro parecia assustadoramente alto; e, quando ele pôs a cabeça para fora da água, ouviu os ecos cantantes e o gorjeio de fantasmas a muitos estalos de distância. Ainda assim, nadava, determinado a encontrar o menino.

A princípio, quando Aquele Lá Embaixo estava batendo a cauda, o golfinho nadara freneticamente do lado de fora da caverna. O Mar se enfurecera, e ele tivera que se desviar das rochas que caíram dos penhascos. Como os humanos podiam sobreviver àquilo?

Enfim, as batidas da enorme cauda se reduziram a um ronco, depois a um estremecer e, finalmente, a ondulações. Com ansiedade, o golfinho se esforçara para captar os sons que o menino fazia ao correr ou quando batia nas ondas com suas pobres nadadeirazinhas. Nada. Apenas a voz do Mar e o rosar da rocha furiosa.

O golfinho soltara guinchos longos, ressoantes — e, finalmente, das profundezas do interior da terra, ele ouvira o menino responder a um chamado. O golfinho guinchara repetidas vezes, guiando o menino para fora da caverna. Depois de um tempo, porém, não havia mais respostas.

O golfinho não havia hesitado. Quando ficara encalhado no Acima, o menino o salvara. Era sua chance de retribuir.

Destemidamente, imergiu nas mandíbulas da caverna: aquela que golfinho algum jamais ousara encarar.

Com uma rapidez aterrorizante, ela se estreitou até virar um canal. O golfinho ouvira falar de como era serpenteante, como era espinhenta de lapas e corais, mas seguiu nadando em frente.

Isso já fazia algum tempo. Nadando ainda mais fundo, o canal virava muitos: um emaranhado de ramificações, como uma floresta de algas. Seus estalos ecoavam de forma confusa. Que caminho tomar?

Partiu para onde parecia mais gelado e soava mais profundo — embora fosse assustadoramente apertado. As algas se prendiam ao seu focinho, e o coral arranhava suas nadadeiras. Às vezes, o golfinho mal conseguia passar se espremendo e, por duas vezes, a água ficou tão rasa que ele quase encalhou. Uma enguia enfiou o nariz para fora de seu buraco e bateu em sua cauda. Um polvo confundiu-o com uma rocha e tapou seu respiradouro; o golfinho ficou em pânico e sem fôlego até conseguir arrancar o animal.

E pior de tudo era que a água estava ficando esquisita. Era o Mar, mas ainda assim não era o Mar. Aquilo lhe parecia estranhamente ralo, algo que não o carregava como deveria. Não tinha nem o mesmo *gosto* do Mar.

Os ecos cantantes ficaram mais altos abruptamente e, abaixo deles, o golfinho captou um som borbulhante de risadas.

Enfiando o focinho acima da superfície, viu que, diante de si, o canal prosseguia por mais alguns suaves movimentos da cauda, depois se abria em uma ampla baía sob um céu de pedra azulada e cintilante. Por todos os lados, viu os fantasmas frágeis de humanos e, na água parada, pedras altas, de pé, avisando-o para voltar. No meio da baía, localizava-se uma ilha — que parecia, pelo que ele percebia dos sons, feita de ossos de aves marinhas e de peixes — e de lá se erguia uma terrível pedra branca que ardia com gélido fogo azul.

Faltou coragem ao golfinho. Nunca encontraria o menino. Tinha que voltar.

O canal era estreito demais. Não havia como fazer a volta.

Mergulhou mais fundo e tentou de novo, retorcendo o focinho desajeitadamente em direção à cauda. As rochas, no entanto, seguravam seus flancos como as garras de um caranguejo.

Freneticamente, ele lutou. As rochas o seguraram com firmeza.

Sentiu minúsculos tremores na água enquanto os fantasmas se aproximavam, inclinando-se sobre ele e agitando suas longas e finas nadadeiras sobre suas costas. Ouviu o riso borbulhante da Iluminada.

Desesperadamente, assobiou para o menino.

O menino não veio.

Outra coisa veio.



— O que aconteceu aqui? — perguntou Pirra, sem conseguir manter os olhos abertos diante da intensidade vermelha do Sol poente.

Eles haviam emergido em um vale de encosta íngreme, onde nada verde crescia. O chão sob os pés estava coberto de cinzas, e ela sentia o fedor das cinzas que trancavam sua garganta. Olhou para as estranhas árvores negras, cujas folhas tinham cor de sangue seco.

— Deve ter havido um incêndio florestal — disse Hylas. — Só que diferente de qualquer um que eu já tenha visto. — Ele quebrou um galho de loureiro negro. Cada folha estava intacta, mas reduzida a um sinistro brilho vermelho-escuro.

— É como bronze — disse Pirra.

Aquilo pareceu deixá-lo desconcertado.

— As árvores de bronze — murmurou ele.

— Como?

— Não gosto disso. Nas montanhas, nós evitamos caminhos onde houve incêndio porque eles atraem... — Hylas abaixou a voz — ...nós as chamamos de Furiosas.

Pirra sentiu a pele se arrepiar.

— Nós também.

Eles trocaram olhares.

Hylas jogou o galho fora.

— Vai ficar escuro daqui a pouco. Temos que sair daqui. Acho que nosso acampamento fica em algum lugar a oeste, depois daquele cume.

— Aquilo não é um cume, é um penhasco. Nunca vamos conseguir chegar lá em cima.

Ele vasculhou os arredores.

— Parece que o único caminho que podemos seguir é na direção sul.

— Que vai nos deixar ainda mais longe do acampamento.

— Eu sei. Mas não temos muita opção.

Pirra teve a sensação desconfortável de que era isso que a ilha sempre quis. Primeiro os havia atraído para suas cavernas, agora os expelira para aquele vale devastado com algum propósito sinistro.

Não havia sinal de vida, mas, enquanto caminhavam, eles passaram pelas carcaças enegrecidas de criaturas que não haviam conseguido fugir. Pirra encontrou os minúsculos restos carbonizados de um passarinho. Ela sentiu seu pequeno espírito — e os espíritos das pobres árvores queimadas e das outras criaturas mortas — implorando-lhe para que descobrisse por que aquilo havia acontecido. A ilha havia sido ferida. Uma grande queimadura cauterizara seu coração.

O Sol sumiu por trás do cume, e a luz começou a ficar mais fraca. Os pés deles afundavam, fazendo *vump* nas cinzas macias e profundas. O som apenas enfatizava a quietude.

Hylas caminhava com a cabeça abaixada, mancando levemente; ficara uma marca azulada em sua panturrilha, no ponto onde a presa da serpente marinha havia arranhado. Depois de algum tempo, ele parou.

— Está ficando escuro. Vamos ter que encontrar algum lugar para acampar.

Pirra ficou horrorizada.

— Aqui não! Tenho certeza de que quando a Lua nascer...

— Pirra, ela não vai nascer. É o escuro da Lua.

Ambos sabiam o que aquilo significava. O escuro da Lua é quando as pessoas deixam uma lamparina acesa a noite toda por medo dos fantasmas e dos espíritos malignos.

— O que faremos para conseguir água? — perguntou Pirra.

Hylas estendeu as mãos. Ela se lembrou com saudade dos odres que haviam deixado para trás nas cavernas.

Algumas poucas estrelas já haviam aparecido antes da hora quando eles chegaram a um canal sombrio que seguia rumo ao oeste. Era flanqueado por ciprestes escuros e, mais adentro, Pirra avistou um solitário choupo montando guarda.

— Pode ser uma entrada para o Mar — disse ela, insegura. — Aí poderemos dar a volta pela costa.

— Não estou com um bom pressentimento — disse Hylas. — Acho que devemos nos manter na trilha principal.

— Mas ela vai para o lado errado.

— Se seguirmos os animais, eles poderão nos levar a uma nascente.

— Que animais? Estão todos mortos!

— Não, alguns conseguiram fugir. Veja só os rastros.

— O que é um rastro? — retrucou ela. A sede estava deixando-a irritadiça.

— Ah, claro que você não entende de rastros. São pegadas, e elas contam coisas a você. — Impacientemente, Hylas apontou para o que disse ser um rastro de lebre, depois uma fileira de linhas sinuosas deixadas por uma cobra; disse que os intervalos entre as linhas eram os pontos onde ela havia se enrolado.

— Então é como a escrita — disse Pirra. — Ora, era só ter dito isso que eu teria entendido.

— O que é escrita?

— Ah, claro que você não entende de escrita — imitou ela. — São marcas que significam coisas. — Com um pedaço de carvão, ela fez rabiscos em um seixo. — Pronto. Esse é para você, diz “cabra”.

— Como assim “diz”? Isso não pode falar, é um seixo.

— Ah, deixe para lá! Vou ver aquele canal, aposto que vai até o Mar.

— Tudo bem. Faça o que quiser.

— Tudo bem.

Pirra saiu caminhando de forma arrogante, arrastando as cinzas com os pés. Hylas ficou para trás, examinando os rastros que tanto estimava.

Era mais escuro no canal. Um vento surgiu, erguendo colunas de cinzas que pareciam segui-la. As árvores mortas agitaram suas mãos quebradiças de bronze, e Pirra estremeceu. Só iria até o choupo, então voltaria.

De repente, uma sombra atravessou seu coração. Ela escutou algo passar apressado lá no alto, como grandes asas se movendo velozes. Algo escuro atravessou as estrelas.

Pirra saiu correndo de volta à boca do canal, onde encontrou Hylas olhando para o céu. No escuro, ela viu o quanto ele ficara pálido.

— O que foi aquilo? — sussurrou.

Ele balançou a cabeça.

— Achei que tinha visto algo agachado no chão. Saiu voando. Primeiro achei que fosse um abutre...

— O que é um abutre?

— Um pássaro grande que come carcaça. Mas não parecia um abutre. E nunca vi um voar tão rápido.

Nenhum dos dois queria dizer o que lhes passava pela cabeça; mas, desta vez, quando seguiram em frente, ficaram bem próximos um do outro.

Não tinham ido muito longe quando Hylas fez sinal para ela ficar em silêncio.

Então ela ouviu: um fraco e ecoante murmúrio de água.

— Ah, graças à Deusa — sussurrou Pirra, enquanto eles tropeçavam no escuro.

Fazendo uma curva, eles se depararam com uma multidão de criaturas selvagens que se empurravam: cervos, lince, lobos, todos raspando o chão, unidos pela desesperada necessidade de água. Corvos explodiram no céu. Um veado correu na direção de Pirra, desviou-se e saiu trovejante rumo às trevas. Então ela viu a causa do desespero dos animais: o Tremeterra havia enterrado a nascente sob um amontoado de pedras. Não conseguiam alcançá-la.

— Não se mexa — disse Hylas, puxando sua adaga e se posicionando diante de Pirra.

O leão estava a quatro passos de distância, um grande macho com a juba emaranhada e o focinho com cicatrizes de guerra. Seus olhos refletiam a luz das estrelas enquanto cambaleava na direção deles, proferindo grunhidos agressivos e entrecortados.

O animal hesitou, ofegante e arrastando fios de baba. Depois, com um suspiro de exaustão, caiu de lado e deitou a imensa cabeça no pó.

Hylas embainhou sua arma.

— Ele está sofrendo. Veja as patas.

Pirra se sentiu enjoada. As patas do leão haviam sido queimadas até ficarem em carne viva por causa do fogo. Cada passo devia ter sido uma agonia.

Deixando sua sede de lado, ela correu até onde a nascente fora enterrada e começou a empurrar as rochas.

— Se pudéssemos lhe dar um pouco de água...

Não demoraram muito para abrir um vão grande o suficiente para tirar alguns punhados arenosos de água. O leão estava deitado, lutando para respirar, olhando para eles com a paciência do esgotamento; mas, quando derramaram água em seu focinho, já estava muito fraco para engolir.

— Não adianta — disse Hylas.

— Mas podemos fazer alguma coisa?

— Não, Pirra. É tarde demais.

Ela observou Hylas deitar a palma da mão sobre o flanco ondulante do leão.

— Fique em paz — disse carinhosamente. — Que você encontre um novo e forte corpo... e que não sofra mais.

Os olhos dourados se embotaram. Pirra sentiu um calor fugaz no rosto enquanto o espírito do leão subia ao céu noturno.



Pirra se sentou com as costas apoiadas em um rochedo e fez esforço para engolir o último pedaço da carne dura e amarga do leão.

Hylas não queria ter feito aquilo; disse que comer a carne de outro caçador ia contra os velhos hábitos, mas que você estava autorizado a fazer isso se estivesse morrendo de fome. Pirra perguntou o que ele queria dizer com velhos hábitos, mas Hylas não respondeu.

Acamparam longe o bastante da nascente para evitar serem pisoteados pelos animais sedentos. Era uma noite quente, então não se incomodaram em fazer um abrigo. Hylas conseguira atizar o fogo em uma pilha de carvão — pelo menos havia muito disso — e então começou a tirar impiedosamente mais pedras. Pirra sugeriu que ele esperasse até a manhã, mas Hylas retrucou que não fora capaz de salvar Xô nem o leão e que não deixaria outra criatura morrer se ele pudesse evitar.

Juntos eles conseguiram desbloquear a nascente até Hylas dizer que um porco-espinho cego poderia encontrá-la; então tiraram uma parte do couro do leão e cortaram um pedaço de sua costela, que assaram e tentaram comer. Depois daquilo, arrastaram a carcaça até os arbustos, para que outros pudessem se alimentar, deixando o coração e a cauda em cima de uma rocha, para a Deusa.

Não demorou muito para os bichos descobrirem que a nascente estava livre. De onde estava sentada, Pirra ouvia um tumulto constante de pés, cascos e patas. Rosnados cresciam até virar rápidas disputas, então diminuía até virar lentos goles, e o som de água pingando dos focinhos satisfeitos.

Ela estava exausta, mas não conseguia ficar tranquila. Temia ouvir o som de asas.

Pirra sabia por que Hylas havia insistido em tirar a pele do leão e desobstruir a nascente. Ele precisava manter a mente distante daquilo que assombrava aquele lugar.

Hylas se sentou do outro lado da fogueira, esfregando cinzas na bexiga do leão para limpá-la e fazer um novo odre. Sentindo os olhos dela sobre si, ergueu a cabeça.

— Lá no canal... eu acho que não era um abutre.

Ela engoliu em seco.

— Nem eu.

O sussurrar de asas fez com que se aprumassem. Um corvo passou voando e fez um sonoro *carc!*

Hylas soltou o ar longamente. Pirra espreitou as trevas.

Não conseguia se lembrar de um tempo em que não tivesse medo das Furiosas. Todos as temiam: desde a sacerdotisa, o camponês, até o escravo. As Furiosas sempre existiram e sempre existiriam. São a sombra que persegue você à meia-noite e o temor que transforma os seus sonhos em pesadelos. Quando você está acordado, com medo do escuro, ou quando sua pele se eriça de medo sem que você saiba o motivo disso, é porque as Furiosas estão ali por perto. Elas vêm do Caos anterior aos deuses e caçam todos aqueles que assassinam outros do mesmo sangue. Você pode evitá-las por algum tempo, proferindo um encanto antigo; pode até se esquivar delas por algum tempo, disfarçando-se ou fugindo de sua terra natal; porém, mais cedo ou mais tarde, elas vão acabar encontrando-o e destruindo seu espírito até a loucura.

— Por que elas estão aqui? — sussurrou Pirra. — Elas caçam pessoas que fizeram coisas terríveis; mas não há ninguém aqui além de nós.

— Eu não sei — disse Hylas. — Mas queria ter um espinheiro. Lá de onde venho, dizem que ajuda a evitá-las.

Houve um silêncio enquanto os dois pensavam naquilo. Ambos sabiam que, mesmo que uma pessoa não tivesse feito absolutamente nada de errado, as Furiosas ainda poderiam destruí-la se ela chegasse perto demais.

Hylas jogou mais carvão na fogueira, o que a fez crescer.

— Isso vai manter a fogueira queimando a noite toda. Vamos torcer para que a alvorada chegue logo.



Surpreendentemente, os dois dormiram até o nascer do Sol. Depois de encher o novo odre, partiram se sentindo mais corajosos quando a luz cinzenta começou a

se infiltrar no vale.

Por volta do meio da manhã, depararam com uma trilha que parecia levar até o Mar, mas não tinham ido muito longe quando ela se abriu em uma clareira: uma clareira bloqueada por uma imensa pilha de árvores queimadas.

As encostas de ambos os lados eram cobertas de pinheiros caídos, como se derrubados pela mão de um gigante. Algo na forma como estavam caídos, na diagonal, uns sobre os outros, não parecia certo para Hylas. Ele foi olhar mais de perto.

Encontrou marcas de machado nos troncos. Ao retornar à pilha de árvores calcinadas, desenterrou ossos queimados de vários bois e fragmentos enegrecidos de argila. Cheirou um. Sentiu odor de óleo. Piscou sem conseguir acreditar.

— Alguém fez isso de propósito — disse ele. — Alguém cortou estas árvores, embebeu-as em óleo e ateou fogo. Então o vento levou o fogo e o soprou vale acima.

— Mas... eles não podem ter querido incendiar o vale inteiro — gaguejou Pirra. — Isso deve ter saído do controle.

Hylas se inclinou para examinar um pedaço de granito que fora colocado diante da pilha de árvores. Sobre ele estava uma pilha reluzente de pontas de flecha de obsidiana. Girou uma delas entre os dedos. Tinha a forma de uma folha de choupo. Havia arrancado uma igual de seu braço.

— Corvos — disse Pirra, com a voz áspera.

— Mas *por quê?* — murmurou ele.

— Dizem que eles queimam suas oferendas.

— Você acha que foi isso? Uma *oferenda*? Mas o que eles poderiam querer ganhar?

— Não sei.

— Nenhuma oferenda deveria ser tão grande. Eles devem ter destruído madeira suficiente para construir dez aldeias.

— E os pobres espíritos das árvores.

Hylas sentiu que estava começando a ficar irritado. Todas aquelas criaturas mortas e árvores indefesas. Tudo obra dos Corvos. Sempre os Corvos.

— Qual é o problema desta ilha? — murmurou ele. — Parece que... parece que tudo tem ligação.

— Como assim?

— Por que aquele navio encalhou? O que aconteceu com o bando de Espírito? Por que o Tremeterra acordou? — Franziu a testa. — Desde que os Corvos atacaram, sinto que há uma espécie de padrão, só não consigo entender qual é. Eu me sinto uma mosca presa na teia de uma aranha.

Pirra não respondeu. Estava esticando o pescoço para ver as árvores caídas de forma desordenada sobre a encosta a oeste.

— Você acha que a gente poderia escalar por ali?

Ele acompanhou o olhar dela.

— Talvez. Eu tento primeiro, você espera aqui.

As árvores estavam preocupantemente instáveis e pontiagudas por causa dos galhos quebrados. Ele disse a Pirra para ficar longe, para não se machucar caso algo viesse abaixo.

No meio do caminho, Hylas viu o que não conseguia enxergar quando estava embaixo: uma protuberância que tornava impossível subir mais. Parecia que a ilha não queria deixá-los ir embora.

Descer foi mais difícil, pois seus pés e suas mãos estavam escorregadios em virtude do carvão. A bainha da adaga prendeu em um galho e virou de cabeça para baixo; a arma caiu no chão com um baque. Pirra correu para recuperá-la.

— Peguei! — gritou ela.

Dando uma olhada por cima do ombro, Hylas avistou o que não havia percebido na subida: uma ravina, escondida atrás de um contraforte do outro lado da clareira.

Viu um talho verde-brilhante e se animou. A ravina ficara intocada pelo incêndio. Tinha que ser a entrada para o Mar.

Ele estava prestes a gritar e comunicar as boas notícias quando os arbustos na ravina se mexeram.

Hylas ficou imóvel.

Lá estava outra vez.

Alguém estava vindo.



O homem que emergiu da ravina caminhava mancando e se mantinha à sombra, como se não quisesse ser visto.

Estava descalço, com uma túnica esfarrapada de couro cru manchado de água do Mar, um odre meio vazio pendurado no ombro e uma faca enfiada em uma corda que lhe servia de cinto. Os cabelos negros eram compridos, então não podia ser escravo; e, embora parecesse um andarilho sem lar, tinha a compleição de um guerreiro. Estava longe demais para que Hylas conseguisse enxergar seu rosto, mas o homem passava uma impressão de intensa consciência, o que fez a pele de Hylas enrijecer.

De seu esconderijo entre as árvores caídas, Hylas espiou a clareira. Não via sinal de Pirra. Torcia para que ela conseguisse ouvir o homem chegando e se esconder.

Ainda se mantendo à sombra, o homem parou na pilha de pontas de flecha dos Corvos. Ficou olhando para elas. Sua mão foi até a faca. Lentamente, esquadrinhou a clareira. Hylas sentiu o poder daquele olhar chegando até ele como o calor das brasas.

O homem mancou até os resquícios queimados da oferenda, diretamente abaixo de Hylas. Inclinou-se para pegar um fragmento de cerâmica. Cheirou. Soltou. Achou uma pedra e encostou nela, massageando a coxa direita como se ela doesse. Sacudiu uma algibeira, da qual algumas folhas caíram, e esmagou-as na palma da mão. Passou algumas na testa e mastigou as restantes, engolindo-as com um gole do odre, depois limpou a boca com as costas da mão.

— Você aí em cima — disse calmamente. — Acho que é melhor descer.



— Eu sei que você está aí em cima — continuou o estranho. — E nós dois sabemos que a única saída dessa pilha de árvores é descendo.

Um besouro rastejou no pé de Hylas, que não ousou removê-lo.

O estranho cruzou os braços e bocejou.

— Posso esperar o dia inteiro. E você?

O besouro rastejou para longe e foi substituído por formigas.

— Tudo bem — disse o estranho. — Eu vou esperar.

O Sol se ergueu mais alto. Hylas sentiu o suor escorrer pelas costas. O vento aumentou, soprando cinzas em seus olhos. A boca estava seca. Pirra ficara com o odre novo.

— Não pode ser tão divertido aí em cima — comentou o estranho. Sua voz era suave como mel, mas com uma pontada de força que fazia com que a pessoa quisesse ouvir e obedecer. — Você vai ficar com sede. E com fome. Meninos que nem você sempre ficam.

Hylas prendeu a respiração. Como o estranho sabia que era um menino se não conseguia vê-lo?

— Ah, eu sei bastante coisa sobre você — comentou o estranho, como se ele tivesse pensado em voz alta. — Você é magrelo. Está cansado. Meio manco da perna esquerda. O que você fez, pisou em um espinho?

Hylas começou a se sentir tonto. Seria possível que não fosse um homem, mas um imortal disfarçado?

Se fosse um imortal, não podia simplesmente *obrigá-lo* a descer?

Se não era um imortal, por que ele apenas não escalava e *arrastava* Hylas até lá embaixo? A não ser que — a não quer ele não *conseguisse* escalar porque...

— Tem razão — reconheceu o estranho. — É melhor eu não escalar muito com esse arranhão na coxa. A propósito, como você se chama?

Aquilo foi tão inesperado que Hylas quase se entregou.

O estranho deu de ombros.

— Muito bem, então eu invento um nome. Vou chamar você de Pulga, porque só uma pulga para pular aí. Então, Pulga, se você não descer agora, eu vou ter que machucar a menina...

— Não, não faça isso! — gritou Hylas.

— Ah... a Pulga fala — disse o estranho secamente. — E, pelo sotaque, diria que é liconiano...

— Não a machuque!

— Bom, isso é com você, não é?

Hylas mordeu o lábio. Ocorreu-lhe que, se o estranho realmente capturara Pirra, então onde ela estava? Seria um blefe?

Depois ele entendeu. *Rastros*. O estranho havia lido os rastros dele e também os de Pirra.

O estranho pegou um punhado de cinzas com a mão e as observou escorrerem por entre os dedos.

— Um bom marujo — disse ele — sempre sabe o que o vento faz. Mas isso não vai fazer muito sentido para você, já que vem das planícies.

— Eu não, eu... — Hylas fechou os olhos.

— Um menino das montanhas? Sim, claro, eu devia ter adivinhado por causa do seu esconderijo. Mas está bem longe do Monte Licas, não está, Pulga?

Hylas não respondeu. Sentiu-se um camundongo preso por uma raposa de preocupante esperteza.

Apoiando-se para se levantar da pedra, o estranho começou a juntar galhos e a empilhá-los na direção de Hylas. O que ele queria?

Nervoso, Hylas observou o estranho mancar até a entrada da ravina e retornar quase imediatamente com um punhado de grama aveludada. Ajoelhando-se meio desajeitadamente por causa da perna ruim, puxou sua faca e habilmente fez faíscas sobre o estopim.

— Você está pensando no que estou fazendo — disse ele tranquilamente. — Bem, vou lhe contar. Sabe como fica a cabana depois do inverno, quando enche de piolhos? Então você faz o quê? Você joga absinto no fogo e os expulsa com a

fumaça. — Ele assoprou os gravetos e então recuou para deixar o vento chegar até lá. — Também funciona com pulgas.

De um segundo para outro, o vento enviou a fumaça negra encosta acima. Logo Hylas não conseguia respirar. Tossindo e engolindo fumaça, engatinhou às cegas, perdeu o apoio e caiu.

Em um piscar de olhos, o estranho puxou-o pelo restante do caminho, jogou-o de cara no chão e enfiou a ponta da faca sob seu queixo.

— Onde eles estão? — perguntou, com uma voz que parecia granito.

— Quem? — respondeu Hylas sem fôlego.

— Os filhos de Koronos! Rápido! Não minta!

— Não sei de quem você está falando!

As mãos fortes prenderam os braços de Hylas a seu próprio cinto, puxando-o com força até que ele ficasse de pé, e seguraram o menino em um aperto agonizante que quase quebrou sua clavícula.

— Onde estão os Corvos? — exigia o estranho. — Você deve saber, já que é espião deles!

— Não, não sou!

— Não me convenceu. Se quer viver mais do que esse galho que acabei de colocar na fogueira, comece a falar!

— Não sou espião, eu juro!

O estranho fez com que ele girasse e o segurou a distância de um braço. Hylas se viu encarando um rosto forte, queimado pelo tempo. Viu uma barba negra e endurecida, incrustada de sal, e olhos profundos, que eram estranhamente claros, como se branqueados pelos anos de observar vastas distâncias. Olhos que o estudavam com toda a compaixão de um lince para com sua presa.

— Se você não é espião — rosnou o estranho —, o que está fazendo aqui?

— Tentando fugir deles!

O estranho lhe deu um olhar que foi até as raízes de seu espírito.

— Você é esperto — disse enfim. — Mas precisa se lembrar de que eu sou mais.

Hylas engoliu em seco.

— Sou... sou esperto o bastante para notar isso.

As linhas nos cantos da boca do estranho afundaram, como se ele quisesse sorrir, mas não se lembrasse de como fazê-lo.

— Quantos anos você tem, Pulga?

— Hã... Doze.

— Doze.

Uma sombra da compaixão passou pelas feições rígidas.

— Será possível? — murmurou ele. — Estou fugindo há mais tempo do que você existe.

— Dos Corvos?

— E de outras coisas. — Por um instante, os olhos profundos ficaram assombrados. — Então, Pulga. O que você sabe dos Corvos?

Hylas respirou fundo.

— Estávamos no pico, com as cabras, e eles atacaram nosso acampamento, meu e de Issi, que é minha irmã. Fomos separados. Mataram Skiros, que também é forasteiro. Thestor, que é o Potentado, permitiu que eles entrassem em suas terras, eu não sei por quê. Fugi e vim parar aqui. Estou tentando voltar para encontrar minha irmã. Isso é tudo o que sei.

Era mentira, pois ele não mencionara os keftianos, mas aquilo levaria a Pirra, e torcia para que o estranho tivesse se esquecido dela.

— Quantos atacaram seu acampamento? Que aparência tinham?

Hylas descreveu-os o melhor que pôde.

— O l-líder deles — gaguejou. — Quem é?

O estranho cuspiu no chão.

— O nome dele é Kratos. Kratos, filho de Koronos.

— *O que é Koronos?*

— Não o quê, quem. Koronos é chefe do clã que governa Micenas. Já foram honrados e respeitados, mas se inebriaram de poder e tomaram o que não lhes pertencia. Corvos é o nome que as pessoas lhes deram por medo; passou a

significar o clã inteiro e os guerreiros que lutam por ele. — Fez uma pausa. — Para um prisioneiro, você faz muitas perguntas. Então responda uma: por que Kratos está atrás de você?

— Não sei. Ele está atrás de todos os forasteiros. Talvez eu seja o único que resta. Eu e Issi.

O estranho ficou em silêncio, e Hylas notou uma mente delicada que estava calculando probabilidades com uma velocidade nauseante. Reuniu toda a sua coragem.

— Você... você é um deus? — perguntou.

Mais uma vez, as linhas ao redor da boca do estranho aprofundaram-se.

— Posso ser. Como você saberia?

— Você teria uma sombra que queima.

— Verdade. Mas, se eu fosse um deus, poderia fazer você pensar que minha sombra não queima. — Sua voz voltou a ficar suave, mas ainda com uma força subjacente. Aquele homem poderia fazer você acreditar que fogo era água.

— Você é um transmorfo? — disse Hylas. — Como o Homem do Mar? Ou algum outro espírito disfarçado?

— Ah, sou bom nos disfarces. Tive muita prática.

O fogo estalou. Hylas se assustou. O galho estava quase todo consumido.

O estranho também percebeu.

— O que vou fazer com você, Pulga? Quero acreditar no que diz... mas posso correr esse risco? Os Corvos já plantaram armadilhas para mim antes; e não sobrevivi esse tempo todo sendo gentil.

Hylas deu um salto no escuro.

— Eu sei onde está seu barco.

O estranho continuou parado.

— Que conveniente. Conveniente até demais.

— Ai. Por favor. É verdade. Tem... hã... velas desbotadas e jarros de azeitonas... e... e uma algibeira dos ventos, com todos os tipos diferentes de nós!

O aperto em sua clavícula se afrouxou.

— Algum sobrevivente?

— Não encontrei nenhum.

— Como assim nenhum?

Hylas balançou a cabeça.

Alguma coisa surgiu no rosto do estranho, e Hylas viu que, embora ele fosse implacável, importava-se com seus companheiros marujos.

— Posso levá-lo até o navio naufragado — disse Hylas.

— Pode me contar onde está e poupar o meu tempo.

— Se eu lhe contar, você... você pode me matar.

— Posso matar você de qualquer jeito. Seria mais sensato.

A fogueira sibilou, e o galho se desfez em um alvoroço de faíscas.

— Qual é a distância até o navio? — perguntou o estranho.

— Não é longe — mentiu Hylas. — Podemos chegar lá ao cair da noite.

— Onde está?

— Nas rochas próximas a um pontal, mas não se chegará lá se o vento não estiver forte o bastante.

O estranho pôs Hylas de pé e pegou um tição incandescente da fogueira.

— Por onde?

Hylas pensou rápido. Era vital que ele parecesse saber para onde ir, o que descartava a ravina de onde o estranho tinha vindo.

— Norte — disse ele, de modo confiante.

Enquanto se dirigiam ao vale calcinado, Hylas revirou a mente em busca de um plano e não conseguiu nada. Ele apenas esperava que Pirra estivesse bem longe e tivesse o bom senso de assim ficar.



Agachada atrás de sua pedra, Pirra ouviu os dois partirem. O que Hylas estava fazendo? Por que estava levando aquele homem de volta pelo caminho por onde vieram? Será que ele tinha algum tipo de plano?

Pensar em segui-los fez o estômago de Pirra revirar. Se chegasse perto demais, o estranho poderia pegá-la e arrancar suas tripas como se ela fosse um peixe. Se ficasse muito para trás, ficaria perdida. Imaginou-se vagando sozinha pelo vale queimado; deparar-se com aquele canal assombrado quando a noite estivesse caindo e sentir a presença apavorante das Furiosas...

Mas Hylas precisava dela. Não podia decepcioná-lo. Não fosse por ele, ela ainda estaria presa nos subterrâneos.

Tomando um longo gole do odre, Pirra ganhou coragem. Uma coisa era certa: se acabasse em qualquer lugar perto daquele canal, precisaria de um espinheiro para se proteger. Não sabia se Hylas já tinha percebido, mas o estranho era um homem assombrado.

Mergulhando na ravina, ela procurou freneticamente o arbusto. Havia louros e azevinho, mas onde estaria o espinheiro? Tinha uma ideia muito vaga da aparência, pois só vira um deles em um desenho e algumas folhas em uma tigela; a cada segundo, Hylas e aquele homem ficavam mais distantes.

Com um grito de triunfo, ela encontrou. Arrancando alguns galhos com a adaga e enfiando-os no cinto, Pirra voltou aos tropeços à clareira.

Estava vazia. Hylas e o estranho tinham ido embora.

Ela correu atrás deles — ou melhor, pelo caminho que supôs que eles tivessem tomado; havia mais rastros do que ela lembrava, e segui-los foi bem mais difícil do que parecia.

Loucos planos de resgate rodopiaram em sua cabeça, todos impraticáveis. O estranho parecia um pedinte, mas se mexia como um guerreiro; e, se ela estivesse certa a seu respeito, ele era ainda mais perigoso do que aquilo. Se estivesse certa, ele cometera o pior dos crimes.

Hylas já devia ter adivinhado, mesmo que não tivesse ouvido o encanto que o estranho proferira enquanto esmagava as folhas na mão.

Pirra não conseguia lembrar se já tinha ouvido aquele encanto antes, sussurrado na Morada da Deusa, mas sabia que ele era proferido em Keftiu havia milhares de anos — e também no Egito; Userref lhe contara. Pessoas atemorizadas o sussurravam muito antes de a primeira das Moradas da Deusa ser

construída ou das montanhas de pedra que os egípcios erigiram no deserto. Era mais antigo até que as tribos selvagens que habitavam as cavernas antes de os deuses ensinarem os homens a plantar.

Era o encanto mais antigo do mundo.

O encanto contra as Furiosas.



As sombras saíam de debaixo das árvores, e o medo fazia um bolo na garganta de Hylas. Atrás dele, o estranho continuava olhando ao redor de modo preocupado e farejando o ar, como um cervo sentindo o perigo.

— Por que ir por aqui, Pulga? — grunhiu.

— É o caminho para o seu navio — mentiu Hylas.

— É bom que seja.

O estranho mantinha o tição incandescente ao alto, como se quisesse afugentar a noite. Vez por outra, mastigava mais uma folha de sua algibeira ou murmurava um feitiço em voz baixa. As folhas eram de espinheiro; e, mesmo que Hylas ainda não houvesse percebido, o feitiço teria lhe dito por que o estranho não usava um amuleto ou uma pedra com gravações. Não queria se entregar àquelas que o caçavam: as Furiosas.

O céu estava nublado e tingido de vermelho; e o vale, silencioso, segurando a respiração. O canal assombrado não estava muito longe. Hylas pensou na escuridão que se movia sob os ciprestes negros. Aguçou os ouvidos para escutar o som de asas. Só por estar com aquele homem, já corria perigo mortal.

A luz estava enfraquecendo quando eles chegaram à nascente. As feras sedentas haviam-na transformado em um lamaçal barrento, mas, naquele instante, ela estava deserta, sendo as nuvens de mosquito o único sinal de vida.

Não há morcegos, pensou Hylas. Com tantos mosquitos, deveria haver morcegos.

— Não vamos parar muito — murmurou o estranho. — Temos que sair daqui antes que escureça.

Amarrando Hylas a um toco de árvore e encostando o tição em uma pedra, ele bebeu com avidez, reabasteceu o odre e jogou água sobre a ferida na coxa. Então, para surpresa de Hylas, trouxe o odre e lhe deu um pouco também.

— Obrigado — disse Hylas.

O estranho pareceu não ouvir. O tição estava quase no fim; ele estava vagando por lá à procura de outro galho.

Hylas não conseguia entender o estranho. O homem parecia cruel e assustador e devia ter feito algo terrível para ser perseguido pelas Furiosas, mas, vez por outra, ele demonstrava lampejos de bondade; e, embora contra a vontade, Hylas queria gostar dele. Era como se houvesse dois homens dentro daquela carcaça poderosa: o que não queria machucá-lo e o que faria qualquer coisa para sobreviver.

Uma rajada de vento fez a poeira subir em espirais. Rápido como um lagarto, o estranho pegou o tição e deu um giro, afastando as sombras. Seu rosto estava enfurecido, e seus dentes cintilavam entre a barba.

O vento diminuiu. O estranho abaixou o tição. Sua testa reluzia de suor. Pegou Hylas observando-o.

— O medo é uma coisa engraçada — disse ele. — Se você convive com ele por tempo suficiente, ele vira um companheiro. Mas disso você já sabe, não é, Pulga? Você sabe o que há de errado neste vale.

Hylas fez que sim.

— O que você fez para elas estarem atrás de você?

O estranho olhou para ele.

— Você é jovem demais para entender. Jovem demais para tudo isso. Devia estar em casa cuidando de suas cabras.

— Os Corvos mataram as cabras. Mataram meu cachorro.

O estranho franziu a testa. Então surpreendeu Hylas ao lhe perguntar o que acontecera com sua adaga. Quando Hylas não respondeu, o homem disse:

— Você tem uma bainha vazia no cinto, então onde está a faca?

— E-eu perdi.

O estranho pensou sobre o que ele dissera.

— Sabe por que os Corvos incendiaram este vale? — perguntou, em voz baixa.

Hylas balançou a cabeça, pensando aonde ele queria chegar.

— Pense, Pulga. As pessoas fazem sacrifícios porque desejam algo. Os Corvos devem querer muito alguma coisa para incendiar um vale inteiro.

Cuidadosamente, ele acendeu o novo tição com o antigo, então foi até o toco de árvore em que Hylas estava e se sentou ao seu lado.

— Fico me perguntando por que Kratos se daria o trabalho de caçar forasteiros — disse. — Uma cobra ataca quando é ameaçada. Então pergunte a si mesmo, Pulga, por que elas se sentem ameaçadas? Como um forasteirozinho magricelo poderia ameaçar os Corvos, os governantes todo-poderosos de Micenas?

— Eu não sei — respondeu Hylas.

— Eu lhe respondo. Para ameaçar os Corvos, você precisa tirar deles a coisa que os mantêm no poder. Você sabe o que é essa coisa?

Mais uma vez Hylas balançou a cabeça.

— O poder dos Corvos se baseia em uma adaga. — Ele fez uma pausa para ver como Hylas absorvia aquilo. — Esquisito, não? Não uma taça de alabastro nem um colar do mais puro ouro. Só uma simples adaga de bronze. Com três rebites e uma marca simples no punho: uma roda de biga para esmagar os inimigos. Com essa adaga, eles são invencíveis. Sem ela, não são.

Hylas lutou para não deixar que seu rosto o traísse, mas por dentro estava muito nervoso. Sua mente retornou à tumba onde o keftiano moribundo o convencera a pegar a adaga. *É roubada. É valiosa. Mantenha-a escondida.*

— M-mas... como eles fariam isso? — gaguejou ele. — Como o poder deles está em uma adaga?

— Eu vou lhe contar — disse o estranho, ainda o fitando atentamente. — O primeiro Potentado da Casa de Koronos lutou uma grande batalha contra seus inimigos. Ele matou o líder com um golpe que partiu o elmo e a cabeça deste ao

meio. Mais tarde, usando esse elmo rachado, forjou a adaga. Temperou o bronze aquecido com sangue de suas próprias feridas de batalha. Então sacrificou sete touros e convocou o Pai dos Céus para infundir a adaga com o poder de seu clã... e para dar a eles a força e a resistência do bronze. O Pai dos Céus enviou uma águia como sinal de que a oração fora ouvida. Enquanto a Casa de Koronos mantivesse a posse da adaga, seria invencível.

Ele fez uma pausa, seus olhos profundos nunca deixando o rosto de Hylas.

— Quando vi aquele imenso sacrifício de fogo à entrada do vale, foi como uma mensagem. Entendi que os Corvos haviam perdido a adaga. Foi por isso que vieram a esta ilha. Por isso fizeram esse sacrifício. Para implorar que os deuses a devolvessem.

O vento havia parado. O único som eram os murmúrios da nascente.

De repente, o estranho se inclinou para chegar mais perto.

— É por isso que eles estão atrás de forasteiros, Pulga? Será que um forasteiro roubou a adaga deles? Será que foi *você* que roubou?

Hylas o encarou.

— Eu não roubei. Juro pela vida da minha irmã.

— Mas já ouviu falar dela.

— Já.

— E onde ela está?

— Eu não sei.

— E como ficou sabendo de tudo isso?

— Agora, quando você me contou.

— Quando você a viu pela última vez?

Hylas hesitou.

— Há alguns dias. Está perdida, caiu no Mar... — Tentou desviar o olhar, mas os olhos do estranho não deixaram. Viu que Hylas estava mentindo.

— Sua menina está com ela? A menina cuja trilha eu vi na clareira?

— N-não — vacilou Hylas. — Eu *não sei* onde está! É verdade!

Outro olhar penetrante.

— Por mais esquisito que seja, eu acredito em você. Então parece que nós dois não sabemos muito.

Ele deu alguns passos, como se estivesse ponderando a respeito de algo: algo que não gostava de fazer. Então ergueu os ombros e lançou um rápido olhar de pena para Hylas.

— Desculpe, Pulga — disse ele. — Por que tinha que me trazer até aqui, a este lugar horrível?

A boca de Hylas ficou seca.

— O que você vai fazer?

Pendurando o odre no ombro, o estranho desamarrou Hylas e puxou-o até seus pés.

— Venha — resmungou ele. — Vamos acabar logo com isso.

A nascente ficou para trás, e logo os ciprestes negros surgiram das trevas.

— Não — disse Hylas. — Esse não é o caminho.

O estranho o ignorou.

O choupo solitário parecia uma sentinela em meio ao canal. Enfiando o tição na reentrância de um galho, o estranho fez Hylas se sentar nas raízes; então o amarrou ao tronco. Ele trabalhou rapidamente, observando com frequência o céu enegrecido.

Os dentes de Hylas estavam batendo.

— O que você vai fazer?

O estranho puxou sua faca e cortou uma mecha dos próprios cabelos, depois a amarrou em volta do pescoço de Hylas. Pegando um pedaço de carvão, manteve o menino parado e rabiscou marcas em sua testa e em seu peito.

— Odeio ter que fazer isso, Pulga — disse ele, severo. — Fazer isso com uma criança... Mas eu preciso. Não posso deixar que me peguem. Não é só a minha vida que está em risco... e não há alternativa.

Ele levantou, apanhou o tição e falou com as sombras que se amontoavam no canal.

— Espíritos do ar e das trevas! Vejam as marcas na testa e no coração! É a marca de Akastos! Venham a ele. Tomem-no. Alimentem-se *dele*!

— Akastos — disse Hylas, ofegante. — É o seu nome. Você colocou sua marca em mim. Você me marcou com seu cabelo. Eu sou... sou uma *isca*. Você vai me deixar aqui para que as Furiosas me peguem.

O homem chamado Akastos mancou em direção à entrada do canal.

— Se me deixar — gritou Hylas —, nunca vai encontrar seu navio.

— Vou, sim — respondeu Akastos. — Você disse que será fácil de chegar a ele se o vento não estiver muito forte. O vento está indo de norte a oeste desde que meu navio encalhou, ou seja, o navio está na costa noroeste.

— Mas... mesmo que você encontre, ficará preso quando os Corvos chegarem aqui! E eles estão vindo! Eu conheço um lugar para se esconder, eu posso ajudar...

— Não preciso de sua ajuda.

— *Por favor!*

Alguma coisa na voz dele fez Akastos parar.

— Não me deixe — implorou Hylas. — Eu não fiz *nada*!

— Eu sei — disse Akastos, com a voz tensa. — Mas não posso deixar que isso me atrapalhe. — Esfregou uma das mãos no rosto. — Somos muito parecidos, você e eu. Somos sobreviventes. Talvez você consiga pensar em algo para enganá-las, a fim de que não façam o que devem.

— *Akastos!*

Ele tinha ido embora.

O silêncio depois que o homem saiu era apavorante. Em meio aos galhos negros, Hylas observou a última nesga de luz do dia sumir do céu. Algumas poucas estrelas pálidas reluziam. Logo as nuvens as apagaram. As trevas ficaram mais profundas. Seria uma noite sem Lua.

Hylas sentiu a casca áspera da árvore perfurando suas escápulas, e as marcações de Akastos endurecendo em sua pele. Sentiu o cheiro da madeira queimada e o fedor de cinzas.

Ouviu o agitar de asas.



Hylas se debatia loucamente. As amarras o seguravam firme. Ele tentou apagar as marcações de Akastos, mas seus braços estavam presos nas laterais do corpo; não conseguia alcançar.

Uma escuridão ainda mais profunda se moveu rapidamente pelo céu.

Hylas se forçou a lembrar. Começou a murmurar o encanto, hesitante.

A escuridão passou sobre ele, e o som das asas sumiu noite adentro. Esforçou-se para escutar. Sabia que voltariam.

As Furiosas caçam os que matam e os que são do mesmo sangue que o assassino. Hylas não havia matado ninguém, mas sabia que aquilo não o salvaria. As Furiosas não se importam com quem se põe no caminho delas. Se você estiver perto da presa — ou se estiver com a marca da presa —, elas também vão caçá-lo.

Akastos sabia o que estava fazendo. Amarrara Hylas à árvore com nós impossíveis de desatar e pôs sua marca nele duas vezes, assim não haveria engano. Hylas estava tão indefeso quanto uma cabra escolhida por um leão para ser sua presa.

Uma imensa forma sombria obscureceu o céu. Desceu à margem do canal. Dobrou suas asas com um *fap* que lembrava couro.

O espírito de Hylas se encolheu.

Mais bater de asas. Outra sombra pousou na margem. Hylas ouviu o tinir de garras sobre as cinzas. Sentiu fedor de carne queimada. Viu a escuridão se mexer.

Um silêncio terrível.

Da beira do canal, parecia que estava vendo a escuridão se cristalizar, serpentear, mover-se de um lado para outro. À procura *dele*.

Podia senti-la em sua mente. Tinham a carne enegrecida, queimada pelos fogos do Caos. As bocas vermelhas, em carne viva, eram feridas abertas.

Será que enxergavam no escuro? Será que ouviam sua respiração difícil e o suor que lhe escorria pelas costas? Poderiam sentir o cheiro de seu terror?

Não tinha espinheiro para expulsá-las. Tudo o que podia fazer era murmurar o encanto, mas em voz baixa, na louca esperança de que aquilo não o denunciasse.

Com o canto do olho, viu algo se mexer no chão.

Lá. Na entrada do canal. Hylas se esforçou para ver na escuridão, mas ela era muito densa.

Acima dele, no canal, o escuro se agitava, pescoços compridos se moviam em busca dele.

Mais uma vez aquela movimentação no chão. Cada vez mais perto, uma sombra deslizava em sua direção. O encanto ficou preso na garganta. O pavor apertou seu coração...

— Hylas! — sussurrou a sombra no chão. — Sou eu! Pirra!



Estava tão escuro que ela teve que tatear para encontrá-lo. Não fossem os cabelos claros de Hylas, nunca teria conseguido chegar até ele.

— Você está bem? — sussurrou ela, puxando os nós. Eram rígidos como granito; não conseguia desfazê-los.

— Você está com a adaga? — perguntou ele, ofegante. — Rápido! Corte os nós para me soltar!

Ela tentava cortar o couro, mas ele era muito resistente.

— *Rápido!* Elas estão bem em cima da gente!

Pirra ergueu a cabeça. O terror a invadiu.

Uma forma negra fez uma volta e assentou-se nos ciprestes na entrada do canal. Pirra ouviu o arranhar de garras e o farfalhar do couro das asas.

Mais uma vez ela investiu contra a corda. Suas mãos estavam tremendo. A lâmina caiu.

— Ele colocou a marca dele em mim — sibilou Hylas. — É isso que elas sentem. Não consigo alcançá-las... você consegue?

— Onde?

— Na testa e no peito. E ele amarrou uma mecha de cabelo no meu pescoço.

Freneticamente, ela tateou o rosto dele e esfregou-o com os dedos para tirar o carvão, então fez o mesmo no peito. O cabelo em torno do pescoço era oleoso demais para ser desamarrado. Tentou cortá-lo. Nunca imaginara que cabelo pudesse ser tão forte. Por fim, conseguiu e jogou-o longe. Quando voltou à corda, lembrou-se das folhas de espinheiro que tinha no cinto.

— Por que parou? — sussurrou Hylas.

— Eu tenho espinheiro...

— Não vai funcionar, estão perto demais!

A trinta passos dali, uma forma sombria desceu dos ciprestes e atingiu o chão com um baque apavorante.

Os dois ficaram imóveis.

Pirra começou a tentar cortar a corda.

— Não consigo — murmurou. — Está demorando demais.

— Ache uma pedra — disse Hylas, arfante — e um pedaço de carvão. Desenhe a marca dele na pedra e... e amarre o cabelo ao redor dela.

Pirra entendeu o que ele queria.

— Um chamariz?

— Faça isso, depois me desamarre!

— Mas...

— Pirra, se não fizermos essa isca agora mesmo, não importará o quão rápido conseguimos correr!

Ela pegou uma pedra e quebrou um galho do choupo.

— As marcas. — Ela fez uma pausa. — Como eram?

— E-eu nunca as vi.

A mente dela se acelerou.

— Ele lhe disse o nome dele?

— Akastos.

— Como você *sentiu* essas marcas?

A sombra na entrada do canal se ergueu. Pirra ouviu o som temível de algo farejando. O temor obscureceu sua mente.

— Eu senti como... como uma adaga apontando para baixo... e acho que... barras nas duas pontas do punho...

— Eu conheço isso, é o primeiro som do nome dele. — Às cegas, ela riscou o que esperava ser a marca correta na pedra. Mas onde estava o cabelo? Engatinhou pela poeira. Não conseguia encontrar. O pânico se instalou.

Achei. Com as mãos trêmulas, ela amarrou a mecha em volta da pedra.

— *Rápido* — pressionou Hylas.

O farejar cessou. A sombra ficou imóvel. Já havia captado o cheiro.

Como se por algum sinal, outra sombra desceu do cume, rodopiando e descendo em uma rajada de vento malcheiroso até se instalar nos ciprestes. Depois, mais uma.

Enfim o cabelo estava amarrado. Pirra puxou o braço para trás e jogou a pedra o mais longe que conseguiu, na direção da boca do canal.

— Agora me solte! — pediu Hylas, ofegante.

A sombra no chão parou, inclinou e deu uma guinada rumo à pedra.

Pirra tentava cortar a corda febrilmente.

— Não dê golpes — disse Hylas —, serre, como se estivesse serrando madeira!

Ela nunca havia serrado madeira na vida, mas entendeu o que ele dizia. Hylas se contorceu e fez força. A corda arrebentou.

Pondo-se em pé de um salto, Hylas agarrou a adaga com uma das mãos e o pulso de Pirra com a outra. Juntos eles fugiram da única forma que podiam:

subindo o canal, rumo ao desconhecido.

Enquanto corriam, Pirra olhou para trás — e vislumbrou formas aladas, que para sempre habitariam seus pesadelos, descendo das árvores e convergindo para o lugar onde ela havia arremessado a pedra.



— Você está bem? — perguntou Pirra, baixinho.

Hylas fez que sim.

— Mas não parece.

— Obrigado.

— Eu só quis dizer...

— Não, eu quero dizer... obrigado. Por ter vindo me buscar.

— Ah. — Com o calcanhar, ela deu uma pancadinha na poeira. — Bom, eu não teria sobrevivido por tanto tempo se não fosse por você.

Hylas abraçou os joelhos e se perguntou quando ia parar de tremer. Tinha sido horrível se arrastar pelo canal no escuro, temendo ouvir as Furiosas atrás deles a qualquer momento. Chegaram a um beco sem saída; então o céu se desanuviou, sob a luz das estrelas, ele encontrou uma ravina que ia para o oeste. Depois de uma escalada sem fim, a ravina se abriu, e eles vislumbraram o Mar, uma folha de prata inerte na calmaria antes da alvorada.

Quando o Sol nasceu, estavam abrigados sob um arbusto espinhoso e dividiram o que restava no odre — o qual, surpreendentemente, Pirra conseguira manter consigo.

— Vamos lá — disse ela, trazendo-o de volta ao presente.

— Você vai primeiro, eu alcanço você — murmurou ele.

Pirra pareceu entender que Hylas precisava ficar sozinho, então desceu a encosta.

Entorpecido, ele ficou olhando abelhas sacolejando por ali, em meio a moitas de tomilho roxo, e moscas-das-flores zumbindo em volta de cardos amarelos. Não parecia real. Como aquilo tudo poderia existir quando Elas também

existiam? Para onde ia a escuridão quando o Sol se elevava? Onde as Furiosas estavam?

Hylas ainda podia senti-las como uma mancha no espírito. Pensou em Akastos e naquele olhar assombrado em seus olhos. *Estou fugindo há mais tempo do que você existe...*

Sentiu falta de Espírito. Queria mergulhar com o golfinho no Mar cintilante e sentir a água lavar a escuridão de dentro de si. Espírito entenderia sem que fosse preciso dizer.

Pirra estava voltando. Ele a observou fazer força para subir a encosta. Havia algo de errado. Hylas se levantou.

— Abaixese! — sussurrou ela.

— O que foi?

— Um navio! Acabaram de chegar na costa. Não parei para olhar, mas acho que são Corvos!

Hylas pensou rápido.

— Onde está o navio?

— Como eu disse, na praia!

— Sim, mas onde?

Ela apontou para o sul.

— Já é alguma coisa. Acho que o nosso acampamento fica ao norte, pelo menos não temos que passar por eles.

Juntos, eles rastejaram colina abaixo.

De repente, Pirra o puxou para trás de uma pedra.

— Ali — disse baixinho.

O navio estava amarrado a um pedregulho a aproximadamente cem passos rumo ao sul. Hylas verificou, na vela enrolada, a cor de sangue seco, e os homens pulando pelas laterais da embarcação vestindo grandes capas negras e elmos com presas de javali. Viu o reluzir da armadura de bronze do líder. Viu os rostos deles.

Viu os rostos deles.

Cambaleou. Havia um rugido em seus ouvidos. Sentiu como se estivesse caindo de muito alto.

Um deles era Telamon.



Os Corvos estavam passando logo abaixo deles: Pirra contou cinco homens e um menino, cada um com uma adaga de bronze no quadril.

Caminhavam resolutos, de cabeça abaixada. Pirra soltou a respiração. Não estavam seguindo rastros. Colhiam lenha.

Atrás dela, Hylas ficara imóvel.

— Aquele é Telamon — disse ele em um sussurro rouco.

— O quê?

— Telamon. Ele é um Corvo.

Ela estreitou os olhos na direção dos homens que se afastavam na praia. Então era com aquele menino que Pirra deveria se casar.

— Um Corvo — repetiu Hylas. — Telamon é um Corvo.

Ela ficou confusa.

— Claro que é. Faz parte da Casa de Koronos. Vamos, temos que sair daqui! Você acha que a gente consegue chegar ao promontório?

— Por que você não me contou? — sussurrou ele.

— Contar o quê?

— Que ele é um Corvo.

— Hylas... nós temos que *sair* daqui!

— Por que não me *contou*?

Alguma coisa na voz de Hylas fez com que Pirra olhasse para ele. Sob as cinzas e a sujeira, seus lábios haviam ficado cinza. Os olhos castanho-amarelados estavam quase negros.

Uma vez, na Grande Corte da Morada da Deusa, ela vira um salta-touros ser arremessado pelo animal. Ele tinha sido levado ainda vivo, mas seu rosto ficara tão pálido e chocado quanto o rosto de Hylas estava.

— Por quê? — perguntou ele.

— Achei que você soubesse. Agora *vamos!*

A costa tinha uma vegetação densa, e eles encontraram um caminho até o promontório sem serem vistos. Não havia sinal de busca, mas a todo momento Pirra temia ver guerreiros vindo na direção deles.

Mergulharam em um bosque repleto de castanheiras e sicômoros, que era barulhento por causa dos pardais. O bosque oferecia uma boa cobertura, e ela respirou mais aliviada. Ainda não havia grupos de buscas.

Algum tempo depois, eles se depararam com uma nascente. Enquanto se ajoelhava no musgo, Pirra percebeu que não conseguiria dar nem mais um passo.

— Estou exausta — disse, ofegante. — Não consigo me lembrar de quando dormi pela última vez. Quanto falta para chegarmos ao acampamento?

— Acho que ainda falta bastante. Metade do dia, talvez.

— Seria seguro pararmos um tempo aqui?

— Nenhum lugar é seguro — murmurou Hylas.

Ela hesitou.

— Sobre Telamon... eu achei mesmo que você soubesse. Afinal, você me contou que ele é seu melhor amigo.

— Era — disse ele, entre os dentes. — *Era* meu melhor amigo.



Encontraram um lugar para dormir sob algumas árvores jovens, e Hylas escondeu-as atrás de galhos, de modo que eles não pudessem ser vistos. Pirra foi procurar comida e voltou pouco depois, dizendo que havia árvores logo mais embaixo, em direção à costa, e ela arriscara uma corrida até a água rasa. Trouxe a veste cheia de ouriços-do-mar, os quais eles comeram crus, escavando o

interior aguçado com os dedos. Ela ficava lhe dirigindo olhares curiosos, o que o deixava furioso. Não queria que Pirra o visse daquele jeito.

Enfim ela disse:

— Sempre achei estranho ele ser seu amigo. Quero dizer, ele sendo um Corvo.

Hylas a encarou.

— Quando você me disse que ele era seu amigo, eu não sabia se podia confiar em você. Eu não sabia *o que* pensar. Por isso não falei nada. Claro que depois confiei em você, nas cavernas; mas tudo aconteceu tão rápido que nunca tivemos tempo de conversar.

Hylas enfiou a adaga na terra e ficou observando-a vibrar até parar. Sentiu-se enjoado, agitado pela fúria, angustiado e descrente. Será que *alguma vez* eles haviam sido amigos ou fora tudo mentira? Mas *por quê*?

Relembrou o dia antes do ataque, quando Telamon viera à procura dele na biga do pai. Tinha dito que não sabia por que os Corvos estavam atrás de forasteiros. *Assim que fiquei sabendo, vim avisar... Encontrei Xô... Eu o enterrei...*

Alguma dessas coisas era verdade? Mas o que Telamon ganharia mentindo?

Pirra levou o último ouriço-do-mar de volta à costa como oferenda.

— Sem sinal deles — disse ela quando voltou —, mas acho que avistei o navio naufragado ao longe. Você tinha razão, fica a pelo menos meio dia daqui. Podemos descansar até ficar escuro?

Hylas não respondeu. Com o dedo, ele acompanhou o círculo cruzado no punho da adaga. *Uma roda de biga*, como dissera Akastos, *para esmagar os inimigos*.

Não parecia possível que aquela adaga à sua frente — aquele simples punhal de bronze — tivesse o poder da Casa de Koronos. Mas, em seu íntimo, ele sabia que era verdade.

Lembrou-se do que Akastos dissera: que os Corvos haviam perdido a adaga e a queriam de volta, e que talvez fosse por isso que estavam atrás dos Forasteiros.

Será que por algum motivo eles achavam que um Forasteiro havia roubado a adaga — e que o Forasteiro podia ser ele?

— Por que você fica olhando para sua adaga? — perguntou Pirra em voz baixa. Seu rosto estava pálido de fadiga, mas os olhos negros olhavam-no de modo penetrante.

Ele contou a ela sobre o homem que encontrara morrendo na tumba, que a adaga lhe fora entregue, como a arma o ajudara a se manter vivo quando estava à deriva e o que Akastos lhe havia dito.

Quando terminou, havia um silêncio entre os dois. As árvores ficaram atordoadas no calor do Sol alto. Até os pardais tinham ficado quietos. Apenas o som dos grilos pulsava incessante.

Pirra falou primeiro.

— Tem certeza de que é essa adaga?

— Ela tem a roda de biga, como Akastos falou — Ele olhou para Pirra. — O homem na tumba, o keftiano. Você sabe quem era?

Ela balançou a cabeça.

— Não tenho ideia de quem seja... nem por que ele teria roubado. Presumivelmente eles ficaram com a adaga em Micenas; então como ele a levou de lá até a Licônia? E por quê? — Ela mordeu o lábio. — Até agora, eu nunca tinha ouvido falar dessa adaga, nem ninguém mais em Keftiu. O que, eu acho, faz sentido. Os Corvos não gostariam de que ninguém soubesse se... — Ela perdeu a fala. — Acabei de me lembrar. Deve ser por isso que eles perguntaram ao Oráculo.

— Que Oráculo?

— Quando chegamos à Licônia, ouvimos que Thestor e Kratos foram consultar o Oráculo. Talvez a resposta que receberam... talvez tivesse algo a ver com os Forasteiros que roubaram a adaga.

— Mas eu já disse a você que não roubei!

— Eu sei, mas você está com ela. Ela veio até você; é isso que conta. E quem sabe... se o Oráculo disse mesmo alguma coisa sobre os Forasteiros e Kratos já

sabia que você era o único que restava na Licônia... então, talvez ele presumisse que tenha sido você que a pegou.

— Mas eu nunca cheguei perto de Micenas!

— Eu sei. Mas quem quer que tenha roubado... aquele homem na tumba... ele deve ter levado de lá até a Licônia; e então a adaga caiu em suas mãos. No fim das contas, é a mesma coisa.

Puxando a adaga para fora da terra, Hylas a ergueu. Não havia um único grão de areia preso à lâmina. Era perfeita. Linda.

Ele passara a acreditar que a arma era sua amiga. Ela lhe fizera companhia quando estava à deriva e, na tempestade, ela enrolara sua corda em volta do mastro e o mantivera flutuando. Achou que a arma o estava ajudando, mas finalmente percebeu que ela estava apenas salvando a si mesma. Era mais um amigo que ele nunca teve.

Hylas soltou-a no chão e limpou os dedos na coxa.

— Vou me livrar dela — disse ele. — Vou jogá-la no Mar. Aí eles nunca vão recuperá-la.

Pirra franziu a testa.

— Não acho que isso vá funcionar. Acho que ela sabe se proteger.

— O que você quer dizer?

— Aquela hora, nas cavernas, quando a serpente estava atrás de você e ficou presa na bainha? Talvez ela *quisesse* que você fosse mordido, assim poderia escapar. E quando você estava escalando aquelas árvores caídas e ela caiu logo antes daquele homem, Akastos... antes que ele pegasse você. Se ele encontrasse a adaga com você, agora ela estaria com ele. Acho que ela também não queria. Não, Hylas. Se você jogá-la no Mar, ela vai encontrar outra forma de ser descoberta. De voltar aos Corvos.

Apesar do calor, Hylas tremia. Ele observava a luz do Sol brincar na lâmina. Teve a sensação enervante de que ela estava ouvindo.

— Acabei de pensar em outra coisa — disse Pirra. — Aposto que Kratos não contou a seus homens que ela está perdida.

— Por que não?

— Seria um sinal de fraqueza. Nunca demonstre fraqueza se você quiser manter seu poder. Foi minha mãe que me ensinou. Sim. Kratos só deve ter contado isso a seus parentes mais próximos. Talvez a Thestor e a Telamon, ninguém mais.

Hylas ficou encarando-a.

— *Telamon?* Telamon é parente daquele homem?

Ela fez que sim.

— Thestor e Kratos... eles são irmãos. O pai deles é Koronos, o Potentado-Chefe de Micenas. Telamon é seu neto. E sobrinho de Kratos. É isso que o torna um Corvo. Ele é Corvo desde que nasceu. Hylas... você está bem?

Ele havia voltado às montanhas, agarrando-se à própria vida sob o beiral enquanto um monstro de negro e bronze se inclinava à beira do desfiladeiro. Viu uma mão poderosa suja de cinzas. Sentiu um olhar ofendido revirar as encostas em busca dele...

Por causa de Kratos, Xô fora assassinado. Por causa de Kratos, Issi se perdera na mata. Kratos, filho de Koronos. Tio de Telamon.

— Hylas?

— Vê se me deixe em paz! — estourou. — Apenas... me deixe em *paz*!

Ele saiu batendo em meio às árvores, cegamente.

Não se chamam Corvos, Telamon dissera. São um grande clã: a Casa de Koronos... Meu pai... ele não tem desavença alguma com eles... Ele é um Potentado, o que significa que nem sempre pode escolher com quem terá que lidar.

Tudo aquilo era verdade — e mesmo assim tantas mentiras continuavam enterradas no que permanecia não dito.

Ainda assim, as questões não cessavam. Se Telamon fosse mesmo membro da Casa de Koronos, então por que teria ajudado Hylas a fugir? Por que roubaria a biga do pai e traria aqueles suprimentos? O fígado de ovelha seco, o suco de nozes. *Por quê?*

Sem saber, Hylas tinha ido até a entrada da mata. O Mar estava parado sob um triste céu amarelo. O brilho intenso das pedras machucava seus olhos.

Até aquele instante, pelo que quer que estivesse passando, sempre esperara que chegasse o momento em que pudesse contar tudo a Telamon. *Espere só até eu contar a Telamon*, dizia para si mesmo. Não havia para quem contar.

Lembrou-se das palavras da Deusa na caverna. Ele perguntara por que os Corvos estavam atrás dele, e Ela dissera: *A verdade morde*. Na hora, achou que Ela se referia à serpente marinha. Compreendia que a Deusa estivera avisando a respeito do que ele ia descobrir.

A verdade realmente mordida fundo. Sentia como se alguém tivesse enfiado uma faca em seu peito e torcido.

Não podia voltar para Pirra. Tinha que ficar sozinho.

Não, sozinho não. Precisava de Espírito. Espírito entenderia.

Não havia sinal dos Corvos na costa. Disparou até as rochas na água rasa e se escondeu. Bateu nas ondas com a palma da mão. Quando isso não funcionou, enfiou a cabeça sob a água e gritou para Espírito em um frenesi de bolhas.

Mas não importava o que fizesse, Espírito não vinha.



Era um alívio imenso estar de volta ao Mar aberto, mas o golfinho estava terrivelmente preocupado com seu bando e com o menino e a menina. Parecia que tinha ficado preso na caverna uma eternidade, embora o que havia acontecido lá estivesse virando um borrão azul.

Lembrava-se de ficar preso no canal e de se revirar freneticamente para se soltar. Lembrou-se da dor nos flancos arranhados. Lembrou-se de nadadeiras fantasmagóricas se agitando por cima de suas costas e de risadas borbulhantes chegando mais perto. Então as risadas cessaram, e ele parou de se debater. A surpresa o inundou. A Iluminada havia surgido.

Ela nadara cada vez mais próximo dele, até o golfinho ser banhado por Seu gélido fogo azul. Ela era vasta e perfeita como o Mar. Em Suas nadadeiras, não havia marca nem mancha; em Seus flancos, não havia mordida nem cicatriz. Sua cauda era mais forte do que a tempestade, e Seus olhos, mais profundos que a Escuridão Abissal.

Com um bater da barbatana, Ela o libertou das rochas. Curara suas feridas e miraculosamente fez passar toda a sua dor. Ela conversou com ele na língua dos golfinhos, que não necessitava de voz — e ele havia entendido.

Obediente à vontade Dela, ele nadara até o Lugar dos Ecos Cantantes, e Ela lhe mostrara a concha que não era concha, mas pedra. Cuidadosamente, ele a pegou com o focinho, e a Iluminada o mandou de volta pelos canais serpenteantes; quando ele saiu novamente, deixou a não concha onde ela deveria estar.

Tudo isso parecia ter acontecido havia muito, em um lugar muito distante. Ele cumprira a vontade da Iluminada, e Ela o libertara.

Mas onde estavam os outros?

Ondas de ansiedade fizeram seus flancos estremecerem, enquanto ele guinchava e estalava, e guinchava de novo.

Nada.

Foi depressa ao lugar onde captara os sons estranhos e abafados de seu bando, que chegavam até ele pela terra. Bateu a cauda e guinchou os nomes-silvo. Não conseguia ouvi-los. O que acontecera com eles?

Subiu pela costa, veloz, à procura do menino. Não o via em lugar algum. O golfinho nadou bem na água rasa, indiferente aos seixos arranhando seu ventre. Chamou e bateu a cauda, mas o menino não apareceu.

Correndo de volta à água funda, o golfinho ouviu ansiosamente a voz do Mar. O Mar gemia sem cessar, mas ele não entendia o que estava dizendo e, conforme ele seguia as ondas, as correntes ficaram tão fortes que ele precisou nadar mais forte para não ser levado junto.

Enfiou o focinho na superfície e sentiu como o Acima estava quente; sentiu sua pele começar a contrair. E o céu não estava azul, mas amarelo.

Mergulhou, esperando ver a silhueta familiar de uma sardinha ou mesmo de um tubarão, mas os peixes haviam sumido. Eles haviam deixado o raso e se refugiaram no fundo. O que os teria assustado?

A coragem do golfinho vacilou. Pela primeira vez na vida, o Mar lhe pareceu vasto demais, poderoso demais. Sentia falta do toque de uma nadadeira amiga ou do flanco de outro golfinho roçando o dele.

Seguiu em frente, nadando costa abaixo, estalando rápido e forte para captar alguma forma viva. Ouviu as colinas e os vales conhecidos por ele, e as grandes florestas de alga, mas nenhum peixe ou golfinho.

Então ouviu outra coisa: uma daquelas grandes e pesadas pilhas de árvores flutuantes que os humanos usam para cruzar o Mar. Ela flutuara até a baía e estava balançando no raso como uma baleia sonolenta.

O golfinho nadou mais perto. Viu humanos correndo feito siris na costa, em torno de suas pequenas fogueiras vermelhas. Eram todos homens. Não gostou deles. Sentiu violência neles.

Então, avistou uma figura pequena e negra agachada entre as rochas que se destacavam sobre a baía. Se não fosse pelos homens na costa, ele teria dado um salto de focinho-para-cauda de alegria. Encontrara o menino!

Nadando sob as ondas, o golfinho correu na direção da silhueta entre as rochas.



Algo brilhante se ergueu do Mar, e Telamon deu um pulo.

Por um momento, o golfinho olhou em seus olhos. Então rolou de lado e sumiu sob as ondas.

O coração de Telamon acelerou. Seria um bom presságio? Isso significava que Hylas ainda estava vivo?

Mais à frente, avistou as costas reluzentes. O golfinho estava subindo a costa, rumo ao norte. Por um instante, Telamon até pensou que a criatura poderia estar lhe dando algum tipo de sinal: talvez mostrando o caminho até seu amigo.

Dois guerreiros vieram correndo pelas rochas, empunhando lanças.

— Vimos uma barbatana! Era um tubarão?

— Golfinho — respondeu Telamon.

Abaixaram as lanças, e um deles passou a mão no rosto.

— Por sorte não joguei a lança — murmurou.

— Sorte mesmo — disse Telamon friamente.

Esperou que eles retornassem ao acampamento e depois tornou a vasculhar as ondas. O golfinho sumira. O Mar era uma folha de bronze malhado.

Uma onda de desesperança o acometeu, e ele apoiou a cabeça nas mãos. Nada havia acontecido da forma como desejara e não conseguia ver como acertar as coisas. Prometera a Hylas que encontraria Issi, mas fracassara. Odiava pensar nela vagando sozinha pelas montanhas e odiava a si mesmo por não ter feito algo mais para encontrá-la. Falhara com Issi e falhara com Hylas. Tudo o que conseguiu foi irritar e frustrar seu pai, além de enganar seu tio.

Por outro lado, o que mais poderia ter feito? Kratos entendera tudo errado. Hylas não tinha nada a ver com o roubo da adaga. Não havia como ele ser o forasteiro que o Oráculo havia mencionado.

Entretanto, Telamon refletiu lastimosamente, talvez nada mais daquilo importasse. Talvez o pior já tivesse acontecido, e Hylas estivesse morto.

Telamon ficava revendo o momento em que o timoneiro havia encontrado o barco naufragado durante a travessia da Licônia. O pescador que eles haviam trazido olhou para dentro e reconheceu o mastro de seu barco; então ele vira o tubarão, que acompanhava o navio, e riu.

— Parece que o pegou! Rá! Bem-feito!

Como se aquilo estivesse acontecendo à sua frente, Telamon imaginou o tubarão atacando seu amigo: o Mar ficando vermelho enquanto Hylas se debatia nas presas do monstro.

Telamon se curvou e vomitou até sua barriga doer.

Os homens atribuíram aquilo ao enjoo por causa do Mar, mas seu tio lançou-lhe um olhar pensativo, como se analisasse se havia mais naquele gesto.

— Ele ainda está vivo — disse uma voz atrás dele. Era uma voz baixa, mas tão gélida que fez Telamon tremer.

Kratos havia tirado sua armadura de bronze, mas, ao contrário dos outros homens, estar desarmado não o tornava mais acessível. Seu peito e seu kilt de couro negro tinham listras cinza, seus olhos estavam avermelhados de examinar as cinzas à procura de sinais. Estava observando Telamon com uma expressão insondável.

— O-o que o senhor disse? — gaguejou Telamon.

— O forasteiro vive — disse Kratos. — Vi nas cinzas. Está aqui, nesta ilha.

Telamon engoliu em seco.

— Mas... mesmo que isso seja verdade, não pode ser ele quem você busca. Ele não pode estar com a adaga, eu tenho certeza.

— É o que você diz.

— Não passa de um pastor, não teria como saber dessas coisas... — Parou por aí. Não podia parecer que estava defendendo Hylas.

Seu tio deixou a pausa se alongar até virar um silêncio desconfortável.

Para preenchê-lo, Telamon lhes contou do golfinho.

— Talvez seja bom presságio — arriscou.

— Talvez — respondeu Kratos. — Ou talvez nosso sacrifício tenha funcionado e logo teremos nossa recompensa.

— E-eu espero que sim — mentiu Telamon.

O tio sorriu. Era perturbadoramente parecido com o pai de Telamon: as mesmas maçãs do rosto altas e a grossa camada de barba negra. Em Kratos, porém, toda a amabilidade fora destruída.

Mas ele é *parte da família*, lembrava Telamon a si mesmo. Você lhe deve a mesma lealdade que a seu pai.

Sabia daquilo, mas não conseguia sentir. Como você pode ser leal a um homem que quer matar seu melhor amigo?

— Vamos encontrar a menina também — disse Kratos, ainda o observando.

— O quê?

— A keftiana. A filha da Sacerdotisa Suprema. — Seu lábio se recurvou. — A menina com quem você deveria se casar.

— Ah. Sim. O pescador disse que a deixou aqui, não foi? Então suponho que deva ser verdade.

— Ah, eu não acredito que ele mentiria para mim — disse Kratos, com ênfase antipática.

Telamon engoliu em seco mais uma vez. Ninguém ousaria mentir para Kratos. Exceto, nesse caso, o próprio sobrinho.

Até aquele momento, Telamon estivera com sorte. Embora seu pai e Kratos fossem irmãos, não restava amor entre eles, e Thestor não contara a Kratos que o forasteiro era amigo de Telamon nem que Telamon o havia ajudado a fugir.

Enquanto Telamon encarava o tio, começou a se perguntar se os laços de sangue o salvariam se Kratos descobrisse. Um olhar de relance para o talho cruel da boca lhe disse que a resposta era não.

— Estou levando alguns homens para o sul — disse Kratos. — Quero explorar a costa antes que escureça. Vem conosco?

Telamon umedeceu os lábios.

— Não. Vou ficar aqui, para o caso de aquele golfinho voltar. — Obrigou-se a olhar nos olhos do tio e torceu para que ele não percebesse a mentira.

— A escolha é sua — disse Kratos. Ele ainda sorria, mas algo em seu tom disse a Telamon que ele escolhera a opção errada.

Assim que o tio sumiu de vista, Telamon seguiu para o norte. Não tinha muito tempo — não demoraria muito até o anoitecer, e ele teria que voltar para o acampamento antes de Kratos —, mas não conseguia afastar o pressentimento de que o golfinho lhe indicara o caminho. Mesmo que estivesse errado, não ia conseguir ficar sentado nas pedras fazendo nada enquanto caçavam seu amigo.

O calor era sufocante. Quando enfim chegou ao promontório, estava pingando de suor. A encosta que tinha diante de si era tomada de plátano — exatamente o tipo de lugar onde Hylas gostaria de se esconder.

Sentindo-se mais esperançoso, Telamon começou a descer. Estava ainda mais quente debaixo das árvores. O som dos grilos fazia suas têmporas latejarem.

— Hylas? — chamava baixinho. — Está aí?

Apenas os grilos respondiam.

Entrando mais a fundo, tentou de novo.

— Hylas, sou eu! Estou sozinho. Vim ajudar!

Ainda nada.

Forçando caminho através de uma moita espinhenta de junípero, emergiu em uma pequena clareira, onde mariposas claras voavam em meio a cardos da altura de um homem.

Encontrou uma marca de calcanhar na poeira e se ajoelhou para examinar. Seria uma pegada ou só a marca deixada por uma rocha tirada do lugar? Mesmo olhando de relance, Hylas saberia a resposta.

A tristeza brotou em Telamon. Sentia falta do amigo. Lembrou-se de todas as vezes em que saíra escondido de Lapithos e procurara Hylas na Montanha, esforçando-se para chegar à passagem para verificar se havia pistas na pedra de encontro, depois ouvindo a risada alta de Hylas quando ele surgia dos arbustos e o derrubava no chão, e eles rolavam e se debatiam na moita...

De pé em meio aos cardos, ocorreu a Telamon que ele nunca conseguiria voltar àquela época. Mesmo que encontrasse Hylas, tudo mudara. O melhor que podia desejar era poder ajudar Hylas a fugir para alguma terra distante e fazer o amigo jurar que nunca mais poria o pé na Licônia. Isso significaria ter que lhe dar adeus para sempre.

A marca na poeira não parecia adequada. Não era um calcanhar no fim das contas. De maneira furiosa, ele arrastou o pé, apagando-a. O que estava fazendo vagando por um matagal?

Um braço agarrou-o pelo pescoço e arrancou seus pés do chão com um puxão para trás.



— Por quê? — perguntou Hylas, apertando o pedaço de sílex contra a garganta de Telamon. — Apenas me diga por quê!

— Por que o quê? — respondeu Telamon, ofegante.

— Por que mentiu para mim?

— Eu não... Eu salvei você!

— Você é um Corvo e nunca me disse!

— Eu *salvei* você! Roubei a biga do meu pai; ele me deu uma surra! Se não acredita, veja aqui!

Sem afrouxar o aperto, Hylas jogou Telamon no chão, de barriga para baixo. Seus ombros estavam trespassados de vergões.

Em um instante, Telamon virou para cima e enfiou o cotovelo nas costelas de Hylas, então prendeu as pernas em torno da cabeça do amigo e o lançou para cima. Hylas caiu com um baque resfolegante e rolou de lado para evitar outro ataque.

Que não veio.

— Não estou aqui para lutar — disse Telamon, quando conseguiu se levantar.

— Isso é o que você diz — bradou Hylas. — Como vou saber que não é um truque?

— Porque sou *eu*! — gritou Telamon.

Hylas limpou o suor do rosto.

Telamon parecia o mesmo de sempre. A mesma túnica, as mesmas tranças de guerreiro com os pedaços de argila nas pontas para que não se soltassem. Como eles poderiam ser inimigos?

— Fico feliz que esteja vivo — disse Telamon, com tristeza, esfregando o pescoço. — Achamos os restos daquele barco que você roubou e vimos um tubarão. Foi horrível.

— Quem são “nós”? — perguntou Hylas, entre os dentes. — Seu tio e os homens dele?

Telamon piscou.

— Como sabe que é meu tio?

Hylas ignorou.

— E Xô? Foi você quem o enterrou ou também era mentira?

— Claro que eu o enterrei!

— E Issi? Você nem sequer se deu o trabalho de procurar por ela?

— Sim, mas...

— E aquele plano de fazer a volta na costa para chegar do outro lado das montanhas? Era um truque para eu ser levado pelo Mar e nunca mais voltar!

— Não, Hylas, não era. No dia seguinte em que você saiu com a biga, eu comecei a fazer a travessia. — Telamon enrubesceu. — Meu pai mandou alguns homens atrás de mim. Eles me carregaram de volta a Lapithos.

— Por que eu devo acreditar? Você é um Corvo e nunca me contou!

— Pare de chamá-los de Corvos! — berrou Telamon. — Tudo o que eu sabia era que tinha parentes em Micenas, eu nunca havia *encontrado* nenhum deles até alguns dias atrás! Mas não havia tempo para explicar isso a você, eu precisava tirar você de lá antes que o pegassem!

— Havia tempo de sobra, nós nos conhecemos há quatro anos!

— E quando foi que você demonstrou o mínimo de interesse a respeito de minha vida em Lapithos? — retrucou Telamon. — Você é igual aos aldeões, não quer saber nada do mundo lá fora!

— Então a culpa é minha — zombou Hylas. — E tudo o que você fez foi para me ajudar.

— Por que é tão difícil acreditar?

De repente, Telamon desmoronou em uma árvore caída.

— Sinto como se estivesse sendo partido em dois — murmurou. — Só de estar aqui já me desonro e traio meu sangue.

— Então eu devo sentir pena de você? — disse Hylas, com frieza.

Telamon lhe dirigiu um olhar estranho.

— Você não sabe como é. Até poucos dias atrás, tudo o que eu sabia era que tinha parentes em Micenas. Meu Pai sempre nos manteve longe deles; dizia que era melhor assim. — Ele fechou os punhos. — Nem todos os membros da Casa de Koronos são maus, Hylas. Meu pai não é mau; nem eu.

— Seu pai não interveio quando estavam caçando forasteiros.

— Ele detestou aquilo. Mas não havia mais nada que pudesse fazer. Você não conhece Kratos.

— Então, por que Kratos está caçando forasteiros?

Telamon massageou a testa.

— Havia presságios em Micenas. Disseram que a Casa de Koronos estava em perigo na Licônia; não disseram o que era. Então uma relíquia preciosa de nosso clã foi roubada. Koronos, meu avô, enviou dois de seus filhos para cá, a esta ilha, para fazer um grande sacrifício e buscar a ajuda dos deuses para recuperá-la. Enviou Kratos à Licônia. Kratos e meu pai consultaram o Oráculo. Foi muito estranho o que ela disse: *Se um forasteiro empunhar a lâmina, a Casa de Koronos há de queimar*. — Seu rosto se contorceu. — Kratos estava convencido de que isso queria dizer que um forasteiro havia roubado a... a relíquia.

— Então ele começou a nos caçar e matar.

— Quando eu vi você pela última vez, eu não sabia de *nada* disso! — disse Telamon, determinado. — Mas, depois que você saiu na biga, meu pai me deu uma surra por eu tê-lo ajudado... Hylas, ele havia descoberto nossa amizade... e depois me contou. Contou por que havia nos mantido afastados ao longo de todos esses anos, e sobre o Oráculo, e sobre o que havia sido roubado. Mas aí

Kratos já estava atrás de você só porque... porque não havia mais forasteiros na Licônia.

— Exceto por Issi — disse Hylas.

— Para Kratos ela não contava por ser menina. — Mais uma vez ele massageou a testa. — Quando os homens de meu pai me encontraram e me levaram de volta a Lapithos, Kratos estava lá. Ele já tinha notícias da costa. Um menino forasteiro havia roubado um barco e sumira na névoa do Mar. Eu sabia que era você. Implorei a meu pai para que me deixasse ir no navio de Kratos para procurá-lo. Disse que precisava fazer isso para... para provar minha lealdade e compensar por ter ajudado você.

Hylas esperou que ele prosseguisse.

— Meu pai deixou que eu fosse. Ele não havia contado a Kratos que éramos amigos; e acreditou em mim quando disse que estava tentando compensar meu erro. Você percebe o que isso significa? Quer dizer que menti para ele mais uma vez. E quer dizer que, se Kratos descobrir que estou tentando ajudar você, ele vai me matar!

Hylas não tinha como responder àquilo. Queria acreditar em Telamon, mas não podia correr o risco.

— Como posso confiar em você — disse ele — depois de esconder tanto de mim? Você nunca me contou do seu sangue nem da adaga, nem... — Interrompeu a si mesmo bruscamente.

Silêncio entre os dois. Libélulas zuniam entre os cardos. Do alto, vinham os gritos estridentes de andorinhões.

Telamon havia ficado imóvel.

— Eu nunca disse que era uma adaga. Como é que você sabe que é uma adaga?

Hylas não respondeu. Ficou rindo a compreensão surgir no rosto do amigo.

— E eu *jurei* que não era você — disse Telamon. — Falei a meu pai que você não podia ter pegado. Você nem sabia que ela existia.

— Eu não roubei — disse Hylas.

— Mas você sabe o que é. E você... está com você?

— Sim.

Telamon se afastou dele, balançando a cabeça.

— Esse tempo todo... eu estava *defendendo* você...

— Já falei que não roubei.

Telamon não estava escutando.

— Onde está? — exigiu.

Hylas bufou.

— Achou mesmo que eu arriscaria trazê-la junto?

Telamon abriu a boca para falar, então a fechou de novo.

— Como sei que você não está mentindo? Como eu vou saber que é ela mesmo?

Hylas hesitou, mas já havia falado demais; não havia motivo para negar.

— Ela tem um círculo com uma cruz entalhada no cabo — disse ele. — Uma roda de biga para esmagar os inimigos.

— Alguém pode ter contado isso a você. Preciso de mais provas.

Hylas parou um instante para pensar.

— Ao alvorecer, quando o Sol reflete nela, o gume fica vermelho, como se houvesse acabado de extrair sangue de algo. E, quando a segura, você se sente mais forte do que nunca.

O queixo de Telamon caiu.

— Todo esse tempo... foi *você*!

— Eu não a roubei, Telamon. É a verdade. Eu nem sabia o que era até ontem.

Telamon apanhou um graveto e caminhou pela clareira, cortando os cardos. Quando se voltou para Hylas, parecia mais velho, de fato o filho de um Potentado.

— Traga-a aqui — disse ele sumariamente.

— *O quê?*

— Dê a adaga para mim. Eu digo que a encontrei, e eles não vão mais atrás de você.

— Mas, quando os Corvos a tiverem, não haverá como detê-los. Por que eu deixaria isso acontecer?

— Nem todos os Corvos, como você os chama, são maus. Talvez eu e meu pai possamos encontrar um modo de restaurar a honra de nossa Casa...

Hylas bufou mais uma vez.

— Tudo bem, se ainda não o convenci, que tal isto: dar a adaga para mim é sua única saída.

— Não, eu não vou fazer isso.

— Você não sabe o poder que eles têm? — esbravejou Telamon. — Ah, tudo bem, é que você nunca viu Kratos furioso! E ele tem irmãos, e tem... o próprio Koronos!

Hylas olhou para ele.

— Você está com medo deles. Com medo de sua família.

— Bem, é claro que estou! — berrou Telamon. — Assim como meu pai. *Meu pai*, o Potentado da Licônia! E você também estaria se tivesse a mínima ideia do que eles podem fazer! Hylas, é sua única chance! Vou dizer a eles que vi seu corpo boiando perto da costa, mas que não consegui alcançá-lo. Contarei que encontrei a adaga na água, no raso. Ajudo você a escapar. Você vai ficar a salvo!

— E quanto a Issi?

Silêncio. Telamon passou o dedão sobre o lábio inferior.

— E-eu sei onde ela está.

Hylas ficou imóvel.

— Diga.

— Hylas...

— *Diga!* Eles estão com ela? Ela está bem?

Ele foi na direção de Telamon, que deu um passo para trás.

— Não estão com Issi, e ela está bem, mas... — Ele fez uma pausa. — Só vou contar onde ela está se você me der a adaga.

Hylas ficou encarando-o como se nunca o tivesse visto antes.

— Você quer fazer o quê? Quer negociar a vida da minha irmã?

— Não! O que estou dizendo é que não vou falar até estar com a adaga em minhas mãos. Você não entende, Hylas, que, se eles não a reaverem, nunca vão parar de caçá-lo? Mas, se eu contar onde ela está, você nunca vai desistir!

Hylas queria se enfurecer, gritar. Mas Telamon tinha razão.

— Na alvorada — cuspiu ele. — Vá para o norte. Você vai encontrar um navio naufragado nas rochas. Encontre-me lá na alvorada. Eu vou levar a adaga.

Telamon lhe dirigiu um olhar perscrutante.

— Está falando sério?

— O que você acha?

Ele mordeu o lábio.

— Vai ser difícil fugir. Kratos...

— Não me interessa. Se você não estiver lá na alvorada, nunca mais verá a mim nem a adaga.



— Mas é uma armadilha! — disse Pirra, em um sussurro rouco.

— Se fosse uma armadilha, ele já teria puxado a corda. Além do mais, ele não faria uma coisa dessas.

— Ah, não? Eu conheço meninos como ele na Morada da Deusa. Falam de honra, mas são apenas palavras vazias.

— Você não conhece Telamon.

— E você o conhece?

Hylas não respondeu.

A noite estava na metade, e o acampamento deles estava escuro como o breu. Enraivecida, Pirra foi Tateando até a nascente, onde lavou a fuligem do vale incendiado de seu corpo e penteou o cabelo com os dedos. Estava furiosa com Hylas e irritada consigo mesma por ter ficado tão trêmula quando acordou e descobriu que ele já havia saído.

A água gelada ardia em sua bochecha, mas fazia com que se sentisse melhor; quando Hylas foi se lavar, ela lhe deu espaço. Era óbvio que ele nunca se penteara na vida, então ela lhe mostrou como desfazer nós; porém, a maioria deles estava tão difícil que Hylas simplesmente cortava fora.

Com uma pontada de enjoo, Pirra assistiu a ele amarrar o que sobrara com grama trançada. Guerreiros se purificam antes da batalha. Ele estava se preparando para uma luta.

E estava louco para ir em frente. Disse que queria chegar ao navio antes de Telamon, caso ele não fosse sozinho.

— Ah, então você acha mesmo que pode ser uma armadilha — disse Pirra.

Ele não respondeu.

Seguiram pelas encostas arborizadas: Pirra se batendo nas árvores, Hylas se movendo tão silencioso quanto uma sombra. Após longo tempo, ele parou diante de um amontoado de pedras que se inclinavam para o mesmo ponto, como se dividissem um segredo.

— Por que você parou? — perguntou Pirra, ofegante.

Em resposta, ele perguntou se podia cortar uma tira da parte inferior da túnica dela. Pirra indagou o porquê, e ele murmurou que ela ia ver. Com o pedaço de linho em mãos, encontrou um graveto do mesmo tamanho da adaga e o enrolou. Então entregou a Pirra a adaga verdadeira e ficou com o graveto embrulhado para si.

— Aqui é um bom lugar para se esconder — disse a ela. — Fique escondida até eu voltar.

Ela piscou.

— M-mas... eu ia com você.

— Não. Desta vez você não pode me ajudar. E preciso que cuide da adaga.

Ela fez menção de responder, mas ele a fez desistir.

— Se eu não voltar, continue escondida até ter certeza de que eles deixaram a ilha. E, aconteça o que acontecer, *não* deixe que eles peguem a adaga.

A essa altura, ele já estava indo rumo às árvores. Ela correu atrás dele.

— Não seja idiota, Hylas! Eu vou com você!... Hylas?

Ele sumira no escuro. Ela sabia que seria impossível encontrá-lo.

Era desconfortável ficar encolhida atrás das pedras esperando o amanhecer. Pássaros estranhos faziam barulho nas árvores, e alguma criatura grande farejou tão perto de Pirra que ela sentiu seu odor rascante. Agarrando a adaga, rosou para o bicho para que fosse *embora* — e, para sua surpresa, ele foi, descendo a encosta em alta velocidade. Ficou pensando se havia encontrado seu primeiro javali...

Acordou rígida e apertada, com formigas rastejando em suas pernas. O céu começava a ficar cinzento.

Espiando por entre as árvores, conseguiu distinguir o Mar ondulante e um pedaço pedregoso de costa. Havia um menino caminhando por lá. Reconheceu Telamon, o filho do Potentado. Viera sozinho, como prometera.

E então?, pensou Pirra amargamente. Hylas era esperto, mas não havia crescido entre as artimanhas e contra-artimanhas dos poderosos, como ela. Ele achava mesmo que Telamon ia lhe dizer onde encontrar sua irmã com ou sem adaga?

Uma brisa arrepiou o Mar, alisando as ondas até deixar grandes trechos negros como os rastros de um ser vasto e invisível. Pirra sentiu um frio na espinha. Aquelas eram as pegadas da Deusa ao caminhar sobre a água para acordar o Sol. Pirra teve a sensação inquietante de que a Iluminada estava deixando a ilha: os mortais que briguem entre si.

Pirra pensou em Hylas esperando no navio naufragado. Será que a Deusa nem sequer sabia que ele existia? Será que Ela se importava?

Abaixo, na encosta, algo se mexeu.

Ela ficou imóvel.

O guerreiro estava a vinte passos de distância. Caminhava devagar, com a cabeça no elmo voltada para baixo. Estava seguindo rastros.

Em um piscar de olhos, Pirra viu a armadura de bronze e a espada presa à coxa; a lança pesada apertada em sua mão. A mão estava suja de cinzas, as unhas, manchadas de preto.

Kratos.

Mantendo a cabeça baixa, continuou seguindo a trilha.

Os pensamentos de Pirra aceleraram. Se ele chegasse ao navio, Hylas estaria acabado. Mas, se ela o seguisse, teria que deixar a adaga para trás, senão ele poderia pegá-la e, sem a adaga, qual seria a utilidade dela para Hylas?

Kratos deu uma olhada por cima do ombro e parou. Pirra não conseguia ver seu rosto, mas sentiu que ele tinha visto algo.

Sem ousar respirar, ela assistiu a ele dar meia-volta e retornar pelo caminho por que chegara. Na direção dela.

Estava exatamente abaixo dela.

Kratos se inclinou e pegou algo do rastro. Endireitou-se. Pirra observou a mudança: a tensão do caçador que sente sua presa.

Erguendo a cabeça, ele vasculhou a encosta.

Ele não pode me ver, dizia a si mesma. Não tem como saber que estou aqui.

Então, ela viu o que brilhava na palma da mão dele, e sua barriga se revirou.

Era um minúsculo e dourado machado duplo.



O Sol estava vermelho, como se alertando, e, conforme surgiu à beirada do mundo, ateou fogo ao céu.

Hylas estava na arrebentação, esticando o pescoço para ver o navio naufragado.

Parecia que havia algo de errado com ele. Até aquele momento, estivera muito distante, mas, à medida que se aproximou, percebeu seu erro. O naufrágio que ele e Pirra haviam saqueado não ficava em uma colina de rochas negras e não estava caído abaixo de um promontório que se agigantava sobre ele como uma onda prestes a quebrar.

Não era o mesmo navio.

Pensando no significado daquilo, Hylas procurou um caminho para subir entre as rochas. Telamon vindo sozinho ou não, ele queria uma posição que lhe desse espaço para fugir.

Saltando uma grande distância, agarrou um junípero a meio caminho e, após uma escalada complicada, conseguiu chegar ao alto. Somente quando estava lá foi que percebeu que, se tivesse se mantido na encosta, poderia ter descido do promontório direto ao navio.

O Mar havia jogado o navio de lado contra as rochas. Ele se inclinava como se bêbado, atingido pelas ondas. Hylas achou um caminho entre as madeiras

pegajosas. Uma quase o derrubou no porão, onde uma piscina de água negra ficava à sombra do mastro. O mastro estava quase partido em dois. Ele pendia louco, acima, rangendo e grunhindo quando o Mar batia contra o casco.

Hylas não conseguia ver nada que pudesse servir de arma, exceto por um pedaço de corda. Agarrando a ponta com uma das mãos e o restante com a outra, achou um lugar para se esconder atrás de uma pilha de jarros quebrados e se abaixou para esperar.

Não teve que aguardar muito.

Telamon mantivera sua palavra e apareceu sozinho. Parou ao pé do rochedo.

— Hylas... está aí? — chamou mais alto que o barulho das ondas.

Hylas não respondeu.

— Estou sozinho. Desarmado. E-eu escondi uns suprimentos do lado de fora do seu acampamento, perto de um grande sicômoro com um galho quebrado.

— Por que fez isso? — perguntou Hylas, dando um passo para se expor.

Telamon estreitou os olhos para enxergar Hylas. Viu a corda em seu punho, mas não fez nenhum comentário.

— Assim que eu estiver com a adaga, nós deixaremos a ilha. Você pode pegar os suprimentos quando tivermos ido embora. — Esquadrinhou as rochas, procurando uma subida.

— Fique onde está — avisou Hylas.

Telamon franziu a testa.

— Se é assim que você quer. Está com a adaga?

Hylas mostrou o graveto enrolado.

Telamon fez um breve aceno.

O roxo keftiano fora um toque essencial, pensou Hylas. Mas se sentiu horrível por estar enganando o amigo.

— Mostre-a — gritou Telamon.

— Primeiro Issi. Diga-me onde ela está.

— Não até que eu esteja com a adaga.

Hylas balançou a cabeça.

— Não até que eu saiba onde ela está.

O Sol se ergueu: uma explosão silenciosa acendendo um fogo vermelho sob as nuvens escuras que se formavam no céu. O Mar atacava incansavelmente o navio naufragado.

Telamon sempre fora um péssimo mentiroso.

— Você não sabe onde ela está — disse Hylas.

Telamon hesitou.

— Achei rastros dela na pedra de encontro. Ela deixou um seixo com o desenho de um sapo. Os rastros seguiam em direção à Messênia. Não havia acompanhado as pistas por grande distância quando os homens de meu pai me alcançaram.

— Então, quando disse que sabia onde ela estava, você mentiu.

O queixo de Telamon se projetou desafiadoramente.

— Agora você sabe mais do que antes.

— Você mentiu. Aqui. Pegue. — E jogou o embrulho.

Telamon o pegou com uma só mão e rasgou o linho. O graveto caiu a seus pés.

— Você também mentiu — disse.

Os dois trocaram olhares e, naquele instante, Hylas soube que a amizade entre eles estava acabada.

— Você achou que eu deixaria você ficar com a adaga? — perguntou.

— Pensei que manteria sua palavra.

— Que nem você?

Telamon abriu a boca para responder. Então, de repente, seus olhos se arregalaram de terror.

— *Hylas, cuidado!*

Hylas deu um giro e viu uma lança voando em sua direção. Pulou para o lado. A lança sibiloou ao passar por sua têmpora e bateu na costa.

Telamon correu para pegá-la.

— Eu não sabia que isso poderia acontecer! — gritou.

Hylas não respondeu. Um guerreiro estava descendo o promontório, vindo em sua direção. A armadura reluzia vermelho-escura sob o Sol que se erguia, e seu rosto estava escondido atrás de uma proteção de garganta, alta e de bronze, e um elmo com presas de javali levemente manchado de preto.

Era Kratos. Em sua mão estava a adaga da Casa de Koronos.



Kratos se movia com desenvoltura, apesar da armadura. Não precisava ter pressa. Hylas não ia a lugar algum. Estava preso. Atrás dele, o navio e o estrondoso Mar; abaixo dele, Telamon com uma lança nas mãos.

Hylas deu um passo para trás.

— Onde está Pirra? — gritou para ser ouvido, apesar do barulho das ondas.

Kratos abriu a mão livre e deixou algo cair. A coisa quicou sobre as pedras. Era um pequeno e dourado machado duplo.

O sangue rugiu nos ouvidos de Hylas.

— O que você fez com ela?

Kratos chegou ao pé do promontório. Tirou seu elmo e colocou-o no chão. Fez o mesmo com a proteção de garganta. Os lábios recurvados diziam tudo: não precisava de uma armadura completa contra um mero menino.

— Telamon — disse Kratos ao sobrinho —, jogue a lança para mim.

Na costa, Telamon hesitou.

— Mas você não *precisa* dela! — berrou. — Você está com a adaga! Ele não tem como nos ferir!

— Ele é um forasteiro. Enquanto viver, é uma ameaça.

— Que ameaça eu seria para você? — gritou Hylas. — Que ameaça era meu cachorro? Que ameaça era minha irmã?

— Telamon — gritou Kratos. — A lança.

— Eu não *posso*! — berrou Telamon, mas havia uma nota suplicante na voz.
— Não posso deixar você fazer isso!

Kratos ignorou-o. Não precisava da lança. Tinha a espada na perna e a adaga de Koronos em punho.

Ele pôs os pés no navio naufragado, que rangeu sob o novo peso. A carapaça de bronze cintilou ao Sol. Ele era invencível.

Hylas agarrou o caco de argila mais afiado que encontrou. Seria inútil. Jogou longe. Era um menino com uma corda contra um guerreiro veterano com o triplo de seu tamanho. Se aquilo chegasse a um combate corpo a corpo, estaria morto em um piscar de olhos.

Enquanto procurava um lugar para se esconder, ele pensou: *Tanto corri, tanto me escondi, todo esse esforço para sobreviver — e vai terminar assim?*

Kratos avançou. Hylas ouviu o tinir da armadura. Sentiu o fedor amargo das cinzas. Diante do Sol nascente, o rosto do guerreiro parecia entalhado em bronze. Seus olhos negros cintilavam. Estava gostando daquilo. Gostara de matar Xô e de fazer Issi correr para salvar sua vida. Gostara do que quer que houvesse feito a Pirra.

— Onde ela está!? — Hylas explodiu de irritação, sem saber se perguntava sobre Issi ou Pirra, mas precisava gritar para fazer algo em vez de ficar lá parado, submisso ao destino. — Onde ela está? O que fez com ela?



Pirra se pôs de pé com dificuldade, mas caiu de novo com um gemido. Sentia-se tonta. Ia vomitar.

Não acreditava que alguém tão grande pudesse ser tão rápido. Como um pesadelo, ele subira a encosta estrondorosamente; e, como um pesadelo, suas sandálias se soltaram, e os galhos engancharam em sua túnica, prendendo-a. Então sentiu um aperto agonizante em seu ombro. Gritou e mordeu a mão dele. Com um rugido, ele a golpeou e fez com que fosse lançada longe. Depois daquilo... nada. Ele devia ter pensado que estava morta, pois, ao voltar a si, ele sumira, e a adaga também.

Pirra parou de vomitar e limpou a boca com as costas da mão. A bochecha estava ardendo, e o ombro doía. O fedor de cinzas no suor dele ainda estava em

suas narinas, o gosto do sangue dele ainda estava em sua boca, apesar do gosto de vômito.

Agarrando um broto de árvore, ela levantou e começou a procurá-lo.

Seguir rastros era ainda mais difícil entre árvores, e Pirra logo perdeu a trilha. Não importava. Se mantivesse o Mar à sua esquerda, certamente encontraria o navio naufragado, não?

Rápido, repreendeu a si mesma, enquanto se esforçava para subir a encosta. Ocorreu a ela que, se fosse até a costa, o caminho poderia ser mais fácil; mas então Kratos poderia vê-la, e ela afastou o pensamento sobre o que aquilo significaria.

De repente, não havia mais árvores, e Pirra estava em um cume varrido pelo vento, com uma visão de águia do que acontecia muito abaixo.

Viu que o Mar havia destroçado não só um, mas dois navios. O que ela e Hylas haviam saqueado ficava ao norte, enquanto o outro estava ao sul, diretamente a seguir. Entre eles, viu o talho turquesa de uma enseada, mas sua entrada fora bloqueada por parte dos penhascos que havia caído no Mar. Dentro da enseada, teve um vislumbre de grandes corpos prateados.

Em um piscar de olhos, percebeu que estava diante do bando perdido de Espírito. Deviam ter entrado naquela enseada dias antes, talvez para roçar as barrigas no fundo arenoso; então um terremoto os havia prendido lá dentro, provavelmente o mesmo que ela sentira na primeira noite na ilha. Estavam lá havia muito tempo: presos, famintos, incapazes de sair.

Tudo isso passou por sua mente em um instante.

Então ela viu Hylas.

Ele estava no navio naufragado, de costas para o Mar. Kratos vinha em sua direção. Telamon estava na costa, ao pé das rochas, agitando uma lança e impedindo a fuga de Hylas, que olhava para todos os lados, mas não tinha para onde ir. Estava indefeso. E Kratos estava chegando cada vez mais perto.

Cerrando os dentes, Pirra se pôs a descer a encosta, abrindo caminho em meio a um matagal de espinhos.

Ela se perdeu. Ficou furiosa consigo mesma por ter perdido tempo precioso tentando encontrar uma passagem. Quando enfim conseguiu, ficou horrorizada ao ver que, em vez de chegar ao promontório, ela havia saído depois dele, na costa.

Burra, burra, burra, disse a si mesma ao se deparar com os seixos. Sua respiração era curta e rápida, e as sandálias ficavam escorregando. Arrancou-as do pé e saiu correndo.

Telamon ainda não a vira. Ele gritava e tentava achar um caminho para subir nas rochas e chegar ao navio. Se ela conseguisse ser sorrateira e derrubá-lo com uma pedra, poderia pegar aquela lança e achar o caminho até o navio, e...

Telamon saltou em um junípero a meio caminho e começou a escalar.

— Ei, você! — gritou Pirra.

Ele se virou para olhar e quase caiu com o susto.

— Já não fez o bastante — berrou ela —, seu *falso* repugnante?

O rosto dele se contorceu de raiva.

— Não se meta nisso! Você não sabe de nada!

Com um rosnado, Pirra se lançou às pedras, mas elas eram escorregadias, e ela não conseguiu chegar até o junípero nem subir.

De algum ponto acima, Hylas deu um berro selvagem. O que estava acontecendo?

Telamon ainda escalava desajeitadamente, segurando a lança com uma das mãos, mas já havia quase chegado ao topo. Pegando um punhado de seixos, Pirra começou a atirá-las nele.

— Traidor! — gritava ela.

— Estou tentando *ajudá-lo*! — berrou ele.

— Mentiroso!

Recuando para fazer mira, ela tropeçou em uma rocha que rolara sob seu pé e caiu. Tombou pesado sobre os seixos, e o Mar subiu e borrifou seu rosto.

De joelhos, Pirra congelou. Ficou olhando a pedra que a fizera perder o equilíbrio. Não ouvia mais os gritos de Telamon nem o barulho do vento ou do Mar. Não era uma pedra de jeito nenhum.

Não é possível, pensou ela.

Mas lá estava, com a espuma passando por cima dela: rolando em direção ao Mar, depois voltando.

O que estava diante de Pirra era um concha de tritão esculpida em puro mármore branco.

A mesma concha que encontrara nas cavernas.



Kratos foi na direção de Hylas com a espada em uma das mãos e a adaga na outra. Hylas andava de lado em torno do porão, segurando seu pedaço inútil de corda.

Ouviam-se gritos vindos da costa. Conseguiu distinguir a voz de Telamon e de mais alguém — seria *Pirra*?

Kratos atacou pela direita. Hylas saltou para a esquerda. Foi uma finta. Kratos estocou pela direita. Hylas saltou mais uma vez. A adaga não o acertou por pouco. Um remo passou rolando abaixo dele. Hylas escorregou e se agarrou no mastro. O mastro se inclinou, e o menino balançou sobre o porão, tendo uma visão alarmante da água negra antes de conseguir voltar com esforço. Uma olhada rápida para trás revelou que ele chegara à beira do navio naufragado: abaixo dele, havia só uma queda enorme rumo às vorazes ondas.

E Kratos continuava atacando.

Ao longe, no Mar, uma forma reluzente saltava das ondas.

Você não pode me ajudar, disse Hylas a Espírito, sem emitir uma palavra. *Nade para longe daqui, o mais rápido que puder, antes que se machuque.*

Mais uma vez, Espírito fez um arco sobre o Mar, desta vez com um barulho ressoante ao cair. Em um lampejo, Hylas entendeu o que o golfinho estava dizendo. *Pule! Eu levo você para um lugar seguro!*

Era sua única chance... mas algo o impedia.

— Onde está minha irmã? — gritou para o líder dos Corvos. — O que você fez com ela? Você vai me matar de qualquer maneira... me diga antes!

Os olhos negros brilharam quando Kratos se lançou mais uma vez contra ele. Hylas deu uma chicoteada com a corda. Surpreendentemente, ela prendeu a mão da espada do guerreiro e, com um sibilar, ele afrouxou o aperto. Hylas deu um grito de triunfo quando a espada caiu, espalhando água no porão.

Kratos agarrou um remo e golpeou Hylas, como um pescador tentando tirar um siri de baixo de uma pedra. Hylas pegou a outra ponta do remo. Péssima escolha. Kratos deu um novo golpe, e a força do empurrão quase fez Hylas cair do navio.

Ofegante, ele cambaleou até sair do alcance do oponente. Havia perdido a corda. Não havia mais nada perto.

Kratos jogou o remo longe. A adaga de Koronos reluziu em seu punho; era a única arma de que precisaria. Hylas viu que ele a amarrara ao pulso com uma tira de couro. Não havia chance de derrubá-la no porão.

Apesar do calor, Kratos se mexia com a mesma facilidade que antes, enquanto Hylas estava encharcado de suor e arfava. Não sobreviveria por muito mais tempo.

De repente, percebeu que estava no lado errado do porão: embaixo dele, rochas se projetavam do Mar como dentes gigantes. Havia perdido a chance. Se saltasse, Espírito não teria como salvá-lo, e ele seria feito em pedacinhos.

Kratos continuava atacando.



As nuvens estavam se reunindo, e o vento aumentava, jogando o cabelo de Pirra contra o rosto. Precisava agir rápido ou Hylas estaria acabado — mas ela não conseguia se mexer, não conseguia tirar os olhos da concha de mármore branco que rolava diante de si, na espuma.

Era perigosa. Tinha medo até de tocá-la. Quem diria o que poderia acontecer se...

Gritos atrás dela. Horrorizada, viu uma onda negra de guerreiros Corvos vindo pela praia em sua direção. Seus mantos negros esvoaçavam, e eles carregavam um emaranhado de lanças.

Mais um grito vindo do navio. Teria sido Hylas?

Pirra agarrou a concha de tritão e correu às cegas em direção às árvores. O mármore era suave e gelado, e seu poder ressoava através dela. Havia um zunido em seus ouvidos. Não escutava mais os gritos dos Corvos. *Era* a mesma concha que encontrara nas cavernas, tinha certeza; reconheceu o pequeno entalhe na borda.

Os guerreiros estavam quase em cima dela.

Parou. Respirou fundo. Então colocou a borda da concha na boca... e soprou.



A princípio, Hylas achou que fosse o barulho de um chifre de carneiro, mas era mais profundo, como um estrondo ecoante que vinha e voltava como o Mar.

Hylas parou. Kratos parou. Na praia, os Corvos também pararam.

Abruptamente, o estrondo acabou. Os ecos morreram.

Como se um feitiço houvesse se quebrado, os Corvos levantaram suas lanças e seguiram correndo. Kratos avançou. Hylas não tinha para onde ir. Aquele chamado ressoante não o salvara; apenas adiará o inevitável.

De repente, sentiu-se enjoado de tanto medo. Tinha uma vontade louca de saltar com os braços bem abertos e gritar: *Então venha, acabe logo com isso!*

Naquele momento, ouviu uma rachadura surgir no promontório, acompanhada de um som ensurdecido. Hylas viu uma pedra balançar e se estilhaçar nas rochas. A terra começou a grunhir. O navio balançou com violência. Ele fez força para se manter de pé. Até Kratos tentava se equilibrar.

O grunhir cresceu até virar um rugir, e uma rachadura se abriu ao pé do promontório, como se um machado invisível estivesse despedaçando a rocha. A rachadura se estendeu em um raio negro, que veio ziguezagueando em direção ao navio. O navio balançou, lançado para lá e para cá com a ira do Touro Sob o Mar. Hylas se esforçou para ficar de pé enquanto o navio balançava debaixo dele, vindo abaixo com tanta força que o lançou no porão.

Ele se levantou cuspidando a água, com a água negra na altura da cintura. Onde estava Kratos?

Acima, o mastro balançava, remos e cordames caíam ao seu redor. As paredes do porão se inclinavam: o navio estava deslizando das rochas para o Mar. Então as ondas atacaram e fizeram com que ele perdesse o equilíbrio.

Bateu a cabeça em uma viga solta do porão. Desesperadamente, agarrou-se a ela enquanto o Mar o sugava de volta, depois veio uma nova onda e o esmagou contra a lateral do porão.

Kratos irrompeu da água como uma explosão. Hylas girou para o lado. Não rápido o suficiente. Gritou quando a adaga cortou seu braço. Kratos segurou-o pelo cabelo. Hylas lutou, mas seus dedos só conseguiram alisar o bronze. Kratos puxou a cabeça para trás com força e ergueu a adaga a fim de cortar sua garganta.

Com um grunhido assustado, Kratos caiu para a frente, sobre Hylas. Esquivando-se para não ser esmagado, Hylas vislumbrou uma forma prateada desaparecer na escuridão. Era Espírito: ele devia ter atacado Kratos por trás e estava nadando para longe, a fim de ganhar velocidade para um novo ataque.

Quando Hylas irrompeu na superfície, viu a barbatana do golfinho correndo em direção a Kratos, mas desta vez o guerreiro estava preparado. Espírito desviou para evitar a adaga. Hylas viu a água se tingir de vermelho. Seria o sangue de quem, Espírito ou Kratos? Onde estava Espírito?

Hylas aproveitou a oportunidade. Com Kratos distraído, subiu rastejando para a lateral do porão, agarrou a ponta do mastro com as duas mãos e girou usando todo o seu peso. Por um instante, a imensa viga não se mexeu, mas então se inclinou. Hylas ouviu-a ranger e, finalmente, partir-se. Pulou para sair do caminho logo antes de ela cair sobre Kratos.

Os rugidos do Tremeterra diminuíram até virarem grunhidos. Depois estrondos e, depois, silêncio. Hylas ouviu o bater das ondas e a própria respiração ofegante. Viu os últimos seixos chacoalharem promontório abaixo. Não havia sinal de Kratos. O mastro devia tê-lo matado imediatamente.

Também não havia sinal de Espírito. Teria voltado ao Mar?

O navio naufragado ainda estava afundando: as ondas já batiam na cintura de Hylas. Ele estava exausto. Achou que não teria forças para sair do porão, ou

nadar de volta até a praia; e se Espírito não viesse ajudá-lo, se Espírito estivesse...

Vamos, Hylas, disse a si mesmo. Você não pode desistir agora.

As paredes do porão se ergueram acima dele. Ofegante, Hylas agarrou um emaranhado de cordame e tentou se levantar.

Uma mão de granito agarrou seu tornozelo e o puxou para baixo.

Freneticamente, ele chutou, mas o aperto de Kratos era implacável, puxando-o de volta. Como uma enguia, Hylas se retorceu e bateu, temendo a mordida da adaga.

Ela não veio. Kratos puxou-o para baixo d'água e, no turbilhão de trevas, Hylas viu o porquê. O guerreiro estava lutando com apenas uma das mãos: o mastro havia esmagado a mão da adaga, prendendo ao chão tanto o membro quanto a arma.

Com um tremor violento, o navio afundou ainda mais. A água já chegava até o peito de Hylas. Os cabelos negros de Kratos flutuavam como serpentes, enquanto ele se debatia para manter a cabeça acima da superfície e lutava para soltar a mão presa.

Não conseguiu. Hylas olhou-o nos olhos e viu o guerreiro perceber que estava prestes a se afogar. Kratos encarou-o de volta, sem temor. *Sim, vou morrer, mas vou levar você comigo.*

Hylas chutou forte com o pé livre. A mão em seu tornozelo se afrouxou por um instante — e ele puxou com força, libertando-se.

Enquanto se debatia para chegar ao outro lado do porão, ouviu Kratos entoar algo em uma língua estranha e rude. Ouviu um ruído de trovão ensurdecedor. Então as nuvens estouraram, e a chuva começou a atacar.

Kratos deu uma terrível risada gorgolejante.

— Os deuses me ouviram! — disse, ofegante. — Você nunca vai conseguir!

Com o restante de sua força, Hylas agarrou o cordame e se impulsionou para fora do porão. Por cima do ombro, espiou o guerreiro Corvo tentar respirar. Viu o triunfo insano nos olhos negros: Kratos tinha se afogado, mas recuperara a adaga de Koronos.

Hylas ouviu mais uma vez a terrível risada gorgolejante. Então o Mar desabou sobre a cabeça de Kratos e o silenciou para sempre.



O Touro Sob o Mar havia parado de bater o pé, o estourar das nuvens passara, e Pirra tentava ficar de pé. Parte do promontório havia despencado, e uma imensa rachadura irregular dividira a praia em duas. Telamon estava sentado sobre os seixos, parecendo confuso, esfregando as têmporas. Durante o tremor, ele havia caído das rochas e batido a cabeça.

Como se estivesse em um sonho, Pirra observou os guerreiros passarem correndo por ela e se juntarem pelas rochas, enquanto outros caíam na água rasa. Não estavam atrás dela, mas sim de Hylas. Ele se agachou no último fragmento de navio que restara na superfície, com as ondas o açoitando. Antes que Pirra pudesse alertá-lo, ele viu os Corvos fazendo mira e saltou para o Mar.

Isso não o salvaria. Estavam perto demais. Seus cabelos claros resplandeciam no Sol, alvo fácil na água escura.

Andando na parte rasa da água, Pirra atacou o Corvo mais próximo, mas ele a empurrou com uma facilidade insultante. Ela viu Telamon pulando, dando ordens para que os guerreiros não atirassem. Ele teria o mesmo resultado se gritasse para o vento. Os Corvos atacavam as ondas e arremessavam suas lanças ao Mar. Lanceariam Hylas como pescadores espetando lúcios.

De repente hesitaram. Com gritos assustados, recuaram. Abaixaram as lanças.

Telamon estava olhando para o Mar, protegendo os olhos com a mão.

Os golfinhos saíram do Sol. Saltando, mergulhando, fazendo arcos por cima das ondas enquanto nadavam na direção de Hylas.

Tantos golfinhos, pensou Pirra enquanto observava os corpos cintilantes que se moviam como flechas pela água, criando um anel de prata reluzente em torno de Hylas. O Tremeterra havia libertado a família de Espírito da enseada, e eles foram em socorro de Hylas.

Berrando de triunfo, Pirra assistiu aos guerreiros recuarem do Mar. Ninguém ousava provocar a ira da Deusa ferindo uma de Suas criaturas.

Pirra viu Espírito irromper das ondas e saltar exatamente por cima de Hylas. O golfinho emergiu e nadou ao lado dele, e Hylas agarrou sua barbatana com as duas mãos.

Enquanto os guerreiros aterrorizados observavam, Espírito fez mais um grande arco ao saltar, com Hylas voando logo atrás.

Então menino e golfinho mergulharam juntos e sumiram nas profundezas.



O golfinho estava *feliz*. Aquele Lá Embaixo havia parado de bater a cauda, e seu bando estava livre!

A princípio, dera piruetas em uma euforia de saudações, roçando focinho em focinho e flanco em nadadeira com sua mãe, a irmãzinha e todos os outros. Juntos eles nadaram pelo Vasto Azul e guincharam até o Mar cantar de alegria golfinhesca, e ele sentira a solidão descamar e sair boiando como uma sobra incômoda de algas.

Então, tendo o bando inteiro à sua cauda, ele nadou de volta à Borda para proteger o menino dos humanos maus; eles estavam mais uma vez mergulhando no Vasto Azul em busca de peixe.

O melhor de tudo era que ele estava levando o menino consigo. Enfim o golfinho poderia mostrar a Hylas seu belo Mar! Juntos eles caçariam cardumes cintilantes, e o menino saberia como era ser um golfinho à caça: a emoção de aprisionar anchovas em uma teia de bolhas prateadas, o prazer de mastigar um bocado de pele, barbatana e osso ainda a se contorcerem.

Depois daquilo, ele e o menino brincariam juntos e mergulhariam cada vez mais fundo na Escuridão Abissal.



Em um piscar de olhos, a ameaça dos Corvos foi deixada para trás, e Hylas estava a salvo; voava com Espírito em um mundo de suave luz esverdeada.

Agarrando-se firmemente à barbatana do golfinho, o menino encostou a bochecha no dorso duro e suave, e sentiu Espírito prender suas pernas com as nadadeiras para que não caísse. Golfinhos verde-prateados passaram rápido por ele, e os olhos negros e gentis encontraram os dele por um instante, então viraram azuis. O Mar estava em festa, com silvos e estalos, e a alegria dos golfinhos se tornou a de Hylas, formigando sobre sua pele e vibrando através dele.

Momentos depois, Espírito estava descendo a toda velocidade pela lateral de uma montanha submersa. Hylas vislumbrou uma floresta ondulante de algas e o tremeluzir ouro-escarlate de peixes. Então a montanha sumiu, e o azul ficou mais escuro — e ele, com mais frio.

Chega, disse a Espírito em sua mente. *Preciso voltar*.

Mas Espírito estalava alegremente consigo mesmo e não ouviu.

Hylas bateu no flanco sólido com o punho, mas Espírito parecia interpretar aquilo como um tapinha afetuoso. O menino lutou para soltar as pernas, mas as nadadeiras do golfinho eram fortes demais; e Espírito achava que o mantinha em segurança.

As trevas se aproximaram, e os estalos do bando aceleraram até virar um zumbido estridente e contínuo, capturando-o em uma teia de sons. Conforme nadavam mais fundo, uma dor aguda penetrava o crânio de Hylas. Engoliu água e apertou o nariz para que não entrasse mais. A dor diminuiu um pouco, mas logo voltou.

Mais uma vez, deu um soco no flanco de Espírito. Sem resposta.

Sentiu um peso esmagador no peito. Estava ficando tonto. Sentiu uma vontade desesperada de respirar.

Preciso de ar!, gritou em sua mente. *Espírito! Eu tenho que respirar!*

Como se o ouvisse, Espírito, de repente, voltou o focinho para cima e, com uma batida poderosa da cauda, eles se agitaram de volta pelo caminho por que vieram.

Com velocidade impressionante, Hylas ouviu os estalos do bando diminuírem abaixo de si. Acima, ao longe, vislumbrou um reflexo de luz. O

reflexo se tornou um brilho. A tontura e a dor diminuíram, mas ele ainda lutava contra a terrível necessidade de respirar.

À medida que eles aceleraram, Hylas ouviu um som de rugido e distinguiu ondas brancas batendo acima. Então irromperam na luz, e ele inspirou, desesperado.

Arquejando e tremendo, Hylas deitou nas costas de Espírito enquanto o golfinho o sustentava gentilmente em direção à praia. Ouviu o calmo e contínuo *ppft!* da respiração do animal. Aflito, notou que a provação que quase lhe custara a vida fora, para Espírito, o mais breve dos mergulhos.

Enfim chegaram à água rasa, e Hylas deslizou das costas do golfinho e deitou de costas sobre as algas, sentindo a arrebentação embalá-lo. Os olhos ardiam com o sal. A cabeça doía.

Ao se acalmar, lembrou-se dos Corvos e se ergueu debilmente, apoiado no cotovelo.

Espírito lhe trouxera a uma pequena enseada sobre a qual pairavam juníperos. Hylas não a reconheceu; mas parecia bem escondida, e ele não viu sinal de Corvos. Pensou em Kratos, em Telamon e na adaga. Parecia que tudo aquilo havia acontecido com outra pessoa.

Sentiu Espírito passar o focinho carinhosamente em seus dedos do pé e desconfiou de que fosse a forma de o golfinho se desculpar. *Eu não sabia que você não pode ficar debaixo d'água como eu. Me desculpe.*

Desajeitado, Hylas esticou o pé e lhe deu uma cutucada em resposta.

Queria dizer a Espírito que havia entendido e também pedia desculpas. *Desculpe por não poder ficar com você no Mar.*

Mas não foi rápido o bastante. Espírito se fora.



Que esteja em paz, disse Telamon em pensamento a Hylas enquanto jogava um ramo de álamo negro na pira funerária do tio.

Conta se você fingir que está sofrendo por seu tio quando, na verdade, lamenta a morte de um amigo? Os deuses ainda podem ouvi-lo?

Até o momento em que ele e a menina encontraram o pedaço da túnica manchada de sangue na praia, Telamon mantinha as esperanças de que Hylas estivesse vivo. Mesmo depois, achou impossível acreditar. Hylas morto? Ele nunca mais voltaria?

A fogueira estalou e cuspiu enquanto devorava a madeira encharcada de óleo e começava a consumir o corpo.

Depois da tempestade da noite anterior, o céu estava limpo, o Mar, calmo como leite. Telamon piscava à luz do Sol. Sentia o odor gorduroso de carne queimando entrar pela garganta. Virando a cabeça, viu ondinhas passando tristes sobre os seixos. Pensou no corpo de Hylas repousando em algum lugar no Mar, sem rituais para ajudar seu espírito a encontrar o caminho.

Pegando um punhado de cinzas quentes, ele sujou o rosto. Doeu, mas ele precisava. Precisava se punir. Tudo era culpa dele. Se não tivesse ido encontrar Hylas no navio naufragado, Kratos ainda estaria vivo. Hylas também.

Ao longe, os homens o observavam com um novo respeito. Tinham visto Telamon tirar a adaga de Koronos dos dedos gelados e mortos do tio, e viam-no sujar o rosto com cinzas. Eles aprovaram. Era assim que deveria ser: o mais jovem da família assume o lugar do morto.

Telamon sabia que deveria estar orgulhoso. Afinal, recuperara a adaga, a relíquia de sua Casa. Em vez disso, porém, sentia-se envergonhado.

Não ajudava saber que, até chegarem à Licônia, ele estaria no comando. Sabia que não estava preparado e suspeitava de que os homens também o soubessem. Um menino de treze verões comandando guerreiros com o dobro de sua idade?

Ontem, Ilarkos, o segundo no comando, havia perguntado se deveriam queimar o corpo de Kratos de acordo com os ritos que ele seguia ou se deveriam levá-lo de volta à Licônia para sepultamento na Terra dos Ancestrais, como era o costume. Telamon não soube o que escolher. Detestava a ideia de queimar um

cadáver tanto quanto detestava os ritos que seu tio seguia; mas não ousou dizer e, enfim, Ilarkos acabou tomando a decisão por ele.

— Então agora você é o herói — disse uma voz zombeteira vinda de trás.

Telamon se empertigou.

A menina keftiana parecia um falcãozinho desganhado. Estava imunda. Embora tivesse ficado radiante ao ver o escravo egípcio que a mãe enviara para cuidar dela, recusara a oferta de uma túnica limpa; e puxara os cabelos para trás, como se quisesse atrair a atenção para a cicatriz em forma de foice na bochecha, como uma Lua nova.

— Vá embora — esbravejou Telamon.

— Como é a sensação? — perguntou ela docemente. — Tem sua preciosa adaga de volta, e Hylas está morto. Está orgulhoso de si mesmo?

— *Orgulhoso?* — Ele lançou um olhar ao redor para conferir que ninguém podia escutá-los. — Ele era meu melhor amigo!

A pira foi tomada pelas faíscas. A menina o fitava com olhos semicerrados.

— Creio que saiba que seus camaradas queimaram um vale inteiro?

— Cale a *boca*!

— Enviei meu escravo para dar uma olhada. Ele diz que já está ficando verde. Logo vai ser como se eles nunca tivessem feito o sacrifício.

Telamon caminhou ao longo da praia, mas, para sua fúria, Pirra o seguiu.

— O que vai acontecer comigo? — perguntou ela.

— Vamos levar você de volta à Licônia — murmurou ele. — É onde está sua mãe, ela lidará com você.

— Não, eu quis dizer...

— Eu sei o que você quis dizer. Não importa que ela tenha fechado um negócio com meu pai. Não vou me acasalar com você. — Ele encarou a cicatriz dela explicitamente. — Você é muito feia.

Ela gargalhou.

— Ora, já é alguma coisa, eu acho.

Telamon pegou uma pedra e lançou-a ao Mar.

Próximo ao navio, Ilarkos sacrificava um porco ao Tremeterra, na esperança de conseguir uma travessia segura até a Licônia. Aquilo fez Telamon pensar no primeiro sacrifício que vira. Ele tinha quatro verões e ficou atônito com o jato de sangue esguichando da garganta lanosa do carneiro. “Vai funcionar?”, perguntara ao pai, e Thestor apertara sua mão e respondera: “Cabe aos deuses decidirem.”

Enquanto Telamon observava a fumaça negra e gordurosa se retorcer em direção ao céu, aquilo o acertava com a força de uma revelação. *É claro*, pensou ele. *Tudo é desejo dos deuses. Por que não percebi antes? Foi por causa deles que fiquei dividido entre Hylas e meu sangue. Eles decretaram o que eu fiz. Não tive escolha.*

Não tive escolha, pensou ele. Sentiu-se um pouco melhor. Significava que nada daquilo era culpa dele.

Fez uma promessa em sua mente: *Assim que chegar em casa, vou à pedra de encontro na Montanha. Vou sacrificar um bezerro para Hylas e Issi.*

— É — disse ele. — É o certo a se fazer.

Falara em voz alta e se preparou para debochar mais da menina; mas ela não estava ouvindo. Cobria os olhos do Sol e apontava para a parte rasa da água, onde o navio estava ancorado.

— Olhe — murmurou ela. — O golfinho voltou.

Ilarkos apareceu com alguns dos homens.

— É o mesmo que veio atrás do forasteiro — informou ele a Telamon. — Não sabemos o que isso quer dizer.

— Vou descobrir — disse Pirra, friamente.

Telamon riu com deboche.

— Não, não vai! Se eu permitir que você chegue perto do Mar, vai tentar fugir...

— Então me amarre — rebateu ela. — Amarre-me àquela árvore no pontal e mande sentinelas me observarem do navio se você está com tanto medo de que eu fuja.

Ele enrubesceu.

— Não estou com medo. Só não confio em você.

Ela se empertigou: uma garotinha esquelética, em uma túnica suja, mas com uma autoridade que fazia os homens pararem e prestarem atenção.

— Você não pode me impedir de falar com uma criatura da Deusa — disse ela a Telamon. — Sou keftiana. Nós conhecemos a linguagem dos golfinhos.

Como Telamon não respondeu, ela se dirigiu aos homens.

— Se não me deixarem conversar com o golfinho... *a sós...*, a Deusa não vai ficar contente. E vocês nunca conseguirão voltar para casa.



— Hylas! — sussurrou Pirra. — Você está aí?

Debruçada sobre as rochas o máximo que sua corda permitia, ela observou Espírito passar nadando. Perto dali, o guarda no navio também observava, esfregando um amuleto e murmurando um encanto. Ela lhe dirigiu um olhar frio e virou de costas.

Abaixo dela, na lateral do pontal que o guarda não podia enxergar, uma cabeça loira emergiu de uma moita de juníperos. Ela respirou aliviada.

— Você está vivo! Encontrei um seixo com sua marca e achei que você tivesse deixado como sinal, mas não tinha certeza. Você está bem?

— Você está? Eles a amarraram em uma árvore!

— Só para evitar que eu fuja.

Ele fez menção de escalar, mas ela o impediu.

— Fique onde está, eles estão observando do navio.

— Eles não vão me ver, eu posso...

— É sério! Não vale a pena se arriscar.

Ele fechou a cara. Estava de peito nu; o que sobrara de sua túnica estava amarrado ao redor da cintura. Parecia exausto. Pirra se perguntava o que teria acontecido com Kratos no navio naufragado e se Hylas lhe contaria se ela perguntasse.

Trocaram olhares, e ela sentiu o constrangimento entre eles. Foi como se tudo pelo que haviam passado juntos não tivesse realmente acontecido.

Estou de volta ao começo, pensou ela amargamente. Um objeto para ser manipulado por minha mãe, como uma peça em um tabuleiro.

Será que Hylas entenderia se ela lhe dissesse ou ele resmungaria que deveria ficar feliz por ter o que comer? De repente, ele parecia um estranho: um liconiano de olhos atentos, responsável apenas por si mesmo.

— Você estava sozinha quando encontrou o seixo? — perguntou ele.

— Não. — Pirra lhe contou sobre quando encontrou, junto a Telamon, o pedaço de túnica manchado de sangue, e ela suspeitou de que Hylas havia deixado lá de propósito; e então viu o seixo perto, com sua marca rabiscada.

— Você apostou que eu saberia que era um porco-espinho — disse ela.

— Telamon viu?

— Não. Eu garanti que não visse.

— Então ele acha que estou morto.

Pirra assentiu.

— Quando viu a túnica, sentou e chorou. O estranho é que pareceu sincero.

A cara fechada de Hylas ficou pior. Então ele disse:

— Foi você que acordou o Tremeterra. Não foi?

Ela hesitou.

— Eu não consegui entender como aquela concha de tritão foi das cavernas até mim. Então percebi. Devia ter sido Espírito.

Observaram o golfinho passar nadando por eles mais uma vez e, logo depois, desviar rumo ao navio, onde homens se debruçavam pela lateral, balançando oferendas de peixe. Pirra se lembrou do dia em que se agarrara à barbatana de Espírito e voara com ele pelo Mar. Tudo acabou, pensou ela. Sentiu-se enjoada.

— Eles recuperaram a adaga — disse Hylas por entre os dentes.

— Mas não pegaram você. Enquanto viver, você será uma ameaça. O Oráculo...

— Não me interessa o Oráculo. Tudo o que me importa é encontrar Issi.

— São as palavras da Deusa, Hylas, significa algo. Tudo tem a ver com Ela. Foi Ela que mandou você para cá...

— Para *quê*? — explodiu ele, com tanta violência, que Pirra sibilou para que ficasse calado; mas os guardas estavam muito ocupados assistindo a Espírito capturar cavalinhas no ar.

— Para *quê*? — sussurrou Hylas, de modo feroz. — Voltei ao início... sem irmã, sem amigo, sem nada! Mesmo que consiga deixar esta ilha, o que importa? Vou ficar sozinho em uma balsa no meio do Mar, como antes!

Pirra girou seu último bracelete de ouro até ele sair e jogou-o para Hylas.

— Pronto — disse ela, de mau humor. — Se aparecer um navio, poderá pagar sua passagem com isso... e aí não vai precisar da balsa miserável.

Com desconfiança, ele girou o bracelete nos dedos.

— Mas será que ele me levará até a Licônia?

— Hylas, é *ouro*, vai levar você até o *Egito* se quiser e ainda sobrá o suficiente para comprar o navio todo. Corte em pedacinhos. Um pedaço do tamanho de uma azeitona já o leva à Licônia.

— Ah. Bem, obrigado.

— De nada — respondeu ela. — De que lhe valia ouro? Não comprava liberdade. Uma onda de tristeza a acometeu.

Dois guerreiros seguiram em sua direção pelas rochas. Junto a eles estava Userref, que acabara de ver que estava amarrado e parecia indignado.

— Estão vindo atrás de mim — disse Pirra. — É melhor você se esconder.

— O que você vai fazer? — perguntou Hylas.

Ela engoliu em seco.

— Tentar evitar seja lá o que minha mãe tenha planejado para mim. Tentar fugir. De novo. E você?

— Encontrar o caminho de volta à Licônia. Encontrar Issi. Encontrar um lugar onde a gente possa ficar livre dos Corvos.

— Você precisa “encontrar” muitas coisas — disse Pirra.

Ele deu um sorriso torto.

— Você também.

— *Esconda-se* — pediu ela.

Em vez de se esconder, ele começou a escalar na direção dela.

— Acabei de me lembrar, achei isto aqui. Rápido, pegue!

Forçando sua corda, ela esticou a mão e apanhou: uma pequena pena cor de telha, com faixas cinza-azuladas.

— É de falcão — disse ele. — Encontrei em uma enseada. Achei que daria um bom amuleto.

— É a melhor coisa que já ganhei — balbuciou ela. — E não tenho nada para lhe dar.

Ele lançou um sorriso.

— Pirra, você acabou de me dar um bocado de ouro!

— Não, eu quis dizer um amuleto. — O pior era que a menina tinha um para lhe dar, mas deixara no acampamento. Userref trouxera uma garra de leão do vale incendiado, e ela vinha planejando entregá-la a Hylas, mas era tarde demais.

Pirra olhou para baixo e percebeu que ele a estava observando em meio a seus cabelos loiros e emaranhados.

— Você já fugiu uma vez — disse ele. — Vai conseguir de novo.

Ela tentou responder, mas sua garganta se fechou.

— Você é corajosa e não desiste. Vai conseguir, Pirra.

Ela forçou um sorriso.

— Boa sorte, Hylas.

— Boa sorte.

Pirra queria perguntar se ele achava que algum dia eles se veriam de novo, mas Userref e os guerreiros já estavam perto; quando foi seguro olhar de novo, Hylas já havia sumido.



Muito depois de o navio partir com Telamon e Pirra, Hylas continuou observando da praia.

Um vento forte fez com que seguissem o caminho deles velozmente, mas logo se extinguiu, e a ilha ficara em silêncio. Nem mesmo uma gaivota pairava

sobre a água. Não havia sinal de Espírito. Provavelmente tinha saído para caçar com o bando.

Hylas disse a si mesmo que aquilo era bom, significava que Espírito estava feliz; mas não era assim que se sentia. Sabia que ele e o golfinho não poderiam ficar juntos. O mergulho provaria isso. Espírito tentara lhe mostrar seu amado Mar, e isso quase havia matado Hylas.

Será que Espírito também sabia disso? Era impossível dizer. Exceto por uma breve aparição próximo ao navio, o golfinho não chegara mais perto.

Hylas encontrou os suprimentos de Telamon exatamente onde ele havia dito, sob um sicômoro com galho quebrado. Havia um odre cheio, uma túnica, um cinto e até uma faca simples de bronze; também um saco de pele de carneiro recheado de azeitonas prensadas, queijo duro e cavalinha salgada. Telamon cumprira o prometido, afinal. Hylas não quis pensar mais sobre isso.

Caminhando penosamente na direção norte, chegou à rachadura que o Tremeterra abria na costa. Não havia sinal do navio naufragado. No lugar onde ele estivera, o Mar quebrava incessante.

Em sua mente, Hylas ouviu a terrível risada gorgoleante de Kratos. O que ele teria gritado naquela estranha e rude língua? Por que teria gritado *Você nunca vai conseguir?*

Depois de usar madeira para fazer uma ponte sobre a rachadura, Hylas seguiu até o promontório, então passou pelo navio que havia saqueado com Pirra. Não queria pensar nela; nem no que viria pela frente: partir sozinho na balsa e se despedir de Espírito.

Mas ele nem conseguiu chegar perto da balsa, pois ela já estava indo com velocidade em direção ao Mar. O homem que a roubou encaixara um mastro e um pedaço de lona resgatada, embora esta pendesse frouxa na calmaria sem vento. Ele estava com as pernas firmes e com uma das mãos no remo de navegação, deixando a corrente levá-lo para além das rochas. Havia cortado o cabelo para se disfarçar perante as Furiosas, mas Hylas o reconheceu na hora.

— Akastos! — gritou, enquanto entrava espalhando água na parte rasa.

Akastos virou e, por um instante, seu rosto ficou imóvel; então deu um grito que poderia ter sido uma gargalhada.

— Pulga! Você sobreviveu!

Hylas estava furioso.

— Não graças a você! Essa balsa é minha! Devolva-a!

Akastos deu mais uma quase risada e negou com a cabeça.

— Mas é minha! — berrou Hylas. — Eu que construí!

— É verdade — gritou Akastos —, mas você usou o meu navio. Até que o trabalho não foi ruim para um menino das montanhas, mesmo que tenha se esquecido da vela.

Desesperado para mantê-lo falando, Hylas perguntou como ele conseguira se esconder dos Corvos.

Akastos enrijeceu.

— Os Corvos? Estiveram aqui? Na ilha?

— Descendo a costa! Houve uma batalha na praia. Então Pirra... ela acordou o Tremeterra. Mas agora já se foram.

— E eu nem fiquei sabendo — disse Akastos a si mesmo. — Parece que os deuses me pregaram mais uma peça. — Voltou-se para Hylas: — Mas você se engana quanto ao Tremeterra, Pulga, Ele não acordou. Aquilo foi o mero agitar de Sua cauda durante Seu sono. Quando o Tremeterra acorda, montanhas se quebram em pedaços e vomitam rios de fogo, e o Mar ataca a terra... Quando o Tremeterra despertar, você vai saber.

Ele se voltou para o remo.

— Leve-me com você! — gritou Hylas.

Akastos era implacável, mas não era um Corvo; e, mesmo um homem perseguido pelas Furiosas, era melhor do que ficar sozinho.

— Por favor! — implorou ele.

— Não posso, Pulga. Você traz azar, e isso já tenho de sobra.

Do nada, um vento surgiu e inflou a pequena vela.

— Bem, essa é uma surpresa — disse Akastos, sua voz sendo levada pela água. — Aquela algibeira dos ventos realmente funciona. Achei que fosse falsa. — Ergueu a mão para Hylas. — Boa sorte, Pulga. Não deixe os Corvos pegarem você!

Hylas mergulhou e começou a nadar, mas o vento já empurrava a balsa com velocidade.

— Meu nome não é Pulga! — gritou. — É Hylas!

Akastos estava longe demais, e Hylas achou que ele não tinha ouvido.

Enquanto a balsa era levada, Hylas pensou ter visto uma sombra negra atrás dela, como uma mancha no Mar. Perguntou se Akastos sabia que estava sendo seguido; e por quanto tempo mais conseguiria fugir.



A noite caiu, e Hylas comeu uma refeição solitária de azeitonas e queijo.

O arranhão na panturrilha, que a serpente marinha fizera, não doía mais, e o ferimento no braço finalmente estava melhorando. Fazia meia Lua desde que os Corvos tinham atacado. Issi parecia muito distante.

Ele não conseguia dormir, então vagou até a beira da água e se sentou para ver a Lua nova nascer. O Mar era de obsidiana polida; a trilha da Lua, um rastro tremulante de prata.

Ao longe, na baía, uma flecha negra ganhava velocidade.

— Espírito! — chamou Hylas.

No entanto, em vez de nadar mais para perto, o golfinho manteve distância cautelosa, e não havia silvos ou tapas nas ondas que o convencessem a se aproximar.

Ocorreu a Hylas que talvez Espírito ainda estivesse se sentindo mal por causa daquele mergulho.

— Não *importa*! — gritou ele, muito embora soubesse que Espírito não fosse entender. — Eu sei que você só estava tentando me mostrar seu mundo! Eu entendo!

Mas ele estava falando com as ondas. Espírito já estava longe, desaparecendo sob a trilha prateada da Lua.



O golfinho estava infeliz. Tinha errado de novo e não sabia como consertar.

Só queria mostrar ao menino seu belo Mar, mas, em vez disso, quase o matara. O menino ficara mole, e o golfinho, horrorizado. O que havia feito? Fora um alívio trazê-lo de volta à água rasa; mas, quando o golfinho tentou pedir desculpas, o menino lhe dera um chute.

Algumas vezes depois disso, o golfinho tentara consertar as coisas, mas sempre perdia a coragem e ia embora nadando.

Seu bando sentiu sua infelicidade e fez o que pôde para animá-lo, com muitas focinhadas e roçadas de flancos; e sua irmãzinha trouxe para ele presentes de algas e um siri. Mas o golfinho nem reagiu. Não conseguia se concentrar para brincar nem mesmo para caçar.

O menino tinha sido seu amigo. Muito embora não pudessem nadar juntos, exceto pela Borda, ou conversar da mesma forma que os golfinhos, um sentia o que o outro sentia, e isso tinha sido o bastante.

Ele tinha muita saudade do menino. Temia que em breve ele pudesse ir para longe, pelo Mar, assim como a menina se fora. E então as coisas nunca se acertariam entre eles, nunca mais.



Dois dias depois, Hylas estava na popa do navio dos estrangeiros e assistia à Ilha do Povo da Barbatana se afastar devagar.

Ficara examinando o Mar à procura dos golfinhos até seus olhos queimarem, mas, até aquele momento, nada. Sentia frio e vazio por dentro. E se Espírito não viesse?

O capitão do navio veio e lhe ofereceu um punhado de anchovas secas. Hylas aceitou com um aceno de cabeça, mas não conseguiu comer.

Ao seu lado, o capitão estudava as ondas com o olho incansável de marinheiro. Usava um kilt com cinto, como um keftiano, mas sua pele era mais escura, e dos furos em suas orelhas pendiam dois minúsculos peixes voadores esculpidos em osso polido. Hylas não sabia de onde ele tinha vindo nem para onde seu navio se dirigia, só que era para o norte, rumo à Licônia; e isso já era o bastante para ele.

O capitão disse alguma coisa em sua língua incompreensível e levou os dedos unidos aos lábios. *Coma*. Mais uma vez, Hylas simplesmente fez que sim, o homem deu de ombros e foi embora.

Uma onda de entusiasmo atravessou a tripulação — e de repente lá estavam eles, as costas lustrosas fazendo arcos sobre as ondas em sincronia misteriosa, os corpos prateados dardejando pela água esverdeada. Os olhos de Hylas arderam. O bando inteiro viera assistir à sua partida. Para onde quer que se virasse, via os golfinhos acompanhando a onda da proa, seguindo o navio e nadando sem esforço. Então seu coração deu um salto. Lá estava Espírito.

Ignorando os olhares curiosos dos remadores, Hylas se curvou pela lateral, e Espírito foi em sua direção, mantendo facilmente o mesmo ritmo do navio. Seu olho escuro encontrou o de Hylas, depois desviou o olhar. Era como se ele estivesse perguntando: *Você me perdoa?*

Hylas tentou responder em sua mente, à maneira do golfinho. *Não há nada a perdoar*. Então disse em voz alta:

— Não há nada a perdoar! Nunca fiquei bravo. É que... não consigo viver no seu mundo. E você morreria no meu. É apenas assim que as coisas são. — Sentiu um bolo se formar em sua garganta. — É apenas assim que são as coisas.

Espírito nadou mais perto, e Hylas ouviu o suave *pfft!* de seu respiradouro. Esticou a mão o máximo que pôde e, por um breve instante, seus dedos tocaram as costas do golfinho, e ele sentiu a pele fria e macia do animal. *Vamos nos encontrar de novo?*

Espírito seguiu para longe dele e sumiu nas profundezas. Depois, estava saltando alto para fora da água e dando giros no ar, caindo forte de lado com um *ploft* que encharcou Hylas da cabeça aos pés. Sacudindo a água de sua cabeça, o

menino deu um sorriso. Não tinha certeza, mas achava que aquilo significava um sim.

Para mostrar que havia compreendido, jogou uma anchova pela lateral, que Espírito pegou e engoliu.

Você sempre será meu amigo, disse em pensamento para Espírito.

Mais uma vez, o olho negro fitou o de Hylas, e ele sentiu que Espírito entendia, e que também ficara feliz.

Mas o bando já estava dando meia-volta.

Durante um pequeno instante, Espírito nadou junto ao navio, então também se virou e voltou para seu bando. Pela última vez, seu olhar encontrou o de Hylas. Então arqueou as costas, agitou a cauda e se foi, sumindo no mundo azul profundo, no qual Hylas jamais poderia acompanhá-lo.

A vela verde estava inflada, e o navio rangia ao cavalgar as ondas. As lágrimas secaram nas bochechas de Hylas.

O capitão veio e lhe entregou um jarro de argila. Hylas acenou com a cabeça em agradecimento e bebeu. Era vinho e água, misturados com mel e um caldo de cevada torrada: encorpado, inebriante e tonificante. Hylas devolveu o jarro, e o capitão apontou para as ondas, então fez um movimento de arco com a mão, levou o punho ao coração e apontou para Hylas.

— Sim — respondeu Hylas, concordando com um aceno de cabeça. — O golfinho é meu amigo.

O capitão retornou ao remo, e Hylas pensou no que havia dito. Então comeu o resto das anchovas, jogou a última pela lateral como oferenda e se sentiu um pouco melhor.

Ocorreu a ele que talvez Pirra estivesse certa, e tudo realmente tinha a ver com a Deusa. Muitos dias atrás, no Monte Licas, as palavras Dela — por meio do Oráculo — tinham sido a centelha que acendeu o pavio e levaram os Corvos a atacar seu acampamento, fizeram com que ele iniciasse a jornada que o levara àquela ilha. Lá ele conhecera Espírito; e o golfinho reencontrara seu bando, e ele e Pirra haviam ajudado a fazer aquilo acontecer. E talvez isso significasse que, algum dia, ele encontraria Issi.

A ilha já se havia reduzido a um borrão azul no horizonte. Na frente dela, Hylas teve o vislumbre de um brilho prateado. Em seu coração, sabia que era Espírito dando um de seus grandes saltos com giro.

Erguendo a mão, Hylas gritou adeus. Então riu porque o Sol na água era deslumbrante, ele estava vivo e livre, e tudo era possível.

As velas verdes inflaram, o navio ondulou em meio à espuma cintilante, e Hylas assistiu à Ilha do Povo da Barbatana lentamente sumir no Mar.

Nota da autora

A história de Hylas e Pirra se passa há três mil e quinhentos anos, na Idade do Bronze. Como você deve ter concluído, a aventura se dá na área que compreendia a Grécia Antiga. No entanto, a Grécia da Idade do Bronze era muito diferente da Grécia Antiga dos templos de mármore e das esculturas clássicas, com as quais você pode estar familiarizado. A Idade do Bronze foi bem antes disso. É anterior até mesmo ao momento em que os gregos arrumaram seus deuses e suas deusas em um ordenado panteão com Zeus, Hera, Hades e todos os outros.

Não conhecemos tanto sobre a Idade do Bronze quanto sobre o que veio em seguida, porque o povo da época deixou poucos registros escritos. Apesar disso, sabemos algo a respeito das impressionantes culturas que floresceram naquele período, que chamamos de micênicos minoicos. Deles é o mundo de Deuses e Guerreiros.

Preciso explicar um pouco sobre os nomes dos locais na história. O que Hylas chama de Aqueia é o antigo nome para a parte continental da Grécia; e Licônia é o nome que eu dei para o que hoje se chama Lacônia, no sudoeste da Grécia; mantive o nome Micenas inalterado, pois é bastante conhecido. No que se refere ao povo de Pirra, adotei o nome “Keftian” para a grande civilização de Creta, que chamamos de minoica. No entanto, um dos mistérios do mundo antigo é não sabermos realmente como aquele povo chamava a si mesmo; dependendo de que livro você leia, aquelas pessoas podem ter se autodenominado de keftianas, ou isso pode ter sido apenas a designação dada a elas pelos antigos egípcios. Assim como ocorre com os próprios egípcios, embora a palavra “egípcio” se origine da denominação feita pelos gregos, usei essa nomenclatura na história porque, de modo semelhante ao que se deu com os micênicos, parecia muito estranho e artificial modificar.

Durante a criação do mundo de Hylas e Pirra, estudei a arqueologia da civilização egeia, especialmente suas tumbas e fortificação, seus artefatos e suas armas. Contudo, para ter ideia de como o povo pensava e no que acreditavam, também fui me aproximando do povo mais recente que ainda vive de acordo com a tradição, da mesma forma como fiz quando escrevi sobre a Idade da Pedra em “Crônicas das Trevas Antigas”. Mesmo que a maioria das pessoas da época de Hylas vivesse de pesca ou de agricultura, em vez de caça ou coleta, como faziam na Idade da Pedra, tenho certeza de que muitas das habilidades e crenças daqueles primeiros caçadores-coletores teriam permanecido até a Idade do Bronze, especialmente entre as pessoas mais pobres e mais isoladas, como o próprio Hylas.

A respeito da localização geográfica da história, muita gente acredita que a Grécia da Idade do Bronze era uma terra de lideranças dispersas separadas por cordilheiras e florestas. Também se crê que a região era mais úmida e mais verde do que é hoje, com muito mais animais selvagens, tanto na terra quanto no Mar. Ao conceber a Ilha da Deusa, eu não tinha em mente nenhuma ilha grega específica, mas baseei minha criação em minhas estadas ao longo das décadas nas ilhas de Ítaca, Cefalônio e Alónissos. Mais recentemente, e a fim de me inspirar para criar a Licônia, visitei a Lacônia, incluindo a Acrópolis de Esparta, o rio Eurotas e as ruínas desertas e imensamente sugestivas das proximidades de Menelaion. Para criar a montanha onde Hylas morava, explorei o cânion de Langada, que serpenteia através das montanhas Taygeta, e fiquei muitos dias no topo do canal Langada. Javalis selvagens ainda habitam aquelas florestas; certa manhã, tive um encontro ligeiramente intimidante com cinco filhotes e sua zelosa mãe.

Para vivenciar como seriam as cavernas nas quais Hylas e Pirra se escondem, explorei o extenso e aquoso sistema de cavernas de Vlychada, na baía de Diros, no sudoeste da Lacônia, bem como os pequenos porém muito informativos, museus da região. Lá, aprendi a respeito do terrível destino dos primeiros habitantes das cavernas, um dos quais, com seus restos calcificados, deu a ideia para o encontro de Pirra com os Desaparecidos. Para desenvolver Keftiu, visitei

Creta, onde as ruínas em Cnossos e Festo, assim como ocorrera nos museus de Iráclio e Archanes, forneceram muita inspiração para a terra natal de Pirra.

Espírito é, obviamente, um dos mais importantes personagens da trama; para conhecê-lo melhor, nadei com golfinhos domesticados na Flórida, onde um deles gentilmente me deu uma carona de barbatana, do mesmo modo como Espírito fez com Hylas e Pirra. Então viajei para os Açores, no meio do Atlântico, onde passei dias observando golfinhos selvagens de diferentes espécies: golfinho-riscado, golfinho-pintado-do-atlântico, golfinho-comum-de-bico-curto, golfinho-de-risso e os da própria espécie de Espírito, os *Tursiops*. Foi somente quando vi golfinhos selvagens em seu hábitat natural que realmente apreciei o misterioso sincronismo de seu nado. Mergulhar com eles me deu a poderosa consciência de seu desligamento em relação ao mundo, o que tornou mais fácil para mim imaginar como Hylas se sente quando vê os golfinhos nadando em meio à fosforescência que ele chama de “fogo azul”. Acima de tudo, assistir àqueles golfinhos selvagens me ofereceu uma visão criativa a respeito de como Espírito experienciava a vida em seu mundo de azul profundo.

Quero agradecer às pessoas – são muitas para serem nomeadas – que me deram orientação e assistência inestimáveis enquanto explorava Lacônia e Creta, bem como aos biólogos marinhos em Ponta Delgada, nos Açores, que me ajudaram a chegar o mais perto possível dos golfinhos selvagens, sem que minha presença os incomodasse, e que generosamente compartilharam suas descobertas a respeito da biologia dos golfinhos e de seu comportamento. Também sou extremamente grata a Todd Whitelaw, professor de Arqueologia Egeia no Instituto de Arqueologia, da University College London, por ter me cedido tão caridosamente seu tempo para responder a algumas perguntas sobre a pré-história da civilização egeia. Como sempre, quero agradecer a meu maravilhoso e incansável agente, Peter Cox, por seu comprometimento e apoio; e a meus dois imensamente talentosos editores da Puffin Books, Elv Moody e Sarah Hughes, por seu infinito entusiasmo e por suas vívidas e criativas respostas à história de Hylas e Pirra.

Michelle Paver, 2012

Sobre a autora

© Charles Shearn, 2012



Michelle Paver nasceu em Malaui, em 1960, e se mudou para a Inglaterra aos três anos. Depois de se formar em Bioquímica pela Universidade de Oxford, virou sócia de um escritório de advocacia do distrito financeiro, mas abriu mão do emprego para escrever em tempo integral. As pesquisas para suas histórias sobre animais e passados distantes foram feitas durante viagens para lugares exóticos como o Ártico, o Mediterrâneo e o Egito, entre outros, nas quais nadou com golfinhos e orcas, e ficou cara a cara com ursos, javalis e lobos.

www.intrinseca.com.br/blogdasseries